

A woman in a blue dress is lying on a light-colored tiled floor. There are large, dark red blood splatters across the tiles and on her dress. Her right hand is visible, with red-painted fingernails, and it appears to be holding or near a source of the blood. The scene is dramatic and suggests a crime or a violent event.

Patricia Highsmith

A mesma autora de
O TALENTOSO RIPLEY

Um jogo para os vivos

"Os livros de Patricia Highsmith são
incomumente perturbadores...
pesadelos que nos assaltam
pelo resto da noite."



The New Yorker

Copyrighted material



Patricia Highsmith

Um jogo para os vivos

Tradução de Thelma Médici Nóbrega



Patricia Highsmith (1921-1995)

PATRICIA HIGHSMITH nasceu em Forth Worth, no estado americano do Texas, em 1921. Teve uma infância triste: seus pais separaram-se dias antes do seu nascimento, e Patricia teve relacionamentos complicados com a mãe e o padrasto. Desde pequena cultivou o hábito de escrever diários, nos quais fantasiava sobre pessoas (como seus vizinhos) que teriam problemas psicológicos e instintos homicidas por trás de uma aparência de normalidade – tema que seria amplamente explorado em sua obra. Recebeu uma educação refinada, tendo estudado latim, grego e francês, e passou grande parte da vida adulta na Suíça e na França. Seu primeiro romance, *Strangers on a train*, publicado originalmente em 1950, tornou-se um êxito comercial e foi adaptado ao cinema por Alfred Hitchcock no ano seguinte (o filme foi lançado no Brasil como *Pacto sinistro*). A autora foi desde cedo aclamada pelo público europeu, mas o sucesso em sua terra natal tardaria a chegar.

Seu próximo trabalho, o romance *The price of salt* (Carol, L&PM, 2006), foi recusado pelo editor norte-americano por colocar em cena o relacionamento homossexual entre duas mulheres. O livro foi publicado em 1953, sob o pseudônimo de Claire Morgan, e obteve enorme sucesso. A mais célebre criação ficcional de Patricia Highsmith, Tom Ripley – o ambíguo sociopata –, debutou em 1955, em *The talented Mr. Ripley*, e protagonizaria outros quatro romances. A adaptação cinematográfica feita postumamente, em 1999, sob o título de *O talentoso Ripley*, colaborou para que a autora fosse redescoberta nos Estados Unidos.

Os livros de Highsmith fogem a classificações e a esquemas tradicionais do romance policial clássico: o que acaba por fascinar seus leitores é menos o mistério a ser resolvido que o tanto de profundidade (e perturbação) psicológica com a qual a escritora dota seus personagens. Diferentemente do romance policial clássico, a noção de justiça praticamente inexiste em sua obra.

Autora de mais de vinte livros, Highsmith recebeu várias distinções, entre elas o prêmio O. Henry Memorial, o Edgar Allan Poe, Le Grand Prix de

Littérature Policière e o prêmio da Crime Writer's Association da Grã-Bretanha. Ela morreu na Suíça, em 4 de fevereiro de 1995.

Para minha amiga e professora, Ethel Sturtevant, professora-assistente de Inglês no Barnard College de 1911 a 1948, afetuosamente dedico este livro, com a esperança de que ele possa fornecer diversão a uma longa e feliz aposentadoria.

E meus agradecimentos também a Dorothy Hargreaves e a Mary McCurdy, por sua simpatia e hospitalidade.

CAPÍTULO UM

A fé levou em conta todos os acasos....

Se aceitar que deve amar, então seu amor
estará eternamente seguro.

S. Kierkegaard.

Como Theodore pensara, estava acontecendo alguma festa na casa dos Hidalgos. Ele olhou para as quatro janelas iluminadas no segundo andar, de onde vinha um murmúrio convidativo de vozes e risos, equilibrou melhor o pesado *portfolio* sob o braço direito e hesitou mais uma vez entre tocar a campainha ou procurar outro táxi e ir direto para casa.

A casa dele estaria fria, os móveis, cobertos de lençóis. Inocenza, a empregada, ainda estaria em Durango, visitando a família, já que ele não lhe escrevera avisando que voltaria. E, afinal, ainda não era nem meia-noite, véspera do cinco de fevereiro, feriado nacional. Ninguém trabalharia no dia seguinte. Por outro lado, ele estava sobrecarregado com uma mala, um *portfolio* de desenhos e telas enroladas. Além disso, não fora convidado; embora, para os Hidalgos, isso não tivesse a menor importância.

Ou seria melhor ir à casa de Lelia? Pensara em fazer isso no avião, voltando de Oaxaca, e não sabia que impulso o levara à casa dos Hidalgos. Escrevera a Lelia que estaria de volta à capital do México naquela noite, e talvez ela estivesse a sua espera. Lelia não tinha telefone, mas não se importava que ele chegasse a qualquer hora, desde que não estivesse pintando. Ela era tão amável! Decidiu visitar os Hidalgos primeiro e Lelia depois, se não ficasse muito tarde.

Ele andou até a porta, colocou a mala no chão e apertou a campainha com firmeza. Não a apertou outra vez, apesar da demora de quase dois minutos para alguém atender. Era Isabel Hidalgo.

– Theodore, você voltou! – exclamou ela, saudando-o em inglês. Depois, em espanhol. – Entre. Que bom te ver! Suba, a casa está cheia de gente.

– Obrigado, Isabel. Acabei de voltar de Oaxaca.

– Que maravilha! – Isabel foi direto para a sala e anunciou, acenando com o braço. – Theodore chegou! Carlos, Theodore chegou!

Theodore pousou a mala no pequeno vestíbulo, tentando não obstruí-lo

demais, e arrumou ao seu redor o *portfolio* e as telas enroladas.

Carlos entrou no vestibulo, trazendo um drinque. Usava um de seus extravagantes paletós de *tweed*.

– Don Teodoro! – exclamou, abraçando Theodore. – Bem-vindo! Venha tomar um drinque!

Quase todos os convidados eram homens. Conversavam em pequenos grupos nos cantos do estúdio e nos dois sofás-camas quadrados, parecendo ocupar os mesmos lugares havia muito tempo. Theodore não conhecia nem a metade deles e não queria cumprimentar todos que estavam ali, mas Carlos, com sua energia transbordante, que sempre aumentava quando bebia, apresentou-o a cada homem, mulher e criança – embora as duas crianças, ambas loiras e americanas, estivessem dormindo num sofá-cama encostado à parede.

– Não as acorde, não as acorde – Theodore pediu depressa.

– Por onde você andou? – perguntou Carlos.

– Estive em Oaxaca – disse Theodore, sorrindo. – Pinteí meia dúzia de telas no último mês.

– Então, quero ver! – O rosto de Carlos se iluminou com um grande sorriso.

– Depois. Não tem espaço. Mas foram dias maravilhosos. Eu até... – Ele parou, porque Carlos se afastou às pressas, talvez para buscar uma bebida para ele.

Theodore olhou ao redor lentamente, procurando um lugar para sentar. Olhou para uma mulher que vinha do corredor, com a tênue esperança de que fosse Lelia. Mas não era. Alguém esbarrou nele. A atmosfera estava cheia da fumaça suave dos cigarros americanos. Havia cinco ou seis americanos na sala, provavelmente professores e instrutores da Faculdade da Cidade do México, ou Ciudad Universidad, onde Carlos Hidalgo lecionava direção teatral. Sobre uma mesinha ao lado de um dos sofás-camas havia várias garrafas de gim e uísque e alguns copos.

Carlos, trazendo um drinque novo, talvez para Theodore, e seu próprio copo pela metade, cruzava a sala vindo da cozinha, dirigindo uma palavra a cada convidado. Tinha 29 anos, mas parecia mais novo, com seu rosto liso e compacto, que lembrava o de um belo menino de dez anos. Theodore imaginava que fora aquele ar infantil que atraía Isabel, um pouco mais velha do que ele. Pena que era um menino mimado, pensou. Carlos se julgava um

sucesso entre as mulheres, e antes de se casar com Isabel – o tipo de mulher reservada com quem libertinos costumam se casar –, ele tivera no mínimo doze casos por ano. Costumava falar a Theodore sobre eles. Theodore preferia ouvi-lo falar sobre seu trabalho, sempre esperando que fosse além do entusiasmo um tanto indiscriminado típico dos diretores, atores e dramaturgos mexicanos e alcançasse algum refinamento. Carlos dizia, no entanto, que não se podia apresentar peças mais comedidas no México. O público simplesmente não as apreciava ou entendia. Carlos finalmente o alcançou, colocou o copo de uísque com soda em sua mão e partiu de novo, chamando a mulher.

Ao ver dois conhecidos conversando ao lado de uma janela, Theodore se aproximou e disse:

– Boa noite, Don Ignacio. Como vai?

O Sr. Ignacio Ortiz y Guzman B. dirigia uma das galerias da cidade mantidas pelo governo. Em outra ocasião na casa de Carlos, meses antes, ele e Theodore haviam conversado longamente sobre pintura. O outro homem se chamava Vicente alguma coisa, e Theodore se esquecera o que ele fazia, se bem que soubesse.

– Você tem pintado ultimamente? – perguntou Ortiz y Guzman B.

– Sim, acabei de voltar de um mês de pintura em Oaxaca – respondeu Theodore.

Ortiz y Guzman olhou para ele como se não o tivesse ouvido. O homem chamado Vicente acendia elegantemente o cigarro de uma mulher a seu lado.

Fez-se um silêncio desconfortável, durante o qual Theodore não encontrou nada para dizer. Os dois homens voltaram a conversar. Theodore lembrou-se de outros momentos em festas e jantares quando algo que dissera – algo sem importância, era certo – fora completamente ignorado, como se fosse inaudível ou uma obscenidade intolerável. Será que isso também acontecia com os outros? Homens de aspecto mais insignificante eram ouvidos, por mais idiotas que fossem seus comentários. Agora os dois conversavam sobre alguém que Theodore não conhecia, e lhe ocorreu, tarde demais, que Ortiz y Guzman B. poderia se interessar em saber que ele fora convidado para participar com quatro telas de uma mostra coletiva que seria organizada em maio numa das galerias do Instituto Nacional de Belas Artes. Depois de um momento, Theodore afastou-se e se encostou a uma parede. Talvez ser ignorado não acontecesse mais com ele do que com outras pessoas.

Theodore Wolfgang Schiebelhut tinha 33 anos. Era esguio e alto, principalmente se comparado ao mexicano médio. Seus cabelos loiros, com mechas castanho-claras, eram curtos nas laterais da cabeça e bastante fartos no topo, sem divisões. Sabia se portar, tinha sorriso fácil, e a leveza de seu andar e de suas maneiras lhe conferia um ar de juventude e alegria mesmo quando estava deprimido. A maioria o considerava uma pessoa alegre, embora todas as suas idéias conscientes fossem as de um pessimista. Cortês por natureza e formação, ele escondia suas depressões de todo mundo. Como suas mudanças de humor não tinham causas que ele ou qualquer pessoa conseguisse identificar, não se via no direito de exibi-las à sociedade. Achava que o mundo não tinha sentido, que sua única finalidade era o vazio, e que todas as realizações humanas pereceriam – eram joguetes cósmicos, como o próprio homem. Por acreditar nisso, ele também achava que o ser humano devia aproveitar ao máximo o que tinha, sua curta vida, seu curto tempo na Terra, e tentar ser o mais feliz possível e tornar os outros felizes também, se pudesse. Theodore achava que era tão feliz quanto logicamente possível numa era em que bombas atômicas e a aniquilação pairavam sobre todos, embora a palavra “logicamente” o incomodasse nesse contexto. Será que alguém podia ser logicamente feliz? O que havia de lógico na felicidade?

– Teo, ficamos tão contentes por você ter vindo – Isabel Hidalgo lhe disse.
– Carlos disse hoje de manhã que você devia estar voltando, e ligamos para sua casa para te convidar.

– Deve ter sido telepatia – Theodore disse, sorrindo. – Carlos parece cansado. Ele está trabalhando demais?

– Como sempre. Todos dizem que ele precisa descansar. – Isabel sorria, mas seus olhos azuis-acinzentados estavam tristes. – Além das aulas, agora também está ensaiando *Otelo* na Universidad. Está sempre aceitando mais encargos. Trabalhou até tarde até mesmo hoje, não jantou, começou a beber, e o álcool vai direto para sua cabeça.

Theodore sorriu com tolerância e encolheu os ombros, embora o hábito de beber de Carlos fosse um problema em reuniões sociais. A presença de pessoas o agitava, e ele bebia destilados como se fossem água. Ainda não estava muito bêbado, mas Isabel sabia que ficaria, e já estava dando explicações. E, quanto a aceitar tantos encargos, Theodore sabia que era mais uma manifestação de vaidade do que de energia. Carlos gostava de ver seu nome em todos os programas e cartazes que pudesse conseguir.

– Imagino que Lelia não virá hoje – disse Theodore.

– Ela com certeza foi convidada – Isabel se apressou a responder. – Carlos! Você não ficou de buscar Lelia?

– Fiquei! – gritou Carlos do outro lado da sala com sua voz estrondosa. – Mas ela ligou para a Universidad ao meio-dia e me disse que não viria. Deve ser porque está esperando você, Teo. – Carlos sorriu e piscou, balançando-se ao ritmo de um disco cubano que colocara no gramofone.

– Entendo. E ela... – Mas Carlos já virara as costas e se inclinava sobre o gramofone. Theodore ia perguntar se Lelia havia pintado para ele recentemente. Ela às vezes pintava cenários para as peças de Carlos na Universidad. Não queria perguntar a Isabel porque ela sabia – ou devia saber – que Carlos sentia muita atração por Lelia. Carlos se derretera para Lelia em várias ocasiões, uma delas na presença de Isabel, que fingira não perceber nada.

– Com licença, Teo – disse Isabel, tocando o braço de Theodore com nervosismo. – Tem gente na porta. – E se afastou.

Theodore observou Carlos, que empurrava um drinque para uma mulher que o recusava com firmeza, mas sem sucesso. Ocorreu-lhe que Lelia telefonara para Carlos com antecedência para evitar uma discussão, caso tivesse que avisá-lo que não iria à festa porque Theodore chegara. Era quase impossível dizer não a Carlos. Theodore olhou para um móvel suspenso cujas peças pareciam prestes a se chocar, sem nunca fazê-lo, e pensou como era estranho que se sentisse tão isolado numa sala cheia de artistas, escritores e professores. Mesmo os americanos que apenas arranhavam o espanhol estavam se saindo melhor do que ele. Sentira-se mais feliz no avião, cerca de uma hora antes, antevendo as boas-vindas que receberia se telefonasse para Ramón ou visitasse os Hidalgos ou Lelia. Theodore gostava muito de Carlos, mas quantas vezes eles haviam tido uma discussão satisfatória e iluminadora sobre qualquer assunto? *Qualquer assunto que seja*, pensou Theodore com uma ponta de amargura, lembrando-se de uma conversa sobre o significado da fé que não levava a lugar nenhum, embora Theodore tivesse tentando pensar além. Havia respostas que só o tempo traria, supunha ele, e Carlos era jovem, mas, por outro lado, Theodore esperava que algo emergisse quando duas cabeças se punham a trabalhar juntas. Carlos parecia sempre num estado de superexcitação, como se tivesse engolido meia dúzia de benzedrinas. Não conseguia falar de um mesmo assunto durante mais de um minuto. Pulava de

uma discussão sobre uma peça de Tennessee Williams para a concepção cênica de algum francês, para uma gravação de Sarah Bernhardt que ouvira na Universidad, para uma peça que um aluno escrevera e para a produção da qual pensava em pedir financiamento ao governo. Podia ser estimulante, mas não era satisfatório. E a arte poderia brotar de tanta excitação? A arte – de modo geral – não era emoção recolhida na tranqüilidade? Até mesmo para um latino? Theodore sorriu, achando graça de sua própria veemência. Seu sorriso atraiu outro sorriso e um aceno de cabeça de um homem ruivo que Theodore não conhecia. Por algum motivo, aquilo o levou a se decidir. Iria à casa de Lelia antes que ficasse tarde demais. Ela não costumava dormir antes da uma, e, mesmo deitada, sempre lia um pouco.

Theodore olhou ao redor – teria se despedido de Carlos e Isabel se o tivessem visto, mas era um alívio não ter que discutir sua partida com Carlos – e depois andou até o vestíbulo, apanhou o *portfolio*, a mala e as telas e saiu.

Percorreu duas penosas quadras até a Avenida de los Insurgentes e conseguiu um *libre* pouco depois. Depois de uma última hesitação entre ir para casa, que era mais perto, ou para a casa de Lelia, ele disse:

– *Granaditas, numero cien'veint'y siete. Cuatro pesos. Está bien?*

O motorista resmungou por causa da bagagem e da hora e pelo fato de ser véspera de feriado e exigiu cinco pesos. Theodore concordou e entrou.

Era uma noite fresca e agradável. Normalmente, o percurso não levaria mais de dez minutos, mas naquela noite o centro da cidade estava cheio de pedestres e automóveis, da avenida Juarez até o Zócalo. O motorista parecia escolher as ruas mais congestionadas para prolongar a corrida.

Um rosto insolente se introduziu pela janela do carro num farol vermelho e disse:

– Tem alguém aí chamada Maria?

Um grupo de jovens explodiu em risos, e o rosto embriagado foi puxado para trás.

Theodore, que levara um susto e se endireitara no banco, tomou a providência de subir um pouco o vidro. Encontraria muitos bêbados naquela noite, especialmente no bairro para onde ia, atrás do Zócalo. Tinha um presente para Lelia, lembrou-se subitamente, e imaginou-se mostrando a ela suas telas e desenhos. Inclinou-se e pediu para o motorista se apressar. Lelia era tão boa como ouvinte, como crítica, como amante.... Era o que todo homem buscava, pensou Theodore, e raramente encontrava: uma mulher

bonita, companheira, que ouvia e encorajava, que sabia até cozinhar, mas que acima de tudo era compreensiva com suas depressões, suas crises de solidão, seus impulsos que o faziam procurá-la às quatro da manhã, às vezes com vontade de se matar, às vezes com uma felicidade tão insuportável que precisava compartilhar. Inútil pensar nela como um exemplar de um ideal abstrato de mulher. Lelia era única. Talvez não houvesse ninguém como ela no mundo.

Ramón também podia estar na casa dela, pensou Theodore. Talvez até dormisse lá. Mas não era muito provável naquela noite, e ele bateria na porta antes de entrar.

O táxi chegou. Theodore pagou o motorista e desceu com a bagagem. Aquela quadra ficava bastante lúgubre à noite, com as lojas fechadas e as velhas casas exibindo as portas altas para a rua. A porta da frente do prédio de Lelia trancava por dentro, mas os iniciados podiam abri-la passando uma vareta pela fresta. Para esse fim, uma vareta, na verdade uma barra de uma gaiola de madeira, geralmente ficava entre a porta e a parede da casa. Estava lá, e Theodore a pegou e suspendeu a tranca. Entrou num pátio pequeno e atravancado, iluminado apenas pelo brilho das janelas nos andares de cima. A janela de Lelia era uma das que estavam iluminadas, Theodore viu. Ele passou por um arco de pedra e começou a subir as escadas. Lelia morava no terceiro andar. Ele atravessou o corredor até a porta dela e bateu.

Ninguém atendeu.

– Lelia? – ele chamou. – É Theodore. Deixe-me entrar.

Ela não abria a porta para visitas indesejadas, mas Theodore não pertencia a essa categoria. Às vezes ficava absorta num livro, e quando ele chegava, sozinho ou com Ramón, ela às vezes demorava dois ou três minutos para atender, sabendo que eles seriam pacientes.

Theodore bateu com mais força.

– Ramón! É Theodore!

Tentou abrir a porta, mas estava trancada, e ele se arrependeu de não estar com a chave. Sempre andava com ela, mas, por algum motivo, talvez para se sentir temporariamente livre de Lelia, ele a tirara do chaveiro antes de partir para Oaxaca. A janelinha da porta estava entreaberta. Theodore se ergueu na ponta dos pés e a abriu mais.

– Lelia? – ele chamou pela abertura.

Ela podia estar num vizinho ou ter saído para fazer um telefonema. Ele

encostou a mala contra a porta, apoiou o pé sobre ela e se ergueu. Espiou pela janelinha para ver se algo amorteceria sua queda caso resolvesse entrar por ali. A luz do quarto permitia ver que a almofada vermelha estava a meio metro da porta. Prestou atenção a eventuais ruídos de outros inquilinos na escada, pois se sentiria ridículo caso o vissem invadindo a casa de Lelia, mas não ouviu nada a não ser um rádio ao longe. Apoiou as mãos na empoeirada borda da janela, passou a cabeça pela abertura e tomou impulso. Quando a borda começou a ferir seus pulsos, ele pensou em recuar. A dor o forçou a continuar, e ele se contorceu para dentro até apoiar as mãos na face interior da porta. Seus calcanhares deslizaram até o topo da janela e o sangue desceu de modo alarmante para sua cabeça. Desesperado, tentou passar o joelho direito pela janela. Em vão. Mirou a almofada vermelha e deixou-se cair lentamente sobre ela, até desmoronar no chão.

Ele se levantou, tirou o pó das mãos e lançou um olhar satisfeito para a sala espaçosa e familiar, com seu panorama sempre diferente de telas e desenhos na parede, depois destrancou a porta e arrastou sua bagagem para dentro. Ligou o abajur ao lado do sofá. Sobre a mesa de Lelia havia um ramalhete de cravos brancos que deveriam ter sido colocados num vaso. Sobre a mesa também havia uma garrafa de Bacardi, a bebida preferida de Theodore, e ele achou que Lelia podia tê-la comprado especialmente para ele. Atravessou o curto corredor até o quarto, passando pela cozinha. Lá estava ela, dormindo.

– Lelia?

Ela estava de bruços na cama, e havia sangue no travesseiro, muito sangue, formando um círculo vermelho em torno dos cabelos negros.

– Lelia! – Ele deu um salto e puxou a fina colcha cor-de-rosa.

O sangue manchava a blusa branca e cobria o braço direito, marcado por um fundo e horrível corte. O ferimento ainda estava úmido. Ofegando e tremendo, Theodore segurou-a delicadamente pelos ombros, virou-a e depois a soltou, horrorizado. Seu rosto fora mutilado.

Theodore olhou ao redor do quarto. O tapete fora chutado para um canto. Era o único sinal de desordem. E a janela fora escancarada, o que não era hábito de Lelia. Theodore foi até a janela, que dava para o pátio, e olhou para fora. Não viu nada lá que pudesse ajudar alguém a subir, mas do telhado, apenas um andar acima, descia um cano de escoamento que passava perto da janela e acabava no andar inferior. Theodore dissera a Lelia inúmeras vezes

para instalar barras nas janelas. Todas as janelas dos apartamentos no andar de Lelia e no superior tinham barras. Mas era tarde demais para pensar em barras. Um segundo depois, a mente dele entrou em choque e desespero. Sentou-se numa cadeira e mergulhou o rosto nas mãos.

De repente, ele entendeu: fora Ramón. Era óbvio! Ele tinha gênio violento. Theodore separara Ramón e Lelia várias vezes quando este estivera a ponto de agredi-la numa explosão de raiva. Eles deviam ter tido outra de suas brigas latinas por causa de nada, pensou ele, ou Lelia não se mostrara suficientemente grata por algum presente que ele lhe levara. Não, devia ser algo bem pior, algo tão terrível que ele não conseguia imaginar, mas tinha certeza de que fora Ramón. Ele também tinha a chave do apartamento. Podia simplesmente ter entrado pela porta.

– *Ai-i-iai-i-i-i!* – gritou uma voz em falsete no corredor, e ao mesmo tempo ele ouviu uma pancada na porta.

Theodore correu para a porta e a escancarou. Ouviu uma pessoa descer correndo a escada e se precipitou atrás dela, chegando ao térreo a tempo de ouvir a porta de madeira do pátio raspar o chão de cimento. Correu para fora e olhou de um lado para outro. Viu apenas dois homens que atravessavam a rua lentamente enquanto conversavam. Theodore olhou para o pátio escuro. Mas ele ouvira a porta de madeira se abrir. Com uma sensação de inutilidade, de que podia estar cometendo um erro, ele voltou para o prédio e subiu as escadas. Mesmo que tivesse sido o assassino, teria sido inútil correr atrás dele, sem saber em que direção ele fora. E podia não ter sido o assassino, só um vagabundo vindo da rua, ou da festa que, percebia ele agora, acontecia num apartamento no andar acima. Mas e se *fora* o assassino, e ele o deixara escapar...

Ao entrar no apartamento de Lelia, Theodore fez uma pausa. Precisava agir logicamente. Primeiro, chamar a polícia. Depois, montar guarda no apartamento para que ninguém destruísse as impressões digitais. Terceiro, encontrar Ramón e fazê-lo pagar com a vida pelo que fizera.

Theodore saiu e fechou a porta, pretendendo ir a uma *cantina* perto dali onde havia um telefone, mas, ao descer o segundo lance de escadas, encontrou a mulher que morava ao lado de Lelia.

– Don Teodoro! Boa noite! – disse ela. – Feliz Cinco de...

– Sabia que Lelia morreu? – ele disse sem pensar. – Foi assassinada! Dentro do apartamento!

– *Aah!* – gritou a mulher, e tampou a boca com a mão.

No mesmo instante, duas portas se abriram. Vozes gritaram:

– O que foi?

– O que aconteceu?

– Quem foi assassinada?

E Theodore teve que correr de volta pelas escadas que acabara de descer, de volta para o apartamento de Lelia, porque a porta estava destrancada e dois homens já haviam entrado.

– *Por favor!* – gritou Theodore. – Vocês precisam sair! Não encostem em nada! Pode haver digitais!

Mas nada adiantou até que doze ou quinze pessoas tivessem espiado dentro do quarto e saído aos gritos, horrorizadas, cobrindo os olhos.

– Vocês são um bando de crianças! – Theodore bufou em inglês.

A *senhora* de Silva ofereceu-se para telefonar de seu apartamento para a polícia, mas, antes de sair, disse a Theodore:

– Ouvi algo por volta das onze horas, talvez um pouco antes. Um barulho no telhado. Mas não ouvi mais nada. Não ouvi o barulho de vidros se quebrando.

– Nenhum vidro se quebrou – replicou Theodore. – O que mais a senhora ouviu?

– Nada! – ela o encarou com olhos arregalados. – Ouvi um barulho. Parecia que alguém estava tentando subir no telhado. Só sei que era no telhado. Mas não olhei. Devia ter olhado, Santa Mãe de Deus!

– Ouviu algum barulho de briga no apartamento?

– Não. Talvez. Não tenho certeza. É, acho que ouvi!

– Chame a polícia, por favor. – disse Theodore. – Preciso ficar aqui e afastar as pessoas.

Uma multidão murmurante havia se formado no corredor em frente à porta, quase todos rapazes que chegavam da rua, pensou Theodore. Alguns estavam bêbados. Fechou a porta assim que conseguiu convencer um dos rapazes a tirar as mãos do batente.

Depois, sentou-se na almofada vermelha, virado para a porta, e esperou pela polícia. Pensou em Ramón, em sua alma católica refém da paixão que sentia por Lelia. Atormentava a consciência de Ramón não conseguir nem se casar com Lelia nem desistir dela. Theodore o ouvira dizer pelo menos duas vezes, em acessos de remorso, ou talvez de raiva, por causa de alguma frase

descuidada de Lelia, “Se eu não desistir dela *neste instante*, Teo, juro que eu me mato!”. Ou algo assim. Entre se matar ou matar o objeto da paixão não há muita diferença, pensou Theodore. Psicologicamente, podia ser a mesma coisa. Pois o animal a matara em vez de se matar!

CAPÍTULO DOIS

A polícia chegou com uma sirene plangente. Parecia um exército subindo as escadas, mas eram apenas três homens, um policial baixo e barrigudo de meia-idade, com um cinto cruzado sobre o peito e um grande revólver de cada lado do quadril, e dois outros policiais jovens e altos, vestindo leves uniformes cáqui. O policial gordo sacou um revólver e o apontou casualmente para Theodore.

– Encoste naquela parede – ordenou. Depois fez um sinal para que um dos policiais vigiasse Theodore enquanto ele ia para o quarto ver o corpo.

A multidão se transferia do corredor para a sala, olhando ao redor e murmurando.

Um depois do outro, de modo que Theodore ficou sempre vigiado por dois deles, os jovens policiais também entraram no quarto para ver Lelia. Um deles assobiou com assombro. Voltaram olhando para Theodore com expressões chocadas e severas.

– Nome? – perguntou o policial, tirando papel e lápis do bolso. – Idade? É cidadão do México?

– Sou naturalizado – respondeu Theodore.

– Tirem todos daí! Não deixem eles encostar em nada! – o oficial gritou para os policiais.

A multidão infiltrava-se no quarto.

– Você confessa o crime? – perguntou o policial.

– Não! Fui eu que chamei vocês! Fui eu que a encontrei!

– Profissão?

Theodore hesitou.

– Pintor.

O policial o olhou da cabeça aos pés. Depois se virou para um homem moreno e baixo, que Theodore ainda não notara, embora estivesse na dianteira da multidão.

– *Capitán* Sauzas, gostaria de continuar?

O homem deu um passo à frente. Usava um chapéu escuro e um capote escuro desabotoado. Um cigarro pendia de seus lábios. Olhou para Theodore com os olhos castanhos, inteligentes e impessoais.

- Como explica sua presença aqui esta noite?
- Vim visitar a moça – disse Theodore. – Ela é amiga minha.
- A que horas chegou?
- Há meia hora, por volta da uma.
- E ela abriu a porta para você?

– Não! Vi uma luz. Bati, e ninguém atendeu. – Theodore olhou para um dos revólveres, que se desviou um pouco e voltou a apontar para ele. – Pensei que ela tivesse adormecido ou saído para telefonar. Então entrei pela janela da porta. Quando a encontrei, saí imediatamente para chamar a polícia. Encontrei a *señora... señora...*

– *Señora* de Silva – Sauzas completou para ele.

– Isso mesmo – disse Theodore. – Contei-lhe o que tinha acontecido e ela disse que chamaria a polícia para mim.

Os espectadores haviam se distribuído de forma a poder ver Theodore e Sauzas ao mesmo tempo, e ouviam com braços cruzados e expressões levemente surpresas, mas Theodore já estava no México havia tanto tempo que sabia ler expressões aparentemente impassíveis. A multidão estava praticamente convencida de que ele a matara. Theodore viu o mesmo também no rosto dos jovens policiais que apontavam as armas para ele.

– Qual era sua relação com a mulher assassinada? – Sauzas perguntou. Ele não tomava notas.

– Éramos amigos – disse Theodore, e ouviu um murmúrio divertido das pessoas ao redor.

– Há quanto tempo a conhecia?

– Três anos – respondeu Theodore. – Um pouco mais.

– Costuma visitá-la à uma da madrugada?

Mais risos dissimulados da platéia.

Theodore se empertigou um pouco.

– Já a visitei a essa hora muitas vezes. Ela dorme tarde – disse Theodore, tentando ignorar os sorrisos e os cochichos, alguns dos quais conseguiu ouvir. Chamavam Lelia de “*una puta*”.

Depois, eles implicaram com a bagagem. Estava se mudando para a casa dela? Não? Então, para que aquilo? Por que fora a Oaxaca? Do aeroporto, fora à casa de um amigo antes de ir para lá. Podia provar? Sim. Quem era Carlos Hidalgo? Onde morava? Sauzas despachou um policial para buscá-lo.

De repente, houve grande tumulto quando dois homens à paisana entraram

e expulsaram a multidão aos gritos. Empurraram alguns adolescentes porta afora. A *señora* de Silva protestou contra sua expulsão, e, graças à interferência de Sauzas, recebeu permissão para ficar. De modo breve e descuidado, Sauzas repetiu a explicação de Theodore de como entrara e mandou que os dois homens procurassem impressões digitais no quarto.

– Acho que sei quem a matou – Theodore disse a Sauzas.

– Quem?

– Ramón Otero. Não tenho certeza, mas tenho motivos para pensar assim.

– A voz de Theodore tremeu, apesar do esforço que fazia para se manter calmo.

– Sabe onde encontrar esse homem?

– Ele mora na Calle San Gregorio, 37. É perto daqui, na direção da Catedral e do Zócalo.

– Hum. E a relação dele com a mulher assassinada? – perguntou Sauzas, acendendo outro cigarro.

– Também eram amigos – disse Theodore.

– Entendi. Ele tinha ciúmes de você?

– Não, de forma alguma. Somos bons amigos. Mas eu... eu sei que Ramón é muito emotivo. Pode ser violento quando se irrita. Também preciso dizer que ouvi alguém bater na porta e descer correndo pela escada... dois ou três minutos depois que cheguei. Corri atrás dele, mas ele fugiu.

– Como ele era? – perguntou Sauzas.

– Não cheguei a vê-lo – disse Theodore, ao mesmo tempo que lhe vinha a imagem de um rapaz de camisa branca e calças brancas e sujas se precipitando pelas escadas, mas isso era só porque tantos malandros que podiam ter batido na porta daquela maneira usavam calças e camisas brancas.

– Não, eu não o vi, lamento. Ouvi apenas um grito de “*ai-í*”, a batida, e depois ele fugiu.

– Hum – fez Sauzas, com vago interesse. – Mas você disse que achava que era Ramón.

– Não o rapaz que gritou. Mas, sim, acho no mínimo possível que tenha sido Ramón.

– Sabe se ele veio aqui hoje?

– Não sei. – Theodore olhou para a *señora* de Silva. – Por acaso Ramón esteve aqui hoje?

A *señora* de Silva ergueu as sobrancelhas e as mãos.

– *Quién sabe?*

– Saberemos pelas impressões digitais – disse Theodore. De repente, teve a certeza de que encontrariam as digitais de Ramón no quarto.

– Muito bem, vamos tentar encontrar esse Ramón. Ramón Otero, Calle San Gregorio, 37 – disse Sauzas ao policial remanescente.

O policial bateu continência e desceu as escadas com estrépito.

– Então, o senhor era amigo dela – disse Sauzas, voltando-se para Theodore. – Mas não amante?

– Bom, era. Às vezes.

– E Ramón? Era amante dela também? Pode dizer, a *señora* de Silva já me contou que vocês dois eram.

Theodore olhou para a mulher. Ela devia ter tido uma conversa incrivelmente rápida com Sauzas antes de entrarem na sala. Há muito que Theodore se acostumara a dividir Lelia com Ramón, mas não estava acostumado a falar disso em público.

– Sim, é verdade.

– E vocês não sentem ciúme um do outro? São todos bons amigos?

– Isso mesmo – replicou Theodore, devolvendo o olhar incrédulo do detetive com serenidade. Theodore compreendia. Quase todos os dias, os jornais da cidade vinham cobertos de fotografias sangrentas de amantes, esposas e namoradas assassinadas pelos maridos ou amantes. Talvez nesse caso não fosse diferente, exceto que a motivação certamente não fora ciúme.

– Que arma o senhor usou, *señor* Schiebelhut? – Sauzas perguntou. – Onde está a faca?

Theodore sacudiu a cabeça com cansaço, mas logo se alarmou quando Sauzas apalpou seus bolsos e coxas. Chegou até a suspender as barras de suas calças para olhar dentro das meias. Sauzas usava um anel de prata com uma grande caveira em cima. Ainda sem tirar o cigarro da boca, ele disse:

– A *señora* de Silva viu o senhor descendo a escada com pressa. Estava tentando fugir, não estava?

– Mas... eu tinha acabado de encontrar o corpo! Estava indo telefonar! – Theodore olhou para a *señora* de Silva, cujo rosto mostrava uma assustada suspensão de crença ou mesmo de opinião. – Vocês podem descobrir a que horas ela morreu. Por que não chama um médico para examiná-la?

– Já chamamos. E eu vi o corpo – disse Sauzas calmamente. – Diria que ela morreu entre uma e duas horas. Já vi muitos corpos na vida. – Sauzas

andava pela sala, olhando a mesa manchada de tinta, os cravos brancos e a garrafa de rum, que fora aberta mas não provada, já que o líquido estava na altura do gargalo. – Foi você quem trouxe essas flores?

– Não – disse Theodore. – Já estavam aqui. – Não era do feitio de Ramón trazer flores, pensou ele. Lelia devia tê-las comprado e, por algum motivo, não as colocou num vaso. – O senhor podia tirar as impressões digitais da garrafa de rum. Lelia sempre comprava para mim. As digitais dela, e talvez de outra pessoa, podem estar na garrafa.

Sauzas assentiu com um gesto de cabeça.

– Enrique! – ele gritou para um dos detetives que estavam no quarto. – Venha tirar as digitais do *señor*!

O detetive veio até a sala e se ocupou das mãos de Theodore, usando a mesa de trabalho de Lelia como apoio.

– *Señora* de Silva – disse Sauzas –, costuma ver o *Señor* Schiebelhut por aqui com frequência?

Ela encolheu os ombros, como uma colegial envergonhada.

– Acho que... uma vez por semana. Mas Lelia me disse que ele vem mais vezes.

– A senhora mora no apartamento ao lado. Já ouviu os dois discutindo?

– Às vezes – disse ela, lançando um olhar a Theodore. – Mas acho que não a sério. Não sei.

– E com que frequência Ramón vem aqui?

Ela encolheu os ombros de novo.

– Igual. Igual a Don Teodoro.

– Como ele é? A senhora gosta dele?

A *señora* de Silva procurava respostas nos cantos da sala.

– Ah, *si*. É uma boa pessoa. Muito bonito.

– De qual dos dois ela gostava mais?

Uma longa hesitação.

A porta se abriu. Um homem baixo e roliço, com uma maleta, entrou e saudou Sauzas com um aceno de mão. Sauzas indicou o quarto.

– E então? De quem ela gostava mais? – repetiu Sauzas.

– Acho que... Não sei, *señor*. Acho que ela gostava dos dois. Ou não teria deixado que eles viessem aqui tantas vezes. Lelia tinha muitos amigos. Eles costumavam ligar para minha casa querendo falar com ela. Eu ouvia as conversas. Quando não queria ver alguém, ela não tinha medo de dizer –

concluiu a *señora* de Silva, com orgulho.

– As digitais desse homem estão no peitoril da janela – um dos detetives informou a Sauzas.

Theodore se amaldiçoou por ser tão descuidado.

– Acho que me apoiei no peitoril quando olhei para o pátio.

– As digitais estão para fora? – Sauzas perguntou ao detetive, que, sem saber o que responder, voltou para o quarto com as amostras das digitais.

Carlos Hidalgo chegou, escoltado por um dos jovens policiais. Estava mais bêbado do que a última vez em que Theodore o vira – conhecia bem os sinais –, embora parecesse apenas confuso e aturdido até ver Theodore. Então, correu até ele e colocou as mãos em seus ombros.

– Teodoro, meu velho! O que aconteceu? Lelia foi *assassinada*?

Theodore tentou falar, mas não conseguiu. Carlos não o teria ouvido, de qualquer forma, pois o jovem policial apregoava seu nome e endereço como se tivesse anunciando sua chegada a um baile. Depois Carlos correu para o quarto, onde os detetives zanzavam, mas o policial gordo o agarrou pelo braço. Carlos cambaleou, olhando com olhos arregalados e assustados para os policiais e para a sala.

– Este homem esteve na sua casa esta noite? – perguntou Sauzas.

– Esteve – disse Carlos, assentindo vigorosamente. – Tinha acabado de vir do aeroporto. Estava com a bagagem.

– De que horas a que horas?

Carlos olhou com cautela para Theodore, desconfiando das motivações da polícia mesmo em sua embriaguez.

Mas Theodore não lhe fez nenhum sinal.

–Acho que da meia-noite...até por volta da uma – disse Carlos, e Theodore achou a informação surpreendentemente precisa.

– Não sabe dizer exatamente a que horas ele saiu?

– Eu não o vi sair. Tinha tanta gente na festa. Talvez ele tenha se despedido da minha mulher... – Podia ser mentira, já que Carlos olhava furtivamente para os lados enquanto falava.

– Não me despedi dela – disse Theodore. – Não vi nenhum de vocês quando decidi ir embora. Depois peguei um *libre* até aqui.

– Um *libre* até aqui – Carlos repetiu, como se tentasse assimilar um fato improvável em sua mente.

– Então – disse Sauzas, voltando-se para Theodore – o senhor pegou um

libre até aqui depois de dizer a todos na festa que estava indo para casa. Planejava matá-la o mais rápido possível e depois pegar outro *libre* para casa, não é? Assim teria um álibi.

– Ah, *não!* – exclamou Carlos, com sua voz altissonante de diretor de teatro. – Este homem...

– Ou veio para cá do aeroporto, matou-a e depois foi para a festa? Mas por que voltou para cá? Será que esqueceu algo?

– Meu avião chegou às onze e cinco, vindo de Oaxaca – explicou Theodore. – Isso o senhor pode verificar. Demorou pelo menos quarenta minutos para eu chegar à cidade por causa do trânsito. E fui imediatamente para a casa dos Hidalgos.

– Mas por que saiu de fininho da casa deles, sem se despedir de ninguém?

– Eu não saí de fininho. Todos estavam ocupados!

Carlos riu de repente.

– Isso mesmo! Ocupados! Estávamos muito ocupados hoje! – Depois ficou sério, vendo que Theodore e Sauzas o olhavam com surpresa. – Teodoro – disse Carlos, benevolente. – Será que não tem bebida nenhuma por aqui? – Andou em direção à cozinha, parando ao ver o corpo de Lelia no quarto e depois continuando com ébria determinação até a cozinha.

– Não encoste em nada aí! – gritou o policial gordo, partindo atrás dele.

Theodore ouviu uma discussão e depois o som de uma bebida sendo despejada num copo, sabendo que era a tequila ouro de Lelia.

– Meu amigo precisa de um drinque – disse Carlos com dignidade, e se aproximou de Theodore com copo e garrafa.

Theodore aceitou o copo com gratidão. Seus dentes tiniram contra o vidro.

Mais perguntas. Há quanto tempo Carlos conhecia Theodore Schiebelhut? Conhecia Lelia Ballesteros? Desde quando? Ela tinha muitos amigos? Ela tinha muitos amigos e amigas. Como estava Theodore quando chegara à festa naquela noite?

– Estava normal – disse Carlos. – Absolutamente normal. – Pegou o copo da mão de Theodore e o encheu de novo.

– Chega! – disse o policial gordo.

– Este é para mim – disse Carlos, dando um gole e passando o copo para Theodore antes que o policial gordo conseguisse tirá-lo dele.

Theodore sentiu-se subitamente exausto. Andou até o sofá, sentou-se e inclinou-se sobre o cotovelo.

O médico gorducho entrou lentamente na sala, e Sauzas se voltou para ele.

– Ela morreu... há duas ou três horas. E foi violentada – disse o médico com ar cansado, fechando a última fivela de sua maleta.

Violentada. Theodore sentiu a náusea fechar sua garganta. Inclinou-se para frente no sofá e segurou os joelhos trêmulos com os antebraços. Puxou a manga com nervosismo e viu que seu relógio marcava uma e cinquenta.

O detetive interrogava Carlos sobre Ramón.

– Não conheço Ramón muito bem. Ele não é do meu círculo – disse Carlos, com um pouco de afetação. – Acho que o vi três vezes na vida.

Ele o vira muitas outras vezes, pensou Theodore, mas não importava. Nada importava até que falassem com Ramón. Sobressaltou-se quando Carlos gritou, “Mutilada?”, em tom chocado.

Carlos dirigiu um olhar pasmo para Theodore.

– Ela foi *mutilada*? – perguntou, como se aquilo mudasse tudo.

E então Ramón entrou na sala.

Theodore se levantou.

Ramón olhou ao redor com ar amedrontado, depois fixou os olhos em Theodore. Tinha estatura média, cabelos e olhos pretos, e seu corpo era forte e compacto, com aquela qualidade misteriosa, uma certa vitalidade, ou talvez fosse só proporção, que as mulheres achavam imensamente atraente. Seu rosto era capaz de mudar de expressão num segundo, mas era sempre bonito, mesmo com a barba por fazer, mesmo com os cabelos despenteados ou sem corte, o tipo de rosto que sempre atraía o olhar das mulheres. E agora que ele estava no centro da sala, com seu terno barato e seus cabelos em desordem, Theodore sentiu que todos deviam estar pensando que Ramón era o favorito.

– Onde está ela? – perguntou Ramón.

O policial que o segurava pelo braço puxou-o em direção ao quarto, e os detetives foram atrás para observar a reação de Ramón. Theodore também os seguiu. Lelia estava deitada de costas, com a cabeça no travesseiro, os braços lacerados estendidos ao lado. Era uma horrenda atitude de repouso, como se tivesse se deitado um pouco, totalmente vestida, e algo inacreditável tivesse acontecido com ela. Para os sentidos atordoados de Theodore, parecia que o sangue era tinta vermelho-escura, que podia simplesmente ser removida. Exceto que, olhando de perto, Lelia estava sem nariz.

Ramón levou a mão à boca. Seus ombros se curvaram. De sua garganta, saiu um estranho som abafado. O detetive puxou-o pelo ombro, puxou forte,

mas Ramón se desvencilhou e se atirou ao lado cama, agarrando os joelhos de Lelia, que o cobertor cor-de-rosa mal chegava a cobrir. Pressionou o rosto contra suas coxas e se pôs a soluçar. Theodore desviou os olhos, lembrando-se do catolicismo de Ramón – desse aspecto de seu catolicismo –, que o fazia querer tocar algo, abraçar algo que não mais vivia. Ocorreu-lhe que ele próprio *não* tocara Lelia, não com qualquer afeição, que simplesmente a virara como um estranho o teria feito, e lamentou que, naquele momento de privacidade, ele não a tivesse tocado nem beijado sua testa ensangüentada.

– Onde você esteve esta noite, Ramón Otero? – Agora era o policial gordo que perguntava, com a frieza de uma máquina.

Um detetive cruzou o quarto com duas passadas e afastou Ramón da cama. A pergunta teve que ser repetida duas vezes. Ramón parecia ter perdido a voz ou a razão. Olhou para Theodore mais uma vez.

– Onde você esteve esta noite? – Theodore perguntou com sua voz grave.

– Em casa. Eu estava em casa.

– A noite toda? – perguntou Sauzas.

Ramón lhe dirigiu um olhar embotado. Um lado de seu rosto estava molhado de lágrimas. Pressionava a barriga com a mão direita.

– Você não veio aqui esta noite? – Theodore lhe perguntou.

– Eu vim.

– A que horas? – perguntou Sauzas.

Ramón pareceu se esforçar para lembrar algo muito distante no tempo. De repente, ele se curvou, apertando a cabeça entre as mãos.

– O que deu nele? – Sauzas perguntou a Theodore com impaciência.

– Acho que é dor de cabeça. Ele costuma ter isso – disse Theodore. – Sente-se, Ramón.

Um detetive puxou Ramón para uma cadeira que havia ao lado da mesa. Ramón desabou nela, e um detetive pegou sua mão direita e começou a recolher digitais.

– A que horas você chegou, Ramón? – Sauzas perguntou mais brandamente. – Você jantou aqui?

– Jantei.

– E depois? Até que horas você ficou?

Ramón não respondeu.

– Você a matou, Ramón? – Sauzas perguntou.

– Não.

– Não? – Carlos Hidalgo perguntou em tom de desafio.

Sauzas afastou Carlos com um gesto de mão.

– A que horas você chegou para jantar?

Sauzas esperou um momento, depois avançou para Ramón como se fosse tirá-lo daquele torpor com um tapa, mas deteve-se quando Ramón, com a mesma expressão aturdida, começou a falar.

– Cheguei por volta das oito, e jantamos. Achávamos que Teo viesse, íamos festejar. Trouxe uma garrafa de rum. Depois, eu me senti mal e fui para casa.

– A que horas?

– Acho que dez e meia. Talvez mais tarde.

– Você discutiu com Lelia hoje, Ramón?

– Não.

– Não discutiram por causa de Teodoro? Queriam que ele viesse?

Ramón assentiu com um gesto de cabeça.

– Mande um cartão-postal a Lelia dizendo que eu chegaria hoje – disse Theodore, mas Sauzas não pareceu prestar atenção.

– Foi você quem lhe trouxe essas flores?

– Não – disse Ramón, olhando para elas.

– As flores estavam aqui quando você chegou? – Sauzas perguntou, tocando o caule das flores.

– Não lembro – respondeu Ramón.

– Vocês jantaram nesta mesa?

– Jantamos.

– Então as flores devem ter chegado depois que você foi embora. Ela disse que ia sair para comprar flores?

Mais uma vez, Ramón tentou pensar.

– Não lembro – disse ele com desamparo, balançando a cabeça.

– Procure na cozinha o papel de embrulho das flores – disse Sauzas a um detetive. – Procure bem!

Theodore olhou para as flores, sem saber o que pensar. Não achava que Ramón as trouxera. Lelia podia ter saído para comprar flores depois que ele saíra, mas por que não as colocara num vaso? Será que o assassino a acompanhara de volta ao apartamento? Mas aquilo era inconcebível para Theodore.

O detetive voltou e comunicou que não encontrara nenhum papel de

embrulho.

Sauzas voltou-se para Ramón, franzindo a testa.

– Ela lavou a louça depois do jantar?

– Lavou. E eu sequei.

Um detetive, a mando de Sauzas, passava uma toalha molhada no rosto de Ramón.

– Ele toma alguma droga para essas dores de cabeça? – Sauzas perguntou a Theodore.

– Não. Ele não tomou drogas. Está só chocado. – Assim que disse essas palavras, Theodore percebeu que, se estava chocado, Ramón não devia ter cometido o crime.

– A *señora* de Silva disse que ouviu um barulho parecido com passos no telhado – Sauzas disse a Ramón. – Você estava aqui quando isso aconteceu?

– Passos no telhado? – Ramón repetiu.

– Ramón, acorde! Não temos a noite toda para conseguir algumas informações de você! – explodiu Theodore.

– Ah, sim, temos a noite toda – disse Sauzas, rindo, e acendeu mais um cigarro. Fumava Gitanes, e o forte aroma agri-doce do tabaco caporal começava a tomar conta da sala. – E então? Você ouviu passos no telhado? – perguntou Sauzas.

– Não lembro. Acho que não.

Um detetive ergueu-se abruptamente da mesa.

– As digitais dele estão na garrafa – disse, apontando para o Bacardi na mesa. – Tem outras na cabeceira da cama e no criado-mudo.

– E quanto ao parapeito da janela e as facas da cozinha? – perguntou Sauzas.

– Só uma faca tem digitais, e são da mulher – retorquiu o detetive.

– Hum – fez Sauzas neutramente. – Você estava apaixonado por Lelia, Ramón?

– Estava – disse ele.

– Queria se casar com ela?

Ramón apertou os lábios, depois saltou da cadeira e correu para a porta. Um detetive e os dois policiais partiram atrás dele e o puxaram de volta. Quando viraram Ramón para frente, Theodore por um momento viu uma expressão frenética, cansada e confusa em seu rosto. Depois, o atiraram na cadeira de novo. Ele se ergueu de um salto.

– Não fui eu! – gritou. – Não fui eu!

– Ninguém disse que foi.

Ramón estava de pé e se recusava a voltar para a cadeira. Os dois policiais prenderam seus braços para trás.

– Foi você, Teo?

– Não, Ramón, mas fui eu que a encontrei. Cheguei aqui e a encontrei – disse Theodore.

– Não acredito! Você lhe deu essas flores! Vai dizer que não foi você? – Ramón gritava histericamente.

– Isso ainda veremos, Ramón – disse Sauzas. – O *señor* Schiebelhut disse que entrou pela janela da porta porque não tinha chave e...

– Mas ele tem chave! – Ramón interrompeu, tentando se libertar dos policiais.

– Deixei em casa. Não estou com ela. Vi uma luz e chamei Lelia.

– Veja se ele está com a chave – Sauzas ordenou a um detetive.

Theodore pacientemente esvaziou os bolsos sobre a mesa – carteira, chaveiro com duas chaves do carro e duas de casa, além da chave da caixa postal, cigarros, isqueiro, moedas, um botão que caíra de sua capa de chuva –, mas o detetive fez questão de revistar cada bolso. As chaves do chaveiro foram testadas para ver se serviam na porta.

Sauzas se voltou para Ramón.

– Você está com a sua chave?

Ramón fez que sim e puxou do bolso da calça um chaveiro com três ou quatro chaves.

– Qual é a daqui? – perguntou Sauzas, e quando Ramón a separou e lhe entregou o chaveiro, ele abriu a porta e a experimentou. A chave servia. – Você trancou a porta quando saiu, Ramón?

– Claro que não. Ela estava aqui.

– Ouviu se ela trancou a porta depois que você saiu?

– Não. Não lembro.

– Ela tinha o hábito de trancar a porta?

Ramón hesitou. Theodore sabia que não havia resposta. Lelia não tinha hábitos desse tipo. Podia ou não trancar a porta depois que alguém fosse embora.

– As chaves da *señorita* – Sauzas disse de repente. – Veja se consegue encontrá-las, Enrique – disse ao detetive que estava parado na entrada do

corredor.

O detetive voltou para o quarto, e Sauzas foi atrás.

Theodore olhou para o vasilho de argila pintada onde Lelia muitas vezes deixava as chaves. Estava vazio.

As chaves não estavam em lugar nenhum. Os detetives procuraram até na cozinha. Não estavam dentro de nenhuma bolsa, dos bolsos de nenhum casaco, em nenhuma gaveta. Perguntaram a Theodore e Ramón onde ela costumava guardá-las, e ambos disseram no vaso de argila na estante de livros.

– Ela não era muito organizada – disse Theodore. – Mas a gente encontraria as chaves se estivessem aqui. – Perguntava-se por que Ramón as teria levado. Ou se outra pessoa as tinha levado, alguém que agora tinha acesso ao apartamento.

– Por que você levou as chaves dela, Ramón? – perguntou Sauzas abruptamente.

– Eu *não* levei.

– O que você fez com elas?

Ramón retribuiu o olhar do capitão e acendeu um de seus pequenos cigarros Carmencita.

Sauzas andou de um lado para outro da sala, pensativo.

– Elas ainda podem estar aqui. Ou não. – Encolheu os ombros. – Isso eliminaria o cano de escoamento como meio de saída. O assassino pode ter trancado a porta do lado de fora quando saiu. Vamos ter que procurar no seu apartamento, Ramón, mas isso pode ficar para depois. Diga-me... – Parou para acender outro cigarro e olhou para Ramón enquanto inalava a fumaça. – Você considera o *señor* Schiebelhut seu amigo, Ramón?

Isso Ramón recusou-se a responder.

– Há quanto tempo conhece o *señor* Schiebelhut?

– Três anos – respondeu o próprio Theodore.

– E há quanto tempo conhece Lelia?

– Quase quatro anos – disse Theodore quando Ramón não respondeu.

– Aha! – exclamou Sauzas. – Então Ramón encontrou-a primeiro.

– É verdade – disse Theodore. – Mas logo nós três ficamos amigos.

– Que bonito. Não brigavam mesmo sendo os dois amantes dela? – Sauzas perguntou.

– Não – disse Theodore.

– É verdade, Ramón?

– Você sabe que é verdade, Ramón – disse Theodore.

– Deixe que ele responda, *señor* Schiebelhut.

Ramón de repente pareceu relaxar. Os policiais o soltaram com cautela.

– Onde você a conheceu, Ramón?

– Na Catedral – respondeu ele.

Os policiais e os detetives caíram na risada.

– Na Catedral. E foi você quem falou com ela? Por quê?

Ramón sentou-se na cadeira e cobriu o rosto com as mãos.

– Eu falei com ela – ele murmurou.

– E vocês logo se tornaram amantes?

– Sim – disse Ramón, mas Theodore sabia que não era verdade. Eles já se conheciam há meses quando se tornaram amantes.

– Você lhe dava dinheiro quando dormia com ela, Ramón?

– Não – resmungou ele entre as mãos.

– E o senhor lhe dava dinheiro, *señor* Schiebelhut? – perguntou Sauzas.

– Eu dei muitos presentes a ela, mas nunca dinheiro.

– E como o senhor a conheceu?

– Eu a conheci... por acaso. Num domingo, no Parque de Chapultepec.

Voltou a ver a cena: Lelia sentada num banco de pedra, desenhando sob as imensas árvores *ahuehuate*, lançando-lhe um olhar enquanto ele passava, com o mesmo sorriso absorto que teria dirigido a um *charro* a cavalo, a um camponês de sandálias ou a um cão de rua. Theodore dissera: “Está um lindo dia para desenhar”. Um começo trivial, mas ele o recordou com sentimentalismo.

– E depois?

– Depois ficamos nos conhecendo – Theodore replicou.

Mais sorrisos maliciosos.

Alguém batia na porta.

– Você a pediu em casamento, *señor* Schiebelhut?

– Não.

– Ele não é a favor do casamento – Ramón interveio.

– Você a pediu em casamento, Ramón? – Sauzas perguntou.

– Não.

Era a mais completa mentira, pensou Theodore. Ramón a pedira muitas vezes. Mas talvez, através da mentira, eles chegassem à verdade.

– E por que não? – Sauzas perguntou.

– Porque não tenho meios para sustentá-la. – Ramón ergueu a cabeça com orgulho e sorriu.

Bateram na porta de novo, e uma voz de mulher disse:

– Abram, por favor.

Mas ninguém sequer olhou para a porta.

Theodore lembrou que Ramón pedira Lelia em casamento logo depois que ele, Theodore, a conhecera. E podia não ter sido a primeira vez. Será que Ramón a pedira em casamento de novo naquela noite, pouco antes da hora em que ele deveria chegar, e ela recusara? Não devia ter planejado que Theodore encontrasse o corpo. Não, Ramón agia impulsivamente. Mas podia ter ficado furioso naquela noite porque ela o rejeitara.

– Ramón queria se casar com ela, *señor Schiebelhut*? – perguntou Sauzas.

– Era Lelia que não queria se casar.

Sauzas andou até a porta e abriu somente uma fresta. Um estridente dueto de vozes femininas começou, e ele fechou a porta rapidamente e encostou-se nela.

– Quantos outros amigos homens ela tinha, *señor Schiebelhut*?

Sauzas queria apenas caracterizá-la como meretriz, pensou Theodore, algo com que estivesse familiarizado.

– Tinha muitos. Muitos eram artistas: pintores, como ela.

– E ela dormia com eles?

– Não. Com nenhum.

– Alguém vinha aqui com frequência? Alguém que podia estar apaixonado por ela?

Theodore lembrou-se de um jovem e esforçado pintor de Puebla. Mas afastou a idéia. Não podia ter sido Eduardo.

– Não havia outros homens – disse Ramón lentamente. – *Nós éramos seus amigos, Theodore e eu. Os outros eram só...*

– Amiguinhos – completou um detetive, e todos os homens, exceto Sauzas e Theodore, riram de Ramón.

– Algum ex-amante, então? Vocês dois não foram os primeiros, foram? – Sauzas olhou para Ramón.

Segundos se passaram, e Theodore disse:

– Eu, pelo menos, nunca conheci os antigos amantes dela.

– Sabe o nome de algum?

– Só de um. Cristóbol Wagner. Ela me disse que ele está morando na Califórnia.

Ramón mergulhou o rosto nas mãos. Cristóbol fora o primeiro amante de Lelia, ou, pelo menos, o mais importante. Ela dissera a Theodore, e provavelmente a Ramón também, que ele fora o único homem com quem ela pensara em se casar. O nome dele, ainda que Lelia pouco o mencionasse, sempre provocava uma ponta de ciúme em Theodore, e sem dúvida provocava o mesmo em Ramón. Lelia ficara com Cristóbol entre os 20 e os 23 anos. Theodore respondeu as perguntas de Sauza sobre ele da forma mais correta possível. Devia ter quarenta anos agora, era arquiteto, mudara-se para a América do Norte havia sete anos e morava na Califórnia. Até onde Theodore sabia, ele nunca mais voltara para o México, e Lelia nunca lhe escrevera. Para começar, porque ele estava casado e com filhos. Theodore não sabia de outros ex-amantes no México, mas Sauzas pediu para ele forçar a memória.

– Ela era pintora! – Ramón gritou. – Vejam o trabalho dela! – E ele fez um gesto indicando os quadros nas quatro paredes da sala.

Os homens olharam ao redor com olhos preconceituosos e sorrisos contidos.

– Ela era tão boa quanto ele ou melhor! – disse Ramón, com um gesto agressivo em direção a Theodore.

Alguém batia mais forte na porta. Sauzas foi lentamente abri-la.

– Sou a tia da *señorita* Ballesteros – disse uma voz de mulher.

Theodore correu até a mulher.

–Tia Josefina – disse ele, abraçando-a e beijando-a no rosto.

A tia de Lelia, uma mulher de uns cinquenta anos, com cabelos pretos e brilhantes presos num coque com um pente de prata e um toque de sombra lilás nas pálpebras, encostou o rosto por um instante no ombro de Theodore. Depois, ergueu a cabeça e se dirigiu a Sauzas:

– Onde está ela, por favor?

– No quarto – disse Sauzas.

Theodore a acompanhou, segurando-lhe o braço, e teria segurado também o braço de Ignacia, a filha de 23 anos, se o corredor não fosse estreito demais para os três andarem juntos. Ignacia os seguiu, assim como três ou quatro homens que haviam entrado com Josefina. Theodore reconheceu apenas um, um merceeiro que Lelia às vezes cumprimentava quando o via na rua.

Josefina ofegou, e de seu amplo seio escaparam gemidos e soluços sufocados.

– Não precisa olhar, tia Josefina – disse Theodore, dando tapinhas no braço da mulher. Tentou dissuadir Ignacia de olhar, mas ela se postou ao lado da mãe, no limiar da porta, agarrando-lhe o braço. Theodore voltou para a sala. – Não podemos cobrir o rosto dela com um lençol? – perguntou a Sauzas e ao policial gordo. – Não é permitido?

Alguém chutava a porta agora.

– É a imprensa! Vão abrir ou vamos ter de derrubar a porta?

– Ainda estamos colhendo as digitais! – Sauzas bradou com voz monótona e estentórea. – Não podem entrar! Fiquem aí fora e calem a boca! E quem são vocês? – perguntou aos homens que entraram com Josefina.

– José Garvez, a seu dispor – disse um homem alto e robusto, com um chapéu nas mãos. – Sou o fornecedor de bebidas da *señorita*.

– Hum – disse Sauzas, passando a mão no bigode preto. – E você?

O outro homem encolheu os ombros, com embaraço. Seus olhos estavam cheios de lágrimas, e ele não conseguia falar. Theodore o reconheceu – era o padeiro.

– Sentem-se, todos vocês – disse Sauzas. – Temos algumas perguntas a fazer.

CAPÍTULO TRÊS

Continuavam no mesmo lugar às sete da manhã. Apenas Carlos Hidalgo e três outros homens haviam recebido permissão para ir para casa. José Garvez, o fornecedor de bebidas, fora intimado a ficar. A imprensa pudera entrar. Seis ou sete homens se aglomeraram no apartamento, com lâmpadas de flash e câmeras, e fotografaram Lelia de todos os ângulos que puderam, apesar de Theodore protestar e suplicar a Sauzas que os impedisse. Theodore começara a antipatizar com Sauzas.

Nada de importante fora encontrado no telhado, e nenhuma impressão digital fora descoberta no cano de escoamento.

Um dos policiais saíra para comprar café e pãozinhos, e eles tomaram um café-da-manhã tumultuado na mesa de Lelia, já coberta de amostras de digitais, jornais, casacos, cinzeiros, e até uma arma a poucos centímetros da mão inerte de Ramón. Ele deitara a cabeça na mesa, e, se dormia ou não, ninguém sabia ou queria saber.

Perguntaram a Josefina se ela sabia se Lelia tinha inimigos. Não. Tinha dívidas? Josefina sabia apenas de uma possível dívida, pequena, com um médico que consultara quando pegara uma erupção cutânea no lago Pátzcuaro, em setembro, mas nem se podia chamar aquilo de dívida, já que o médico gostara tanto dela que não cobrara nada pela consulta.

Isso causou uma explosão de risos entre os policiais e detetives, e Josefina olhou para eles com os olhos escuros ardendo de orgulho e ressentimento.

– Sei o que estão pensando! O que tem de tão estranho em uma mulher pintar? Em ter imaginação? Acham que ela não era séria? Olhem os quadros dela ao redor. E, se não estão impressionados, fiquem sabendo que ela tem quadros no acervo permanente do Museu de Bellas Artes! E que o trabalho dela foi mostrado em Nova York! Se ela não quer se casar, isso é da conta dela! Se ela tem dois excelentes amigos – continuou, dando um tapinha na mão de Theodore, pousada sobre a mesa –, isso também é assunto dela! Se eles a visitam no meio da noite, isso é motivo para vocês rirem como moleques? Vocês só conhecem um motivo para visitar uma mulher à noite!

– Mamãe – disse Ignacia com delicadeza.

O retrato de um menino chamado José, que Lelia pintara com azuis e

verdes luminosos e melancólicos, olhava a cena com dignidade infantil.

– Quando tinha dezenove anos, Lelia foi com meu marido e comigo para a América do Norte. Estudou em Nova York. Não é nenhuma provinciana. Eu mesma era pianista clássica – disse Josefina, erguendo a cabeça e ficando ainda mais ereta na cadeira. – Mas desisti da carreira para me casar. Lelia não abriu mão da carreira. E, mais uma coisa – disse ela, olhando para o policial gordo e depois para Sauzas. – Meu marido há anos lhe dá uma mesada de quatrocentos pesos. Ela não precisava mendigar para viver, isso eu garanto. E nem se prostituir!

Sauzas ouviu com a cabeça inclinada, e não fez comentários. Calmamente, virou-se para Ramón.

– Ramón Otero, você já teve problemas com a polícia?

Ramon ergueu a cabeça lentamente.

Sauzas repetiu a pergunta.

– Tive – respondeu Ramón. – Fui falsamente acusado e espancado quase até a morte pela esplêndida polícia de Chihuahua. Eu estava dormindo num caminhão à beira da estrada, e eles chegaram e me prenderam por roubo e assassinato. – Ele encarou com raiva o policial gordo e tirou do bolso o maço de Carmencita, os cigarros pequenos e baratos.

– Quando foi isso? – perguntou Sauzas.

– Há cinco anos. Seis.

– Quantos anos você tem?

– Trinta.

– E você foi absolvido?

– O culpado foi preso poucos dias depois. Caso contrário, podiam ter me matado. Mas foi quase... – Ele tentou sorrir, mas só conseguiu uma careta.

– Bateram nele com uma barra de metal – Theodore explicou a Sauzas. – E ele sofreu uma concussão. Isso... – Theodore encolheu os ombros. – Isso o transformou.

– Ah-hã – disse Sauzas. – Ele já esteve num hospital psiquiátrico?

– Não – disse Theodore. – Mas às vezes tem dores de cabeça fortes.

– Agora está defendendo Ramón, *señor* Schiebelhut?

– Não estou defendendo ninguém! – exclamou Theodore, franzindo o cenho.

– E ele também tem acessos de violência?

– Tem – respondeu Theodore com firmeza.

– E acha que teve um desses acessos e matou a mulher?

– Eu não matei ela! – gritou Ramón. – Podem me matar de pancada, fiquem à vontade! Mas não fui eu! – Ele já estava quase levantando da cadeira.

– Calma, Ramón. Queremos só averiguar os fatos. Você tem uma faca em casa?

– Tenho várias facas. Todas na cozinha – disse Ramón.

– Nunca anda com uma faca?

– Está me chamando de marginal?

De repente, todos começaram a falar ao mesmo tempo.

– Você foi o último a sair daqui! – Sauzas gritava. – Por que não suspeitaríamos de você? Acha que somos idiotas?

– Vamos! Podem me bater! – Ramón gritava loucamente.

Sauzas levantou as mãos e se voltou para Theodore.

– *Señor Schiebelhut*, por que veio para o México?

– Porque gosto muito daqui.

– Morou quanto tempo nos Estados Unidos? Naturalizou-se americano?

Theodore já contara a Sauzas que nascera perto de Hamburgo, que fora com os pais para a Suíça quando tinha onze anos, fora educado lá e em Paris e que chegara aos Estados Unidos com 22 anos.

– Parti antes que os papéis da minha cidadania americana ficassem prontos – disse Theodore, com cansaço.

– E o que fez depois?

– Viajei, principalmente pela América do Sul, durante três ou quatro anos. Morei em vários lugares. Isso tem alguma importância?

– Tem. Por que decidiu morar no México?

– Porque gosto mais daqui. Já que tenho renda, tanto faz onde eu more.

A fonte de renda de Theodore foi assunto de discussão durante cerca de quinze minutos, embora fosse bem simples: ele a extraía de propriedades que sua família possuía na Alemanha e de ações que haviam valorizado quando a Alemanha começou a se recuperar da guerra. No total, recebia cerca de 25 mil pesos por mês. Sobre os quais, é claro, ele pagava os impostos exigidos pelo México. Podia provar, se alguém quisesse verificar seus documentos. O assunto o entediou e lhe causou ainda mais sono. Parecia que a polícia deliberadamente mantinha ele e Ramón acordados numa espécie de versão lenta dos interrogatórios policiais americanos. Não havia luzes ofuscantes

nem porretes de borracha, mas, no longo prazo, o método era o mesmo: extrair a confissão pela exaustão, pelo colapso da sanidade. O cansaço fazia com que tudo o irritasse, especialmente a tola curiosidade com que a polícia e os detetives o olharam quando ele dissera que sua renda era de 25 mil pesos por mês. Como alguém conseguia gastar tanto dinheiro? O que ele fazia com tudo isso? Quanto mais ele se desviava das perguntas, mais eles o pressionavam. Quando disse que tinha uma casa em Cuernavaca e outra na Cidade do México, olharam-no com uma expressão divertida e deslumbrada, como se assistissem a um filme de Hollywood.

– Só posso lhes dizer que é totalmente possível gastar 25 mil pesos no México quando se tem casa, empregada, carro, consertos na casa, quando se gasta com livros e música...

Theodore tinha a sensação de que discutia com personagens irracionais de um sonho.

– E com uma amante? – perguntou-lhe o detetive sentado a seu lado, mascando chiclete e cutucando-o com o cotovelo.

Theodore afastou-se do detetive, mas seu hálito nauseante, de menta rançosa, virou-lhe o estômago. Bebeu um gole do execrável café que ele trouxera, uma mistura cinzenta, com muito leite fervido. A borda do copo de papel estava se desintegrando.

– Com licença – disse Theodore, levantando-se.

Foi ao banheiro, no corredor. Não conseguiu vomitar. Não havia nada em seu estômago. Mas curvou-se sobre o vaso, nauseado, por vários minutos, afastando a gravata com a mão grande e delicada. Lavou o rosto e as mãos. Sua pele estava amortecida. Depois enxaguou a boca com a pasta de dente de Lelia. Por um momento, contemplou os perfumes e águas-de-colônia dispostos sobre a pequena prateleira da parede. Olhou para o piso de ladrilhos irregular e para o tapetinho oval azul. Lembrou dos próprios pés nus sobre ele. Quantos dias e noites felizes... Talvez nada daquilo estivesse acontecendo, Lelia morta, violentada, o nariz extirpado. Seus ouvidos começaram a zunir, os ladrilhos se turvaram. Theodore se curvou o máximo que pôde, até a cabeça estar abaixo dos joelhos. Uma posição ridícula. Amaldiçoou seu corpo.

– *Señor Schiebelhut!*

Ele esperou com os olhos fechados, sentindo o sangue gravitando em direção à cabeça.

– *Señor Schiebelhut!* – Passos se aproximaram.

– Já vou – gritou Theodore, endireitando-se. Ajeitou o cabelo com as mãos e abriu a porta.

Ramón estava sendo interrogado sobre sua renda e seu trabalho. Resmungava respostas monossilábicas. Trabalhava numa oficina de conserto de móveis atrás da Catedral, a apenas cinco ou seis ruas dali. Era sócio de Arturo Baldin, e tinham dois assistentes. A renda de Ramón variava. De trezentos a seiscentos pesos por semana, disse ele, mas Theodore sabia que, em muitas semanas, Ramón ganhava apenas cem pesos ou até menos, sessenta pesos, tal como os trabalhadores humildes do México. Quando Lelia lhe falou do baixo salário de Ramón, Theodore passou a esconder notas de cem pesos nos bolsos do amigo, e às vezes chegou a insistir que ele aceitasse algumas centenas de pesos. Ramón tinha senso de justiça econômica, e não se importava em aceitar dinheiro de Theodore, visto que este tinha muito mais e não fazia nada para ganhá-lo. Pegava o dinheiro sem constrangimento nem arrogância. Nem satisfação ele demonstrava, o que Theodore prezava muito em Ramón. Porém, notou que ele preferia não mencionar esses presentes à polícia. Melhor assim, pensou ele. Só causaria mais confusão. Eles insistiam em perguntar a Ramón como ele conseguia viver com tão pouco, se não tentava complementar sua renda de outras maneiras. Ramón certamente não tentava complementar sua renda de outras maneiras, nem com a *Loteria Nacional*. Vivía frugalmente, e não se queixava. Quando o policial gordo – o interrogatório não era sistemático, e fazia perguntas quem quisesse – perguntou se Ramón não agira como o cafetão de Lelia, Ramón replicou no mesmo tom inexpressivo: “Não”. Quantas vezes por semana ele a visitava? Duas ou três vezes; todas as noites, às vezes.

E às vezes, sabia Theodore, ele passava duas ou três semanas sem visitá-la. Mas sempre voltava, engolindo o orgulho, ou disfarçando com bom humor mais uma derrota de seu orgulho.

O trinado de um canário entrou pela janela aberta. Um jornaleiro gritou “*Excelsior! Novedades!*”. O motor de um caminhão trovejou na rua. Mais um dia lindo e ensolarado nascia.

– *Señor Schiebelhut*, acha que foi ele quem a matou? – Sauzas perguntou de repente.

– Não sei – respondeu Theodore.

– Foi o que achava horas atrás – disse o policial gordo.

Era verdade. Theodore não sabia o que acontecera para fazê-lo ficar na dúvida. Talvez nada.

– Quem você acha que matou Lelia, Ramón? – Sauzas perguntou.

– Talvez ele – disse Ramón com indiferença. Voltou os olhos escuros para Theodore. – Afinal, ele estava aqui com ela. Não sabe explicar como entrou. Ela deve ter aberto a porta para ele.

– Ramón! – repreendeu-o Josefina.

Theodore sentiu apenas um princípio de medo, mas seu coração bateu mais forte. Lembrou-se da vez em que Ramón atirara uma travessa de pato assado pela janela da cozinha porque ele, Theodore, atrasara-se um pouco para o jantar, e Ramón não gostava de esperar. Com aquele gênio, se achava que ele matara Lelia, Ramón certamente o mataria – talvez o estrangulasse com as mãos fortes antes que qualquer um pudesse impedi-lo.

– O *señor* Schiebelhut explicou como entrou, Ramón. Ramón! – Sauzas chamou sobre o ombro dele. – Traga outra toalha molhada, Enrique. Ramón, você tem a chave do apartamento. Está com você. A tranca não é automática; logo, a porta só pode ter sido trancada por fora, talvez por você. O cano de escoamento não agüentaria seu peso. Já testamos. O pó da janela da porta mostra que *algo* passou por ela. Está querendo que desconfiemos de você?

Ramón encolheu os ombros, e a indiferença desse gesto foi um insulto para Sauzas.

Tensos, todos esperaram enquanto o detetive se aproximava com a toalha molhada e limpava o rosto de Ramón como se fosse o nariz de um bebê. Ramón ergueu-se de um salto e acertou o detetive com um murro. Imediatamente, os policiais cercaram a mesa. Ramón continuou dando murros violentos para todos os lados, mesmo quando tombou de joelhos. Um policial alto foi atirado no chão quando um braço de Ramón o atingiu. Então, ouviu-se uma pancada. Ramón desabou no chão, e um policial se debruçou sobre ele com os dentes à mostra, segurando pelo cano o revólver com que o golpeará.

– Muito bem! – exclamou Theodore, que se censurava agora por não ter entrado na briga. – Seis homens contra um, e ainda precisaram lhe dar uma coronhada!

Josefina estava ajoelhada ao lado de Ramón, passando a toalha molhada em seu rosto. Ramón fazia movimentos débeis, como se lutasse num sonho, mas não abriu os olhos. Sua boca parecia calma e infantil.

Quando Ramón voltou um pouco a si, Sauzas lhe fez mais perguntas, que Ramón dignou-se a responder apenas com um olhar em sua direção.

A porta se abriu bruscamente, e Theodore se sobressaltou. Um policial que ele não vira antes aproximou-se e bateu continência para Sauzas.

– As flores foram compradas numa banca a quatro ruas daqui – disse o policial, um pouco ofegante. – Entre dez e meia e onze e meia, o homem não tem certeza.

– Compradas por quem? – Sauzas perguntou.

– Por um rapaz. Desta altura, mais ou menos, o homem disse. Foram os únicos cravos brancos, na quantidade de duas dúzias, comprados no bairro na noite de ontem, *Señor capitán*. – O rosto do policial estava tenso e inexpressivo.

– Um rapaz – ecoou um dos homens sentados à mesa, e riu baixinho.

CAPÍTULO QUATRO

Um pouco antes das onze, Theodore saiu de um táxi e levou a mala, o *portfolio* e as telas enroladas até o portão de sua casa. Estava acompanhado pelo policial gordo e por um detetive. Ramón fora levado para a prisão, porque Sauzas queria lhe fazer mais perguntas.

Theodore estava irritado com a presença dos dois homens. Haviam se plantado a seu lado enquanto ele tratava com Josefina dos preparativos para o enterro, e não ofereceram a menor ajuda enquanto ele procurava um telefone na rua para chamar uma agência funerária. Tudo fora muito complicado, porque a polícia ainda não liberara o corpo. Queriam medir a profundidade e largura das facadas e realizar uma autópsia.

Theodore abriu a caixa de correspondência, apanhou algumas cartas e as pôs no bolso sem olhar para elas. A *señora* Velásquez, sua vizinha, enviara-lhe as cartas mais importantes para Oaxaca.

Notou que as trepadeiras que subiam pelos portões de ferro encostados à sua casa estavam precisando de água. Constancia, a empregada da família Velásquez, poderia tê-las regado da janela do andar de cima, mas ele não lhe dera a chave. Theodore e os dois homens entraram num pátio de lajes rosadas, no fundo do qual, sob o segundo andar, ficava uma garagem. Theodore dirigiu-se até uma porta na lateral da casa e a abriu com outra chave. A sala estava na penumbra, mas Theodore olhou para toda parte, primeiro para suas plantas – parecia que a grande begônia morrera, o que era uma pena – e depois para os móveis que Inocenza cobrira com lençóis, como ele lhe pedira. Puxou um cordão, e a brilhante luz do sol invadiu a sala. Depois, ignorando os dois homens, ele levou a begônia para a cozinha nos fundos da casa.

Antes de viajar, ele encharcara a planta e a deixara numa bacia de água, mas era uma grande *semperflorens*, e bebia meio litro de água por dia. Enquanto molhava o vaso seco, Theodore se censurou por se afligir como uma solteirona por causa de uma planta quando não fazia nem doze horas que Lelia havia morrido.

Voltou-se e deu com os dois homens parados na porta da cozinha, olhando-o com atenção.

– Bom, esta é minha casa, como podem ver.

– Por que foi para Oaxaca, *señor*? – perguntou o policial gordo com malícia.

– Para pintar, *señor*.

– Deve ter saído com muita pressa, já que nem cuidou das plantas.

– Faço as coisas quando quero.

– O senhor é um homem muito cuidadoso – o policial continuou, sacudindo a cabeça. – Não teria deixado sua casa de qualquer jeito se não estivesse com pressa.

– Levaram Ramón Otero para a prisão. Por que não vão interrogá-lo?

Segurando o vaso da begônia, ele caminhou para a porta, e os dois homens se afastaram para lhe dar passagem. Depois o seguiram pela sala de jantar até a sala de visitas, onde mais uma vez olharam com assombro para a escadaria que subia a perder de vista, sem nenhum meio visível de sustentação.

– Gostariam de ver o primeiro andar? – Theodore perguntou, secamente.

O detetive, que examinava um pequeno nu de Lelia pintado por Theodore, não respondeu. O policial gordo bocejou, exibindo vários dentes de ouro. Subiram os degraus acarpetados e entraram no quarto de Theodore, em seu banheiro, no quarto de hóspedes com banheiro, na saleta da frente onde ele pintava, e por fim até no quarto e no banheiro de Inocenza, os únicos cômodos do segundo andar.

– Quantos banheiros – comentou o policial.

A pequena lâmpada vermelha ainda estava acesa sob a imagem da Virgem, feita de conchas e coral rosa e branco, que uma amiga de Inocenza lhe mandara de Acapulco. A reprodução de uma pintura malfeita da Santa Ceia também anunciava uma marca de aspirina, mostrava um calendário do ano com os nomes de todos os santos e desejava a todos *Prosperidad y Bienestar para el Año 1957*. Eles desceram.

– Não saia de casa sem nos avisar – disse o policial gordo.

– Não tenho a menor intenção de sair de casa – respondeu Theodore.

Copiaram o número que estava escrito no telefone da sala e depois saíram pela porta, demorando-se para inspecionar um dos cactos em flor que cercavam o pátio. Theodore esperou que fechassem os portões de ferro antes de fechar a porta.

Levou a bagagem para o quarto e começou a desfazê-la. Foi tomar um banho, mas a água estava fria, porque o aquecedor estava desligado. Desceu

até a cozinha, ligou-o, recolheu suas outras plantas e colocou-as na pia da cozinha, e depois subiu e recomeçou a desfazer as malas. Encontrou o cavalinho de argila preta esmaltada, típica de Oaxaca, que comprara para Lelia, e uma sereia de argila cinza, dedilhando um violão, para Ramón. Além disso, comprara para Lelia um bracelete de prata antigo, cravejado de granadas, e, para Ramón, meia dúzia de gravatas tecidas a mão. Jogou os presentes sobre a cama, sentindo que a melhor parte de sua existência lhe fora arrancada e destruída. Banhou-se antes que a água esquentasse bem, mas estava tão ansioso para se sentir limpo que não se importou. Em seguida, barbeou-se e vestiu uma camisa limpa, uma gravata listrada vermelha e azul e um terno cinza bem-passado.

Em seguida saiu do quarto, desceu escadaria, pegou as chaves que estavam sobre uma mesinha e saiu. Tocou a campainha da casa vizinha.

Constancia, gorda e morena, de uniforme rosa, abriu a porta.

– Ah, *señor Schie-bale-hoo!* – gritou ela com voz estridente. – *Pase usted! Benvenido! Com’ está usted?*

Ele viu, pelo sorriso hesitante da mulher, que ela já ouvira a notícia.

– Estou bem, Constancia. E você?

– Bem, obrigada! – ela respondeu mecanicamente.

– E a *señora Velásquez*?

– Ela vai bem, e o gato também. Espere até o senhor ver ele! Leo! Leo! – Ela o guiou pelo pátio coberto de parreiras, chamando o gato, supondo que Theodore, apesar do assassinato da amiga, estaria extremamente interessado em ver seu bicho de estimação. – Não deixamos ele sair para a rua. As namoradas dele devem estar com saudades – disse Constancia, sorrindo.

A porta da casa estava aberta, e Olga Velásquez correu ao encontro dele no vestíbulo. Era uma mulher de uns quarenta anos, baixa e miúda, e muito *chic*, com os cabelos curtos tingidos de loiro e as pequenas sandálias de salto alto.

– Theodore! – Ela pousou as mãos em seus ombros e fez como se fosse beijá-lo de cada lado do rosto, embora mal chegasse à altura de seu peito. – Acabei de ver o jornal! Que coisa horrível! É verdade?

– É verdade.

– Você falou com a polícia?

– A noite toda. Cheguei em casa faz uma hora.

A visão de Leo saindo de trás de um tronco oco cheio de orquídeas em flor

causou um choque a Theodore, como o choque de encontrar um amigo querido depois de muito tempo. Por um instante, Theodore saboreou as cores daquele quadro: o laranja das orquídeas, os pêlos castanhos e beges de Leo, seus olhos de um azul claro e brilhante. Theodore se inclinou e acariciou a cabeça e a orelha do gato.

– Leo... Como você tem passado?

O gato, ofendido por ter sido abandonado durante um mês, fingiu se interessar por algo em outra direção. Então, quando Olga Velásquez começou a falar, Leo abriu a boca e emitiu um lamento monótono, segurando a nota como uma soprano no clímax de uma ária, num crescendo que abafava a voz de Olga. Esta, no entanto, não ligou.

– Ele não está ótimo? Caçou pelo menos seis lagartos e *uma cobra*! Imagine! Uma cobra *deste* tamanho aqui no pátio!

– Ele está bravo porque eu viajei – disse Theodore, e de repente se sentiu fraco a ponto de cair.

Olga Velásquez olhou-o, aflita.

– Deve estar exausto, Don Teodoro! Sente-se. Quer um café? Eu já ia tomar um. Imagine que tive de acordar às oito da manhã para ir a uma audiência judicial por causa de uma multa que levei por excesso de velocidade na *autopista* para Cuernavaca. Achei que velocidade fosse permitida numa pista de velocidade! Por isso só vi os jornais agora, quando voltei. Não acreditei na notícia! Você gosta com açúcar, não é?

– Isso mesmo. – Ele aceitou a xícara de café. Era uma xícara de vidro azul transparente, com um desenho em espiral. O azul, belo e fresco, deu-lhe vontade de mergulhar de cabeça num mar refrescante. Ele mal ouvia a voz da *señora* Velásquez, que não parava de falar de Lelia. Mas era verdade? Era verdade que ele entrara no apartamento e a encontrara morta?

– E acha que pode ter sido Ramón? – perguntou num sussurro ofegante.

Constancia, que não saíra da sala depois de trazer mais uma xícara e um pires, deixou-se ficar a um canto, ouvindo de boca aberta.

– Não sei. É melhor não afirmar nada ainda. Ele está sendo interrogado pela polícia.

– Tem idéia de quem mais poderia ter feito isso?

– Não.

– Sempre achei que Ramón não batia muito bem.

– Ele é instável, tem gênio explosivo... mas não acho que seja louco –

disse Theodore, olhando para ela.

Olga inclinou um pouco a cabeça, como se dissesse “só você não acha”.

– Uma moça tão bonita! Tão simpática! Eu gostava muito da Lelia, sabe, Teo.

Mas ela vira Lelia poucas vezes, pensou Theodore. Sabia que era sua amante, mas não devia achar que estava apaixonado por ela. Olga teria agido da mesma maneira se Lelia Ballesteros fosse apenas uma amiga. Theodore e Olga eram bons vizinhos, mas mantinham uma certa distância. O *señor* Velásquez, embora ostentasse ser advogado, tinha participação em vários negócios escusos. Theodore sabia, mas nunca fazia perguntas nem a Olga nem a ninguém a seu respeito, e nem tinha a menor curiosidade por suas práticas empresariais.

– Como vai seu marido? – Theodore perguntou, como de hábito.

– Vai bem, como sempre. Mas, espere, quer dizer que a polícia não tem nenhum suspeito fora Ramón? – Ela se inclinou para ele no sofá, apertando as mãos macias e bem-cuidadas.

– Querida Olga, *eu* sou um suspeito.

– *Você?*

– Eu também estava no local. Fui proibido de sair de casa.

– Ah, se ele suspeitassem de você de verdade, você estaria na cadeia – disse ela, despreocupada. – E Inocenza ainda não voltou?

– Não. Preciso telefonar para ela.

– Pedirei a Constancia que vá à sua casa e cuide de tudo para você hoje: das compras, da limpeza, de tudo! Precisa descansar, depois dessa terrível experiência!

– Obrigado, Olga. E não sei como lhe agradecer por cuidar da minha correspondência.

– Ah, ainda bem que me lembrou. Ainda tem muita correspondência aqui. Mandeí só as mais importantes, você sabe. – Ela se ergueu. – Mas podemos pegar depois – disse ela, voltando a sentar. – Ramón também gostava muito dela, não é? – perguntou.

– Ah, sim. – Theodore acariciou as costas de Leo. O gato estava em seu colo, dando voltas e voltas sobre a base instável das coxas, sem decidir se devia ser afetuoso a ponto de se deitar ou se expressava mágoa por ter sido abandonado.

– E você gosta muito de Ramón, não é?

– Gosto. Eu o considerava meu melhor amigo. Pelo menos, até isso acontecer.

– Então, você acha mesmo que foi ele! – exclamou ela.

– Não sei. Mas sou obrigado a desconfiar dele. Os fatos...

– Foi o que eu quis dizer, Don Teodoro.

Ela preparou mais café instantâneo para ele, tirando três generosas colheradas do pote de vidro, preso num invólucro de prata filigranada, que sempre estava sobre sua mesinha de café. O café era muito bom, bem mais forte do que o café instantâneo americano, mas Theodore ainda achava estranho que um país que exportava grandes quantidades de grãos de café bebesse tanto café instantâneo. Os mexicanos até o preferiam, e o prezavam tanto que artesãos criavam lindos invólucros de prata para colocar potes de café comuns, de vários tamanhos, que integravam o tesouro de cada família.

Theodore ficou quinze minutos na casa da vizinha, e nesse tempo, por insistência dela, deixou um recado com a irmã de Inocenza – já que esta estava na casa de uma vizinha – dizendo que tinha retornado e que gostaria que ela voltasse o quanto antes de avião. Ficou aliviado porque a mulher não disse nada sobre Lelia. Ainda não deviam ter visto os jornais. Theodore voltou com Constancia para casa, ele levando o gato, e Constancia, dois pombos assados, um litro de leite e uma caçarola de berinjela e queijo, quentinha, que Olga Velásquez insistiu que ele aceitasse. Constancia deveria voltar só às quatro horas, pois precisava fazer os preparativos para um coquetel. Theodore foi convidado para o coquetel, mas recusou.

Depois de mostrar a Constancia o que precisava ser feito na casa, Theodore vestiu pijamas e robe, preparou um bule de chá e o levou para o quarto. Sentia-se fraco e indisposto. Tinha fome, mas tudo que pensava em comer lhe causava náusea. Deu dez pesos a Constancia e lhe disse para comprar pãezinhos, frutas e os jornais, mas para não chamá-lo quando voltasse das compras, pois podia estar dormindo. Ela ainda não saíra, e, enquanto trabalhava no andar de baixo, cantava uma canção popular.

...meu coração...tão apertado...procura seu coração... como você pôde me deixar... meu coração... levo-lhe meu coração... meu coração... nas mãos...

Mi corazón. A palavra *corazón* era muito recorrente nas canções populares

mexicanas. Theodore tentou não prestar atenção, mas a cada vez que Constancia chegava ao último verso – pois ela não parava de cantar a mesma estrofe –, Theodore se via cambaleando em direção a alguém com seu próprio coração nas mãos, o peito sangrando. Examinou a correspondência que Olga guardara para ele. Extratos bancários. Uma conta telefônica. Convites para exposições e para uma apresentação de *Lisístrata* na Ciudad Universidad, sob a direção de Carlos Hidalgo e com cenários de Lelia Ballesteros. Já saíra de cartaz. Tirou do bolso do paletó a correspondência que recebera naquela manhã, viu um envelope azul e quadrado entre os outros e o abriu precipitadamente, deixando o resto da correspondência cair no chão.

A data era simplesmente “sexta-feira”.

Amor mio,

Tenho a sensação de que você está para voltar e queria que encontrasse algumas palavras minhas. Seja bem-vindo! Você pintou bastante? Sentimos sua falta.

Avise assim que chegar. Traga seu trabalho para eu ver, ou, se tiver pintado tantas telas excelentes, eu vou até sua casa.

Acho que estou prestes a vender um quadro àquele homem de São Francisco – ou melhor, a um homem que ele conhece. Lembra do *marchand* de S. F. que fotografou meus quadros de Veracruz? Temos muito que conversar.

Ramón está bem. Estamos os dois com saudades.

Todo mi amor,
L.

A carta fora enviada em 1º de fevereiro. Era dia cinco. Ele a esquadrinhou inutilmente, em busca de uma pista, e não encontrou nada além do bom humor de Lelia e a energia dos “t”s, cujos cortes avançavam até a palavra seguinte, sugerindo o fluente *legato* de sua fala. Ele levou a carta até a escrivaninha e a pousou delicadamente. Na parede acima do móvel, havia um esboço feito com caneta e aquarela de uma garota balançando-se numa rede em Pie de la Cuesta, com a perna e o pé descalço para fora, no colo alguns cocos verdes. “É só uma menina índia que estava vendendo cocos. Obrigada, *señor*, mas não está à venda. Prometi a um amigo.” E Lelia rira. Theodore lembrou-se do som de seu riso, que expressava alegria por seu esboço ter sido

apreciado, cordialidade e desculpas ao mesmo tempo. Theodore contemplou o desenho até que as lágrimas toldaram o azul da água, do céu, o quadro todo, e ele desabou na cadeira aos prantos. Chorou perdidamente, como uma criança diante de uma decepção imerecida e injustificada.

Theodore pensou na reação do pequeno José. Ele devia estar com uns nove anos agora. Lelia o usara como modelo em quatro ou cinco quadros, embora o menino às vezes roubasse jóias e moedas que ela deixava espalhadas. “Ah, ele não faz por mal, Teo. Eu não gostava muito mesmo daquele broche”, Lelia dizia quando Theodore se oferecia para repreender a criança e recuperar as jóias. Lelia adorava a inocência, e por isso ela amava tantas crianças e tão poucos adultos. Ela sempre dizia que o ideal era se tornar mais inocente, e não mais sábio, com a idade, e quando Theodore cometia alguma distração ou era enganado por algum comerciante, Lelia brincava dizendo que ele certamente estava ficando mais inocente a cada dia. Vieram-lhe as imagens de Lelia abrindo a porta para ele com um sorriso, chorando tarde da noite, inconsolável depois de um dia de trabalho improdutivo, inclinando-se para falar com uma criança na rua, comprando doces para outra, beijando outra no rosto como se fosse sua filha, porque posara para ela. Theodore refletia agora que o amor que ela dividira entre Ramón e ele, um enigma para o qual ele sempre buscava novas e complexas explicações, fora simplesmente reflexo de sua natureza. Pertencer a um só homem teria sido excluir todos os outros.

Ele andou até a cama e se deitou lentamente, tão relaxado como uma efígie de pedra sobre um túmulo. Nunca mais conversaria com Lelia, nunca mais dividiria sua alegria quando vendia um quadro, ou quando um crítico a elogiava. Como pintora, Lelia seria julgada pelo que fizera até o dia anterior, à idade de trinta anos e um mês. Theodore sentiu o sangue ferver. Pensou em vingança. Quem fizera aquilo pagaria com a vida. Ele se encarregaria disso, mesmo que não houvesse pena de morte no México. Não se tratava de um assassinato comum, com um tiro ou uma ou duas facadas. Ouviu as garras de Leo agarrarem as trepadeiras, e o gato chegou à janela e sentou-se com a cauda ao redor das patas dianteiras, olhando para o quarto enquanto seus olhos se adaptavam à obscuridade. Theodore deixou cair o braço ao lado da cama, e o gato se aproximou silenciosamente e esfregou a cabeça contra sua mão. Depois, pulou sobre o peito do dono. Leo ronronava alto e olhava para Theodore com objetividade, como se ele fosse um quadro na parede.

Enquanto caía no sono, os pensamentos de Theodore sobre Ramón tornaram-se ambíguos, como aconteceu durante alguns momentos do interrogatório. Ramón tinha uma veia cruel, pensou ele. Theodore não conseguia esquecer aquilo e nem controlar o desdém e o medo que sentia dele por esse motivo. E o periquito que ele tinha no apartamento? Aquilo deixava Theodore louco sempre que o visitava. Tantas vezes quisera correr até a gaiola e libertar o pássaro, e depois abrir a janela para que ele pudesse sair – mas nunca o fez. Pelo que sabia, Ramón nunca deixara o pássaro sequer voar pela sala, e a criaturinha tentava constantemente abrir a porta da gaiola. Ramón nunca sequer se dignara a lhe dar um nome. Seu sangue era muito mais espanhol do que índio. Ramón o acusava de se achar superior aos espanhóis, mas Theodore não se achava nem superior nem inferior – simplesmente tentava entendê-los, sem conseguir, o que os tornava fascinantes. Ramón o fascinava com seu misto de catolicismo e crueldade, e com o outro enigma criado em torno dele por ter passado quatro ou cinco dias sendo humilhado e espancado na prisão de Chihuahua. Aquela surra não representara apenas uma injustiça, a humilhação de ser chamado de assassino. Para Ramón, a surra representava o castigo por seus “pecados” passados, que lhe fora imposto pela Igreja Católica e que ele mesmo criara. Assim, curiosamente, Ramón apreciara a surra e a humilhação, embora tivessem provocado nele uma profunda hostilidade contra a polícia. Theodore não queria achar que Ramón matara Lelia, mas os fatos e o caráter de Ramón tornavam a hipótese plausível.

Toda essa ambigüidade deixou Theodore sonolento – um fenômeno com o qual estava acostumado. Às vezes essa sonolência, essa evasão, irritavam-no quando tentava raciocinar, e ele andava pelo quarto ou bebia café para se manter acordado. Outras vezes, ele acabava se entregando a deliciosos cochilos no meio da manhã ou da tarde, induzido por sua crônica incapacidade de encontrar respostas. (Se ele decidisse continuar vivendo, sua vida valeria alguma coisa para si mesmo ou para o mundo? Qual era sua contribuição além de seus quadros, pelos quais poucos se interessavam, e do dinheiro que dava a escolas, hospitais e a famílias como a de Inocenza, em Durango? Tendo descoberto que era um bom pintor, de que adiantaria tentar ser ainda melhor? Deveria tentar participar da política, ainda que os mexicanos rissem dele? Não deveria ver as múmias de Guanajuato, como Ramón lhe pedira, em vez de dizer que sabia como elas seriam e a reação que

provocariam? Será que o México seria mais feliz se fosse protestante em vez de católico? Às vezes ele acordava com respostas que lhe pareciam brilhantes para essas e outras perguntas, mas a maior parte das vezes, não.)

Acordou com uma batida na porta e com Constancia berrando, como ele lhe pedira que não fizesse, que eram quase quatro horas e que ela precisava ir embora. Theodore agradeceu e deixou a cabeça cair no travesseiro outra vez. Depois, subitamente, ele levantou e, antes que sua mente clareasse totalmente, foi até a mesinha do telefone, ao lado da escrivaninha, e discou o número de seu advogado, Roberto Martinez. Theodore lhe falou de Ramón e lhe pediu o nome de um advogado confiável que cuidasse do seu caso. O sr. Martinez lhe indicou um advogado e se ofereceu para ligar para ele.

– Pode ser – disse Theodore –, desde que ligue imediatamente.

Theodore explicou ao sr. Martinez em que cadeia Ramón estava – a maior, perto do Zócalo –, depois desligou. Eram quatro e cinco. Theodore se arrependeu por ter esperado tanto. Culpado ou não, Ramón tinha direito aos serviços de um bom advogado.

O telefone tocou duas ou três vezes na hora seguinte. Uma ligação foi de Antonio Cortés, um vizinho de Theodore em Cuernavaca, outra de Mabel Van Blarcom, de Coyoacán, um subúrbio da cidade. A terceira foi de Elissa Straeter, uma americana separada que Theodore via de vez em quando em festas e de quem não gostava. Todos fizeram as mesmas perguntas: se ele estava bem, se havia algo que pudessem fazer, se ele gostaria de visitá-los. Theodore gostava muito de Mabel Van Blarcom e de seu marido holandês, mas não estava com vontade de visitar ninguém. Elissa, que costumava beber, mas que não parecia bêbada quando ligou, convidou-o, em seu tom sempre calmo e educado, para uma festa de carnaval que aconteceria em 4 de março em Pedregal, um sofisticado bairro residencial ao norte da cidade.

– Imagino que não consiga pensar em ir a festas agora – disse Elissa em tom monótono e compreensivo. – Mas quem sabe daqui a um mês. É a festa de Johnny Doolittle, e ele me disse para convidar quem eu quisesse, o que não significa, é claro, que você terá de me *acompanhar*. Mas todos adoráramos que você fosse. *Eu* adoraria.

Theodore agradeceu e disse que tentaria ir.

Ele desceu e preparou um uísque com água com a intenção de tentar dormir de novo, mas continuou sem sono depois de terminá-lo. Pegou o telefone e ligou para a prisão.

– Eu poderia falar com o *capitán* Sauzas? – disse ele.

Ouviu muitos estalos e interferência na linha. E uma conversa sobre a presença de bicicletas no local reservado às motocicletas dos guardas de trânsito. Um dos homens estava muito zangado com o outro.

– O *capitán* Sauzas não está – disse a voz afinal.

Deve estar dormindo, pensou Theodore.

– Posso falar com Ramón Otero?

– Quem?

– Ramón Otero. O-t-e-r-o. Ele está preso para ser interrogado a respeito do caso... do caso Ballesteros – Theodore balbuciou nervosamente, sabendo que era inútil.

– Os prisioneiros não podem usar o telefone, *señor* – disse o homem com um sorriso na voz.

– Pode me dizer o que está acontecendo com ele? Espero com prazer se tentar descobrir.

– Não, senhor, não podemos dar essa informação.

Theodore procurou o telefone residencial de seu advogado – eram quase sete horas – e o discou. O sr. Martinez lhe garantiu que o advogado que conseguira fora imediatamente até a prisão, mas que não falara mais com ele desde então. Theodore pegou o telefone residencial e comercial do advogado criminalista, um tal de sr. Pablo Castillo Z., e ligou para ambos, mas não conseguiu informações nem no escritório, onde ninguém atendeu, nem na casa, onde uma empregada atendeu.

Theodore abriu uma lata de peixe para Leo, alimentou-o na cozinha e depois foi para a cama. Estava cansado demais para dormir, e havia algo de fantasmagórico na luz do quarto, que entrava pelas venezianas fechadas contra o lento anoitecer. Seu corpo estava cansado demais para se mexer, mas sua mente girava a esmo, sem chegar a nada.

CAPÍTULO CINCO

O sr. Castillo Z. telefonou às nove e quinze da manhã seguinte, acordando Theodore.

– Bom – disse ele, em tom de triunfo. – Soltaram seu amigo. Ele foi interrogado a noite toda. Ainda nem consegui dormir, mas ele está livre.

– Então acham que ele é inocente?

– Ora, claro. Eu também. As provas não bastam para...

– Comprovaram a que horas ele foi para casa depois do jantar?

– Não... Não exatamente. Mas o que sabem é suficiente para provar que não foi Ramón Otero. O *señor* Otero acha que chegou em casa às dez e meia. O médico acha que ela não foi morta antes das onze. Aconteceu no mínimo às onze.

Ou dez para as onze, pensou Theodore, lembrando que era uma e cinquenta no seu relógio quando o médico dissera que o crime acontecera de duas a três horas antes. E Ramón disse que *achava* que chegara em casa às dez e meia.

– Como está o *señor* Otero? – Theodore perguntou.

– Ah! Exausto, *señor*! Passou duas noites seguidas sem dormir. Garanto que, se fosse culpado, teria confessado. Mas seu amigo afirmou inocência até o fim. O senhor não achava que ele fosse culpado, não é?

– Onde ele está agora?

– Vai poder voltar para casa esta manhã mesmo. Chamaram o sócio dele, o *señor*...

– Baldin.

– Isso. Ele vai se encarregar de levá-lo para casa. Ah... Devo mandar a conta para seu endereço ou para o do *señor* Otero?

– Pode mandar para mim – respondeu Theodore.

Depois de desligar, Theodore sentou na beira da cama, pensando. Um advogado criminalista, por mais astucioso, não teria conseguido libertar um homem culpado com tanta rapidez. Então, era obrigado a concluir que Ramón era inocente. Talvez. As coisas nem sempre eram lógicas no México. Nos Estados Unidos, a polícia teria passado uma semana interrogando os amigos e conhecidos de Ramón, tentando descobrir cada passo que dera antes e depois

da hora do crime. Só depois teriam chegado a uma decisão. Mas no México...

Theodore fez outra tentativa de desfazer as malas, mas não conseguia parar de pensar em Ramón. Não conseguia se convencer de que não era ele o assassino. Para a polícia, ele era capaz de transformar o rosto e o coração em pedra. Theodore começou a se perguntar se ele não teria enganado a polícia.

Às dez e meia, voltou a tentar falar com Sauzas pelo telefone. Dessa vez, depois de esperar dez minutos, conseguiu.

– Vocês têm provas conclusivas de que ele é inocente? – perguntou.

– Provas? – Sauzas hesitou. – Não, fora o fato de ele não agir como um assassino, *señor*. Ele age como um homem que perdeu a mulher. Achamos que o assassino entrou no apartamento fingindo entregar flores e que pediu para um rapaz comprar as flores para que não fosse reconhecido pelo vendedor. Estamos procurando esse rapaz no bairro, mas o vendedor de flores não lembra direito como ele era.

– Então... não surgiu nenhuma nova pista?

– Não, *señor*. Mas é agora que nosso trabalho começa, não é? Não saia de casa até segunda ordem, por favor.

– Quer dizer que não posso ir a lugar nenhum na cidade?

– Bom, pode. Mas não tente sair da cidade. Vamos precisar interrogar o senhor de novo.

– Está bem. E, *señor capitán*... Eu gostaria de ser informado de tudo que descobrirem, se possível.

– Tudo bem, *señor*.

Theodore hesitou por um momento e depois discou o número de Ramón. O telefone tocou cerca de dez vezes, mas Theodore esperou com paciência. Finalmente, ouviu um tumulto de duas vozes, e depois o sócio de Ramón, Arturo Baldin, atendeu.

– *Bueno?*

– *Bueno*, Arturo. Como vai? Aqui é Theodore Schiebelhut.

– Como vai, Don Teodoro? Espero que esteja bem.

– Obrigado. Queria saber notícias de Ramón.

– Ah, ele está muito cansado, *señor*. Estou tentando fazer com que ele durma – disse Arturo com sua voz bondosa e paternal.

– Sim, entendo. Tem algo que eu possa... – Theodore hesitou em cima de um muro afetivo, sem saber se estendia a mão para Ramón.

– Acho que não, Don Teodoro. Já dei soníferos a ele. Logo devem fazer

efeito.

Ao longe, Ramón murmurou algo.

Antes Theodore quisera falar com Ramón, mas, de repente, não queria mais.

– Fico feliz que esteja aí para cuidar dele, Arturo.

– É difícil acalmá-lo, porque quer sair e falar com... Com quem, Ramón? Com Josefina.

Mas comigo ele não quer falar, pensou Theodore.

– Não, é melhor ele descansar – disse Theodore.

Eles desligaram cordialmente.

Inocenza chegou às três da tarde. Lera os jornais, e trazia muitas perguntas, solidariedade e pêsames de todos os seus parentes de Durango, até que Theodore afinal disse, delicadamente:

– Por favor, Inocenza, fique quieta um pouco.

– Mas o senhor *não* acha que foi Don Ramón! – Ela gostava muito do Ramón.

– Ele foi solto hoje de manhã.

– Ah! – exclamou ela, aliviada. – Graças a Deus! Ele não é culpado!

– Não – disse Theodore. – Deixe-me ajudá-la a carregar suas coisas. O que é tudo isso?

– Minha família mandou um pato e os melhores votos para o senhor. E minha tia Maria fez uma colcha para o senhor. Está aqui – disse ela, jogando no chão um embrulho amarrado com barbante. – É muito bonita, mas coloquei o papel para não sujar no avião. Ah, o avião, *señor*! A sopa virava para cá, virava para lá... Fiquei com medo de morrer, *señor*, principalmente quando eu pensava na *señorita* Lelia – *la pobrecita*. Não, não leve nada, o senhor não deve carregar minha mala. Gostaria de um chá ou alguma outra coisa, *señor*?

— Não, obrigado, Inocenza. Já estou muito feliz por você ter voltado.

Ele andou até a janela que dava para o pátio e acendeu um cigarro. Era bom sentir a presença de Inocenza na casa outra vez, ouvir seus passos ligeiros e suas canções na cozinha, se bem que ela tentaria não cantarolar naquele dia. A empregada também gostava muito de Lelia, e não tinha nenhum ciúme dela, como Ramón insinuara algumas vezes. Ramón tentara provocá-lo dizendo que Inocenza era sua “verdadeira mulher”. Era verdade que ela acabava conseguindo o que queria na maioria das vezes, mas qual

empregada não conseguia? Inocenza estava com ele há quase quatro anos. Ramón preferia empregadas mais servis do que ela, talvez, mas nem ele nem ninguém conseguiam apontar uma falha nela. Inocenza dormia em casa, passava e cozinhava bem. Além disso, fazia bem para os olhos, com os brilhantes cabelos pretos sempre presos à nuca num caprichado e farto coque. Usava sapatos com saltinho, o que a diferenciava das mulheres humildes que arrastavam chinelos pelos mercados, e pintava um pouco os lábios. Tinha só 32 anos, e seu poder de atração estava no auge, pensava Theodore, embora o único homem de quem ela parecesse gostar fosse um sujeito taciturno chamado Ricardo, que trabalhava em Toluca e raramente ia à cidade. Oito ou nove anos antes, ela dera à luz um filho ilegítimo, Pepe, que morava com sua família em Durango. Theodore lhe mandava presentinhos e brinquedos de vez em quando.

Pela primeira vez desde que chegara, Theodore foi capaz de desenrolar suas telas, seis das quais envoltas em tecido impermeável, e as estendeu no sofá e no chão do quarto que usava para pintar. Uma não estava completamente seca, mas não manchara. Evitou olhar para elas, porque faziam com que sentisse a presença de Lelia. Ligou para a garagem da Mercedes-Benz e pediu que seu carro lhe fosse entregue assim que possível.

Às seis horas, ele saiu para uma caminhada e voltou às sete. Inocenza já arrumara a mesa para um e colocara um prato de amêndoas no carrinho de bebidas para o *apéritif*. Theodore encheu um cálice de Fernet-Branca. Então Inocenza voltou a bombardeá-lo com perguntas, porque sabia que ele gostava de conversar enquanto tomava seu *apéritif* e preferia ler durante as refeições.

– Ah, o senhor vai ficar tão sozinho agora... – repetia ela, balançando a cabeça. – E o pobre Don Ramón também. O senhor não vai visitá-lo?

– Acho que ele precisa descansar agora.

– E o senhor também. Está com olheiras. Também precisa comer. Fiz uma canja de galinha (amanhã comeremos a galinha), costeleta de cordeiro e uma salada. – Ela sorriu, aguardando um sinal de que ele estava satisfeito.

– Muito bem, Inocenza. E onde está a colcha? Ainda não vi.

Inocenza correu para buscá-la no sofá da sala. Theodore passara por ela sem vê-la. Estava num vistoso embrulho verde e rosa.

A colcha era feita de pequenos quadrados de crochê costurados, resultado de um vasto e paciente labor.

– É magnífica – disse Theodore, sentindo-a entre os dedos. – Quero que

coloque em minha cama imediatamente. Vou escrever para sua tia Maria agradecendo. Foi *muita* bondade dela ter todo esse trabalho por mim.

– Ela faria qualquer coisa pelo senhor!

Theodore custeava os estudos dos dois filhos de tia Maria na Universidade de Durango.

Theodore sentou-se a seu posto solitário na mesa. O novo número da revista *Time* estava ao lado do prato, e ele a abriu sem interesse. Na semana seguinte, eles noticiariam o caso Ballesteros e estampariam uma fotografia do corpo de Lelia, talvez, e se divertiriam a valer com o fato de ela ter sido amante de dois homens que eram amigos. Theodore estava sem o menor apetite. Não conseguiu nem tocar nas costeletas de carneiro.

Naquela noite ele recebeu uma ligação de um oficial da *policía*, que lhe disse que o corpo de Lelia fora levado à agência funerária que ele indicara, e que a autópsia revelara que os cortes haviam sido feitos por uma faca com pelo menos doze centímetros de comprimento e que a facada maior tinha quatro centímetros de largura. Muitas facadas haviam alcançado dez centímetros de profundidade.

Theodore então ligou para Josefina e obteve consentimento para marcar o enterro para a tarde seguinte.

– Você pode avisar Ramón, Josefina? – perguntou Theodore. – Acho que ele não quer falar comigo no momento.

CAPÍTULO SEIS

O enterro foi às três horas da tarde seguinte, num cemitério a trinta quilômetros da cidade. Uma caravana de cerca de trinta carros arrastou-se pela feia e congestionada avenida Guatemala em sentido leste e avançou aos solavancos pela esburacada rodovia que levava a Puebla e Veracruz, onde Lelia nascera. Enormes e impacientes caminhões de gasolina Pemex e cerveja Carta Blanca tentavam ultrapassar a caravana pela pista em sentido inverso, mas sempre fracassavam e tinham de se encaixar entre dois carros da procissão. Theodore alugara doze carros para levar os amigos e vizinhos de Lelia e vários parentes que haviam vindo de Veracruz e se encontrado na casa de Josefina. Theodore dirigiu seu Mercedes-Benz cinza, levando Carlos e Isabel Hidalgo no banco de trás e Olga Velásquez – que lhe pedira para ir ao enterro naquela manhã – no banco da frente a seu lado. Na maior parte do trajeto, seguiu o carro da família de Josefina, com seu marido, Aristeo, a filha, Ignacia, e o noivo desta, Rodolfo, e mais duas pessoas que Theodore não conhecia. O cemitério era um terreno seco e plano, cercado de paredes pintadas de branco, atrás das quais ciprestes de variadas alturas se erguiam. De cada lado dos portões, estava escrito, em tinta preta desbotada:

PROSTRAOS! AQUÍ LA ETERNIDAD EMPIEZA
Y ES POLVO AQUÍ LA MUNDANAL GRANDEZA!

Esses dizeres, comuns a quase todos os cemitérios mexicanos, ainda causavam arrepios em Theodore – embora ele não acreditasse na vida após a morte. Mas não havia dúvida de que, naquele lugar, toda a grandeza humana se tornava pó.

Theodore olhou ao redor em busca de Ramón, e o viu, de cabeça baixa, entre a terceira ou quarta fileira de pessoas que cercavam o túmulo. Ramón não tirava os olhos do caixão, e, embora Theodore visse lágrimas, seu rosto parecia estranhamente relaxado. Ao seu lado estava Arturo Baldin, baixo e tranqüilo, segurando o chapéu contra a barriga em sinal de respeito.

O caixão estava fechado. Os embalsamadores, naturalmente, não haviam podido fazer nada pelo rosto de Lelia, e Theodore, quando soubera que ela

não poderia ser vista, sentira alívio, porque o caixão estaria fechado. Contudo, quando viu a brilhante superfície marrom da tampa do caixão, seus hediondos fechos funcionais-ornamentais, ele compreendeu que, por mais horrível que o rosto de Lelia estivesse, nada poderia ser mais doloroso do que aquela tampa para sempre fechada e lacrada. A multidão cercava a sepultura, pisando em túmulos próximos, e outras pessoas se postavam com a cabeça inclinada nas três ou quatro alamedas ao redor do túmulo, longe demais para ver ou ouvir qualquer coisa. Lá estavam pintores, *marchands* de meia-idade, alguns funcionários do Museu de Bellas Artes, donos de loja, o farmacêutico de Lelia, dois primos de Guadalajara, que Josefina apresentou a Theodore. E havia flores por toda parte – coroas ao redor da lápide, flores trazidas nas mãos, nos braços, rosas, lírios, crisântemos e gladiólos, e grandes guirlandas de primaveras vermelhas, brancas e roxas trazidas por algumas famílias que, segundo Josefina, haviam vindo de Cuernavaca. Lá estava o pequeno José e sua família de muitos irmãos e irmãs. Um homem com cerca de sessenta anos, o bigode grisalho de pontas caídas, pressionava o chapéu contra o diafragma e parecia, aos olhos de Theodore, uma combinação de vários presidentes da França. O padre era um homem mirrado, de mãos amareladas. Seu rosto expressava uma angústia mundana. Ele discorreu interminavelmente sobre a carreira gloriosa de Lelia nas artes, interrompida sem aviso e de modo tão cruel. Talvez ele conhecesse Lelia, talvez não. Lelia não ia à igreja com grande regularidade. Josefina lançou um olhar para Theodore e balançou a cabeça lentamente, como se dissesse que o padre não era lá essas coisas, mas o que se podia fazer?

E realmente não importava, pensou Theodore. Mesmo sua proximidade com o corpo de Lelia agora não parecia importar. Ele sentia apenas a quietude e a solenidade que às vezes sentia quando entrava numa igreja ou quando ouvia música sacra. Percebeu que, por alguns momentos, deixara de pensar na pergunta que o torturava durante as últimas sessenta horas, mesmo durante o sono: quem matara Lelia? Examinou todas as pessoas que estavam à sua frente e ao seu redor, tentando ver se alguma delas lhe despertava alguma associação. Mas não viu nenhuma. Theodore ergueu os olhos para o céu e viu um *zopilote*, ou abutre, que pouco se importava com os mortos do cemitério, mas inspecionava o campo vizinho, à procura de cadáveres descobertos.

Theodore despertou um pouco de seu devaneio ao ouvir o padre jogar terra

sobre a superfície do caixão. As palavras latinas se sucediam enquanto os coveiros se lançavam ao trabalho. Por um momento, Theodore teve a impressão de que os espectadores se encolhiam a cada pá de terra, mas viu que se enganava. Continuavam impassíveis, com seus próprios pensamentos, que talvez nem fossem dirigidos a Lelia naquele momento, por mais que gostassem dela. As coroas e flores inundaram a cova recém-aberta até se tornarem mais altas do que a lápide, que aguardava ao lado seu destino permanente. Escolhida por Josefina, era uma placa quadrada de pedra quase branca, em cima da qual um anjo de joelhos estendia os braços. Tal como o padre, não era essas coisas, mas Theodore até que gostou dos braços estendidos, pois lembravam a atitude de Lelia perante a vida. Mas logo em seguida o significado do frio anjo de pedra gelou seu coração, e seus olhos se encheram de lágrimas. Olhou para o rosto condoído, mas controlado, de Ramón, e ouviu seu próprio coração, que parecia compeli-lo a agir antes que fosse tarde demais. Estupro... e mutilação. Ele estava diante do assassino – Ramón, a quem a justiça mexicana acabara de libertar, e a quem jamais puniria. Subitamente, Theodore vislumbrou os últimos e terríveis momentos de Lelia. Incitou a imaginação a reviver tudo que ela sofrera. E, com uma espécie de gozo e satisfação, ele se deixou levar por um oceano de ódio e revolta contra o assassino. Que, naquele momento, não podia ser ninguém, senão Ramón.

Olga Velásquez deu-lhe um tapinha no braço. A multidão se dispersava. A cerimônia acabara.

– Veja só o Ramón – disse Olga. – Você não vai falar com ele?

Ramón escondera o rosto entre as mãos, e Arturo, que estava a seu lado, tentava confortá-lo.

Theodore cerrou os dentes, incapaz de dar um passo. Uma mulher desconhecida tocou-lhe o braço e disse algo. Theodore caminhou em direção a seu carro, um caminho que passava por Ramón. Olga o acompanhava. Algumas pessoas o detiveram para apertar-lhe a mão, dizer-lhe o quanto lamentavam sua perda – como se Lelia fosse sua mulher, pensou ele.

– Vou lhe escrever em breve – disse o homem com bigode de morsa, apertando sua mão, e Theodore subitamente o reconheceu. Era Sanchez-Schmidt, um rico colecionador de arte e curador honorário de vários museus.

Enfim, Theodore se viu a menos de um metro de Ramón. Não queria falar com ele, mas as pessoas esperavam que falasse.

– Ramón? – disse ele.

Ramón olhou para ele com olhos molhados, opacos.

– Queria falar com os pais dela. Onde estão eles?

Automaticamente, Theodore olhou ao redor, mesmo sem saber se conseguiria reconhecê-los. Só os vira uma vez, em Veracruz.

Mas Ramón já se dirigia a um homem alto e grisalho, de sobretudo preto, e à sua mulher, bem mais baixa, que estavam cercados por outras pessoas. Theodore, depois de dirigir um olhar para Olga e os Hidalgos, que o aguardavam, foi atrás de Ramón e de Arturo Baldin. Afinal, pensou, também precisava falar com os pais dela.

– Não fui eu – Ramón sussurrava desesperadamente para o casal solene e resignado. – Não quero que pensem que fui eu.

Theodore olhou para Ramón para ver se estava bêbado, mas não estava.

– *Señora* e *señor* Ballesteros – disse Theodore, interrompendo Ramón. Apertou as mãos deles, inclinando-se diante de cada um. – Estamos todos arrasados. Quero que me considerem seu amigo. Eu gostava muito de sua filha. – Sentiu que seu espanhol não era adequado para a ocasião, que palavras tão simples talvez não fossem apropriadas. Viu lágrimas nos olhos do homem, castanho-acinzentados, embaraçosamente parecidos com os de Lelia.

– *Gracias* – disse o homem.

– Quero que saibam que sou inocente – suplicou Ramón.

– Ramón – Theodore apressou-se a dizer. – Não acho que eles...

– Eles precisam acreditar em mim! – disse Ramón, soltando-se da mão de Arturo.

– Ele está mais desesperado do que todos nós – disse Arturo gentilmente, e o pai de Lelia assentiu, obviamente querendo sair logo dali.

– Lelia gostava muito de mim – disse Ramón. – Fui acusado falsamente. Vocês sabem disso, não sabem?

– Sim, claro – disse o pai de Lelia, cujos amigos o puxavam para partir.

– Sabemos – disse a sra. Ballesteros com tristeza, como se o assassino de sua filha não tivesse a menor importância, pelo menos naquele momento, mas sim o fato de ela estar morta. Eles tinham outra filha, mas ela se casara e se mudara para a América do Sul. Lelia sempre fora a favorita do casal.

Sem se dar por satisfeito, Ramón perguntou:

– Posso visitar vocês em Veracruz?

Com um suspiro, a mãe de Lelia tentou reunir suas boas maneiras.

– Será sempre um prazer ver você, Ramón.

– E acreditam que sou inocente, não é? – Ramón perguntou novamente, agarrando o ombro do *señor* Ballesteros.

– Claro que acreditam, Ramón – disse Theodore, tentando encerrar a situação constrangedora, mas naquele momento lhe ocorreu que um homem inocente não precisava protestar tanto sua inocência, e que os Ballesteros deviam estar pensando a mesma coisa.

– Vou visitar vocês em Veracruz – disse Ramón. – *Adiós*.

– *Adiós*, Ramón – disse a sra. Ballesteros.

Ramón viu-os se afastar como se estivesse a ponto de se lançar sobre eles de novo.

A multidão se dispersara. Theodore e Arturo se viram frente a frente.

– Você está cuidando dele? – Theodore perguntou.

– *Sí*. Até onde posso. Minha mulher também. Mas ele não dorme à noite.

– Imagino que ele tenha sofrido nas mãos da polícia.

– Claro! – exclamou Arturo. – Ramón não sabe falar com a polícia. Mas eles sabem falar com ele!

Olga Velásquez e os Hidalgos estavam perto, olhando para Ramón e conversando.

– Não fui eu, se é o que estão pensando! – Ramón exclamou de repente para todos eles.

Ninguém se mexeu nem disse nada.

– Você vai para minha casa, Teo? – Josefina perguntou. Ela preparara uma pequena recepção para os parentes e alguns amigos de Lelia.

– Acho que não, Josefina, se você me perdoar – respondeu Theodore.

– Ah, desculpe. Claro que eu ia convidar Ramón, mas acho que ele não está com estado de espírito para isso. É melhor deixar para lá – disse ela com um sorriso ligeiro, e só quem a conhecia bem como Theodore percebeu a frieza em sua voz. – *Adiós*, Teo.

Theodore inclinou-se sobre a mão da senhora e depois se afastou com Olga e os Hidalgos.

– Se não foi ele, por que ele acha que todos pensam que foi? – perguntou Carlos Hidalgo com evidente aversão. – Seria melhor para ele ficar com a boca fechada.

– Carlos... – censurou-o Isabel.

– Mas não foi o que você mesma disse? – retrucou Carlos, gesticulando com a mão trêmula, que logo colocou de volta no bolso do casaco. – Até que finalmente seja levado a confessar, e confesse *de verdade*... – Carlos bufou. – Ele irrita todo mundo! Mas podem esperar. Ele lembrará de alguns fatos que vão encerrar o assunto. Ele vai confessar. Não sei o que está esperando.

– E se ele for inocente? – perguntou Olga com uma ponta de indignação.

– Ele não age como se fosse inocente. Ele a amava, e eles brigaram. É bastante compreensível o que aconteceu – disse Carlos.

Não era compreensível, pensou Theodore, e um assassinato como aquele não combinava com amor. Theodore ouvia a conversa enquanto dirigia, mas não dizia nada. O comportamento de Ramón de fato parecia suspeito, a não ser para quem o conhecia bem e sabia de sua assustadora consciência do pecado e da culpa. Theodore queria ser justo. O comportamento de Ramón em circunstâncias normais já era bastante estranho e autoflagelante do ponto de vista de uma pessoa comum. Ramón resistira a muitas tentações em sua juventude – e, para ele, a tentação em si já era um pecado. Trabalhara como mensageiro de hotel quando tinha dezesseis anos, e lhe falara uma vez, brincando, das mulheres que haviam se oferecido para ele. Era mais sério e mais honesto do que a maioria dos homens atraentes como ele, e outra coisa que Theodore admirava em Ramón era o fato de fazer pouco de sua beleza e de nunca tentar explorá-la para obter vantagens. Aos 26 anos, apaixonara-se pela primeira vez, por uma mulher que não queria se casar. Isso foi um enorme problema para Ramón. Nos anos que passou com Lelia, ele desenvolveu um ciclo de “pecado” e “redenção”, um ciclo torturante. A maioria dos homens em sua idade teria transferido seu afeto a uma mulher disposta a se casar. Ou ele poderia ter ido a Buenos Aires, onde um tio lhe prometera um emprego em sua firma. “Ele fala em ir para lá quando decide que não quer mais me ver”, Lelia dissera. “Mas ontem à noite, quando sugeri que fosse, ele ficou furioso. Às vezes ele me dá medo, Teo...” Lelia tinha contusões no braço quando contou aquilo, lembrou-se Theodore. Não conseguia esquecer.

Os Hídalgos desceram na avenida Madero – Carlos parecia precisar de um drinque –, e Theodore seguiu para casa com Olga. Ela o convidou para entrar e tomar um chá, mas ele não quis.

– Não vai tentar conversar com Ramón? – perguntou ela.

– Não sei.

– Mas acredita na inocência dele, não é, Teodoro?

– Realmente não sei, *doña* Olga. Às vezes sim, às vezes não.

– Entendo, Teo. – Ela o olhou com ar pensativo por trás do curto véu preto. Mesmo num enterro, ela conseguia ser chique. – Venha conversar comigo quando se sentir sozinho, Teo.

Theodore entrou em sua casa, que estava silenciosa. Inocenza saíra para comprar alguma coisa ou estava visitando Constancia. Não quisera ir ao enterro porque achava que dava azar, e implorou que Theodore a perdoasse.

O telefone tocou e despertou Theodore de um devaneio no sofá da sala.

– *Bueno*, Teo. É Ramón. Posso ir até aí? – Ramón perguntou com voz tensa e desesperada.

– Claro. Agora?

– Preciso visitar outras pessoas antes. Vou demorar.

– Quanto?

– Depende. Duas ou três horas.

– Tudo bem, estarei aqui.

Ramón desligou.

Theodore perguntou-se se Ramón iria querer jantar com ele, mas depois decidiu não se preocupar. Não tinha como saber a que horas ele apareceria.

Inocenza chegou com os jornais da tarde. Em ambos, havia mais de meia página com obituários dedicados a Lelia.

LELIA EUGENIA BALLESTEROS 1927-1957. Que sua alma encontre a paz eterna.

A morte de LELIA EUGENIA BALLESTEROS deixa no coração de seus muitos amigos um vazio que jamais poderá ser preenchido.

Alejandro Nuñez, padeiro, deseja à sua querida amiga LELIA BALLESTEROS uma serena transição para a eternidade.

Todos tinham embaixo cruces negras ou fileiras de cruces negras. Um pequeno retângulo expressava o pesar de Xavier Sanchez-Schmidt, o *marchand*. Outro fora publicado por uma espécie de clube em Veracruz.

A campanha tocou, e Theodore ergueu-se de um salto.

– Acho que é Ramón. Se for, pode colocar outro prato, Inocenza.

Um rapaz esperava em frente ao portão de ferro. Theodore hesitou e depois continuou a cruzar o pátio.

– Sim? – disse Theodore.

– *Buenas tardes. Señor Schiebelhut?* – disse o rapaz com um sorriso breve. – Tenho algo que acho que pertence ao senhor. – Ele indicou um saco de papel que trazia bem seguro sob o braço.

– O que é?

– Um cachecol. – Ele ergueu as sobrancelhas. – O senhor não perdeu um cachecol?

– Não – disse Theodore, sacudindo a cabeça.

– Acho que perdeu. Tente se lembrar. Foi há alguns dias.

– Não perdi nenhum cachecol. Onde o encontrou?

O rapaz pareceu desapontado.

– Aqui. – Ele umedeceu os lábios. – Aqui na calçada. É um bom cachecol. Achei que poderia ser seu. *Adiós, señor.* – Ele se voltou rapidamente e foi embora.

Mais um truque de vendedor, pensou Theodore. Se tivesse visto o cachecol, o rapaz teria dito: “Pode ficar com ele por dez pesos. Vale o dobro disso”. Theodore abriu o portão e olhou para os dois lados da rua esperando ver Ramón. Não o viu, mas o rapaz levando o saco de papel atravessava a rua perto da esquina e virou a cabeça para olhar para Theodore. Suas calças pretas, baratas e largas pendiam de seus quadris magros como as calças de um espantalho, e por um instante Theodore lembrou dos bonecos de palitinho que ele desenhava com caneta-tinteiro no final das cartas e cartões-postais que enviava a Lelia.

CAPÍTULO SETE

Ramón não aceitou um drinque e se recusou a tirar o casaco. Sentou-se na beira do sofá, segurando com força os joelhos, tremendo. Era quase meia-noite.

– Fui visitar Eduardo Parral e Carlos. Disse que era inocente, mas não sei se acreditaram em mim. Como saber se acreditam na gente? – disse ele, com voz trêmula e histérica. – E você, Teo? Acredita que sou inocente?

– Acredito, Ramón. – Theodore não sabia o que Ramón teria feito se tivesse lhe dito a verdade, ou seja, que não sabia em que acreditar. Imaginou o que Eduardo teria pensado. Eduardo era um jovem e esforçado pintor, um sujeito afável que talvez também fora apaixonado por Lelia, embora sempre tivesse se dado bem com Ramón e com ele. Theodore não conseguia imaginar Eduardo perdendo a paciência, mas o que teria achado de tantos protestos de inocência? Theodore andou até o carrinho de bebidas, serviu dois uísques e levou um para Ramón. – Isto vai lhe fazer bem. Você não bebeu nada, não é?

– Não. Não, obrigado, Teo. Nada de uísque.

– E um chá?

– Não. – Ramón esfregou as mãos nas coxas.

– O que Carlos lhe disse? – Theodore perguntou.

– Ele ouviu sem dizer nada. Depois tomou duas doses de uísque forte e me disse para calar a boca. Disse que eu estava desonrando a memória de Lelia. Imagine! Então Isabel tentou acalmá-lo e pediu desculpas, porque ele devia estar bebendo antes de eu chegar e estava fora de si quando fui embora.

– Bom... Carlos também gostava dela.

– *Dela?* – disse Ramón, rindo. – Carlos gosta de qualquer rosto bonito. Mas não tem o menor direito de me mandar calar a boca. Fui visitá-lo como amigo. Acho que vou cortá-lo da minha lista de amigos. Voltou a ser um adolescente depois que começou a dar aulas na Universidad. Não é um homem, é um menino, que depende da mulher até para limpar o nariz! E vem dizer para *eu* calar a boca!

Theodore ficou em silêncio um momento.

– Carlos também me irrita às vezes. Pena que você foi à casa dele, Ramón.

Não precisava ter ido. Eu entendo, todos entendemos, que o interrogatório da polícia perturbou muito você. Eles o acusaram e insultaram, e agora você acha que precisa convencer a todos de que não é culpado – disse Theodore, com um sorriso.

Ramón o olhou com raiva.

– E você ainda acha engraçado. Estou vendo que não está sofrendo nem um pouco. Aposto que não derramou uma lágrima por Lelia!

– Só disse que entendo como você se sente, Ramón. Arturo me disse que não está dormindo bem. Se precisar de mais soníferos, eu tenho alguns.

– Não quero sonífero nenhum.

O que ele queria?, Theodore se perguntou. Que caíssem um nos braços do outro e chorassem a perda de Lelia e tudo que ela representara para eles? Ofereceu-lhe o maço de cigarros americanos, mas Ramón sacudiu a cabeça.

– Você está na sua casa ou na de Arturo?

– Na minha. Arturo dormiu lá ontem.

Theodore estremeceu ao pensar no apartamento de Ramón no estado de espírito em que ele se encontrava. O apartamento consistia num único cômodo de pé direito alto com uma cozinha no canto. O banheiro ficava no corredor. O cômodo tinha alguns quadros alegres de Lelia, e não era melancólico quando Ramón estava de bom humor, mas as sombras se instalavam quando o humor de Ramón estava sombrio, e então se notava a vista para uma parede cinza, a luz horrível no teto e a gasta mobília de segunda mão.

– Você não está nem um pouco abalado, não é? – insistiu Ramón, exalando pelo nariz a fumaça do pequeno cigarro Carmencita.

– Tem coisas que não mostramos para os outros, Ramón – respondeu Theodore, colocando-se em guarda.

– “Outros”? Você dizia que eu era seu melhor amigo.

– Ainda considero você meu amigo. Espero que o advogado tenha sido útil.

– O advogado? Sim, claro. Ficou sentado esperando até eles me deixarem em paz.

– Mas você não ficou lá muito tempo, afinal.

Ramón o olhou através das pálpebras inchadas, um sorriso amargo nos lábios.

Theodore procurou algo para dizer que abrandasse a hostilidade no rosto

de Ramón. Ele está com medo, pensou Theodore. Por isso andava pela cidade protestando sua inocência a todos. Estava com medo porque, nas muitas vezes que se irritara com Lelia, devia ter imaginado fazer com ela justamente o que o assassino fizera – ou talvez o que ele mesmo fizera. Theodore queria perguntar-lhe calmamente, enquanto ainda conseguia olhar para ele, se fora ele o assassino, mas o medo o impediu. Theodore olhou para as escadas. Inocenza esperara durante algum tempo para ver Ramón, mas finalmente fora para o quarto, e agora devia estar dormindo.

– Fico feliz por não estar sofrendo, Don Teodoro. Nunca quis se casar com Lelia, não é?

– Eu nunca quis me casar com ninguém. Isso não significa que eu não amava Lelia – Theodore replicou.

– Ela era apenas uma mulher interessante que você conheceu durante suas viagens. Uma linda latina com talento para pintura.

– Lelia era mais do que isso para mim. Você não sabe o que está dizendo.

O tremor de Ramón arrefecera, embora ele não tivesse encostado no copo.

– Talvez você a imagine ainda mais real agora que ela morreu. Sempre diz que tudo só existe na nossa mente. Você não é como a gente, Teo.

Theodore não queria entrar numa discussão sobre a consciência católica *versus* a consciência protestante, ou, o que era pior, a consciência católica *versus* a “consciência existencialista”, que, para Ramón, era o mesmo que não ter consciência. Só porque ele não se torturava, como o amigo, por ter um romance fora dos laços do matrimônio!

– Sempre se afastando dela para viajar... – Ramón continuou, como se falasse consigo mesmo.

– Muitas vezes com vocês dois. Eu também estava apaixonado por ela, Ramón.

– Acredito, Teo. Mas era um tipo estranho de amor. Você insistia comigo para que casasse com ela, e com ela para que casasse comigo. Lembra?

– Mas isso foi quando eu tinha acabado de conhecer vocês dois, Ramón. Antes de eu perceber que Lelia não queria se casar. Eu me considerava um intruso naquela época. Não compreendia. E peço desculpas por ter invadido a privacidade de vocês sugerindo que se casassem. Não era da minha conta.

– Não era mesmo. Mas você *queria* que a gente se casasse, não é? – Ramón perguntou, apontando-lhe o dedo.

– Achei que vocês combinavam e que estavam apaixonados.

Theodore olhou para o copo de uísque, que segurava como se estivesse paralisado. Sentiu que corava. Era como se Ramón tivesse desvendado uma fantasia íntima, tola e romântica. Mostrando-se favorável ao casamento deles, Theodore costumava imaginar que “venceria” a situação, e que, afastando-se de Lelia, ela continuaria lembrando dele sem as marcas que o casamento traria. Costumava imaginar que, se Lelia escolhesse Ramón, acabaria não gostando tanto de Ramón como teria gostado dele próprio como marido. E o adágio cristão “é dando que se recebe” também tivera sua parte, é claro. Em todos esses sentidos, Theodore se imaginara “vencendo”. Teria sofrido se eles se tivessem se casado, mas, de um modo perverso, provavelmente teria encontrado prazer nesse sofrimento.

O relógio francês sobre a lareira deu doze badaladas fracas.

– Por que nunca pediu Lelia em casamento, Teo? Ela podia ter aceitado.

– Por dois motivos. Primeiro, não queria magoar você. Segundo, tenho dúvidas se conseguiria ser fiel... a uma esposa. Eu costumava me apaixonar todos os meses quando era mais jovem, dependendo do trabalho que estava fazendo. Um novo quadro, um novo estilo sempre vinham acompanhados de uma nova namorada. Algo parecido poderia ter acontecido se eu me casasse com Lelia. Mesmo assim, continuei apaixonado por ela durante três anos. Foi bom para nós dois, acho eu. – Ele franziu a testa e virou o uísque de um só gole. – Não quero falar disso agora. Estou cansado, Ramón, e você também.

Ramón se ergueu subitamente.

– Então, não vou tomar mais seu tempo. Estamos cansados. Vamos para nossas caminhas.

Ramón se ergueu e o olhou de cima, ainda com o desprezo que irritava e ao mesmo tempo magoava Theodore.

– Ramón, digamos que você a amou mais, amou-a durante mais tempo, e que teria sido um bom marido para ela. Mas eu também a amava. – Ele pôs a mão no ombro de Ramón, esperando que ele o repelisse. Como ele continuou imóvel, apertou-lhe o ombro. – Meu amigo, lamento que não tenha sido possível.

– O quê? – perguntou Ramón com impaciência.

Theodore afastou a mão.

– Quer que eu acompanhe você até a rua? Quer chamar um *libre*?

– Obrigado. Vou andar um pouco.

Theodore saiu e abriu o portão para ele. Ia dizer que Inocenza mandava

lembranças, mas achou melhor não.

– Tente descansar, Ramón.

– Sim, claro – esgardeceu Ramón, e desapareceu na escuridão.

CAPÍTULO OITO

Uma semana se passou. Sauzas telefonou para Theodore uma tarde e lhe pediu para ir à prisão ver seis “suspeitos” que ele havia recolhido. Theodore nunca vira nenhum dos homens, que se lembrasse, embora um deles, uma criatura miserável e escrofulosa de 35 anos, tivesse cometido outro brutal assassinato precedido de estupro.

Theodore tentou pintar, mas o fez tão mal que decidiu parar. Como costumava lhe acontecer, estava sofrendo uma reação retardada, e sentiu-se mais deprimido na terceira semana depois do crime do que na primeira. Dormia mal, e acordava muitas vezes durante a noite para anotar algo em seu diário ou ler o que escrevera no passado. Procurou nomes de pessoas que Lelia podia ter mencionado em alguma conversa, mas não encontrou nenhum, porque ele não costumava registrar esse tipo de detalhe em seu diário.

Telefonou para os Hidalgos certa noite pensando em lhes fazer uma visita. Carlos atendeu e disse que teria de trabalhar a noite toda.

– E amanhã? – Theodore perguntou. – Vocês querem vir jantar comigo?

– Estou ocupado a semana toda – disse Carlos. – Eu ligo para você na semana...

– Quero lhe perguntar uma coisa, Carlos. Você não se lembrou de mais nada? A respeito de Lelia, estou dizendo. Ela mencionou algum nome, algum temor... qualquer coisa?

– Teo, estou tão perdido quanto você.

– Pelo menos você estava aqui em janeiro, e eu não estava.

– Mas não encontrei com ela.

– Nem quando ela fez os cenários de *Lisístrata* para você?

– Um cenário. Não foi nada de mais. Ela foi até a Universidad um dia... – Carlos se interrompeu.

– Tudo bem – disse Theodore, com um suspiro.

Combinaram de se falar na semana seguinte.

Para agravar seu nervosismo, duas ou três vezes Theodore atendeu o telefone mas não obteve nenhuma resposta do outro lado da linha. Mencionou o fato a Sauzas, que mostrou um interesse superficial mas

insistente. Theodore ouvira algum barulho de fundo? Quem desligara primeiro? Fora Theodore, mas na segunda vez ele pensava ter esperado cerca de três minutos. Por que não esperara mais? Ora, não havia motivo para esperar mais! Afinal, os telefonemas podiam não ter nenhuma relação com o crime. Não podia ter sido Ramón? Ele vinha agindo de modo muito estranho. Parara de trabalhar e ficava em casa o dia todo, ou então percorria a cidade, procurando conhecidos de Theodore ou de Lelia para lhes afirmar sua inocência. Sauzas vigiava-o de perto.

Theodore imaginava que pudesse ser Elissa Straeter, porque ela já fizera aquele jogo algumas vezes antes, voltando a ligar momentos depois e falando com ele. Isso só acontecia quando ela bebia. Vez por outra, quando se encontravam numa festa, ela flertava com ele, dizendo-lhe que era o único homem no México que a atraía, mas Theodore sentia aversão por ela, e sempre sentira. Como fora um pouco rude quando ela ligara para lhe dar os pêsames após a morte de Lelia e para convidá-lo para uma festa, ele achou que aquela podia ser sua forma de revidar. Ou podia estar bêbada demais para dizer uma palavra. Numa das vezes, Theodore dissera, “Elissa?... Elissa?...”, mas, sentindo-se ridículo, desligara. Seria difícil explicar para Sauzas, talvez, mas Theodore tinha certeza absoluta de que Elissa Straeter não matara Lelia nem contratara alguém para matá-la. Pertencia a uma das “boas” famílias americanas, e a educação e os bons modos haviam sido tão profundamente instilados nela que faziam parte do seu sangue, junto com o álcool. “Mas é claro” e “Obrigada” eram suas palavras mais freqüentes. Certa vez ele vira alguém derramar, sem querer, um drinque no vestido de Elissa, e ela dissera, com voz bêbada e educada, “Ah, queira me desculpar...”. Theodore não queria que Sauzas mudasse o rumo da investigação achando que Elissa tinha um motivo para cometer o crime porque o amava, e não disse nada ao capitão. Ela era daquelas mulheres, não a primeira na vida de Theodore, cujas atenções causavam constrangimento. Todo homem, até o mais feio, provavelmente tinha mulheres assim, pensou Theodore, tal era a variedade do condicionamento sexual.

Certa manhã, quando Theodore estava em seu ateliê tentando trabalhar, Inocenza entrou com a correspondência. Havia uma conta do advogado Castillo, um boletim do Instituto de Arte de San Miguel de Allende e um cartão-postal que mostrava a foto de um aeroporto com uma bandeira americana hasteada no hangar. Theodore virou-o e leu:

Segunda-feira

Amados míos,

Estou pintando e me divertindo com Inês, que está me mostrando a Flórida de carro. O lugar é lindo, e o clima, delicioso. Volto em duas semanas. Beijos para o dois, da sua Lelia.

O carimbo postal era de Tampa, Flórida, e a data, 18 de fevereiro. Inés era uma prima de Lelia, que se casara com um americano e morava em Orlando.

– O que foi? – perguntou Inocenza, que o observava.

Theodore sacudiu a cabeça, confuso demais para dizer uma palavra.

– Uma brincadeira.... – murmurou ele afinal. Entregou o cartão à empregada. Inocenza não lia com muita fluência, mas o cartão estava datilografado em espanhol. E, curiosamente, era o tipo de coisa que Lelia poderia ter escrito, exceto que provavelmente teria assinado com um “L” a caneta e acrescentado alguns “X”.

– É da *señorita* Lelia?

– Foi escrito há apenas uma semana, Inocenza! E enviado dos Estados Unidos!

– Minha mãe do céu! Foi o espírito dela! – exclamou Inocenza, e apertou a boca com a mão enquanto tentava se convencer de que aquilo não podia ser verdade.

– Não, é uma brincadeira de mau gosto – retorquiu Theodore, irritado, dirigindo-se para o telefone do quarto.

Não conseguiu encontrar Sauzas, mas disse com firmeza que era “*muy, muy importante*”. Disseram-lhe que o capitão, que estava num carro de polícia, seria chamado pelo rádio. Theodore deu voltas pelo quarto, olhando o cartão-postal e imaginando se seria possível encontrar a máquina de escrever, e se era uma máquina espanhola, porque estava faltando um *tilde* sobre uma letra n. Ou o espertinho podia não ter acentuado para que o cartão parecesse ter sido escrito numa máquina de escrever americana. Mas Theodore sentia que a pessoa que o escrevera estava na capital do México. Era alguém que queria observar sua reação.

Carlos Hidalgo? Uma de suas travessuras fora convidar os amigos para uma festa no endereço errado – mais tarde, morrendo de rir, ele os buscara e levara para o endereço certo, seu novo apartamento –, mas Theodore não

acreditava que Carlos fosse capaz de algo tão baixo.

Sauzas telefonou quinze minutos depois, e Theodore leu o cartão-postal para ele.

– Tem alguma idéia de quem o mandou?

– *Absolutamente no!*

– Hum – fez Sauzas pensativamente. – *Señor Schiebelhut*, estou bem perto da casa de Ramón Otero. Pode encontrar comigo lá daqui a alguns minutos?

– Bom... posso. Na casa dele?

– Na rua. Na esquina à direita da porta, para quem entra. Daqui a dez minutos. Pode ser?

– Posso demorar quinze, mas irei o mais rápido que puder.

– Com o cartão, é claro!

CAPÍTULO NOVE

Sauzas estava na esquina quando Theodore chegou. Inquieto, andava de um lado para outro e fumava. Theodore saiu do *libre* – teria ido de carro, mas era impossível estacionar lá – e atravessou a rua, desviando-se dos ciclistas e dos caminhões porque estava contra a luz. Tirou o cartão-postal, que guardara cuidadosamente no bolso interno do paletó.

– *Buenas* – Sauzas disse casualmente. Olhou o cartão de perto e virou-o para o outro lado. Depois, tirou o cigarro da boca e cheirou o cartão.

– Conhece alguém que está na Flórida agora?

– Não. Lelia tem uma prima lá, Inés Jackson, que mora em Orlando. Eu não a conheço. Seu nome saiu nos obituários, na lista dos parentes.

– Hum. E Lelia se dava bem com ela?

– Sim, até onde sei. Não eram muito chegadas, mas...

– Certo, *vamonos* – disse Sauzas, e, com seu andar descontraído, dirigiu-se ao prédio de Ramón.

A porta estreita do prédio estava aberta, e duas meninas descalças brincavam com peões no sujo piso de ladrilhos. Sauzas apertou a campainha sob o nome de Ramón, mas Theodore lembrou que a campainha nunca funcionava, e eles começaram a subir as escadas. No primeiro andar, uma passagem levava a uma escada mais ampla, que continuava por mais três lances. Percorreram o corredor até uma porta alta e cinza e bateram.

Ninguém respondeu.

– Ramón! É melhor abrir! É o capitão Sauzas!

Ouviram pés calçados com chinelos se aproximarem da porta. A porta se abriu, e Ramón, com aspecto abatido e a barba por fazer, mostrou-se um pouco surpreso ao ver Theodore. Estava de pijama largo, listrado de rosa. Sauzas empurrou a porta e entrou.

Ramón evidentemente estivera deitado. As roupas de cama estavam desarrumadas, e havia um cinzeiro na cama e outro no chão ao lado. Suas calças estavam atiradas sobre uma cadeira. O cômodo tinha um teto absurdamente alto – como tantos outros apartamentos naquele bairro, era uma divisão de uma enorme câmara governamental, outrora elegante. Num canto perto da pequena cozinha, o periquito azul-claro de Ramón tentava

incansavelmente erguer a porta da gaiola, que a cada vez voltava a cair com um som metálico e irregular. Theodore não suportava ver aquilo.

– Trouxemos um cartão-postal interessante – disse Sauzas. – Quer ver?

Ramón sentou na cama desarrumada. Pegou o cartão e franziu a testa enquanto lia.

– Quem escreveu isto?

– Não sabemos. Queríamos perguntar se você sabe de algo a respeito.

Ramón lançou um olhar acusador a Theodore.

– Foi um de seus amigos americanos?

– Ele disse que não conhece ninguém na Flórida. Veja a data, 18 de fevereiro. Não conhece ninguém que pode ter pregado essa peça, Ramón? Se descobirmos quem foi, podemos achar o assassino – disse Sauzas.

Ramón olhou fixamente para o chão, depois fechou com força os olhos injetados e deixou-se cair para o lado, deitando no travesseiro. Ele emagrecera, notou Theodore olhando para o rosto e os ombros do amigo. Estava chocado com sua aparência.

– Ramón, sente-se! – Sauzas avançou sobre ele, e Theodore virou de costas, incapaz de impedir e incapaz de ver o que aconteceria.

Theodore ouviu o som de um tapa. Sobre uma mesinha de dobrar, debaixo de uma imagem em mosaico russo de Jesus crucificado, havia um instantâneo de Lelia de maiô em Acapulco. Theodore mal se lembrava de ter visto a foto antes. Estava gasta e curva, como se Ramón a tivesse levado na carteira. Cristo parecia olhar diretamente para ela.

– Ramón! Você conhece alguém que estava indo para a Flórida?

Theodore virou-se ao ouvir Sauzas suspirar. O capitão olhou para ele e abriu os braços num gesto de impotência.

– Ele está assim há duas semanas. Precisaria arrancar seus dentes até para que ele me dissesse que dia é hoje. Não que ele saiba. – Sauzas tirou o chapéu e o jogou no assento de uma cadeira. – Ramón, você vai nos ajudar a encontrar o assassino ou não?

– Fui eu que matei Lelia – disse Ramón contra o travesseiro.

– O quê? Você a matou? – Sauzas avançou para Ramón. – Foi você, então, Ramón?

– Fui.

– Conte como foi. Onde está a faca?

– Atrás do fogão – Ramon murmurou.

Sauzas o ergueu brutalmente pelo ombro.

– Que fogão? O dela?

– Sim.

Theodore sentiu a garganta doer e percebeu que parara de respirar.

– Ramón, seu cachorro! – Lançou-se sobre Ramón, mas Sauzas o deteve com o braço.

– A gente ainda não sabe, *señor* Schiebelhut – disse ele. – É cedo para brigar. Preciso fazer um telefonema.

Ramón olhou para Theodore, os olhos vermelhos e desafiadores.

– Ramal 847 – disse Sauzas. – *Bueno*, Enrique?... Enrique, por favor. – Ele pegou um cigarro e uma caixa de fósforos e acendeu o cigarro com uma só mão.

De repente, Theodore se sentiu enojado demais para bater ou tocar em Ramón. Era como se ele já estivesse morto, pensou. Morrera nas três semanas desde o assassinato.

– *Bueno*, Enrique. Ramón Otero disse que tem uma faca atrás do fogão do apartamento de Lelia Ballesteros... *Sí!* – exclamou Sauzas, com alvoroço. – Agora mesmo! Estou no apartamento dele. Você tem o telefone? ...Sim, o mais rápido possível! – Ele desligou e olhou para os dois, sorrindo enquanto se aproximava. – Então, vai falar agora, Ramón? Diga, como aconteceu?

Ramón suspirou e, tremendo, apoiou a testa nas mãos.

– Tivemos uma briga.

– É mesmo? Por quê?

– Eu queria que ela... fosse comigo.

– Para onde?

Ramón hesitou alguns segundos.

– Eu queria que ela casasse comigo.

– E ela disse não? Disse que estava apaixonada por Theodore?

– Não – disse Ramón com firmeza. – Mas disse que não queria casar comigo. E então eu... eu matei ela. Isso mesmo, matei. – Ramón olhava para frente, as mãos sobre os joelhos, as costas curvas como as de um velho. – Matei a facadas – acrescentou num sussurro.

– E depois? – perguntou Sauzas, escutando com atenção.

– A facadas – Ramón repetiu.

Sauzas o olhou com atenção.

– E você levou as flores?

– Não lembro. Acho que saí para comprar as flores... e depois voltei. Lembro que depois saí e tranquei a porta.

– As flores foram compradas entre dez e meia e onze e meia. Você comprou depois do crime? – Sauzas quis saber.

– Isso mesmo – disse Ramón. – Tenho certeza, porque...

– Continue, Ramón.

Mas Ramón não continuou. Seu olhar estava fixo, como se esperasse que algo surgisse do ar à sua frente. Teria dado tempo perfeitamente, pensou Theodore, se ele tivesse comprado as flores depois de matar Lelia. E era próprio de Ramón fazer algo loucamente cínico, como comprar flores depois de um ato tão monstruoso e deixá-las sobre a mesa.

Sauzas andava de um lado para outro da sala.

Theodore, esperando com impaciência que o telefone tocasse, andou até a cozinha, um cubículo sem repartição composto de uma pia e um conjunto de fogão de duas bocas e frigobar. Sobre o fogãozinho havia uma tigela com uma colher e um resto de sopa de tomate endurecida e escurecendo nas bordas. Na pia estava a lata de sopa Campbell's com a tampa dentada erguida. E, pregado sobre a pia, estava o desenho que Lelia fizera de Ramón lavando a louça, sorrindo para ela – um belo rosto masculino, com uma cabeleira negra brilhante – e espalhando água para todo lado. Theodore ouviu os passos de Sauzas e voltou-se.

Sauzas olhava para o periquito.

O pássaro movia-se mais lentamente agora, esforçando-se como nunca para apoiar as duas garrinhas em duas das escorregadias barras verticais enquanto erguia a porta com o bico. Conseguia levantar a porta quase oito centímetros, o bastante para poder sair se estivesse na parte de baixo da gaiola, mas, assim que tentava descer, tinha que soltar a porta com o bico e se agarrar à outra barra, e a porta se fechava de novo com um som metálico. E o periquito voltava à estaca zero, apoiando energicamente as garras para levantar a porta. Theodore virou-se bruscamente, irritado por ter assistido à cena. Que também era ambígua – o pássaro estaria mesmo tentando sair ou seria a porta apenas seu brinquedo favorito? A ambigüidade era o segredo da vida, a chave do universo. Por que Ramón matara Lelia? Porque a amava. Theodore teve a triste premonição de que nunca deixaria de odiar Ramón pelo que fizera.

– Uma persistência tão grande deveria ser recompensada. – Sauzas

inclinou-se mais para a gaiola, e Theodore voltou a olhar.

Clang... clang-clang. Uma pausa de vários segundos enquanto o pássaro recuperava as forças ou forçava o pequeno cérebro a inventar um método melhor de se apoiar. Depois... *clang-clang.*

O telefone tocou, e Sauzas correu para atendê-lo.

– Ha-hã... ha-hã – fez ele, com a cabeça envolta em fumaça. – Ótimo, ótimo. Bom, faz sentido. Ele a lavou. – Desviou os olhos lentamente para Ramón, que continuava olhando fixamente para frente. – Isso mesmo, na delegacia. – Sauzas desligou, franziu a testa enquanto dava outra tragada no cigarro e disse a Theodore: – A faca estava lá. Tiveram de retirar o fogão. Estava presa atrás. E encontraram a digital do polegar dele na faca. – Olhou para Ramón. – Você a lavou, não foi?

– Foi – disse Ramón, assentindo com a cabeça.

– Muito bem, Ramón. Vista-se. Você vai para a prisão e, desta vez, não vai sair tão cedo.

Ramón ergueu-se lentamente e andou em direção ao armário.

– Que tipo de faca? – perguntou Theodore.

– Uma faca da cozinha. A lâmina corresponde aos cortes recebidos. Enrique disse que é uma faca grande e que foi bastante amolada – disse Sauzas, ainda olhando para Ramón.

Theodore de repente se lembrou da faca. Parecia uma faca de açougueiro, e a lâmina afilava até formar uma ponta. Sempre estivera na cozinha de Lelia. Theodore olhou para Ramón, que se movia lentamente em frente ao armário aberto. O que fariam com um tal homem? Que castigo seria justo? Deviam fazer com ele o que fizera com Lelia. Em vez do estupro, castração.

– Pode deixar ele com a gente – Sauzas disse a Theodore, como se lesse seus pensamentos.

Ramón vestira uma camiseta branca e, por cima, seu paletó azul claro. Usava calças escuras. Parecia que se vestira dormindo. E assim ele se aproximou deles. Sauzas puxou-o pelo braço em direção à porta.

Theodore olhou para o pássaro. Em seguida, tirou a gaiola do gancho. Levou também o pano verde que Ramón usava para cobrir a gaiola e uma caixa de alpiste. Ignorando o sorriso de Sauzas, saiu atrás deles.

No corredor, Ramón virou na direção oposta à das escadas.

– Ramón! – gritou Sauzas.

– Ele vai ao banheiro – disse Theodore, mas mesmo assim Sauzas o

seguiu, desconfiado.

Ramón entrou por uma porta estreita.

– Tem janela lá dentro? – perguntou Sauzas, inquieto.

– Acho que não.

– Se tiver, ele vai morrer se pular dessa altura – disse o capitão, erguendo as sobancelhas pretas com indiferença.

Esperaram, e finalmente, do pequeno banheiro, que Theodore sabia ser escuro, sem papel e muitas vezes sem água, veio um som de descarga torrencial e prolongado. Depois Ramón saiu, e eles prosseguiram, primeiro Ramón, depois Sauzas e por último Theodore. Ramón parecia não notar que Theodore levava seu pássaro.

– Quero ir à Catedral – disse Ramón na calçada.

– À Catedral? No Zócalo?

– Só um segundo. Não é longe.

Sauzas pareceu contrariado, mas Theodore notou que sua mente católica cedia.

– Tudo bem. Mas não demore a noite toda. E não tente nenhuma gracinha lá dentro, entendeu?

Começaram a andar. Depois de apenas meia quadra, avistaram as torres amareladas da Catedral do México contra o céu. Os quarteirões do bairro de Ramón eram enormes, quadrados e melancólicos, a melancolia de uma grandiosidade que se reduzira a lojinhas ordinárias e prédios dilapidados. Uma velha descalça, cujo rosto parecia o de um macaco enrugado, interceptou-lhes o caminho e pediu, pelo amor de Deus, alguns centavos. Seus dedos, curvos como garras, largaram o paletó de Ramón e pegaram o de Theodore. Nervoso, Theodore recuou como se uma cobra o tivesse atacado, e, rapidamente, meteu a mão no bolso, tirou algumas moedas soltas e as colocou na mão enrugada da mulher. Ramón desceu da calçada e se colocou diretamente no caminho de um *libre* que dobrava a esquina a grande velocidade, e Theodore, involuntariamente, puxou-o de volta pelo braço.

Theodore sentiu o suor cobrir seu corpo. Furioso consigo mesmo por ter salvado Ramón, ele disse, cerrando os dentes:

– Você ainda tem coragem de ir à sua igreja depois do que fez!

Ramón o olhou com ressentimento e medo, mas não disse nada.

Uma fileira de lâmpadas de alguma *fiesta* ou dia santo ainda acompanhava os contornos das cúpulas e torres na fachada da Catedral, brancas e coloridas,

pendendo em emaranhados de fios elétricos. A frente da Catedral era bonita, com entalhes e ornamentos curtidos pelo tempo e pela chuva, marcada por buracos de balas, suavizada por uma branda tonalidade amarela. Na frente dos portões, um pipoqueiro estacionara seu carrinho. Crianças brincavam com piões e homens vadiavam no pátio, fumando e conversando, comprando chicletes e doces dos meninos que os vendiam. Seis ou oito mulheres e meninas, com lenços coloridos amarrados sob o queixo, saíram da Catedral no momento em que eles entravam. As moças tagarelavam.

– Vamos ao Café Tacuba!

– Não, lá é muito cheio!

– Mas o chocolate é tão bom! E os *waffles*!

– Dolores, olhe! Meu salto caiu!

Uma cascata de risos.

Dentro da Catedral, o caos era quase o mesmo. Parecia estar acontecendo uma missa na nave central. Aqui e ali, pessoas rezavam ou dormiam nos bancos escuros. Um grupo de turistas, cujas roupas novas se destacavam no cinza geral, desciam por um dos largos corredores laterais atrás de um homem que apontava para cima. Theodore olhou para a cúpula cinzenta que se estreitava no alto, agora iluminada por um círculo de luzes amareladas. A altura da cúpula e o cheiro do lugar deixaram-no um pouco nauseado.

Ramón se instalara de joelhos diante de um nicho escuro, talvez especial para ele, porque alguns dos outros nichos, com imagens de santos, estavam iluminados. Sauzas sentou-se na ponta de um banco a cerca de três metros dele, e Theodore sentou-se do outro lado do corredor. Imaginou se Ramón estava confessando seu crime naquele momento ou se recitava mecanicamente alguma oração sem sentido. O cheiro da Catedral irritava Theodore – de velas e incenso, o cheiro rançoso e vulgar de uma tumba, sem sequer a vantagem do frescor e da privacidade, o cheiro de tecidos velhos e madeira velha, o odor adocicado das cédulas de peso amassadas e suadas, e, acentuando e unindo tudo isso, o cheiro de corpos e hálitos humanos. Theodore imaginava que Ramón reagia como o cão de Pavlov a esse peculiar cheiro e suas variações em outras igrejas. *Purifique-se. Ajoelhe-se. Persigne-se. Ande devagar. Este é um local santo. O ar é o mesmo há quatrocentos anos* – ou seja qual fosse a idade da igreja. Aquela Catedral tinha quase quatrocentos anos. E era ali que ele depositava a barbaridade que cometera! E ainda com a certeza cega de que algum ser invisível, mas todo-poderoso, iria

perdoá-lo!

Theodore se consumia no duro banco de madeira. Os pecados de Ramón só diferiam em grau, afinal de contas. Tinha gente que entrava ali planejando furtar. Uma placa na porta alertava em espanhol e em inglês contra batedores de carteira dentro da Catedral. Era impossível não pensar em dinheiro ali. Havia caixas para donativos em toda parte, cujas plaquetas pediam dinheiro para as crianças, para os pobres, para a manutenção da igreja. Cada uma tinha um grande cadeado, para impedir que aqueles mesmos pobres levassem o que era seu de direito. Seus pensamentos desconexos o agitavam, abrasando suas faces, esquentando seu sangue, como se seu corpo estivesse se preparando para lutar, ou já estivesse lutando.

Uma dúzia de homens de túnicas brancas no centro da Catedral recitava em latim, murmurando rapidamente depois do líder, como se estivessem com pressa.

Ramón de repente se persignou e se ergueu. Andou em direção a eles no corredor, mas parecia que não os via. Sauzas pegou-o pelo braço. Na frente da Catedral, Ramón se voltou, dobrou os joelhos e fez o sinal-da-cruz.

– Você se confessou para aquele santo, Ramón? – Sauzas perguntou enquanto cruzavam o pátio.

– Sim.

– Confessou o assassinato?

– Confessei – disse Ramón. Andava com a cabeça erguida, mas seus olhos se dirigiam – ao que parecia, cegamente, porque tinham que tirá-lo do caminho de outras pessoas – para algum lugar adiante dele na rua.

Sauzas chamou um *libre* na esquina.

Ramón entrou primeiro. Apesar de toda sua beleza, pensou Theodore, Ramón agora parecia mais um assassino daqueles que aparecem na primeira página dos tablóides. Theodore lembrou-se de quando pensara ver algo nobre e honesto nos olhos de Ramón, algo que nunca mudaria.

– Você não quer ir? – Sauzas perguntou a Theodore. – Pode ir, se quiser.

– Não – disse Theodore.

CAPÍTULO DEZ

A confissão de Ramón foi estampada nos jornais *Excelsior* e *El Universal*, que Inocenza comprou na manhã seguinte. Theodore lhe contara que Ramón havia confessado, e a empregada não acreditou, mas a foto de Ramón na delegacia, segurando a faca de cozinha sobre as mãos abertas, aparentemente a convenceu. Inocenza começou a chorar e, pela primeira vez na presença de Theodore, sentou-se numa cadeira da sala e curvou a cabeça.

Na fotografia na terceira página do *Excelsior*, Ramón olhava para a câmera com ar obstinado e abatido – como qualquer assassino. Não pegaria pena de morte, infelizmente, mas ficaria no mínimo quinze anos preso, calculou Theodore, talvez em alguma cela fétida e miserável. E talvez a consciência de Ramón o punisse com mais rigor do que a morte.

Naquela tarde, Theodore recebeu outro telefonema mudo e misterioso.

– Elissa? – perguntou. – Elissa, se é você, pode dizer.

Ele pensou ouvir um suspiro, mas não tinha certeza. E como saber se um suspiro era masculino ou feminino? Apurou o ouvido tentando captar qualquer ruído de fundo, depois desligou com raiva.

Ligou para Sauzas, pediu o ramal 847 e, depois de esperar cerca de cinco minutos, o capitão atendeu.

– *Bueno*. Teodoro Schiebelhut. Acabei de receber outro telefonema mudo. Achei melhor avisar, porque no mínimo sabemos que não é Ramón.

– Hum – fez Sauzas, absorto.

Depois disso, Theodore não soube o que dizer.

– O que vai acontecer com Ramón? – perguntou.

– Acontecer? Se for culpado, vai pegar vinte anos.

– *Se?*

– Ele é um sujeito esquisito. Acho que é culpado, sim, mas agora está dizendo que foi ele que mandou o cartão-postal. Isso não dá para acreditar – resmungou Sauzas, incerto.

– Isso não faz muita diferença, não é? Ele deve achar que, já que confessou o crime, deve confessar tudo.

– Sim, mas não estou totalmente seguro. Vou pedir um exame psiquiátrico.

– Se o considerarem louco, não é verdade – Theodore se apressou a dizer.
– Ele tem acessos de raiva, de dores de cabeça, mas não é louco.

– Veremos, *señor* Schiebelhut – interrompeu Sauzas. – O senhor está nervoso? Quer que eu mande um guarda para sua casa?

– Ora, não – protestou Theodore. – Por quê?

– Por nada. Só estou pensando no seu bem. Seria fácil conseguir isso, mas se não acha necessário...

Theodore sentiu-se muito contrariado com a conversa depois que desligou. Claro que era fácil conseguir guardas no México, principalmente para os ricos, mas Theodore não estava acostumado a um sistema em que precisava decidir se queria um guarda ou não. A polícia devia decidir se era necessário um guarda, e, se fosse, simplesmente mandá-lo.

Era a dúvida de Sauzas que mais o enervava. “...não estou totalmente seguro...” E psiquiatras! Bom, a polícia estava sendo cautelosa. A justiça seria feita, mesmo no México. As digitais de Ramón estavam na faca, afinal de contas!

Recebeu outros telefonemas. De Isabel Hidalgo, de Olga, a vizinha – mas não de Elissa Straeter, que provavelmente só acordava de tarde e ainda não lera os jornais.

– Foi uma surpresa terrível – disse Theodore no telefone. – Não... Claro que eu não imaginava que fosse ele...

Mas é claro que imaginara, desde o começo.

Depois, à tarde, o advogado Castillo ligou. Perguntou se Theodore queria voltar a contratar seus serviços para Ramón Otero.

– Acho que agora não. Ele vai receber um advogado – disse Theodore.

– É muito estranho. Eu realmente achei que ele fosse inocente. Mas todos nós podemos nos enganar, *verdad*?

– Sim, evidentemente – disse Theodore.

– Evidentemente. Mas agora ele vai precisar de um advogado muito bom para sair dessa com uma sentença menor.

– Isso não me diz mais respeito, *señor*.

– Entendo, *señor*. Nesse caso, saudações e *adiós*.

– *Adiós*.

Castillo podia até ser um bom advogado, mas Ramón certamente não podia arcar com seus serviços. Theodore sorriu com amargura ao pensar que contratara Castillo para o pobre Ramón fazia apenas três semanas. Pobre

Ramón! Era ainda mais penoso lembrar que ele considerara Ramón seu melhor amigo. Apesar das diferenças de temperamento – um latino, outro anglo-saxão, um do sul, outro do norte, as diferenças de educação, formação, religião, tudo – ele tivera por Ramón um sentimento fraternal. Nunca sentira ciúmes de Lelia por causa dele, nem ele se mostrara ciumento por sua causa. E podia não ter havido nenhuma razão lógica para Ramón tê-la matado. Podia ter sido totalmente impensado, resultado de um violento acesso de raiva.

Esse pensamento atenuou parte da mágoa contra Ramón, deixando apenas um tremendo pesar por um momento de raiva ter-lhe tirado tanto a mulher que amava como seu amigo.

Nos dias seguintes, Theodore examinou os jornais em busca de notícias das investigações sobre Ramón, mas diziam apenas que “prosseguiam” e que os psiquiatras faziam testes, mas não se duvidavam ou não de sua culpa. No segundo dia da prisão de Ramón, Theodore tentou falar com Sauzas, mas não conseguiu. Disse que gostaria que o capitão ligasse para ele, mas o homem com quem falou respondeu com indiferença, e Theodore duvidou que Sauzas receberia o recado.

Theodore tentou pintar um retrato de Inocenza, o segundo que ele tentava pintar, e não achou o resultado nem muito bom nem muito ruim, o que o irritou mais do que um fracasso total. Não conseguia parar de pensar em Ramón, e seu estado de espírito combinava ódio e apreensão. Chegou a imaginar que a polícia libertaria Ramón. E então, o que aconteceria? Theodore compreendeu que seu bloqueio artístico se devia ao fato de não acreditar na inocência de Ramón, não importava o que a polícia dissesse. Se a polícia o considerasse culpado, mas mentalmente desequilibrado, ele também não ficaria satisfeito, mas aquilo ainda não acontecera. Era possível que Ramón fosse declarado culpado e lúcido o bastante para ser responsável por seu ato.

Foi visitar Olga Velásquez. Ela o saudou superficialmente, tagarelando sobre sua festa de Carnaval e a decoração da casa e do jardim.

– Prometa que virá, Teodoro. Sei que ainda está deprimido, mas a festa será só daqui a três dias. Talvez até lá você tenha vontade de ir a uma festa.

Ela falava como Elissa Straeter. Theodore passou a mão pelo cabelo loiro e tentou sorrir.

– Você deve me achar uma tola, há dias falando sem parar de uma festa, não é? – ela perguntou com um riso alegre.

– Adoro você por causa disso – Theodore disse, com sinceridade, mas achou que seu espanhol fora vagamente impróprio, pois Olga o olhou com um sorriso surpreso e inclinou a cabeça para o lado. Quando Theodore e Olga haviam se conhecido, cerca de três anos antes, ele lhe pedira que o corrigisse quando falasse espanhol errado, e ela ainda o fazia às vezes. Mas sua pronúncia espanhola não era tão ruim quanto a inglesa. Theodore escrevia seu diário em inglês e lia bastante nessa língua em voz alta para tentar melhorar. – Acha que eu deveria providenciar um bom advogado para Ramón, Olga? – ele perguntou de repente.

Ela se empertigou um pouco, surpresa.

– Você? Por que deveria?

– É a lei, sendo a pessoa culpada ou inocente. E tem vários tipos de advogados.

– Quem disse que ele merece um advogado? – Olga perguntou impulsivamente. – Teo, não sei como pode *pensar* uma coisa dessas! E ainda está cuidando do pássaro dele! Devia dar para o seu gato! – Ela bateu com a mão na coxa e sorriu.

Mas Theodore não sorriu.

– Acho que estou exausto demais para odiar, Olga. Quando um homem comete um crime como esse... ele perde a cabeça, ao menos por um instante. Mais tarde, ele se arrepende. Depois do primeiro choque, o ódio passa. – Ele olhou para o rosto atônito de Olga.

– Mesmo assim, ele matou Lelia. Precisa ser punido. Nunca achei que Ramón fosse muito normal, Teo. Muito atraente, com certeza, e ele sabe como se comportar com as mulheres! Mas é uma certa expressão nos olhos dele... Dava para perceber que tinha um gênio de cão. E esse... esse crime horrível! Ramón merece pagar, ou vai acabar fazendo o mesmo a outra pessoa.

– Não estou dizendo que ele não deve pagar. Não pensei em conseguir um advogado para libertá-lo – Theodore protestou, mas depois se calou, porque a conversa de repente lhe pareceu fútil. De qualquer forma, não estava certo de seus próprios motivos. Era uma maldição ser capaz de ver dois lados de uma situação, quem sabe três. Como a maioria dos mexicanos, ele não era a favor da pena de morte; contudo, quando se tratava de algo pessoal, a vontade era que fosse olho por olho, dente por dente. – Tem razão, Olga. Não é da minha conta.

– O que vai acontecer agora? Ele vai ser julgado?

– Acho que sim, quando terminarem de interrogá-lo. Já faz cinco dias que está sendo interrogado.

Theodore teve a resposta meia hora depois, quando foi para casa. Sauzas telefonou e disse que Ramón seria libertado. Sua versão não se sustentava. Não havia nenhum vestígio de sangue na faca, mesmo sob microscópio, e nem em nenhuma roupa ou sapato pertencente a Ramón.

– Ele pode ter jogado as roupas fora – argumentou Theodore.

– Hum. Bom, na minha opinião e na dos médicos, foi apenas uma “confissão psicológica”. Uma confissão psicológica – repetiu Sauzas, como se quisesse dar mais peso ao termo, que não tinha peso nenhum para Theodore. – Sugeri a Ramón que ele derrubou a faca atrás do fogão sem querer quando enxugava a louça com Lelia. Ele admitiu que usaram a faca naquela noite. E quando alguém seca uma faca e a põe em algum lugar, na prateleira bem em cima do fogão, como foi o caso, provavelmente deixará uma impressão digital do polegar, se estiver segurando o pano de prato. Entendeu? Está me ouvindo, *señor* Schiebelhut?

– Estou.

– De fato, acharam alguns vestígios de gordura na faca. Mas nada mais. Não, *señor*, acho que devemos voltar para o cartão-postal e talvez para os telefonemas silenciosos que está recebendo. Os telefonemas serão difíceis de localizar. Tentaremos localizar a máquina de escrever. Mas liguei principalmente porque gostaria de conversar pessoalmente com o senhor. Está livre agora?

– Estou – disse Theodore.

– Ótimo. Dentro de vinte minutos, então.

CAPÍTULO ONZE

Sauzas nunca estivera na casa de Theodore antes. Olhou ao redor com admiração e fez um comentário sobre um santo de madeira pintada que Theodore comprara em San Miguel de Allende, e também contemplou longamente um dos quadros de Theodore, que mostrava sua mão esquerda fechando-se ao redor da fachada de uma catedral imaginária.

– Tem uma vida agradável, *señor* Schiebelhut. Bem diferente da vida de Ramón Otero. Hum! – Sauzas procurou os cigarros, antes mesmo de tirar o casaco. – Um desgraçado, *señor*.

– Todos que o examinaram têm certeza absoluta de que ele não é o culpado?

– Têm – disse Sauzas, assentindo com a cabeça. – Alguns têm mais do que os outros, mas têm! – acrescentou, sorrindo. – Temos muitos casos parecidos na polícia, mas geralmente são pessoas quaisquer. Nem me dei ao trabalho de lhe contar que um homem velho demais até para *olhar* para uma garota, quanto mais para estuprá-la, confessou o crime há poucas semanas. Leu os detalhes no jornal. É um velho sem família, sem trabalho, um indigente. – Sauzas deu de ombros. – Não, Ramón não é o culpado. Não se comporta como um culpado. Nem agora e nem na noite do crime. Ainda não tinha visto o corpo quando chegou lá naquela noite.

Theodore olhou para Sauzas e tentou acreditar, só para ver como seria acreditar. Sauzas vira muito mais criminosos do que ele. Não tinha o menor motivo para dizer que Ramón era inocente se fosse culpado.

– Agora, *señor* Schiebelhut, vou precisar conhecer melhor seu círculo de amigos. Entendo sua relutância em me dizer seus nomes, mas quero descobrir quem mandou o cartão-postal.

– Eu também. Pode ser que algum amigo ou conhecido tenha escrito o cartão, *señor* capitão, mas não acredito que algum deles tenha cometido o assassinato. Tem uma grande diferença!

Naquele momento, Inocenza veio da cozinha e começou a arrumar o aparador da mesa de jantar.

Sauzas a observou.

– Ela é casada? – perguntou depois que ela voltou a sair, sem dúvida para

ouvir a conversa atrás da porta da cozinha.

– Não.

– Tem muitos amigos?

– Quase nenhum. Ela tem um amigo em Toluca chamado Ricardo, um sujeito discreto que trabalha para a mesma pessoa há anos, creio eu.

Sauzas tirou um lápis e um papel do bolso do paletó.

– Sabe o nome completo dele?

Theodore voltou-se para a cozinha.

– Inocenza? Venha aqui, por favor.

Inocenza entrou, olhando com atenção para Sauzas. Theodore tinha certeza de que ela ouvira a pergunta, mas a repetiu mesmo assim.

– Ricardo Trujilo – respondeu ela. – O *padrón* dele é José Cerezo, mas não sei o endereço de cor.

Sauzas anotou os nomes.

– Você tem algum outro amigo? – perguntou ele.

Inocenza baixou os olhos modestamente e sorriu.

– Nenhum, *señor*.

Sauzas lançou um olhar duvidoso para Theodore.

– Acho que é verdade – disse Theodore.

Sauzas desistiu do assunto, mas com relutância.

– Está certo. Bem, *señor*, já falei com uma dúzia de seus amigos. E, nos últimos dias, voltei a procurar alguns deles a respeito do cartão-postal.

– Pode sair, Inocenza – disse Theodore.

Inocenza virou-se e saiu.

Theodore e Sauzas sentaram-se no sofá, e, nos minutos seguintes, Theodore vasculhou a memória em busca de mais nomes e por fim mencionou Elissa Straeter. Subiu para buscar sua agenda de endereços, que estava na escrivaninha. Sauzas gritou enquanto ele subia a escadaria.

– *Señor!* Se tiver um álbum de fotografias, pode trazer.

Theodore voltou com sua caderneta azul e seu grosso álbum de fotografias encapado com pele de antílope. Sauzas pediu licença mecanicamente e se dedicou a examinar a agenda de endereços, que continha nomes de pessoas que moravam na Europa e na América do Norte também. Copiou vários nomes e endereços.

– Precisamos ter paciência – disse Sauzas. – Primeiro, vamos pedir amostras às pessoas que tiverem máquina de escrever para comparar com o

cartão-postal.

– Que notícias teve de Inés Jackson, da Flórida? – perguntou Theodore.

– Ela não reconheceu o tipo da máquina de escrever. Mandamos uma cópia fotostática do cartão-postal. – Sauzas encolheu os ombros. – Ela nos mandou uma carta muito inteligente. Ficou chocada. Mas não sabe quem pode ter escrito o cartão. – Sauzas examinava o álbum de fotos enquanto falava. – Um álbum de fotografias às vezes refresca a memória.

Era dolorosamente verdade. Pelo menos metade das fotos era de Lelia, já que ele comprara o álbum depois que a conhecera, e não guardara muitas fotos da Europa, dos Estados Unidos ou da América do Sul. Theodore evitou olhar muito tempo para as fotos de Lelia, mas Sauzas as observou atentamente e fez comentários sobre sua beleza.

– E quem é este? E quem é esta? – Sauzas perguntava, e Theodore lhe dizia quem era cada pessoa, fora aquelas, em fotos em grupo, de quem ele não se lembrava.

Finalmente, Sauzas tinha tantos nomes que começou a ser seletivo.

– O que os psiquiatras acham que deve ser feito com Ramón? – perguntou Theodore.

– Ah! – disse Sauzas, como se fosse um assunto totalmente diferente. – *Quién sabe?* Ele não é louco, mas sofre de um tipo de obsessão. É um homem muito religioso. Quase o tempo todo que passou na cela, ficou de joelhos, rezando, sabia?

– Não, eu não sabia.

– Qual é sua religião, *señor*?

– Fui criado como protestante.

– Hu-hum, naturalmente. Bem... – disse Sauzas com um gesto de menosprezo, como se dissesse que Theodore não era capaz de entender o que Ramón sentia. – Algum tratamento psiquiátrico poderia ajudá-lo, mas ele não gosta de psiquiatras.

– Eu sei.

– E nem eu gosto muito. Mas... é terrível viver com um assassinato na consciência sem tê-lo cometido.

Theodore não disse nada, mas não tinha certeza se Ramón era inocente. Talvez nunca tivesse. Talvez fosse aquele o seu destino, ser indeciso a respeito de tudo. Mas aquela questão era gravíssima. Comparadas a ela, todas as outras dúvidas de sua vida pareciam jogos retóricos. E estava paralisado

pela certeza de que outros homens saberiam imediatamente o que fazer e tomariam uma posição firme.

– Está preocupado com ele, *señor* – disse Sauzas.

– Se ele for mesmo inocente, se for apenas um homem que precisa de ajuda...

– Não sei se o senhor poderia ajudá-lo. Talvez ele precise de um médico, afinal de contas. – Sauzas acariciou a capa de antílope com o polegar curto. – Ou é melhor ele voltar para o trabalho, já que não tem dinheiro para um cruzeiro – disse ele, rindo.

– Se não foi ele, porque acha que confessou, capitão?

– Talvez para chamar atenção. Talvez por algum problema de consciência.

– Sauzas olhou calmamente para Theodore, deixando claro que tanto fazia para ele por que Ramón confessara.

Theodore tentou lembrar de alguma ação passada de Ramón que ajudasse a explicar a confissão. A presença de Sauzas o aturdiu, com seu ar calmo e profissional, sem se importar com o motivo de nada. Theodore sabia que Ramón levava muito a sério suas confissões semanais na igreja, e perguntou-se se, no confessionário, ele já inventara pecados e delitos que não cometera.

– O que Ramón fez quando viu que ninguém acreditava na sua confissão?

– Ah, o que todos fazem. Reafirmou sua versão. Disse que estávamos todos enganados e rezou por nossa alma ajoelhado no chão da cela! – Sauzas riu de novo.

Theodore tentou imaginar a cena, mas tudo que conseguiu imaginar, ou pensar, foi que a polícia e os médicos haviam cometido um erro.

– Como leigo, não entendo como os médicos podem ter certeza de que ele mentiu. Imagine, por exemplo, que ele conhecesse o vendedor de flores de vista e não quisesse que ele lembrasse que comprou duas dúzias de cravos naquela noite. Teria pedido para um garoto comprar as flores para ele... exatamente como fez!

– *Señor...* é o *jeito* que ele mente. Por que ele não deu essa explicação? Porque não conseguiu imaginar um motivo para ter pedido para o garoto comprar as flores. Não conseguiu raciocinar a esse ponto. Nada estava claro. Uma hora falava que ele mesmo comprara as flores, outra hora, que pedira para o rapaz. A única coisa que estava clara era que ele não comprara flor nenhuma! E o cartão-postal, *señor*, não se esqueça. Lembra como ele ficou quando o mostramos para ele? Primeiro acusou um dos amigos americanos

do senhor, o que ainda pode ser verdade. *Señor* Schiebelhut, não há dúvida de que Ramón é inocente. Um dos psiquiatras estudou no Johns Hopkins Institute, nos Estados Unidos. Um homem assim não erra.

Sauzas aguardou um sinal de que Theodore estava convencido. Mas ele apenas perguntou:

– Será que eu poderia falar com esse médico?

– *Sí*. Acho que vai ficar aqui mais alguns dias e depois volta para um sanatório de Guadalajara. Ele se chama Vicente Rojas. – Sauzas abriu a carteira, tirou alguns papéis e cartões e finalmente deu a Theodore dois telefones e o nome do hotel em que Rojas estava hospedado.

– Você deve conseguir falar com ele num desses lugares, mas ele está a trabalho e anda muito ocupado. – Em seguida, levantou-se. – Preciso ir. Muito obrigado pela colaboração, *señor*. Nós... – Ele se interrompeu para olhar para Inocenza, que entrava. Sorriu e agradeceu enquanto ela lhe entregava seu casaco. – *Adiós, adiós* – disse para os dois, e Inocenza cruzou o pátio na frente dele para abrir os portões de ferro.

Theodore continuou na sala.

Inocenza voltou sorrindo.

– Não disse, *señor*? Nunca achei que Ramón fosse culpado, não é?

– É.

– Estou tão feliz por ele! – exclamou ela, ainda com um sorriso radiante. – Ele só estava enlouquecido pela dor.

Ela parecia feliz como uma criança, nem um pouco confusa ou preocupada com o que levava Ramón a confessar. Para Inocenza, tudo não passava de um erro da *policía*. O lado dela – que era o de Ramón e o de Theodore – vencera.

CAPÍTULO DOZE

O dr. Vicente Rojas olhou para Theodore com simpatia através dos óculos redondos, de aros pretos.

– Entendo sua dúvida, *señor* Schiebelhut. Quer descobrir quem é o assassino. Mas pode acreditar em mim. Aposto minha reputação de médico que não foi ele.

Ele voltou a olhar para Theodore, depois cortou timidamente um pedaço de mamão com o garfo. Tinha cerca de trinta anos, era delgado e moreno, e seu nariz grande se projetava do rosto estreito e magro.

Theodore admitiu que ele parecia inteligente, não do tipo que fazia julgamentos apressados, mas até que ponto um psiquiatra de trinta e poucos anos podia ser experiente?

– O senhor tem muita estima por Otero, não?

Theodore pegou a xícara de café preto. Estavam no café do Hotel Francis, no Paseo de la Reforma.

– Tenho. Éramos bons amigos.

– Ele precisa de um bom amigo agora – Rojas observou, olhando para a lustrosa mesa preta, que parecia ser de obsidiana, e fez Theodore lembrar do colar com um pingente oval dessa rocha que Lelia costumava usar.

– O problema está dentro dele – continuou o dr. Rojas. – A culpa o atormenta muito. – Ele puxou a cadeira um pouco para deixar o homem que estava na outra mesa passar.

– Mas qualquer um que confessa um crime que não cometeu é um pouco louco, não é?

O dr. Rojas sorriu e encolheu os ombros.

– Fazer isso certamente não é normal. Mas ele não se enquadra na categoria de louco. Em outros testes que fizemos, o resultado foi normal. Portanto, essa pode ser uma reação temporária ao choque do assassinato da mulher que ele amava. E com quem não conseguia se casar.

– Acha que ele está encenando algo que pensou em fazer... – Theodore não precisou continuar, pois Rojas já entendera.

– Sim, é possível. Não conscientemente, mas inconscientemente. Acima de tudo, ele quer ficar com a culpa. Sente-se tão culpado que nada pode

consolá-lo. Nada!

– É na extensão dessa culpa que acho difícil de acreditar.

– A culpa fica sob a superfície, como um iceberg – disse o dr. Rojas sorrindo, cortando mais um pedaço de papaia. Nunca fazia refeições à noite, explicara a Theodore. Só comia frutas ou café com algum doce, e gostava das papaias frescas do hotel. Eram quinze para as oito. O dr. Rojas dissera que tinha um compromisso às oito.

– Então acha que ele vai superar isso? Que é uma atitude passageira?

– Eu *acho* que sim – disse o dr. Rojas, mas sem muita certeza. – Seria recomendável algum tratamento psiquiátrico. Acredite, tentei ajudá-lo sem que ele percebesse, *señor*. – Rojas sorriu. – Ele resiste a tudo que considera “ajuda”. É uma situação triste. E ele não é a única pessoa do mundo com essa atitude. Como ele tem só trinta anos, tenho esperanças. Geralmente, a religião pode ajudar muito. Mas não quando a religião sobrecarrega a mente com mais culpa. A Igreja Católica é o melhor remédio psiquiátrico que existe, desde que tomado corretamente. O papa recentemente chegou a recomendar aos católicos da Espanha moderação na prática religiosa, por uma questão de saúde mental – disse Rojas, arregalando os olhos.

Theodore assentiu com um gesto de cabeça. Lera um artigo de Herbert Matthews^[1] sobre o assunto, e perguntou-se se o dr. Rojas também o lera.

– Para quem é equilibrado, não tem problema – prosseguiu Rojas. – Mesmo para os levemente desequilibrados. Mas já vi pacientes se tornarem cada vez mais fanáticos, o que não é bom. O senhor não acha? Mas esperemos que não seja o caso de Otero. Ele estava apaixonado, e sua amada morreu. Romeu também ficou fora de si quando achou que Julieta estava morta. Deve se lembrar, *señor* – continuou ele com um sorriso, orgulhoso de sua erudição –, que ele se matou.

– Acha que Ramón corre o risco de se matar?

O dr. Rojas pareceu considerar a possibilidade.

– Não no momento. Mas não sou onisciente. Se tivéssemos notado algum perigo iminente, não teríamos deixado que ele saísse. Além disso, a Igreja Católica considera o suicídio um grande pecado, o senhor sabe.

Theodore olhou para os olhos alertas de Rojas e imaginou o que poderia lhe perguntar que daria fim a todas as dúvidas..

– Vai se encontrar com Otero? – o dr. Rojas perguntou.

– Não sei.

Rojas ficou em silêncio um instante.

– Ele guarda algum rancor do senhor, mas é superficial. Seria bom para ele ter uma relação pacífica com o senhor.

– Acha que ele conseguiria? Já?

– O senhor pode tentar. Por enquanto ele pode ficar ressentido se não acreditar em suas histórias fantasiosas. Mas é isso que esperamos que passe. Ele é muito teimoso e orgulhoso. Sua culpa pode se ocultar sob uma atitude arrogante. Mas espero que ele se fortaleça e consiga se libertar dela. Não está tão perturbado que não consiga. – O dr. Rojas sorriu com confiança. – Desculpe, mas preciso ir agora. Estão me aguardando no saguão. – Ele pediu a conta com um sinal.

Theodore insistiu em pagar e agradeceu ao médico pela atenção. Quase perguntou onde poderia encontrá-lo no futuro, mas percebeu que não iria procurá-lo no futuro, já que não tinha muita confiança nele.

Despediram-se cordialmente no movimentado saguão do hotel, entre reluzentes balcões de suvenires e jóias de prata. Theodore desceu as escadas e saiu para a grande avenida, que, ao anoitecer, quando a brisa fresca soprava entre as árvores altas que a margeavam, sempre lhe recordava Paris numa noite de primavera. Como sua casa ficava a apenas seis quadras dali, ele decidiu andar. Enquanto conversava com o psiquiatra, sentira o impulso de ligar para Ramón e oferecer sua amizade. Mas o impulso passara, e Theodore se censurava por sua ingenuidade, por se agarrar às palavras do médico como se fossem a pura verdade. Repassou mentalmente o que lera nos jornais. Os psiquiatras haviam apenas comunicado sua opinião, sem qualificar as aberrações de Ramón, que reduziram a “estresse emocional”.

Theodore chegou à sua casa, mas continuou andando. Dobrou a esquina e parou diante da vitrine de uma lojinha de móveis modernos. Um faminto cachorro alaranjado, um fiapo de cachorro, esgueirou-se pela parede da loja e parou diante de Theodore, olhando-o com uma expressão suplicante, as patas preparadas para correr. Se houvesse um armazém por perto, pensou ele, teria lhe dado um sanduíche de carne. Estendeu a mão, e o animal sobressaltou-se e fugiu com o rabo entre as pernas. Theodore não pretendia tocá-lo. E, pensando bem, não o teria alimentado, porque não achava certo prolongar a vida de um cão abandonado no México. Era só questão de tempo até que ele comesse alimentos envenenados deixados especialmente para ele em algum

mercado público. No entanto, sentiu que falhara com o cachorro, pelo menos do ponto de vista do animal.

Continuou andando, sentindo-se totalmente deprimido. Se não conseguisse uma resposta satisfatória de Sauzas ou dos psiquiatras – ou melhor, se ele não aceitasse as respostas que lhe davam –, teria de procurar as próprias. Teria de tomar uma decisão. Teria de visitar Ramón, por mais desagradável que fosse. Na manhã seguinte, decidiu, ligaria para Ramón. Mas não naquela noite.

[1] Herbert Matthews (1900-1977): repórter e correspondente do *New York Times*, célebre por sua cobertura da Guerra Civil Espanhola e assuntos latino-americanos. (N. E.) **VOLTAR**

CAPÍTULO TREZE

Theodore pensou em levar para Ramón uma garrafa de Strega, bebida que ele adorava, mas decidiu não levar presente algum, com medo que o gesto fosse interpretado como conciliador, ou pior, como paternalista. Subiu a lúgubre escada lentamente, tentando, no terceiro andar, ouvir a voz de Ramón entre as vozes e murmúrios que vinham de toda parte. Arturo fazia companhia a Ramón de novo, e fora ele quem atendera o telefone.

– Mas é claro que pode vir! Por favor, venha! – Arturo disse, esperançoso, mas Theodore ouvira um resmungo discordante ao fundo.

Bateu na porta. Passos se aproximaram, e Arturo abriu a porta com um sorriso de boas-vindas.

– Bem-vindo, Don Teodoro, bem-vindo! – disse ele calorosamente, seu rosto redondo, com a habitual barba por fazer, radiante de satisfação.

Ramón levantou de uma cadeira. Estava barbeado e vestido com esmero, como se fosse sair.

– Olá, Teo.

– Olá, Ramón. Vejo que está melhor. – Andou até Ramón com a mão estendida. Ramón a apertou educadamente.

– Ele está melhor. Está cansado, sabe? Mas eles não o maltrataram dessa vez. Nem um pouco – disse Arturo, apertando os dedos curtos com nervosismo.

Ramón estava melhor só na superfície, Theodore notou. Emagrecera e ganhara olheiras.

– Inocenza mandou lembranças.

Ramón não disse nada.

– Ele não sai de casa desde ontem – Arturo disse, guardando uma vassoura no canto da pequena cozinha.

O apartamento estava estranhamente limpo e arrumado.

– Droga, esqueci de trazer seu periquito, Ramón! Ele está muito bem, mas não queria que você pensasse que roubei de você.

– Está com meu passarinho? – Ramón perguntou, espantado. – Achei que o zelador tivesse roubado.

– Sauzas não disse a você? Fiquei com ele o tempo todo.

Ramón abriu um sorriso entorpecido e passou a mão nos cabelos.

– O zelador daqui tem a chave. Achei que tivesse dado para as crianças... – Ramón fez um gesto em direção à porta – para as crianças do prédio.

– Não, Ramón. O periquito está ótimo.

Theodore sabia que as crianças sujas e turbulentas do prédio incomodavam Ramón, principalmente porque ele sentia pena delas. Mas viviam pregando peças nele, e talvez em todos os moradores do prédio.

– Está vendo, Ramón? – disse Arturo, sorrindo, tentando extrair o máximo de alegria de Ramón com a notícia de que o passarinho estava vivo.

– Está ficando bastante por aqui, Arturo – disse Theodore. – Como vai a oficina?

– Ah... – Arturo fez um gesto vago e sorriu para os dois, dando a entender que não queria falar no assunto.

Arturo já tivera muitos ajudantes em sua oficina, mas eram todos iguais, imprestáveis que trabalhavam com uma atitude irônica e passavam o dia conversando sobre as namoradas. Theodore costumava visitar a oficina de vez em quando, e encontrava Ramón consertando uma cadeira ou mesa e Arturo lendo jornal num sofá velho que alguém levava para consertar anos antes e nunca buscara. Arturo era um mestre, mas, como tal, não gostava de trabalhar. Preferia ensinar Ramón, o que de fato fizera, começando do zero, quando Ramón lhe pedira emprego três ou quatro anos antes. Ramón entrara apenas com a perseverança, mas era uma qualidade que Arturo apreciava, e Theodore sabia que ele pretendia deixar a oficina para Ramón quando morresse. Fora uma escolha profissional curiosa para um rapaz bonito e inteligente como Ramón, Theodore muitas vezes pensara. Agora reconhecia nessa escolha um martírio que antes não percebera.

De pé ao lado da cama, Ramón olhava-o, a cabeça ereta. Sobre a mesinha de cabeceira estava a antiga Bíblia de capa preta com bordas douradas.

– É bom saber que não maltrataram você, Ramón – disse Theodore.

– Ah, nem um pouco – replicou ele com um sutil sarcasmo.

– Telefonei várias vezes para saber o que estava acontecendo.

Ramón desviou os olhos.

– Bom... eles não acreditam em mim.

Theodore pensou em dizer que conversara com um dos psiquiatras, mas desistiu. Deu uma olhadela para Arturo, que o olhava com angústia e confusão. Do corredor, veio o som da descarga do banheiro. Theodore virou-

se um pouco e se deparou com a parede cinzenta a um metro da única janela do apartamento.

– Quais são seus planos, Ramón? – Theodore perguntou, virando-se de novo para ele. – Vai voltar a trabalhar em breve?

– Não sei.

– Estou atrapalhando? Você ia sair? – perguntou Theodore.

– Não, de jeito nenhum – disse Arturo. – Sente-se, Don Teodoro. Sente-se, por favor.

Theodore sentou-se na cama, mas imediatamente sentiu-se deprimido pelo ambiente e pela atmosfera e desejou não ter sentado.

– Como vai a sua filha, Don Arturo? E a sua neta?

– Muito bem, obrigado. Está nascendo o primeiro dente da menina. – Arturo apontou para os próprios dentes. Depois se endireitou e ajeitou o colete. – Bom, preciso ir. Não, não é por sua causa, Don Teodoro. Preciso encontrar com um cliente ao meio-dia, e já está quase na hora.

Ramón pareceu prestes a protestar, mas depois se resignou. Porém, Theodore não tinha certeza se ele não sairia com Arturo até se despedir do amigo na porta e a fechar.

– Estou contente por você ter um amigo tão bom – disse Theodore, sorrindo.

Ramón lhe lançou um olhar vago.

– Você não preza seus amigos, Ramón?

– Você não foi meu amigo quando achou que eu tivesse matado Lelia.

– E como poderia ter sido? Você teria continuado meu amigo se achasse que eu a matei?

– Não.

– Pois então. Peço desculpas, Ramón. Nós dois estávamos confusos. Não tínhamos como não estar.

Ramón limitou-se a olhar para ele com decepção.

O momento havia chegado. Theodore sabia que não conseguiria progredir com Ramón se adiasse.

– Não acredito que você seja o assassino, Ramón. Talvez pense ser, e nisso eu acredito. Conversei com um dos médicos ontem à noite, o dr. Rojas.

– Rojas – murmurou Ramón, sorrindo. Esmagou o cigarrinho que acabara de acender.

Theodore o observou enquanto ele andava lentamente pelo cômodo. Seu

andar parecia diferente – suas mãos pendiam ao lado do corpo, e ele erguia a cabeça mais do que o usual.

– Bom, Ramón, o que pretende fazer?

Ramón continuou andando lentamente.

– Por que se preocupa comigo? Não se incomode. A cidade continuará a mesma, as pessoas, os prédios, a *policia*, como se nada tivesse acontecido. Você continuará o mesmo. Mas eu não esperava que continuasse o mesmo Teo afetuoso, bom e ingênuo de sempre, que uma vez eu impedi de comprar jóias de prata falsas de um camelô! – concluiu Ramón, rindo.

Theodore também sorriu. Ramón sentou na cama.

– Eu me preocupo porque gosto de você, Ramón, você é meu amigo.

Ramón olhou para ele e disse calmamente:

– Mas eu matei Lelia. Não sou mais seu amigo.

Theodore não se mexeu. Sentiu um alarmante poder de persuasão em Ramón, algo insidioso, como ser aos poucos dissuadido de uma opinião formada. E se ele realmente a tivesse matado? Naquele momento de fúria e paixão que supostamente serviriam de atenuantes? Seria possível compreendê-lo e perdôá-lo? Theodore queria perdôá-lo, em tese. Mas agora simplesmente não sabia o que pensar de Ramón. Não tinha certeza nem de uma coisa nem de outra. Foi até a mesa de cabeceira e apanhou a Bíblia. Estendeu-a para Ramón, que teve um sobressalto.

– Você seria capaz de jurar que matou Lelia, Ramón?

Ramón olhou para a Bíblia e disse:

– Isso não é o tipo de coisa que se jure sobre a Bíblia.

– Mas você juraria?

– Eu juro. Não quero tocar a Bíblia, mas juro – disse Ramón.

– Então, não acredito em você.

– O que me importa se acredita ou não?

– Então, não se importe! – disse Theodore, com raiva.

De repente, Ramón agarrou a Bíblia.

– Pronto! Está vendo? Eu juro! Fui eu que matei Lelia! – Olhou de modo desafiador para Theodore e depois atirou a Bíblia para longe.

Theodore voltou a colocar a Bíblia no lugar. O que acabara de confirmar? Que Ramón realmente matara Lelia ou que estava louco?

Um silêncio pesado pairou sobre o recinto. Então, Ramón disse:

– Não entendo você, Teo. Mas isso não importa, não é?

– Não sou vingativo. Talvez isso ajude você a entender. Não quero pensar que você a matou, Ramón, mas, mesmo que tenha sido você, não acho que eu seria vingativo. Você acha isso uma tolice, eu sei. Você sempre me achou um tolo.

– Sim. E sem emoção, comparativamente falando.

– Não interessa o que acha de mim. Eu lhe ofereço minha amizade, apesar de poder ser o assassino. Não sei, Ramón. Quero acreditar que não foi você...

– E por isso acredita que não fui eu. É assim que acreditamos em Deus, em Cristo, em qualquer coisa. Acreditamos no que queremos acreditar! – disse ele, elevando a voz em seu nervosismo.

– Eu continuaria o mesmo se achasse que você a matou. Era o que queria lhe dizer. – Theodore tremia. Sentia que fizera uma promessa que nunca poderia retirar. – Você sempre riu da minha filosofia de vida. Ou da minha não-filosofia, se preferir. Tem elementos do cristianismo...

– Os poucos que você se digna a ter!

– Tento praticar aquilo em que acredito.

– Então, você perdoaria a todo mundo? Todos os assassinos, todos os ladrões?

– Não, não é isso – disse Theodore, sentindo-se subitamente derrotado, e magoado porque não merecia a derrota, e não sabia como reverter o rumo da discussão. – É porque não acredito que você seja mau, Ramón. Alguns homens são.

– Quem é e quem não é? Você é quem decide? – perguntou Ramón, gesticulando. – Lembra das ameaças que fiz a Lelia? Nunca escondi o que sentia. Ela me torturava, e assim mesmo eu a amava. Tivemos boas conversas sobre isso, não foi, Teo? – ele perguntou, com um misto de remorso e histeria.

– Tivemos – respondeu Theodore.

– Lembra de quando eu disse que era capaz de matá-la?

Theodore lembrava, mas não disse nada.

– Está vendo? Prefere não lembrar! – exclamou Ramón, triunfante. – Mas é verdade, Teo!

E o que importava? Uma ameaça provava alguma coisa? Theodore deu alguns passos pelo cômodo e voltou-se de novo.

– Acho que existem crimes piores do que assassinatos, principalmente os passionais. É uma coisa emotiva, de momento, e geralmente o assassino se

arrepende depois. Pelo menos é um ser humano! Mas pense naqueles que exploram seus semelhantes, nos latifundiários e políticos desonestos que exploram milhares de pessoas sabendo o que estão fazendo, e fazem isso até morrer, premeditadamente. Esses são os verdadeiros criminosos, os homens que deviam se envergonhar diante de suas mulheres, de seus filhos e de seu Deus. Você não é como eles, Ramón. Nem um pouco.

Ramón andava nervosamente pela quitinete, fumando.

– A resposta para isso é fácil, Teo. Esses homens não têm consciência. Se tivessem, não conseguiriam dormir. E, quando morrerem, o mundo será um lugar melhor, admito.

Theodore também acendeu um cigarro. O que mais podia dizer? Ramón podia rejeitar sua amizade verbalmente, mas a amizade continuaria. A amizade deles era desse tipo. Mesmo que não se vissem durante semanas, um sentiria falta da nota dissonante do outro em sua vida. Theodore se aproximou de Ramón, bateu em seu ombro e sorriu.

– Ramón, tenho uma idéia. Se quiser mudar de cenário um pouco, por que não passa alguns dias na minha casa? Tenho um quarto de hóspede, com banheiro, e você pode ficar totalmente sozinho, se quiser. Pode ler, ouvir gramofone, passear e até fazer as refeições sozinho. Ou comigo. – Ele esperou. – Podemos fazer uma viagem mais tarde. Para o lago Pátzcuaro ou algum lugar assim.

– Não, Teo. Muito obrigado.

– Eu também gostaria de sair da cidade, mas acho que precisamos ficar para ajudar Sauzas. Pode aparecer alguma novidade.

– Não vai aparecer novidade nenhuma – disse Ramón com um suspiro. De repente, riu como uma criança. – Como poderia aparecer alguma novidade?

Theodore também riu, aliviado.

– Pense, Ramón. Pode ser que mude de idéia. Já vou indo. – Ele andou até a porta. Quando se voltou, Ramón estava parado no mesmo lugar, olhando-o.

– *Adiós*, Ramón.

– *Adiós*.

Theodore desceu rapidamente as escadas. Uma velha de preto subia com uma sacola de mantimentos, apoiando-se no corrimão. Theodore ficou de lado para deixá-la passar. No patamar seguinte, ele quase colidiu com um padre de batina e chapéu pretos. O padre lhe lançou um olhar interrogativo, e, seguindo um impulso, Theodore parou.

– Estou procurando o apartamento de Ramón Otero – disse o padre. – Sou o padre Bernardo.

– O apartamento dele fica dois andares acima, a primeira porta à esquerda depois das escadas. Ele mandou chamá-lo?

– Não – respondeu o padre, cuja boca fraca e descaída acompanhava a curva das sobrancelhas sobre os pequenos olhos castanhos. – Estou indo fazer uma visita.

– Sou amigo dele. Por isso pergunto – disse Theodore. – Você é o padre dele? Ele se confessa com o senhor?

– Às vezes comigo, às vezes com outro padre.

– Ele confessou o assassinato?

– *Sí* – disse o padre, sem emoção.

– E acredita nele?

O padre encolheu os ombros lentamente e disse:

– *Sí*. Preciso acreditar. Foi o que ele me disse.

O homem tinha a conduta lânguida e obtusa que Theodore às vezes observava em padres. Parecia tão inexpressivo quanto sua batina preta.

– E o que pretende fazer com ele?

– Você não é católico? – perguntou o padre, inclinando a cabeça um pouco para trás.

– Não, por acaso, não. Pergunto porque sou amigo dele e...

– Bem, vou confortá-lo. Vou cumprir meu dever de padre – ele disse trivialmente, e chegou até a sorrir.

– Você sabe que a polícia o libertou. Ele não é o assassino.

O padre sorriu com um ar superior.

– Isso não me diz respeito, *señor*.

– Devia tentar convencê-lo de que não é culpado – disse Theodore, mas o padre não parecia interessado.

– Somos todos culpados aos olhos do Senhor.

De repente, Theodore sentiu o rosto queimar de raiva.

O padre voltou a subir as escadas.

Theodore fervia por dentro. Queria gritar algo para o padre, mas nada lhe ocorreu. Na verdade, a única expressão que lhe veio à mente foi “*l’esprit d’escalier*”^[2]. Desceu correndo as escadas. Que bando de imprestáveis! Como ele poderia confortar Ramón? Garantindo-lhe que as chamas do

inferno seriam mais quentes do que aquelas que o torturavam na Terra? Ramón precisava era de um psiquiatra! Ao se precipitar porta afora, Theodore derrubou uma pirâmide de laranjas na calçada, mandando metade delas para a sarjeta.

– Olhe o que você fez! Preste atenção onde pisa, seu desastrado! – gritou a velha gorda, sem se abalar da almofada onde estava sentada.

– Desculpe. Sinto muito.

Pareceu-lhe que a pilha de laranjas havia sido colocada no seu caminho com a única finalidade de fazê-lo se sentir ainda mais estúpido, mas ele reprimiu a raiva e pacientemente recolheu as laranjas e as devolveu à mulher, embora a maioria dos mexicanos não tivesse se dado esse trabalho, pensou ele. Theodore sabia que era um *forastero* no México, e que por isso sua conduta tinha de ser impecável. Sorriu e deu à mulher uma nota de cinco pesos, recebendo em troca um sorriso amável e um “Que Deus lhe dê o dobro”, que ficou ressoando em seus ouvidos.

[2] Expressão atribuída ao enciclopedista francês Diderot, significa “inspiração da escada” e se refere à situação frustrante em que alguém deixa uma sala e só se lembra de algo brilhante que poderia ter dito quando já está descendo as escadas. (N. T.) **VOLTAR**

CAPÍTULO QUATORZE

2 de março de 1957

Hoje pinteí bem pela primeira vez desde a morte de Lelia. Uma composição em tons de amarelo da vista do meu ateliê. Pela primeira vez senti um agradável cansaço depois de um dia de trabalho – que durou tanto quanto consegui pensar em meu dia de trabalho. Ainda não recebi notícias de Ramón, e Sauzas disse que ninguém vai tentar tratá-lo. A polícia não quer mais saber dele. Está entregue aos padres, que acreditam em tudo que ele diz.

Tenho a sensação de que pessoas na rua vigiam minha casa, mas, quando as observo, vejo que devo estar enganado. No entanto, Inocenza disse que nunca atendeu nenhum telefonema mudo. Isso me faz pensar que alguém me vigia para saber quando estou em casa e até mesmo quando vou atender o telefone, já que Inocenza o atende pelo menos metade das vezes.

Alguns amigos americanos que estão na cidade (Ernest & Judy Riemer, Paul Shipley) me convidaram para jantar, mas não tenho disposição para vê-los, e recusei. Na última semana, vi apenas R. uma vez, Josefina uma vez, e Olga. Josefina *quer* acreditar que R. é culpado, tanto quanto eu quero acreditar que ele é inocente. “Se ele for inocente, foi uma maldade nos fazer passar por tudo aquilo”, disse J., furiosa. Ela faz pouco dos meus esforços para persuadi-la a não julgar R., dizendo que eu também o julgo, e não consigo convencê-la de que não sinto o menor ressentimento por R.

Na noite anterior: sonhei que Lelia decorava seu apartamento com serpentinas coloridas para uma festa de Carnaval. Não aconteceu nada no sonho, mas acordei estranhamente feliz. J. e Sanchez-Schmidt (um homem muito íntegro) estão organizando um leilão com os quadros e desenhos de Lelia, bem como a desocupação do apartamento dela. Fiquei aliviado por J. não esperar nem precisar da minha ajuda. J. me deu a caixa de prata que L. nunca lustrava e que eu adoro, onde ela guardava suas bijuterias e jóias – se bem que eu fiquei com poucas, e não as minhas favoritas: um broche de ouro em forma de oito com pérolas e um único brinco. É isso que dá dizer modestamente que não queria nada!

Theodore marcou a página com o dedo e folheou as anteriores. Tinha aquele diário há dois anos e meio. Não escrevia nele todos os dias. Aqui e ali fizera desenhos, e havia mais de Ramón, que nunca concordava em posar para ele, do que imaginara. Theodore achava divertido desenhá-lo de frente, como um romano com uma coroa na cabeça, ou de perfil, como um *torero* espanhol de feições arrojadas, e ver que ambos os desenhos se pareciam com ele. Havia um desenho em bico-de-pena dele próprio alimentando Leo na cozinha com movimentos febris, oferecendo uma lagosta grelhada para o gato com uma mão e com outra vertendo manteiga derretida de um jarro, e embaixo o diálogo:

Leo: Onde você esteve, droga! Não sabe que já passou da meia-noite?

T: Eu disse que ia chegar tarde em casa. Tenho certeza que Inocenza lhe deu algo para comer às cinco horas.

Leo: Deu nada.

T: Não minta, Leo. E aqui está uma deliciosa lagosta grelhada. Sinta o cheiro!

Leo: Miau! Mas isso não compensa esperar seis horas!

T: Prometo não fazer isso de novo.

Leo: Mas vai fazer. Tem sorte por eu não ir embora, porque você não me merece.

Theodore voltou para a página que estava escrevendo e acrescentou:

Kurt Zwingli (que está em Zurs) quer que eu ilustre a bico-de-pena um novo livrinho dele. *A mentira sincera*. Uma sátira da vida moderna. Um rapaz do tipo que jamais existiu – como aqueles dos livros de gramática antigos, que se hospedam em pensões em Londres para aprender a língua, freqüentam concertos, visitam museus e demonstram *Schwärmerei* (entusiasmo) por todas as estatísticas vitais – viaja pelo mundo de hoje e descobre que todos estão incertos sobre o valor das coisas, cínicos e pessimistas. Nosso herói não esmorece e ignora o cinismo geral. Um resumo não faz justiça ao livro. Eu o adorei.

Imagino desenhos bastante densos, mas também finos, que combinariam a rigidez estática das ilustrações dos livros de gramática (roupas desajeitadas, corpos assexuados, todos com dois pés esquerdos) com um

sombrio clima de pesadelo, denotando pessimismo e resignação. Depende de eu conseguir entrar no estado de espírito certo. Preciso entregar em setembro. Para eu me sentir disposto, algo precisa acontecer. E Sauzas aparentemente não está fazendo progressos.

Fui ver os quadros de Rouault. O consolo de ver o trabalho alheio...

Por volta da meia-noite, quando Theodore estava na sala lendo, o telefone tocou. Amedrontado, ele teve a súbita certeza de que seria mais um telefonema anônimo, e tudo o que antes pensara em dizer cruzou sua mente num flash. Sua mão já perspirava quando a pousou sobre o telefone. Atendeu-o num gesto brusco.

– *Bueno?*

Ele ouviu uma confusão de vozes a alguma distância, e depois:

– *Bueno? Don Teodoro?*

Theodore relaxou um pouco.

– *Sí, Arturo.*

– Desculpe o horário, Don Teodoro, mas Ramón gostaria de ver o passarinho – disse Arturo, acanhado.

– Ah... Ele quer que eu leve até aí?

– Não, ele iria até sua casa. Ou é muito tarde?

– De modo algum.

– Então, ele estará aí em alguns minutos. Pode ser, Don Teodoro?

– *Seguro que sí!*

Arturo desligou.

Theodore acendeu outra luz na sala, depois subiu as escadas até o segundo andar. Vendo que a luz de Inocenza estava apagada, bateu delicadamente na porta.

– *Sí!* – Inocenza exclamou numa voz assustada, parecendo acordar com um sobressalto.

– Inocenza, sou eu. Preciso pegar o periquito de Ramón. Desculpe incomodá-la.

– *Sí, señor.* – Ele ouviu um alvoroço, e em seguida Inocenza abriu a porta de roupão, descalça, e se virou para tirar a gaiola do gancho.

– Ele avisou por telefone que vai passar aqui, mas você não precisa se incomodar.

Inocenza sorriu. Seu cabelo brilhante estava solto, e caía lindamente por

trás dos seus ombros.

– Descerei com prazer se precisarem de mim, *señor*.

– Não, acho que não precisaremos. Obrigado, Inocenza.

O pássaro permaneceu silencioso enquanto ele o carregava para baixo, e Theodore se perguntou se ainda dormia sob o pano ou se estava acordado e esperava, em suspense e aterrorizado, para ver o que lhe aconteceria.

Theodore vestiu um paletó sobre a camisa e o suéter. A casa estava fria. Havia gravetos e lenha num cesto ao lado da lareira, e Theodore acomodou um pouco de jornal no chão da chaminé, jogou alguns gravetos por cima e acendeu um fósforo. O fogo alegraria Ramón, pensou. Foi acrescentando lenha à medida que o fogo crescia, e depois descobriu a gaiola. O periquito lhe lançou um olhar inteligente, inclinando a cabeça, depois pulou até a porta da gaiola e a estudou, como se estivesse cogitando uma nova estratégia de ataque.

Leonidas pulou silenciosamente de uma cadeira e se aproximou da gaiola com o passo superior e furtivo de um leão certo da vitória.

– Pode esquecer, Leo – disse Theodore, pegando o gato no colo. Levou-o para um estúdio ao lado da sala, acendeu uma luz suave e o colocou no sofá.
– Fique aí quietinho.

Theodore ouviu um carro parar em frente da casa e saiu imediatamente para abrir os portões de ferro. Arturo pagava o motorista do *libre*.

– Não vou ficar muito, Don Teodoro – disse ele depois de saudar Theodore cortesmente. – Só queria ter certeza de que Ramón chegaria bem.

Eles cruzaram o pátio e entraram na casa.

Ramón sentou no tapete ao lado da gaiola. Sob as luzes da sala, Theodore viu que seus olhos estavam inchados, como se tivesse chorado. Arturo, com seu sorriso ansioso, olhou para Theodore e balançou a cabeça, como se dissesse que fizera o que pudera, e sem muito sucesso.

– Acho que Inocenza cuidou bem dele – disse Theodore. – Levou para o quarto dela porque é ensolarado e o gato nunca entra lá.

Parecia que Ramón nem tinha ouvido.

Theodore olhou para Arturo, embaraçado, depois lhe fez um sinal, e os dois andaram até um canto da sala.

– Aconteceu alguma coisa hoje? – Theodore sussurrou.

– Não, senhor. Nada de diferente. Ele foi à igreja...

Ramón se reclinara ao lado da gaiola e estava abrindo a porta. O pássaro

olhou para a saída aberta durante um momento, depois pulou para o tapete e de lá para o assento do sofá. Ramón sorriu e esfregou os olhos. Olhou para Theodore.

– Perdoe-me, Teo. Perdoe-me.

– Claro que o perdôo – disse Theodore, sem saber ao certo o que ele queria dizer. Arturo lhe deu um tapinha no braço, tranquilizando-o ou alertando-o.

Ramón sentou-se sobre os calcanhares.

– Perdoe-me – repetiu, exausto, e segurou a cabeça entre as mãos.

Theodore se aproximou dele.

– Venha sentar. – Mas Ramón não reagiu quando o puxou pelo ombro. – Está precisando de alguma coisa, Ramón?

– Não. – Ramón tirou as mãos da cabeça e voltou a olhar para o pássaro.

– Você nunca tinha soltado ele antes, não é?

– É.

Ramón sempre dissera, quando Theodore ou Lelia lhe pediam para soltar o periquito dentro do apartamento, que tinha medo que ele voasse até o lustre do teto e não voltasse mais. Theodore achava que Ramón não queria ter o trabalho de trancar o pássaro de volta na gaiola, e talvez, principalmente, não quisesse lhe dar aquele pequeno prazer. Havia uma curiosa crueldade na atitude de Ramón para com seu pequeno prisioneiro, a quem não dava e de quem não recebia nenhuma alegria, combinando sadismo e masoquismo, pois Theodore achava que ele via a si mesmo no pássaro.

Ramón engatinhava até o sofá, estendendo o dedo com uma patética expressão de afeto. O pássaro saltitava ao longo do encosto do sofá, uma coisinha miúda, delicada, azul como o céu, contra o tecido terracota do sofá. Theodore sentiu que Ramón tentava provar algo para si ao ver se o pássaro pousava ou não em seu dedo.

– Pássaro, pássaro! – Ramón murmurava, fazendo um ruído com os lábios para encorajar a aproximação do periquito. – *Pájaro! Pájaro!*

Theodore e Arturo observavam a cena. Ramón avançava de joelhos lentamente. O periquito, olhando-o com desconfiança, recuava no encosto do sofá.

– Não espere que ele vá até você se nunca o treinou, Ramón – disse Theodore.

Ramón deixou-se cair sobre os calcanhares, derrotado.

Theodore deu um tapinha em seu ombro.

– Você precisa dormir, Ramón. Pode ficar aqui esta noite. – Viu que Arturo aprovava com um entusiástico aceno de cabeça.

Ramón jogou-se para frente e encostou o rosto no sofá, sacudido por soluços silenciosos.

– Ele está muito mal hoje – Arturo sussurrou. – Quase todas as noites ele fica assim, mas geralmente não tão mal. Todas as noites ele me pede perdão. Implora perdão na igreja. – Arturo voltou o rosto confuso para Theodore. – Pedi para ele ficar na minha casa. Afinal, sempre cabe mais um. Mas ele não quis. Teodoro... – Arturo segurou o braço dele e sussurrou em tom urgente: – Não diga que nada é para o bem dele. Não diga que nada vai ajudá-lo. Entendeu?

Theodore assentiu com a cabeça. Ele entendia.

– Ele sempre leva isso a mal! – Arturo acrescentou.

Theodore respirou fundo. Depois se aproximou de Ramón e o forçou a se levantar e a sentar no sofá. Começou a desabotoar o paletó e a camisa do amigo, e depois afrouxou sua gravata.

– Você vai dormir aqui hoje, Ramón – disse Theodore com bondade. – Venha, vamos subir.

Arturo o ajudou. Ramón se deixou levar com aparente boa vontade, mas parecia fraco, e teria caído das escadas se os dois não o amparassem. Theodore olhou para cima e viu Inocenza espiando do alto da escadaria. Ela desceu do terceiro andar, já vestida, mas com os cabelos apenas amarrados atrás.

– Don Ramón! – saudou ela, mas estacou ao vê-lo tão abatido.

– Ele está muito cansado e vai passar a noite aqui – explicou-lhe Theodore. – Poderia arrumar a cama do quarto de hóspedes, Inocenza? E buscar um pijama no meu quarto?

– *Sí, señor!* – exclamou ela, voando para o quarto de hóspedes.

Theodore desistiu da idéia de um banho para Ramón. Deixou que Arturo o ajudasse a vestir os pijamas. Entrou no próprio banheiro, pegou um comprimido de nembutal e encheu um copo de água da moringa que tinha ao lado da cama. Depois voltou para o quarto de hóspedes, que ficava ao lado do seu. Ramón estava sentado na beira da cama, com o torso nu, os ombros fortes inclinados como os de um boxeador em repouso. Arturo o ajudava a tirar os sapatos. Ramón finalmente levantou um dos pés e tirou a meia

sozinho.

– Tome, Ramón – disse Theodore, estendendo-lhe a pílula alaranjada. – Vai ajudar você a dormir.

Ramón pegou a pílula e deu um gole de água. Mas, quando deitou debaixo dos lençóis azuis claros, com o pijama branco, olhou para o teto e seu rosto se contraiu de novo, como se olhasse fixamente para algo sempre diante de seus olhos.

– Ele deve se sentir melhor amanhã – disse Theodore.

– Imagino que sim, num quarto tão bonito como este... – Arturo olhou ao redor, sorrindo.

Theodore achava o mesmo, e começou a abrir as cortinas para que Ramón acordasse com a alegre luminosidade da manhã, mas depois achou melhor não abreviar suas horas de sono. Virou o abajur da cabeceira para afastar a luz do rosto de Ramón. Inocenza estava parada atrás, olhando para Ramón. Theodore fez sinal para que ela o seguisse até o corredor.

– Pode ser que Ramón fique aqui alguns dias – disse ele, baixinho. – Trate dele muito bem. Ele está muito deprimido. Precisamos tentar alegrá-lo.

– *Sí, señor* – disse Inocenza, assentindo com a cabeça.

– O passarinho está solto lá embaixo. Tente colocá-lo de volta na gaiola e depois solte Leo do estúdio.

Naquele instante, o telefone tocou.

– Não, não atenda, Inocenza – disse Theodore rapidamente. – Obrigado.

Inocenza fez cara de surpresa por um instante, depois de medo.

O telefone continuou a tocar.

CAPÍTULO QUINZE

Juana, a empregada de Josefina Martinez, abriu a porta para Theodore, que a saudou com um sorriso, um aperto de mão e as palavras alegres que sempre lhe dirigia, como se nada tivesse acontecido desde a última vez que haviam se visto. Mas Juana já não era mais a mesma. Estava com a família há 33 anos e, para ela, Lelia havia sido como uma parente.

– *A señora* ainda não está pronta – disse Juana. – Por favor, sente-se, Don Teodoro. Ela já vem.

Theodore sentou-se numa poltrona vermelha de pelúcia e esperou, contemplando a sala antiquada, burguesa e confortavelmente apinhada de objetos – os estofados com capas decorativas, os vasos, os quadros e as fotografias que disputavam espaço nas paredes, e uma enorme planta-aranha, cujos ramos chegavam ao chão e davam ao ambiente um certo ar selvagem. O apartamento de Josefina era uma fortaleza, imune a mudanças. Desde que o conhecia, ele ganhara novos objetos, mas nenhum fora removido. Lembrou-se do sorriso que ele e Lelia trocaram na primeira vez que ele entrara ali.

Josefina demorou quase dez minutos para aparecer. Theodore ergueu-se de um salto e lhe beijou a mão. Ela usava um vestido longo e impecável, trazia o cabelo arrumado, os lábios e os olhos recém-maquilhados.

– Sente-se, Teo! Aceita um café?

– Não, obrigado, Josefina.

– Prefere um drinque? Um uísque?

– Não, muito obrigado. Não quero nada.

– Ah – suspirou ela, sentando-se e pousando as mãos gorduchas sobre o colo. – Então agora Ramón está na sua casa?

– Está.

– Ts-ts... É um escândalo, Teo.

– O que é um escândalo?

– Nossos tribunais de justiça. Nossa polícia e seus psiquiatras. – Seus olhos grandes e escuros, cheios de sabedoria feminina e vazios de lógica, fixaram-se em Teo com impaciência. – Ele só vai se aproveitar de sua inacreditável bondade e acabar matando você também!

Theodore inclinou-se para frente.

– Cara Josefina, acho que nós dois precisamos acatar a opinião dos psiquiatras e da polícia. Você não tem visto Ramón. Ele se tornou vítima de sua própria obsessão. O que ele diz não faz o menor sentido. Por isso foi libertado. E agora ele...

– Os psiquiatras não sabem de nada! Mas nós dois o conhecemos, Teo. Eu mesma já vi suas explosões de raiva. – A voz dela ficou ainda mais estridente. – Acho que ele tem de pagar. Tem de pagar pelo que fez. Ele confessou. Não entendo como o libertaram. Escrevi para o presidente do México. Quer ver uma cópia da carta, Teo?

Theodore queria evitar ou pelo menos adiar aquilo, mas Josefina já se levantara e andava para o quarto. Ele tentou recordar os fatos, seus próprios argumentos. Sabia que perderia a discussão, mas sentira-se obrigado a fazer aquela visita. Josefina lhe telefonara naquela manhã, horrorizada por Ramón estar vivendo sob seu teto.

Ela voltou agilmente para a sala, com a carta na mão. Estava datilografada em duas folhas de papel, e, antes que começasse a ler, Theodore atentou sem querer para o tipo, para ver se os “t”s eram um pouco inclinados e os “e”s desalinhados, as duas pistas que, segundo Sauzas, levariam à máquina que datilografara o postal da Flórida. Depois começou a ler com atenção respeitosa. Tratava-se, é claro, de uma denúncia tendenciosa do caráter de Ramón, mas, dadas as circunstâncias, era perdoável. Era curioso como a convicção de Josefina começou a persuadi-lo de que Ramón não era inocente, mas ele voltou a si quando ela declarou que sempre suspeitara de que ele seria capaz de algo semelhante. Theodore sabia que aquilo não era verdade, porque ela sempre gostara muito de Ramón, talvez até mais do que dele, porque também era mexicano. O restante da carta era uma reclamação retórica contra a ineficiência da justiça do México, de sua polícia e seus detetives, e uma diatribe contra “os médicos modernos e graduados”, os psiquiatras.

– Você concorda ou não? – Josefina o intimou.

– Eu também pensei o mesmo no começo. Acredite, querida Josefina.

– E como se sente agora? – Era óbvio que ela esperara que sua carta o convencesse de que estava certa.

– Como eu disse, falei com Ramón. A versão dele é inconsistente...

– É isso que ele quer que você pense! – ela gritou com voz aguda, apontando-lhe o dedo. – Ele o enganou, só isso.

Juana, privilegiada por décadas de serviço, estava parada à porta do quarto, ouvindo.

– Não, Josefina, é o contrário. Ele quer que a gente pense que foi ele – Theodore disse calmamente. – Está desesperado e deprimido porque ninguém acredita nele, porque nem a Igreja o castiga, pelo menos até que esteja morto.

– Disso ele pode ter certeza! Deus vai castigá-lo!

– Sim, Ramón acha o mesmo. Mas isso não basta para ele. De fato, Josefina, quem ouve ele falar chega quase a acreditar que ele é mesmo o culpado. – Theodore, inclinado para frente, falava devagar e gesticulava, como se suas mãos pudessem expressar o que suas palavras, sabia ele, não podiam.

Um silêncio desconfortável se prolongou. Ele ouvia a respiração agitada de Josefina. Então o relógio de parede do quarto dela fez, “*Cuco! Cuco! Cuco!*”.

– Tudo que posso dizer, Josefina – disse Theodore momentos depois que o relógio parou –, é que não acredito que Ramón seja culpado. Acho que está arrasado pela dor.

– Sei! – Josefina virou o rosto para a janela do outro lado da sala.

Theodore olhou para as mãos crispadas.

– Não vim aqui para convencer você de nada, Josefina. Estou apenas lhe dando minha opinião.

E aonde aquela atitude passiva o levaria?, perguntou-se. Onde estava sua coragem? O que havia de errado em convencer os outros, se achava que sua opinião estava certa? E ele estava *noventa por cento* certo de que Ramón era inocente... Uma fotografia numa moldura oval na parede atrás de Josefina chamava sua atenção há algum tempo. Talvez porque seu formato fosse igual ao pingente oval do colar de Lelia, e, mesmo percebendo isso, e que olhar para a moldura não lhe faria bem nenhum, ele continuou a olhar, como se aquela forma pudesse revelar algum segredo.

– Juana, por favor, traga um café – disse Josefina, erguendo a mão e voltando a deixá-la cair no colo. Desafiando ordens médicas, ela bebia pelo menos uma dúzia de xícaras de café forte todos os dias. – Se não foi Ramón, então, quem foi? – perguntou.

– Não sei.

Então ele a lembrou do cartão-postal e que qualquer um poderia ter sabido pelo jornal que Lelia tinha uma prima chamada Inés Jackson que vivia na

Flórida. Lembrou-a de que as chaves de Lelia nunca haviam sido encontradas, e que Ramón não fora capaz de explicar à polícia o que fizera com elas. Falou-lhe também dos telefonemas silenciosos, dois dos quais recebera enquanto Ramón estava ou na prisão ou em casa com ele. Os olhos de Josefina se alargavam enquanto ele falava. Se algum elemento de dúvida entrara em sua mente, Theodore não tinha certeza. Só sabia que a dúvida não bastaria para fazê-la mudar de opinião.

Quando o café chegou, Theodore preparou-se para a única afirmação que podia fazer com alguma convicção.

– Josefina, Ramón e eu sempre fomos bons amigos. Como estou mais inclinado a achar que ele é inocente e não culpado, preciso continuar sendo seu amigo. – As palavras soaram rígidas em espanhol, e ele percebeu que não causaram muito efeito em Josefina.

– Só inclinado? Por que não tem certeza? Porque no fundo sabe que ele é culpado!

– Não é isso. Não acho isso no fundo, e mesmo se achasse...

– Sei que devemos perdoar nossos inimigos – disse ela, dando de ombros.

– Mas é difícil quando a vítima é sangue do nosso sangue e o crime, tão horroroso e inconcebível. Teo, você não é burro, só ingênuo e generoso demais. Se acha que ele é inocente, deve achar também que é louco por ter confessado. De qualquer modo, ele é perigoso demais para ficar sob seu teto.

– Estou sabendo disso – replicou Theodore.

CAPÍTULO DEZESSEIS

O psiquiatra chegou às quatro e quinze, um quarto de hora depois do que prometera. Chamava-se dr. Cervantes Loera, e fora recomendado pelo médico de Theodore. O dr. Loera era um pensador agudo, “flexível e experimental”, dissera o médico. Gorducho, usava bigodes e óculos e tinha cerca de 45 anos. O pretexto de sua visita era conversar sobre arte e talvez comprar alguns quadros de Theodore. Seria apresentado a Ramón como sr. Cervantes.

Ramón ainda não descera quando o dr. Loera entrou na sala. Olhou ao redor e perguntou que quadros eram de Theodore, como se Ramón já estivesse presente.

– Pedi que ele descesse – disse Theodore. – Talvez ele desça espontaneamente. Inocenza, pode trazer o chá.

Quando o chá com bolo foi servido e Ramón ainda não havia descido, Theodore subiu para falar com ele.

– Prefiro não descer, obrigado – disse Ramón. Estava sentado numa cadeira perto da estante e tinha um livro no colo.

– Tudo bem. Mas vou subir com ele para mostrar alguns quadros, se não se importa.

– Ele vai entrar aqui? – perguntou Ramón, franzindo a testa.

– Vai. Quero que ele veja esses dois quadros. – E Theodore voltou a descer.

– Então, vamos subir – disse o dr. Loera quando Theodore lhe contou a conversa com Ramón.

Subiram a escadaria, cada um levando sua xícara, e entraram no ateliê de Theodore, onde o psiquiatra passou algum tempo olhando os quadros de Theodore e seu trabalho em andamento no cavalete. Os olhos grandes e inquietos do médico não perdiam um detalhe. Theodore ardia de impaciência, não vendo a hora que ele conhecesse Ramón.

– Vamos lá – disse o dr. Loera.

Theodore o conduziu até o quarto de hóspedes, cuja porta estava aberta. Ramón ergueu os olhos do livro com surpresa.

– *Señor Cervantes* – disse Theodore –, este é meu amigo, Ramón Otero.

Ramón, este é o cavalheiro que está interessado nos meus quadros.

Ramón murmurou algo e se levantou da cadeira, levando o livro.

– Você também é pintor? – o dr. Loera perguntou, o que não pareceu a Theodore a coisa certa a dizer, já que os jornais haviam tornado o nome de Ramón bastante conhecido.

– Não – respondeu Ramón.

O dr. Loera andou até uma parede onde estava uma das raras mas atraentes pinturas que Theodore fizera de um vaso com flores.

– Que quarto alegre, não?

Ramón fez que sim, acompanhando os movimentos do médico de modo a ficar sempre de frente para ele. Depois, jogou o livro na cama, saiu do quarto e desceu a escada.

Theodore olhou para o dr. Loera, que encolheu os ombros. Theodore estava farto daquele gesto.

– E agora?

– E agora, vamos atrás dele – disse o dr. Loera com um largo sorriso.

Eles desceram e, com extrema naturalidade, foram até a mesa de coquetel, onde o chá fora servido. Ramón estava do outro lado da sala de jantar.

– Estou mais interessado em seus quadros abstratos – disse o psiquiatra. – Aquele amarelo, por exemplo, está à venda?

– Preciso pensar. É um dos meus últimos quadros.

– Você recebeu excelentes críticas numa exposição ano passado – disse o dr. Loera de modo afável. – Também fui à exposição e lembro-me bem. Foi aquela em que expôs “Dosamantes”, não é?

– Foi – disse Theodore. Lelia escolhera os três quadros que ele expusera.

– Dosamantes – Ramón murmurou para si mesmo, tocando a borda de uma bandeja de madeira redonda, que continha o resto de um imenso bolo.

O dr. Loera andou lentamente em direção a Ramón, que recuou um pouco para trás da mesa. Fingiu olhar um quadro, que na verdade era uma velha gravura, na parede sobre o aparador. Depois olhou para o amplo arco de glacê branco sobre a bandeja e exclamou:

– Este bolo devia ser enorme! Era de casamento?

Theodore, preparando-se para uma reação de Ramón, disse:

– Um barbeiro conhecido nosso, Alejandro Nuñez, preparou-o em memória de nossa falecida amiga, Lelia Ballesteros.

Ramón olhou para Theodore como se nunca tivesse ouvido falar do bolo,

que viera com uma imagem de Lelia feita de glacê rosa e branco, e um verso sentimental escrito ao redor das camadas em glacê azul.

– Você não comeu nem um pedaço, Teo? Foi um presente bem-intencionado, não foi? – perguntou Ramón.

– Claro que foi, e eu comi um pedaço. Mas já foi feito há duas semanas. Eu disse que Alejandro tinha trazido o bolo, Ramón.

Ramón olhou para o bolo com expressão confusa. Estaria se perguntando onde fora parar a Lelia feita de açúcar e glacê? Theodore a removera num dia em que estava sozinho em casa, não suportando mais olhar para a estúpida boca vermelha e para as ondas de cabelos azuis escuros que representariam os cabelos negros de Lelia.

– *Señor*, Teo, com licença – disse Ramón abruptamente, dirigindo-se à escadaria.

O dr. Loera bebeu o que restava de seu chá frio e recusou mais uma xícara. Theodore queria sair logo, para que pudessem conversar sem serem ouvidos. Saiu para a rua com o médico e caminhou ao seu lado enquanto ele parecia refletir sobre o que tinha a dizer.

– Está esperando para ouvir palavras sábias que não posso lhe oferecer – disse o dr. Loera.

– Estou esperando para ouvir qualquer coisa.

– Pensei em arriscar e dizer que ouvi falar da tragédia, da morte da amiga de vocês. Mas achei que, se ele desconfiasse, poderia ficar contra o senhor. Ele é muito desconfiado, sem dúvida. Talvez até paranóico. Não é fácil lidar com ele.

– Não é mesmo. Ele passa da humildade à arrogância, mas na maior parte do tempo é humilde. Acha que não é digno de comer na mesa!

– Não seja tão humilde o senhor também. Trate-o como se fosse normal. Não fale deliberadamente de assuntos que o deprimam ou enfureçam, mas não o trate como um inválido. Isso só vai fazer com que ele se sinta pior, com pena de si mesmo e, o que é pior, culpado. A culpa dele é insaciável, entende?

É claro que Theodore entendia. Mas queria saber mais. O médico prosseguiu, friamente.

– Ele acha que o prejudicou ao matar a mulher que ambos amavam. Tem sentimentos ambivalentes a seu respeito. Quer agredi-lo por causa da vergonha que sente e também se desculpar e se redimir pelo mal que lhe fez.

– Acha que ele vai me agredir?

– Acho que não fisicamente. Existem outras maneiras. Sua ambivalência pode paralisá-lo. – O dr. Loera andava com passos lentos, olhando para a calçada. – Bem, esse é seu problema imediato, um mero detalhe. Acredite, eu gostaria de ter ficado mais com ele, mas não queria dar a impressão de que o perseguia pela casa, o senhor entende? – O médico parou numa esquina. – Agora preciso me despedir. Tenho outro compromisso. – Chamou um *libre* enquanto falava. – Foi muito interessante conhecer o seu amigo, *señor*, e também seus quadros. *Adiós*.

– *Adiós*.

Enquanto ele entrava no táxi e batia a porta, Theodore pensou que deveria ter deixado claro para seu médico que pagaria pela visita do dr. Loera. Mas não deixara claro. E, provavelmente, receberia a conta de qualquer jeito. Ao se virar, avistou o rapaz magricela a uma quadra de distância, atravessando a rua e olhando em sua direção. Ainda levava algo debaixo do braço. Ele devia tentar vender seus cachecóis em outro bairro, pensou Theodore. Caminhou de volta para casa, enquanto as vagas respostas de sempre, os “e se” e “talvez”, oprimiam sua mente e começavam a paralisá-lo. Pensara em perguntar ao psiquiatra se levar Ramón a uma festa de Carnaval seria uma boa idéia. Esquecera-se, mas a questão agora lhe parecia trivial e ridícula, como Ramón murmurando “Dosamantes”, que significa “dois amantes”.

Ramón estava de pé na sala quando ele voltou. Inocenza tirava o aparelho de chá.

– Quem era ele? – Ramón quis saber.

– Um tal de *señor* Cervantes – disse Theodore. – Eu nunca tinha visto ele antes.

– Ele comprou algum quadro?

– Acho que quer comprar o amarelo.

– Por quanto?

– Seis mil pesos.

Ramón arregalou os olhos diante da soma, mas perguntou:

– Só isso?

– Não sou Picasso. E estamos no México. – E ainda estou vivo, Theodore pensou em acrescentar.

– Não confio nele. Não parece honesto.

Theodore acendeu um cigarro, subitamente nervoso e impaciente.

– Bom, é uma transação simples, se é que vai acontecer. Você nunca mais vai vê-lo.

Ramón ligou o gramofone, pegou cuidadosamente um disco de Debussy e o colocou no aparelho. Era um dos *études* de que Ramón gostava, além de dois outros, e que ouvia o tempo todo.

– A festa de Olga é amanhã à noite – disse Theodore quando o *étude* chegava ao fim. Ramón sempre tirava o disco quando o primeiro *étude* terminava, embora houvesse vários outros no mesmo disco. – Você gostaria de ir?

– Uma festa de Carnaval? Você vai? – perguntou Ramón.

– Pensei em ir. Ela insistiu muito que eu fosse. Não pretendo ficar muito. Inocenza também irá, para ajudar a servir.

– Imagino que vá levar alguém? – Ramón perguntou, incrédulo.

– Não vou levar ninguém. E você não precisa ir, se não quiser. – Theodore sorriu. – Vamos subir. Quero te mostrar uma coisa.

Ramón o acompanhou com relutância. Theodore entrou em seu quarto e tiro um pacote do fundo do armário.

– Comprei essas fantasias ontem. Precisamos ir fantasiados, você sabe. A minha é de canguru. O que acha? Com meus pés grandes, vai ficar perfeita, não acha? – Theodore ergueu os compridos pés de pano, forrados com solas de papelão. A cabeça tinha furos no lugar dos olhos e um focinho longo e sorridente. – A outra fantasia é simples, de palhaço, mas pode ser usada com qualquer máscara. Veja as máscaras que comprei. – Theodore abriu um saco de papel e tirou uma máscara de gorila e outra de gato, com bigodes móveis de borracha. – Pode escolher. Ou então não vá, se não quiser.

– Tanto faz. – disse Ramón, olhando as fantasias. Sob a luz do abajur, sua testa lisa e pálida parecia um retângulo de mármore. – Nenhum disfarce consegue enganar por muito tempo.

CAPÍTULO DEZESSETE

A casa dos Velásquez não era grande, e Theodore ficou espantado com a quantidade de pessoas que conseguiram se aglomerar dentro dela. Havia gente dançando até no vestíbulo, ao som da música cubana tocada por uma orquestra de quatro músicos na sala. Algumas acenaram para eles alegremente. A única iluminação era de velas, e havia um cheiro de incenso no ar, um rastro de fragrância de gardênia, e os perfumes combinados de muitas mulheres. Ramón contemplou a multidão através da máscara de palhaço com um misto de prazer e ingenuidade.

Theodore procurou Constanica, a única pessoa que conseguiu reconhecer, e disse:

- Onde está a *señora* Velásquez?
- *Señor* ou *señora*? – Constanica gritou.
- *Señora*!

Constanica olhou ao redor e depois apontou.

- É aquela, de rato! – disse ela, rindo.

Theodore pegou o braço de Ramón e andou em direção à miúda silhueta fantasiada de rato, sentada no braço de uma cadeira.

- Olga? Boa noite! É o Theodore!
- Ah! – Olga abriu os braços. – *Señor* Canguru! – Ela puxou a bolsa marsupial da fantasia. – E o Ramón?
- Não está aí! – disse Theodore, rindo. – Está aqui! Sua anfitriã, Ramón.
- Ramón pegou a pata da ratinha e se inclinou educadamente.
- Seus amigos, os Hidalgos, vieram, mas não sei onde estão agora. Estes são o *señor* e a *señora* Carvajal. O *señor* Schiebelhut – disse Olga, indicando as pessoas ao seu redor. – A *señora* Guzman...

- Não! – protestou uma figura feminina. – Sou a *señora* Jimenez!

Todos riram.

– Bom, não importa quem somos esta noite! – disse Olga. – Chega de apresentações. As bebidas estão no jardim, Teodoro. Vá até lá e peça o que quiser. Pisaram no meu pé enquanto eu dançava, e ainda não posso me mexer.

- Machucou muito? – perguntou Theodore, inclinando-se para o pé de

Olga.

– Não! Eu é que sou preguiçosa. Busque uma bebida e volte para dançar comigo.

Mais gente dançava e pulava no jardim atrás da casa. Figuras irreconhecíveis chutavam o ar, saltavam tentando pegar os demônios de *papier mâché* suspensos nas árvores, moviam-se e giravam como derviches. Parecia inacreditável que aquela loucura continuasse a noite inteira, mas continuaria, por toda a cidade. Era a terceira das quatro noites de carnaval, e as pessoas só admitiriam o cansaço na manhã depois do último dia. Nas últimas noites, o barulho das ruas – as buzinas, as canções, os passos apressados – havia entrado pelas janelas da casa de Theodore. No primeiro baile de Carnaval a que ia naquele ano, parecia que toda a agitação preliminar que ele ouvira nas ruas, todas as fantasias exuberantes que vira nas vitrines haviam-se concentrado naquela casa para uma grande explosão.

– Tome um drinque, Ramón – disse Theodore, estendendo-lhe um copo de ponche com um canudo.

Ramón procurou o espaço entre os lábios do palhaço e introduziu o canudo.

– Ao Carnaval! – disse Theodore.

– Ao Carnaval!

– Você é Eduardo? – um pequeno vulto perguntou, batendo no ombro de Ramón.

– Não – disse Ramón, sacudindo a cabeça. Deu de ombros enquanto a figura feminina – um animalzinho verde, com uma cauda – afastou-se saltitando em direção à casa.

Quatro garotas dançavam em roda, de mãos dadas. Começaram a executar um passo gracioso e complicado, em que colocavam um pé no centro da roda, e que não tinha nada a ver com a rumba que a orquestra tocava. Ramón também as olhava. Estavam todas de amarelo, coelhos amarelos com orelhas flexíveis, os pés descalços, cobertos apenas pelo tecido amarelo das fantasias. Theodore achou-as extremamente cativantes, como a materialização de um velho livro de fábulas, fantásticas, assexuadas e travessas. Não dava para saber o sexo de ninguém, exceto, talvez, pela altura ou pelo tamanho dos pés. E dois homens altos estavam vestidos de mulher.

A garota verde estava de volta.

– Você só *pode* ser Eduardo! Pare de brincar comigo! – exclamou ela com

voz jovem e trágica, erguendo os olhos para Ramón. – Diga algo para mim!

– Quem é você? – Ramón perguntou.

– Nanetta – ela respondeu. – E quem é você?

– Pablo – disse Ramón.

– E você? – Ela olhou para Theodore por trás da máscara de burro.

– Francisco – disse Theodore, inclinando-se.

A garota continuava olhando para Ramón, embora já devesse ter percebido, pela voz, que não era Eduardo.

– Você quer dançar? – perguntou Theodore.

Ela abriu os braços para ele.

– Com licença, Pablo – disse Theodore, e partiu com a moça em direção à sala.

O barulho não permitia conversar, e de qualquer modo a garota era muito mais baixa do que Theodore. Ele começou a se sentir mais alegre. Ramón ficaria bem aquela noite, pensou. Algo começara a lhe acontecer quando vestira a fantasia, algo que tinha a ver com perder a identidade, até para si mesmo.

– Você gosta de dançar? – a garota perguntou.

– Gosto.

– Você gosta de festas? – Ela dançava colada a Theodore, o corpo enérgico curvando-se e movendo-se em sintonia com os passos dele. Não parava de fazer perguntas. De onde era aquele sotaque? Ele era tão alto mesmo ou estava usando pernas de pau?

– Tem um homem de pernas de pau aqui – disse ela. – Está no jardim.

Theodore olhou e viu que tinha mesmo, um homem com fantasia de Tio Sam.

– Você está esperando por Eduardo?

– Não – disse ela, rindo.

– Veio sozinha?

– Vim com um amigo – disse ela, em tom misterioso. – Veja. É o chefe africano. – E apontou com a cabeça para um grupo no qual estava um homem gordo usando malha marrom, cartola, charuto e uma argola no nariz. – É meu tio – disse ela, e riu.

Theodore também riu, sem acreditar.

– Você é bonita?

– Ah, *sí* – disse ela, provocando-o.

Mas Theodore não queria ver o rosto dela, ainda que fosse bonito. Trouxe-a para mais perto de si e olhou ao redor, procurando Ramón, e percebeu que havia pelo menos três fantasias de palhaço idênticas à dele. A garota apertou sua nuca com mais força.

Passava da meia-noite. Theodore já buscara vários *highballs*^[3] de rum, mas perdera a maioria sobre o consolo da lareira enquanto dançava com Olga ou com alguma outra figura feminina ou com a garota baixinha chamada Nanetta, que não desgrudava dele. Alguém prendera a cauda de sua fantasia, e ele não precisava mais levá-la sobre o braço ou tropeçar nela enquanto dançava. E, num canto da sala, à vista de todos que quisessem ver, Nanetta atirou os braços em torno do seu pescoço, apertou-o com força, pressionando o rosto contra o seu, e disse “Eu te amo, Francisco”. Beijaram-se, unindo os focinhos de canguru e de burro. Theodore sentiu uma súbita vergonha ao ver que Ramón o observava, com os braços cruzados, de uma porta do outro lado da sala. Pelo menos ele achou que fosse Ramón.

– Será que aquele é seu amigo, Eduardo? – Theodore perguntou a Nanetta, apontando para o palhaço encostado no batente da porta.

– Ah, não – disse ela com sua vozinha ansiosa e ofegante. – Eduardo é mais alto.

Theodore nunca sabia se a garota zombava dele ou não. Andou até o palhaço e disse:

– É você, Ramón?

O palhaço não respondeu de pronto. Depois, assentiu com a cabeça e disse “Sim”.

– Você já dançou com a anfitriã?

– Não.

Ramón sempre gostara de dançar, e dançava muito bem.

– Lá está ela, ao lado da lareira – disse Theodore.

O palhaço continuava encostado no batente da porta. Descruzou os braços e deixou-os pender, e, naquele momento, Theodore viu que não era Ramón.

– Teo, sou eu, Carlos! – o palhaço disse com uma voz chorosa que mal parecia com a de Carlos Hidalgo.

– O que houve, meu velho? – Theodore perguntou, segurando-lhe o ombro, mas obviamente o único problema era que ele bebera demais.

Carlos também segurou o ombro de Theodore, e baixou a cabeça de

palhaço. Soluçou, fungou e ergueu a cabeça.

– Você se sentiria melhor se tomasse um café, Carlos? Deve ter café aqui, em algum lugar. Vou perguntar para Constancia.

– Não – gritou Carlos, e afastou-se da porta cambaleando.

Isabel – Theodore reconheceu-a pelo seu tamanho e jeito de andar – de repente estava ao dele, segurando-lhe o braço firmemente.

– Desculpe, Teo. É que ele insiste em começar a beber em casa, e depois...

– Ela se interrompeu com um riso constrangido.

– E se ele tomar um café? Quer que eu peça à empregada?

– Não, eu mesma busco. Obrigada, Teo. – E se foi conduzindo Carlos.

Enquanto eles se afastavam, Theodore lembrou que Carlos nunca cumprira a promessa de lhe telefonar quando tivesse uma noite livre. Ainda queria conversar com ele sobre o mês em que estivera fora, antes da morte de Lelia. Mas, obviamente, não seria naquela noite. Quando se virou para voltar à sala, Olga veio em sua direção e disse:

– Teodoro, Constancia está te procurando. Telefone para você.

– Onde? Aqui na sala?

– Lá em cima, no meu quarto. O único lugar da casa onde dá para ouvir alguma coisa!

Theodore subiu, olhou no quarto errado primeiro, depois encontrou o quarto com o telefone fora do gancho, esperando sobre a colcha de cetim azul.

– *Bueno?* – disse ele. Ouviu um burburinho de muitas vozes.

– *Bueno?* – disse uma melodiosa voz feminina.

– *Bueno.* Aqui é Theodore.

– Theodore! Aqui é Elissa. Como vai?

– Bem. E você?

– Estou na festa de que lhe falei. Em Pedregal. Por que não vem para cá? Posso mandar um carro te buscar – sua voz lânguida e preguiçosa insinuou-se pelo ouvido de Theodore.

– Bom, não sei Elissa, porque...

O pequeno vulto verde de Nanetta apareceu à porta subitamente como o de uma fada, apoiando-se sobre um pé, as mãos no batente da porta.

– Já mandei o carro até aí, portanto, não precisa decidir agora, Theodore. Se não quiser vir, é só mandar o carro embora. A festa aqui está só começando! Espero que você venha.

– Como sabia que eu estava aqui? – Theodore perguntou, nervoso porque Nanetta estava se agarrando a ele.

– Tenho meus espiões – disse Elissa, com uma risada macia. – *A toute à l’heure*, Theodore – disse ela, pronunciando o nome dele à francesa, e depois desligou.

Nanetta voltou se pendurar em seu pescoço, colando a perfumada máscara de burro contra a sua. Não disse uma palavra. Quando eles sentaram ou caíram sobre a cama, Theodore notou que ela fechara a porta. Era ridículo, com aquelas fantasias, abraçar uma desconhecida, sem poder ver-lhe o rosto, mas ao mesmo tempo era extremamente agradável. Francisco e Nanetta. Ele beijou-lhe o pescoço coberto de tecido verde, apertando-a com força para sentir o calor da pele. As mãos dela acariciavam-lhe as costas freneticamente.

Então a porta se abriu bruscamente.

– Nanetta! Que diabos está fazendo? Levante! Saia daí, sua...

– Eu não estou fazendo nada! – a garota protestou com voz aguda, levantando-se de um salto.

– E o *señor*... – Era o chefe africano. Sua pança era de verdade, e talvez ele fosse mesmo o tio, ou o marido dela.

– Não-é-culpa-dele-ele-é-bonzinho! – gritou a moça, emendando uma palavra na outra.

– Eu sei que não é culpa dele. É culpa sua! – rugiu o homem. – Universidade uma ova... Você precisa é de um *convento*!

Eles se foram pelo corredor, e Theodore ficou confuso por um momento, enquanto um diálogo disparava em sua mente.

“Eles não sabem quem você é.” “Essa não é a questão. Por que foi fazer isso?” “Olga vai entender. O que eu fiz, afinal?” “Podem não saber quem você é, mas vão reconhecer sua fantasia quando descer a escada.” “Ah, eles vão esquecer. Afinal, é Carnaval.” “Ramón vai ficar sabendo. Você foi um otário. Ela não deve ter mais de dezoito anos! Seu otário!” Theodore olhou para seu reflexo no espelho longo e estreito de Olga, e depois, abruptamente, voltou-se e andou para a porta.

Mas ninguém havia esquecido no andar de baixo. Theodore logo viu um grupo de pessoas gesticulando num canto da sala, destacando-se da confusão geral. Olga, com sua fantasia de rato, estava entre eles, e, quando o viu, separou-se do grupo e correu em sua direção. Puxou o ombro de Theodore para baixo para poder sussurrar em seu ouvido.

– Theodore, não ligue para ele. Tem um gênio terrível, e, além disso, bebeu demais. E aquela menina! É sobrinha dele, e acabou de ser expulsa de uma faculdade qualquer. Dá para imaginar o porquê!

Theodore lhe disse que nada acontecera, exceto que a garota tentara beijá-lo enquanto ele falava ao telefone, e não entendia por que tanto rebuliço, mas percebeu que começava a soar como Ramón, protestando inocência, e calou-se. O tio gordo vinha em sua direção do outro lado da sala, e, para seu desconforto, notou que várias pessoas o olhavam, e imaginou ouvi-las dizer: “O canguru... Foi o canguru!”. Mas o chefe africano, que segurava a sobrinha pela mão, virou e se dirigiu para um corredor, e a garota jogou um beijo para Theodore ao passar.

Theodore foi para o jardim em busca de Ramón. Não o encontrou. Um jogo de dardos começara, tendo como alvo um dos demônios de *papier mâché*, e seria perigoso atravessar o jardim rumo ao pátio. Finalmente ele viu Ramón dançando entre os casais perto da orquestra. Conversava com seu par, uma mulher bastante alta e esguia, que usava uma saia rodada azul-turquesa e uma máscara preta convencional sobre os olhos. Depois notou que um grupo de três pessoas virava a cabeça para olhá-lo. Olga tinha alguns amigos convencionais, mas era de se pensar que no Carnaval... Theodore esperou pela primeira oportunidade de falar com Ramón, e, quando uma música terminou, esgueirou-se pela multidão em direção ao amigo.

– Com licença – disse ele, inclinando-se para a mulher. – Ramón, podemos conversar um pouco?

– Eu não sou Ramón! – Mas era a voz e o riso de Ramón.

– Pablo... Vamos, eu sei que você é Ramón. – Acho que vou para outra festa. Venha comigo, se quiser. Sei que será bem recebido.

– Onde?

– Em Pedregal. Estão mandando um carro para cá, e já pode ter chegado. Olga vai nos desculpar. Vamos?

– O que aconteceu lá em cima?

– Nada! Uma garota boba. Eu só...

– Não foi o que ouvi dizer – disse Ramón, em tom severo.

– Dane-se o que você ouviu dizer. Vai comigo ou não?

Ramón afastou a mão de Theodore de seu braço.

– Que bonito.... – disse ele. – Enche a cara na festa e se atraca com uma menina no quarto!

– Bom, você tem a chave, Ramón. Pode ir para casa quando quiser.

Theodore andou para a porta, o rosto queimando de vergonha e raiva. O psiquiatra não havia lhe falado para tratar Ramón como se fosse normal? No entanto, era como se saísse coberto de vergonha. Parou, procurou por Olga e se obrigou a andar até ela. Explicou que ia passar em outra festa, mas que, quando voltasse, viria se despedir se a festa ainda não tivesse acabado.

– Claro que não vai ter acabado!

Theodore saiu para a noite fresca e viu um chofer descendo de um longo Cadillac preto.

– *A señorita* Straeter o mandou? – Theodore lhe perguntou.

– *Sí, señor...* – Ele consultou o papel que segurava.

– Schiebelhut.

– Schiebelhut, *sí!* – Sorrindo, ele abriu a porta do carro.

– Teo!

Theodore voltou-se e viu Ramón.

– Você vem, Ramón?

– Vou. Desculpe pelo que eu disse. Seja verdade ou não... não é nada, um pecado menor, comparado a outros pecados.

– Que conversa é essa de pecados agora?

Ramón segurou o braço de Theodore com firmeza.

– Perdão, Teo. Perdoe-me pelo que eu disse.

– Certo, eu te perdôo. Agora, entre.

O carrão disparou pela cidade, sua velocidade impedindo Theodore de falar enquanto percorriam a larga e escura estrada para Pedregal. Por que estou indo para lá?, ele se perguntou, sem dar a mínima por não ter uma resposta. Já estava cansado de procurar respostas.

– Quer mudar um pouco? – perguntou a Ramón, tirando a máscara de gato da bolsa do canguru.

Ramón a colocou obedientemente.

Passavam pelo grande muro que protegia as casas luxuosas de Pedregal. O carro embicou num portão iluminado, com altas grades de ferro, como a entrada de uma prisão. Dois soldados trazendo lanternas nas mãos e rifles nos ombros aproximaram-se de cada lado e iluminaram o interior do carro e seus ocupantes. Era a inspeção de rotina na entrada de Pedregal.

– Não temos armas secretas – disse Theodore.

Os guardas acenaram que entrassem, um apito soou e os portões se

fecharam com estrépito quando passaram. A estrada agora era muito lisa e estendia-se sinuosamente por entre os gramados bem-cuidados das mansões avarandadas, muitas delas iluminadas naquela noite. A música das festas crescia e diminuía enquanto passavam, e no entanto a atmosfera lá era discreta, quase silenciosa, como se tivessem entrado em outra cidade. Montes pretos de pedra vulcânica, decorados com flores, projetavam-se dos gramados. O cascalho começou a crepitar sob os pneus. O carro parou ao lado de duas enormes portas de vidro, atrás das quais Theodore viu uma grande sala cheia de pessoas fantasiadas. Do outro lado do carro havia uma piscina cercada de luzes azuis e uma fonte iluminada, da qual a água dourada jorrava como champanhe efervescente.

– Theodore! Você veio!

Theodore reconheceu a silhueta alta e esguia de Elissa Straeter num vestido de seda branca, embora ela usasse uma justa máscara verde de gato sobre o rosto e a cabeça.

– Boa noite! – disse Theodore. – Trouxe um amigo, Ramón Otero. Ramón, esta é a *señorita* Straeter. Mas acho que já se conhecem, não é? – Eles se conheciam, lembrou-se Theodore claramente, e Elissa disse:

– *Ramón!* – em tom de espanto, e o olhou fixamente, embora seu rosto não estivesse visível.

– Elissa, acho melhor você não nos apresentar para ninguém. Não quero que fiquem olhando para Ramón.

– Claro! Eu entendo, Theodore – disse Elissa, pegando a mão dele. – Não precisam nem conhecer o anfitrião. – Ela cambaleava um pouco, por causa da bebida ou da pavimentação irregular. – Venha, Ramón. Pegue uma bebida e se divirta olhando as fantasias.

O barulho os atingiu assim que abriram a porta de vidro. Algumas pessoas descansavam no chão, segurando drinques. Havia várias garotas altas, de malhas de dança e pernas nuas, a maioria com cabelos loiros e cacheados emoldurando as máscaras. Garotas americanas. Elissa deu uma taça de champanhe para cada um deles e ergueu a própria taça.

– À sua saúde, cavalheiros – disse com formalidade, e Theodore viu que ela estava bêbada como sempre, talvez mais.

Os vultos sóbrios e eficientes de três ou quatro empregadas moviam-se entre os ruidosos convidados, recolhendo copos, oferecendo bandejas de canapés quentes, apesar das sofisticadas saladas e das montanhas de

sandwichinhos dispostos numa longa mesa na lateral da sala.

– Vocês não precisam conhecer ninguém, se não quiserem – disse Elissa com sua voz suave e quase inaudível. – Mas lá está o anfitrião, Johnny Doolittle, caso não o reconheçam. – Ela apontou para um gorila baixo, inclinado sobre uma cadeira, que falava gesticulando.

Houve um momento, enquanto Elissa narrava uma longa e enfadonha história, em que Theodore desejou ir embora. Ele não conhecia ou não reconhecia ninguém lá, e sabia que Elissa manteria a conversa no mesmo nível maçante pelo resto da noite. Sua voz saía com gravidade e requinte absurdos da fenda formada pela boca sorridente do gato.

– Ramón não fala inglês, sabe – disse Theodore, explicando por que Ramón se afastara um momento antes e fora para o terraço.

Em seguida Theodore andou com Elissa em direção à piscina.

– É aquecida – disse ela. – Não é linda?

Um menino sorridente, de uniforme branco, aproximou-se com uma bandeja de trêmulas taças de champanhe. Elissa pousou as taças quase vazias na bandeja e pegou duas cheias.

– Elissa, preciso lhe perguntar uma coisa. Tenho recebido telefonemas mudos no último mês, desde a morte de Lelia, pelo menos um por semana. Se for você, não me importo, é claro, mas... – E ele explicou-lhe o caso precipitadamente. Teve a impressão de estar fora de seu corpo e de ouvir a própria voz, enquanto julgava o grave balançar de cabeça de Elissa. Parecia que ela realmente não sabia de nada. Tirara a máscara de gato, dizendo que não a suportava mais, e seu rosto estreito, friamente belo, olhava para Theodore com atenção embriagada.

– Não, Theodore, certamente que não. O policial que me visitou fez a mesma pergunta. Ele também levou uma amostra da minha máquina de escrever. Eu não me importei, Theodore. Claro que não. Esse é um assunto grave. Aquela mulher era muito importante para você, não era?

– Eu a amava – Theodore disse enfaticamente, e estremeceu. O ar estava fresco. E o álcool começava a enfraquecê-lo. Ouviu uma sucessão de *splashes* na piscina. As garotas de malha mergulhavam, de máscara e tudo.

– Elas são de um espetáculo americano – Elissa explicou.

De repente, eles se viram cercados de pessoas que saíam da casa para ver o que se passava na piscina. Alguém trouxe um xilofone para fora. Mais luzes se acenderam, dando à piscina um tom profundo, mas claro, de azul.

Theodore olhou ao redor, procurando Ramón. Os convidados daquela festa eram menos animados do que os de Olga. A julgar pelas vozes que ouvia, eram quase todos americanos. Faltava uma certa graça, e, percebendo isso, Theodore sentiu-se ainda mais deprimido e apreensivo. Notou que a lua estava cheia.

– Então, não acha que ele é culpado?

– Como?

– Ramón. Não acha que ele é culpado?

– Acho que não.

– Bem, numa situação como essa, *alguém* deve ter uma idéia de quem foi. Não precisa me dizer, Theodore, se for algo que a polícia lhe disse para não contar.

– Não, estou dizendo a verdade. Ninguém... – Um grande *splash* quando três garotas pularam ao mesmo tempo. – Ninguém sabe. Nem Ramón, nem eu, nem a polícia. Mas ainda estão investigando o caso. Com mais empenho do que nunca.

– Ah – fez Elissa, pensativa, mas com a mesma fria serenidade. – Eles vão acabar descobrindo, Theodore. Sempre descobrem.

– É verdade – disse Theodore, sem convicção.

– Vamos sentar em algum lugar – disse Elissa, pegando-o pela mão. Não perdia uma oportunidade de tocá-lo.

– Quero saber onde está Ramón. Com licença, Elissa.

Voltou para o salão, olhou ao redor, depois foi para o terraço. Convidados jogavam balões pelo parapeito do terraço, tentando fazer com que caíssem sobre as águas das fontes. Theodore viu que Ramón conversava com um homem de fantasia vermelha num canto do terraço. Por um momento, hesitou em interrompê-los, mas depois se aproximou.

– Com licença – disse a ambos. – Como vai, Ramón?

– Tudo bem. Este senhor está me falando sobre a indústria cafeeira.

O homem de vermelho, fantasiado de diabo, inclinou-se de leve e disse:

– Hoje a gente não precisa de apresentações para conversar. – Riu de modo afável. – Seu amigo está muito sério. – Voltou-se para Ramón. – *Adiós*, Pablo. Preciso voltar para minha mulher. Que não é minha verdadeira mulher, é claro. – Ele tocou um dos chifres vermelhos numa saudação e depois se afastou, com o ventre arredondado, as pernas esguias, o andar elegante.

– Ele estava se referindo a uma brincadeira – explicou Ramón. – Ele disse que hoje tem várias mulheres. Hoje, o demônio vai atrás do que é seu.

– Mas eu diria que você se aproximou dele – disse Theodore.

– Acertou, amigo! – replicou Ramón, alegremente.

– E a única coisa que “moeram” foi café?

– Acertou de novo! – Ramón abraçou Theodore pelos ombros e pressionou a máscara contra seu rosto, como se o beijasse.

Olharam, fascinados, para um balão que se equilibrava no alto de um jato da fonte, até que o balão caiu, provocando risos e murmúrios na pequena platéia.

– Está se divertindo? – Theodore perguntou.

– Não – disse Ramón, mas não com desagrado.

Atravessaram a sala e voltaram para o pátio. Theodore viu Elissa vagando pelo gramado perto da piscina, e ela o viu quase no mesmo instante. Theodore se aproximou e disse que ele e Ramón estavam indo embora.

– Mas a festa está começando! Johnny vai servir o café-da-manhã daqui a pouco.

Theodore disse que precisavam voltar. Elissa insistiu que eles fossem de carro. Ela iria com eles e depois voltaria para a festa. Foi impossível dissuadi-la. Mandou dois criados em direções opostas procurar o chofer.

No carro, Elissa falou um pouco em espanhol com Ramón – seu espanhol não era nada mau – e lhe fez perguntas deprimentemente educadas. Ela parecia uma máquina de educação, programada para funcionar indefinidamente. Era educada demais até para ter um caso com alguém, pensou Theodore. Não conseguia imaginá-la numa situação tão real. Theodore a ouvia, assentia com a cabeça, respondia como numa névoa. Ela perguntou se ele iria em breve para Cuernavaca – ela ficava numa certa suíte no Marik-Plaza quando ia à cidade, informou –, e Theodore pensou numa rua de Cuernavaca onde gostava de andar, lembrou-se dos rostos morenos dos meninos índios, dos rostos pesados dos homens de cabelos e bigodes pretos, que dirigiam os caminhões de cerveja, os rostos dos velhos de sombreros, e se alegrou por eles serem a maioria da população, mesmo em Cuernavaca.

– Bom, chegamos – disse Theodore enquanto o carro parava em frente à sua casa.

– Como vai sua empregada, Inocenza? – perguntou Elissa.

– Que boa memória! Ela vai bem – disse Theodore, saindo do carro. –

Muito obrigado por seu serviço de *libre*, Elissa. Ficamos muito gratos.

– Não vai me convidar para um último drinque?

Era o que Theodore temera.

– Mas é claro. Vamos entrar.

Ele introduziu a mão na fenda da fantasia e tirou as chaves do bolso da calça. As luzes ainda brilhavam na casa de Olga, e ele supôs que Inocenza estivesse lá.

Uma luz estava acesa na sala de sua casa. Leo encolheu-se, tenso, no meio do piso e olhou para eles. Agitava a cauda de um lado para o outro. Theodore dirigiu-lhe algumas palavras, disse para Elissa e Ramón se sentarem e depois foi para a cozinha buscar gelo e ligar a calefação.

– Que linda casa! – suspirou Elissa. Ela já estivera lá duas ou três vezes.

Quando voltou com o balde de gelo, Leo olhava para Elissa enquanto um som agudo saía de sua garganta.

– Não seja antipático, Leo – disse Theodore. – Ele deve ter passado frio a noite toda, e está bravo comigo.

Elissa sentou-se graciosamente no canto do sofá segurando seu uísque com soda. Theodore viu que seu rosto assumia a expressão levemente mortificada que precedia todos os seus comentários sobre o “caso Lelia”. Ele ergueu o próprio drinque fraco e olhou para o relógio de parede para ver as horas. O relógio não estava lá. *Assalto* – a palavra cruzou sua mente no mesmo instante.

– O relógio desapareceu – disse ele, olhando para a mesa de coquetel, onde lembrava de ter visto seu isqueiro antes de sair. Também desaparecera.

Ramón, que pegava água gelada no carro de bebidas, virou-se para ele.

– Acha que foi roubado? – perguntou, alarmado.

Theodore foi até o aparador e abriu uma gaveta. Sua prataria estava intacta. A estatueta de Degas continuava sobre a mesinha encostada à parede.

– Com licença, preciso olhar lá em cima – disse Theodore, e subiu correndo a escadaria, dois degraus por vez.

A porta do seu quarto estava aberta, e ele viu que duas gavetas da escrivaninha haviam sido abertas. Subiu mais um lance de escadas, abriu a porta do quarto de Inocenza e procurou freneticamente o interruptor de luz ao lado da porta. A luz se acendeu, e ele olhou para a cama. Estava vazia, a colcha lisa. Nada parecia fora do lugar. Apagou a luz e desceu as escadas.

– Foi assalto, Theodore? – Elissa perguntou no corredor.

Ramón vinha atrás dela.

Theodore entrou em seu ateliê. A janela estava aberta cerca de meio metro. Suas pinturas estavam em ordem, mas a faca das Índias Orientais, que sempre ficava em seu estojo de madeira na estante de livros, desaparecera.

– Foi – disse Theodore. – E acho que entraram pela janela. Talvez vindo da casa dos Velásquez. Está vendo? – disse para Ramón, apontando para a estreita ponte coberta de trepadeiras que passava sobre o portão de ferro que ligava as duas casas. – A janela deles também está aberta.

– Não é melhor chamar a polícia? – perguntou Elissa. – Acha que o ladrão estava na casa dos Velásquez?

– Mas não está lá agora – disse Theodore. – Não com um relógio daquele tamanho. Não toquem em nada na casa. Pode haver impressões digitais.

Mas ele duvidava disso. Imaginava alguém fantasiado, talvez com aquelas fantasias inteiriças que cobriam as mãos, que provavelmente entrara como penetra na festa dos Velásquez, rastejara pela ponte entre as casas e depois saíra com os objetos roubados pela porta. Era apenas um pequeno contratempo de Carnaval, pensou Theodore entrando em seu quarto. A única coisa que o incomodava era a possível conexão com o assassinato. Achava que tinha visto sua caneta-tinteiro sobre a escrivaninha antes de sair. Mas os cadernos e os blocos para desenho nas gavetas abertas pareciam intocados.

– Elissa, quem sabia que eu ia à festa dos Velásquez?

– Bem... – Ela parecia constrangida e um pouco ofendida. – Conheço o *señor* Velásquez. Ou melhor, conheço alguém que o conhece, e...

– Quem?

– Emily O'Hara. Ele é advogado dela, e de vez em quando... Quero dizer, Emily me disse que os Velásquez iam dar uma festa hoje. Acho que ela foi. De qualquer forma, ela me disse que você tinha sido convidado. Eu não tinha *certeza* de que você estaria lá, entende?

Theodore entendia. Era mais uma resposta vaga e insatisfatória. Foi até o telefone, discou um número e pediu, sem esperança, para falar com Sauzas. Ele não estava. Theodore comunicou o assalto, e o policial disse que mandaria alguém imediatamente.

– Sinto muito que isso tenha acontecido, Elissa – disse Theodore. – Por favor, não ache que precisa ficar. Está tarde, e você deve estar cansada.

– Mas estou interessada, Theodore. Talvez estejam faltando outras coisas. Você olhou suas roupas?

Theodore sacudiu a cabeça.

– Pode me preparar mais um uisquinho, Theodore? Só com gelo?

Theodore o preparou. Ramón fora chamar Inocenza nos Velásquez. Theodore lhe dissera para não contar à empregada o que acontecera para não espalhar a notícia pela festa. Ramón chegou com ela minutos depois.

– Chamei você porque assaltaram a casa – disse Theodore. – Não é nada grave, mas aconteceu.

– Um assalto! – exclamou Inocenza.

– Sim. E acho que o ladrão deve ter entrado pela ponte com a casa dos Velásquez. Você chegou a voltar aqui esta noite?

– Não, *señor*.

– Ouviu algum barulho?

– Não, *señor*.

A polícia chegou. Eram dois policiais comuns de uniforme, que, não sem tédio, revistaram a casa e fizeram uma lista dos objetos roubados e seu valor. Theodore sabia que jamais iria recuperá-los. Ninguém nunca recuperava objetos roubados no México, e a *policía* encarava pequenos assaltos como aquele com uma indiferença resignada. Sem dúvida acreditavam que gente com tanto dinheiro não podia deixar de ser assaltada de vez em quando, que não lhes fazia nenhum mal e fazia algum bem aos pobres. E Theodore também sentia algo parecido.

– Não vai tentar colher impressões digitais? – perguntou a um policial.

– Ah, *señor*, se recuperarmos seus bens roubados, eles terão mudado de mãos várias vezes. Precisamos ir ao vizinho agora.

Theodore ficou envergonhado pela divulgação do assalto na festa. Não valia a pena. Pediu desculpas a Olga, que parecia alegremente embriagada agora, embora continuasse tão animada como no começo da noite. Subiram todos à sala que Olga chamava de “sala de música”, que tinha um piano, um gramofone e estantes de livros, e cuja janela estava totalmente aberta. A ponte coberta de trepadeiras ficava só um metro abaixo e um pouco à direita do peitoril da janela. Ninguém se lembrava se a janela fora aberta no começo da noite ou não. Constancia achava que estava aberta, porque ela pensara em abri-la para ventilar a casa. O *señor* Velásquez gostava de ar fresco. Restavam apenas cerca de quinze convidados, e eles aguardavam com súbita sobriedade, alguns ainda mascarados, outros não.

– *Señora*, precisamos de uma lista dos convidados de sua festa – disse um

dos policiais.

– Ah! – Olga ergueu as mãos, consternada, mas logo em seguida disse: – Mas é claro! Acho que a lista ainda está na minha escrivaninha. – E correu para outro cômodo.

– Não adianta – Theodore disse ao policial. – Todos estavam fantasiados, e alguns podem não ter sido convidados.

O policial riu, como se dissesse, claro que não adianta, mas tenho que seguir o procedimento.

Olga voltou com a lista, mas admitiu a Theodore e aos policiais que estranhos podiam ter entrado na festa.

– Não foi um assalto grande – Theodore disse-lhe amavelmente. – Acho que o valor não chega a seis mil pesos. Podia ter sido bem pior. Agora acho melhor eu ir para casa.

Elissa – que cumprimentara os Velásquez cordialmente e dissera algumas palavras de pesar, como se ela fosse pessoalmente responsável pelo assalto – saiu com Theodore, assim como Ramón. A polícia imitou Theodore, como ele imaginara, não tendo mais nada que fazer na casa dos Velásquez, e partiu também. Elissa voltou a expressar sua solidariedade e entrou no carro que a aguardava.

– Sauzas vai ficar muito interessado no caso – Theodore disse a Ramón enquanto cruzavam o pátio. – Eu não quis dizer nada a esses policiais a respeito... de nada. Acho que não devia ter deixado que viessem. Se havia alguma digital na casa, agora não há mais.

Ramón jogou a máscara de gato no sofá com um gesto cansado. Na presença de Elissa, havia tirado a máscara de palhaço, que agora estava presa com barbante atrás da nuca.

– O mundo está tomado pelo mal, Teo.

– Não é assim – disse Theodore. – Mas acho que existe tanto bem quanto mal no mundo.

Foram cada um para seu quarto. Inocenza se debruçou sobre o parapeito da escada e perguntou se a polícia havia pegado o ladrão. Theodore disse que não.

– Sentiu falta de alguma coisa em seu quarto? – perguntou Theodore.

– Não, *señor*.

– Ótimo. Então, vá dormir, Inocenza. Pode dormir quanto quiser amanhã. Se eu acordar antes, preparo o café-da-manhã.

– *Gracias, señor. Buenas noches.*

Ramón entrou no quarto de Theodore minutos depois com a camisa e as calças que usara sob a fantasia. Theodore já estava de robe, preparando-se para um banho.

– E então, Ramón? – disse Theodore alegremente. – Não está exausto? Que noite! Agora só nos falta uma ressaca amanhã. Quer um último drinque antes de dormir?

– Não, *gracias*.

– Eu também não. Só muita Tehuacán. – Ele abriu uma garrafa de água mineral. Inocenza sempre deixava algumas garrafas de Tehuacán em seu quarto, e ele gostava de bebê-las em temperatura ambiente. Ofereceu uma garrafa a Ramón, mas ele recusou com um gesto de cabeça.

– Não entendo por que está tão alegre, Theodore.

– Bom... eu não estou – disse Theodore, sorrindo. – Mas para que demonstrar?

– As pessoas abusam e se aproveitam de você. Até essa mulher horrível de hoje. Até eu. E agora, para completar, ainda te assaltam.

– Todos são assaltados de vez em quando, Ramón. Uma ou duas vezes na vida não...

– Exato! São coisas da vida, não é, Teo?

Ramón esperou por uma resposta.

– Agora não é hora de filosofar sobre a vida. Pelo menos, não para mim.

– Você não percebe que as pessoas abusam de você? – Ramón aproximou-se de Theodore, tirando as mãos do bolso. – Teo, pode me perdoar pelo que eu te fiz?

– Posso, Ramón, posso.

– Você não fez nada errado, que eu saiba. Sei que não fez nada. Mesmo assim, é penalizado. Não fez nada de errado para Lelia. Deixou-a livre, porque ela queria ser livre. Eu entendo, Teo. E se alguma vez eu te criticar, fique certo de que estou errado, que não estou no meu juízo perfeito.

– Certo, Ramón. Combinado – disse Theodore o mais seriamente possível, porque Ramón estava sério.

– E eu prejudiquei você mais do que ninguém.

– Você não me prejudicou. – disse Theodore pousando o copo vazio e entrando no banheiro. Ligou a água da banheira, sem olhar para Ramón, mas prestando atenção, temeroso do que estaria por vir. Decidiu ir adiante com o

banho, como se a conversa tivesse terminado. A porta estava entreaberta.

Quando saiu do banheiro dez minutos depois, não encontrou Ramón. Foi até a escrivaninha e voltou a procurar a caneta-tinteiro. Foi então que notou que seu diário desaparecera. Ficava sempre no canto esquerdo superior da escrivaninha, ou então no meio dela, quando o fechava depois de escrever. Procurou no chão, atrás da escrivaninha também. Quem roubaria um diário, e em inglês? E com uma grande fotografia de Lelia no verso da capa? Quem, a não ser o assassino? Parecia evidente que o assaltante fora o assassino.

Theodore deitou-se, atordoado pelo choque e pela dor. Toda a história de seu amor por Lelia estava lá, para qualquer um ler. Todo seu coração, até onde conseguia passá-lo para o papel. Imaginou mãos imundas virando as páginas.

[3]. Drink gelado feito com alguma bebida, como uísque, e água ou algum líquido gaseificado. (N. E.) **VOLTAR**

CAPÍTULO DEZOITO

Theodore acordou às dez e vinte com a sensação de não ter dormido nada.

Foi silenciosamente para a cozinha, fez café e espremeu algumas laranjas. Tomou a primeira xícara de café sozinho e depois levou uma bandeja até o quarto de Ramón. Bateu de leve na porta. Depois, abriu-a um pouco. A cama de Ramón estava desarrumada, mas ele não estava nela.

– Ramón? – ele chamou, notando o banheiro aberto e vazio.

Ele saíra, certamente para ir à igreja. Ramón costumava andar até a Catedral, embora ficasse a quase cinco quilômetros de distância. Como andava de volta, as expedições levavam de três a quatro horas. Theodore serviu-se de outra xícara de café e discou o número de Sauzas. Naquela manhã, ele teve sorte. Sauzas estava no local, e dez minutos mais tarde retornou sua ligação.

– Sim, fiquei sabendo do assalto – disse Sauzas. – Dei uma bronca no oficial da noite por não mandar alguém para colher impressões digitais. E naqueles policiais imbecis, por não saberem quem você é. Parecem até analfabetos! Mas não são... totalmente.

– Talvez não seja tarde para colher as digitais.

– Talvez. Não toque em nada. Eu mesmo irei até aí. Mas preciso trabalhar mais uma hora antes de sair.

– Mais uma coisa, *señor capitán*. Percebi depois que meu diário tinha sumido. Tem uma foto grande de Lelia dentro dele e... é um diário pessoal, muito pessoal. Ramón não está agora. Eu preferia que não lhe falasse do diário.

– Ah. Hum-hum. Seu diário. Será que não foi Ramón que o pegou?

– Claro que não! Por que achou isso?

– Eu não achei nada. Mas ladrões não costumam roubar coisas assim, *señor*.

– Eu sei. Exatamente por isso esse roubo é importante.

– Conversaremos a respeito quando eu chegar. Até daqui a uma hora.

Ramón voltou minutos depois. Theodore lhe disse que Sauzas estava a caminho, mas Ramón não se interessou pela notícia. Parecia refeito, como se tivesse dormido bem e bastante, embora não devesse ter dormido nem uma

hora. Theodore já notara isso antes quando Ramón voltava da igreja.

– Inocenza já acordou? – Ramón perguntou.

– Acho que não. Por quê?

– Porque lhe trouxe um presentinho. – Ele tirou uma caixinha verde-escura do bolso, da cor da capa do diário de Theodore, e lhe mostrou um pequeno lápis dourado, preso a um botão por uma corrente. – Ela pode prender o lápis na roupa, para anotar recados. E isto é para você, Teo. – Ramón deu a Theodore uma caixa verde mais comprida. – É da Misrachi. Uma boa caneta. Sei que você não gosta de esferográficas.

Theodore abriu a caixa e viu uma caneta-tinteiro verde-escura.

– Que gentileza, Ramón. Obrigado. – Ele testou a caneta no interior da caixa. – Funciona. E é justamente o que eu precisava – acrescentou, rindo.

Ramón saiu do recinto. Theodore ia lhe oferecer café, mas desistiu. Ramón não costumava tomar café de manhã, embora Theodore soubesse que gostava de café tanto quanto ele. Era uma espécie de penitência que ele fazia, principalmente nas manhãs em que ia à igreja. E, nas manhãs em que não ia, o próprio fato de não ir parecia ser um tipo de penitência, por privação. E não era tudo. Ele praticamente parara de fumar, embora parar totalmente teria sido mais fácil do que se limitar a dois ou três cigarros por dia. Recusava-se a passar manteiga no pão e nunca se servia duas vezes, mesmo quando Theodore sabia que ele estava com muita fome. E, como tudo isso era sem ostentação, Theodore levava algum tempo para perceber. Que bela maneira de expiar um assassinato, pensou Theodore. Ramón teria que fazer mais, isso era evidente. Alguma parte de sua mente devia estar se perguntando o que fazer, que boa ação, que sacrifício bastaria. Era difícil ser um cavaleiro, um herói, um mártir, porque era difícil encontrar uma causa que fosse digna de nossos esforços e de nossa vida. Theodore sabia muito bem. Era um problema que o incomodava. Qual era o valor da pintura, por exemplo? Ele contribuía com a estética e dava prazer a alguns, mas não seria mais útil para a humanidade fazer algo prático, como ajudar os doentes na África? Imaginava que Ramón vivia um dilema semelhante – e pior, um dilema imaginário e fora de controle – para justificar sua existência ou buscar uma redenção proporcional a seu crime.

Theodore se ergueu, impaciente consigo mesmo. De que adiantava pensar tanto? Ele um dia aspirara a ser um homem de ação, de decisão, mas se tornara o risível oposto. Ficava auscultando o próprio coração simplesmente

porque tinha mais tempo para isso do que a maioria das pessoas. Sua única defesa era que não achava que o egoísmo estivesse entre seus defeitos. Amava os amigos, e o amor, pensava ele, sendo um sentimento na maior parte das vezes neurótico, podia sobreviver apenas dando de si quando não conseguia receber nada, ou quando nada lhe era oferecido. Ou como Kierkegaard expressou-o no plano religioso: “A fé levou em conta todos os acasos... Se aceitar que *deve* amar, então seu amor estará eternamente seguro”.

Outro pensamento lhe ocorreu: Ramón tomara uma decisão, irrevogável. Decidira-se pelo inferno, mas pelo menos era uma decisão, o que o colocava numa posição tão forte como a sua. Já que o bem e o mal existiam só na mente, todos os esforços, tanto os seus quanto os de Ramón, tornavam-se uma simples batalha de intenções.

Theodore foi bater na porta de Ramón.

– Entre.

Ramón estava sentado na cama, com uma cadeira virada sobre os joelhos. Era uma das cadeiras espanholas do século XIX que Theodore adquirira.

– É muito bem feita – comentou Ramón, colocando a cadeira de pé no chão.

Theodore assentiu com um gesto de cabeça.

– O que você acha de fazermos uma viagem, Ramón?

– Tudo bem. Para onde?

– Tanto faz. Para onde você gostaria de ir?

– Eu gostaria de ver as múmias em Guanajuato – disse Ramón.

Era o que Theodore temera.

– Mas você já viu as múmias. Que tal algo diferente?

– Já faz anos. Gostaria de ver de novo. – O rosto de Ramón estava sério e tranqüilo.

– Tudo bem. E depois?

– Depois preciso procurar emprego, voltar a trabalhar para Arturo, se ele me quiser de volta, ou pegar qualquer bico. É fácil para você tirar férias, Teo. Tem dinheiro e pode pintar em qualquer lugar. – Ramón olhava fixamente para a cadeira espanhola.

Theodore tentou pensar num argumento. A marcenaria de Arturo era caótica e deprimente. Era impossível que Ramón se interessasse pelos móveis baratos que eram consertados em troca de vinte ou trinta pesos. Ele

continuar sua penitência ali, até perder todo contato com o mundo. Theodore queria que ele visse paisagens bonitas, que acordasse em quartos limpos e alegres, que se alimentasse bem e vivesse como um ser humano. Podiam ir para sua casa em Cuernavaca. Ou para Jalapa. Jalapa era uma cidade bonita, cheia de flores. Ou podiam fazer um cruzeiro. Mas Theodore subitamente imaginou Ramón saltando da amurada do navio para o mar.

– Tudo bem, vamos para Guanajuato – disse Theodore. – Vou falar com Sauzas.

– Sauzas?

– Claro, ele vai querer saber onde estamos.

Ramón sorriu.

– Sim, nós e os outros ladrões e assassinos precisamos manter a polícia ocupada.

Theodore não soube o que responder. A Igreja Católica era a polícia de Ramón, supunha ele. E não fazia nada para puni-lo, pelo menos nada tangível. Será que o padre Bernardo diria “Arrependa-se de seus pecados, e eles serão perdoados”? Ou tentaria fortalecer Ramón para suportar a eternidade no inferno?

– Você tem visto o padre Bernardo?

Ramón olhou para ele.

– Como conhece o padre Bernardo?

– Encontrei com ele na escada do seu prédio um dia. Ele me perguntou onde era seu apartamento, e eu lhe disse.

– E você perguntou quem ele era?

– Ele se apresentou. – Theodore observou o rosto de Ramón, magoado e ofendido por aquela invasão de privacidade. – Você conversa sempre com ele?

– Converso com muitos padres, e não só com um. – E isso não é da sua conta, seus olhos pareciam dizer.

– Eles te consolam?

– Sim... não. Não sei.

– O que eles te dizem, Ramón?

– Que estou condenado ao purgatório... talvez ao inferno.

– A não ser que faça o quê?

– Que eu me arrependa e confesse.

– Mas você já não fez isso?

– Não o suficiente, não há tempo. Tenho muitos pecados, Theodore. Você não entende, porque acha que não existem pecados.

– Não é verdade, Ramón.

– Ouvi da sua própria boca. Então, como pode me entender? Sei que você é bom, que finge respeitar minha religião...

– Não finjo. Eu respeito. Tem coisas que não entendo, como não haver tempo suficiente para algo que está além do tempo. Se nós discutimos no passado, Ramón, é porque temos idéias próprias. Um homem é aquilo que pensa, e se...

– Exatamente! Por isso nós dois não temos nada em comum.

– Mas eu gosto de você, Ramón. Gosto de você como amigo. E somos amigos há anos, não é?

– É, eu sei, mas não entendo por que você é meu amigo – disse Ramón. – Acho que “amigo” é uma palavra sagrada para você. Deve ser louco ou mentiroso. Ou está tramando alguma coisa.

– Para você é inconcebível que...

– Você não desiste! – Ramón o interrompeu. – É sua religião, Teo!

– Bem, eu não continuaria sendo amigo de alguém que não merecesse, Ramón. Quanto a ser uma religião, a bondade com o próximo é a base da moralidade, não é? – Não era bem o que ele queria dizer. Soara pomposo. – Você também está tentando descobrir por que gosta de mim. Falo de razões intelectuais. Justificativas. Por que não deixa nossa amizade mostrar quais são? Você não precisa viajar comigo, Ramón. É livre para fazer como quiser. Eu convidei você porque gostaria de ter sua companhia. Também estou sozinho... sem Lelia.

– Mas eu matei Lelia. Eu matei, Teo, por causa de uma discussão sem a menor importância. Não me pareceu sem importância na hora... – Sua voz ficou embargada. Ele apertou os olhos com força, cobriu-os com as mãos e apoiou os cotovelos nos joelhos.

– Qual foi a discussão?

– Eu queria que ela casasse comigo. Eu estava desesperado...

– E o que aconteceu depois?

– Eu fui para a cozinha e peguei a faca – disse Ramón, olhando para Theodore. – Disse que lhe daria uma última chance. Mas ela achou que eu estava brincando. E depois que comecei, não parei mais. Não parei mais de dar facadas – ele disse, a voz baixa e acelerada. – Mas ela não parava de dizer

algo para mim. Talvez ela tivesse mudado de idéia, Teo.

– E depois você a estuprou?

– Não lembro. Acho que devo ter perdido a cabeça enquanto a esfaqueava e não lembro de mais nada depois disso. Não lembro de ter ido para casa. No entanto, eu cheguei em casa.

– E depois você saiu e comprou as flores?

– Não lembro disso também. Posso ter desmaiado. Mas acho que não, Teo. Só me lembro de começar a esfaquear Lelia. Não lembro de *parar*. – Ramón o olhava de modo intenso e entorpecido, como se um demônio o tivesse possuído e o manipulasse como um fantoche. – Lembro de cortar o nariz dela, Theodore. Imagine isso!

Theodore procurou cigarros nos bolsos, mas não encontrou.

– Imagine pensar nisso todas as noites, Teo – disse Ramón com o rosto nas mãos. – E vai entender por que enlouqueci.

– Você não enlouqueceu, Ramón – disse Theodore automaticamente.

Ramón olhou para ele.

– Os únicos que acreditam em mim são os padres. Os padres, que você chamava de estúpidos.

– Nunca disse que são estúpidos – disse Theodore, mas provavelmente dissera. A organização deles os impedia de serem estúpidos demais. E, como o pecado constituía a base da influência que exerciam, deviam ter ficado bem satisfeitos quando uma de suas ovelhas apareceu com um pecado consumado e tão grave a ponto de aprisioná-lo e aterrorizá-lo pelo resto da vida. Mas, de repente, a vergonha por ser tão amargo e o desejo de sentir o que Ramón sentia interrompeu essa seqüência de idéias. – Todos já cometeram pecados, Ramón. Crimes e pecados. É só uma questão de grau.

Ramón sacudiu a cabeça.

– Mas não é a mesma coisa. Não é a mesma coisa para quem não acredita em pecado. Você não acredita.

– Claro que acredito que o pecado pode existir. Não acredito no Pecado Original no sentido que você acredita. Acho que a história da Queda é simbólica, um jeito de dizer que o conhecimento traz corrupção. A queda de um estado de graça. Mas precisamos viver no mundo. Não acho que o Pecado Original deva ser um peso a ser carregado por toda a vida. Acima de tudo, não acho que o sentimento de pecado torne alguém melhor. Ao contrário, torna pior. – Theodore falou com veemência, mas viu que suas palavras não

havam penetrado a mente de Ramón. Ele olhava fixamente para frente, balançando-se bem de leve de um lado para o outro.

– Nunca mais machucarei ninguém – disse ele, baixinho. – Nunca mais matarei nenhuma criatura, por menor que seja.

– E eu acho que isso vai passar.

– Como assim?

Theodore manteve as mãos nos bolsos, porque sentiu que tremiam.

– Acho que você não vai continuar revivendo essa cena repetidamente.

– Não acredito em você – disse Ramón.

A campainha tocou.

– É Sauzas. Vou descer – disse Theodore, e saiu do quarto.

Inocenza descia correndo as escadas. Theodore lhe disse que estava esperando Sauzas.

Theodore recebeu o capitão na sala e o lembrou, sussurrando, que não mencionasse o roubo do diário. Depois subiram para o ateliê, onde Theodore repetiu sua teoria de como o ladrão teria entrado. Disse que Inocenza ficara na casa dos Velásquez a noite toda. Sauzas soprou a poeira do peitoril da janela e o examinou com uma lente.

Depois de um momento, abriu mais a janela e procurou impressões digitais na parte externa. Sorriu e ergueu as sobrancelhas.

– Que ladrão asseado... Não deixou uma impressão digital. Parece que a janela foi lavada com água e sabão!

Olharam para a estreita ponte coberta de trepadeiras entre as duas casas. As plantas não mostravam sinais de terem sido amassadas ou danificadas, mas era um tipo de trepadeira resistente, verde-escura. A ponte tinha quarenta centímetros de largura e, do lado da rua, uma calha a ampliava mais dez centímetros, ladeada por pontas de ferro curvadas para fora, que eram apoios convenientes para alguém que rastejasse pela ponte.

Sauzas conferiu a lista de objetos roubados e pediu para Theodore abrir os armários e ver se faltava alguma roupa. Não faltava nenhuma.

– E não sumiu nada de seu quarto, Inocenza? – Sauzas perguntou.

– Não, *señor*.

– Estava com suas chaves ontem à noite?

– Não, *señor*, porque achei que fosse voltar com Don Teodoro.

– Onde estavam suas chaves?

– Pregadas com alfinete na minha bolsa, *señor*. No meu quarto.

– Estão lá agora? – perguntou Sauzas. – Você olhou?

– Não, *señor*, não olhei. – Inocenza piscou os olhos e depois subiu agilmente as escadas em direção ao quarto.

Um momento depois, ouviram um grito, e ela desceu correndo.

– Minhas chaves sumiram, *señor*!

Theodore e Sauzas subiram as escadas e entraram no quarto de Inocenza. As chaves não estavam mais presas ao forro da bolsa, e ela mostrou os furos feitos pelo alfinete no lado direito do bolso interno. Ela nunca guardava as chaves em nenhum outro lugar.

– Vou mandar trocar as fechaduras imediatamente – disse Theodore, sentindo-se cansado e derrotado.

– E vou mandar um guarda vigiar a casa dia e noite – disse Sauzas. – O ladrão não levou muito, mas revistou a casa toda, não, *señor*? E mais uma vez levou as chaves e não deixou nenhuma impressão digital.

As palavras “mais uma vez” ficaram na cabeça de Theodore. O assassino de Lelia devia estar com as chaves dela também. Mas ninguém entrara no apartamento de Lelia, exceto a polícia e Josefina. O local estava sendo vigiado.

Sauzas ligou para a *policía* do telefone no quarto de Theodore e pediu um guarda. Depois, disse a ele.

– Vamos procurar seus bens roubados junto aos interceptadores, *señor*.

– Não estou tão interessado nos bens, e sim em quem os roubou – disse Theodore.

– Claro, eu também. – Sauzas acendeu um cigarro. – E seu amigo Ramón? Não está interessado? Onde está ele?

– No quarto. Passou a noite inteira comigo – disse Theodore. Sauzas sorriu e assentiu com um gesto de cabeça. – *Señor capitán*, estamos pensando em ir a Guanajuato, amanhã ou depois de amanhã. Ficaremos poucos dias. Posso telefonar e lhe dizer em que hotel ficaremos.

– Guanajuato – repetiu Sauzas pensativamente. – Por algum motivo em particular, *señor*?

– Não. Só para mudar de cenário.

– Sim, acho que é possível – disse Sauzas. – Inocenza vai ficar aqui?

– Acho que sim – disse Theodore.

Sauzas voltou a assentir com a cabeça.

– Vamos manter o guarda. Falando nisso, ficarei aqui até que ele chegue.

Esperarei no seu ateliê, se me permite. Dá para a rua, e verei quando ele chegar. – Dizendo isso, Sauzas foi para o ateliê.

Theodore consultou uma lista telefônica e ligou para um chaveiro. Prometeram mandar alguém “depois das três horas”, o que, como Theodore sabia, significava que o homem chegaria no dia seguinte ou no outro, mas mesmo assim ele não chamou outro chaveiro.

Inocenza preparou o almoço, e Theodore convidou Sauzas para comer, mas ele não aceitou. O guarda chegou pouco antes de Theodore e Ramón se sentarem à mesa. Estava à paisana, Sauzas explicou, e vigiaria a casa nas oito horas seguintes até ser substituído por outro guarda.

– Como vai, Ramón? – Sauzas perguntou.

– Bem, obrigado.

– Gostou da festa ontem à noite?

– Estava muito boa – respondeu Ramón.

– Mantereí vocês informados – disse Sauzas, e foi embora.

O chaveiro acabou aparecendo, afinal, e as fechaduras foram trocadas naquela tarde. Eles decidiram partir para Guanajuato no dia depois do seguinte, sete de março. Theodore pagou um mês de aluguel para Ramón. Inocenza ficaria na casa até que Theodore a chamasse, pois este planejava alugar uma casa em Guanajuato ou em outro lugar depois de ficar alguns dias num hotel. Inocenza passaria o dia na casa, mas combinou com Constancia que dormiria no quarto dela, pois tinha medo de ficar sozinha na casa à noite.

Os guardas andavam de um lado para outro do quarteirão ou plantavam-se do outro lado da rua. Às vezes eram dois guardas, andando juntos por uma questão de companhia.

Por volta das nove horas da manhã do dia sete, Inocenza veio do pátio, onde estivera regando flores, trazendo um saco de papel marrom.

– Veja, *señor*! É seu diário, não é?

Theodore estava na sala, com as malas. O saco estava aberto no alto. Era seu diário.

– Não diga a Ramón – sussurrou ele, porque a porta do quarto de Ramón estava aberta. – Onde o encontrou?

– Entre duas grades do portão. Quem será que colocou lá?

– Não sei – disse Theodore. E o guarda deve saber muito menos, pensou.

– *Ramón*? – perguntou Inocenza, com um súbito medo na voz.

– Não, Inocenza. O diário foi roubado naquela noite, com as outras coisas.

Não contei a Ramón, só isso. E não diga nada para ele agora, entendeu? Vou só comunicar o fato ao capitão Sauzas.

Inocenza fez que sim, mas parecia perplexa.

Theodore esperou que ela voltasse a seus afazeres e então abriu o diário com sofreguidão. Não viu nenhuma mudança, nenhuma página arrancada ou marcada. Então, quando estava prestes a fechá-lo, notou que a fotografia grande de Lelia não estava mais na parte interna da capa. Lembrou-se, tarde demais, das possíveis digitais que seus dedos haviam acabado de destruir. Quando fechou o diário, viu um arranhão de quase dez centímetros num canto superior da capa de couro verde, um arranhão que podia ter sido feito por uma pedra afiada, a ponta de uma faca ou a garra de um gato.

CAPÍTULO DEZENOVE

Theodore havia estado em Guanajuato três ou quatro vezes, mas por períodos curtos, de um dia e uma noite. Era uma cidade especial para ele, uma de suas favoritas. Outras cidades mexicanas, igualmente antigas, tinham minas de prata e aquedutos abandonados, mas Guanajuato, artisticamente falando, formava um todo indivisível, como um quadro bem composto. Quando pensava em Guanajuato, Theodore imaginava a vista aérea de uma cidade erguida sobre montes e abrigada por montanhas gigantescas, uma cidade com matizes pálidos e delicados de rosa, marrom e amarelo. Uma vez, ele pintara essa vista aérea imaginária, uma pintura diminuta, porque a cidade, embora grande e espalhada, parecia pequena quando se estava nela, um tamanho que a mente absorvia com facilidade. O quadrinho ficara no quarto de Lelia, e Theodore não tinha idéia do que acontecera com ele ou se alguém jamais saberia que era de sua autoria. Não o assinara, porque a assinatura teria comprometido a composição.

Guanajuato ficava ao largo da rodovia principal, e tinha apenas uma boa via de entrada e saída, a estradinha de Silao, que serpeava ao longo do estreito Cañón de Marfil. Partindo da base do *cañón*, a estrada alcançava um panorama de planícies e montanhas sem sinal de habitação humana, e depois voltava a se aprofundar na garganta, que vedava a luz do sol. Como outras paisagens que Theodore vira no México, parecia dizer com voz majestosa: “Aqui estou, milhões e milhões de vezes maior e mais velha que você. Olhe para mim e pare de se atormentar com seus problemas mesquinhos”. O cenário oferecia o consolo melancólico que Theodore sentia quando contemplava as estrelas numa noite clara. Começou a relaxar e sentiu que sua testa desanuviava.

Passaram por duas crianças índias que puxavam um bode pela barba, e Theodore respondeu quando elas acenaram.

Depois de uma curva, duas crianças entraram diretamente no caminho do carro. Theodore pisou no breque, e a gaiola do gato, que estava no banco traseiro, caiu no chão. Ramón bateu a testa no painel.

– Laranjas, *señor*? Estão docinhas! Um peso a caixa! – A menina foi empurrando a caixa pela janela.

– Você vai acabar atropelada desse jeito – disse Theodore para a criança, que nem parecia escutá-lo. – Outro carro pode não ter breques tão bons. – Mas ele já procurava um peso nos bolsos – caso contrário, ela não desgrudaria do carro. Ela continuaria se arremessando na frente dos carros, o único modo garantido de pará-los, até que estivesse na idade de casar.

A menina, sem a menor cerimônia, depositou as laranjas no colo de Theodore.

– Obrigada, *señor*. Não vai levar outra caixa?

– Não, obrigado, *niña*. – Theodore tentou sair dali antes que o irmãozinho dela tivesse tempo de introduzir um lagarto pela janela, mas não foi rápido o bastante.

– Iguana, *señor*! Cinco pesos! Para fazer um lindo cinto!

– Não... não, obrigado – disse Theodore, recuando diante da cara horrível e sorridente do animal. Saiu com o carro lentamente.

– Quatro pesos! – O menino corria ao lado do carro, segurando o bicho pelo pescoço gordo e pelo rabo. O iguana olhava diretamente para os olhos de Theodore, e, como uma criatura do inferno, parecia dizer: “Compre-me e lhe darei qualquer coisa!”.

– Três pesos!

– Não tenho o que fazer com um iguana!

– Dois pesos! – O menino tirou o lagarto da janela, mas continuou a correr ao lado do carro. – Fazer sapatos! Fazer cintos! – Ele gritava em inglês. O iguana de repente se contorceu violentamente, mas o menino não o largou.

Theodore aumentou a velocidade.

– Um peso! *Hooombre!* – O apelo trágico do menino se perdeu na distância.

Theodore olhou para Ramón.

– Você machucou a cabeça? Desculpe.

– Foi meu nariz – disse Ramón, sorrindo.

GUANAJUATO COM RUIZ CORTINES! diziam letras brancas pintadas numa grande saliência rochosa ao lado da estrada. Depois de outra curva e de uma descida íngreme, eles subitamente se viram na cidade, cercados de casas e prédios rosados e por meninos de rua que se agarravam às janelas do carro.

– Está procurando um hotel, senhor?

– Por favor, não abram as portas! – Theodore gritou para eles. Teve de diminuir a velocidade, e os meninos continuaram a acompanhá-lo.

Theodore parou na praça de baixo, e ele e Ramón saíram e trancaram o carro. Chegaram mais meninos, um deles com apenas cinco ou seis anos, que olhou para Theodore com uma intensidade assustadora, como se fosse capaz de hipnotizá-lo, e disse:

– Quer um hotel com água corrente? Venha e eu mostro. É o Hotel Santa Cecília.

– Está lotado – disse um menino mais velho com voz rouca de adolescente. – Vai ter de ir para uma *pensión*, senhor.

– Não queremos um hotel – disse Theodore em tom afável, porque era o único jeito de se livrar deles. – Não vamos ficar aqui. – E puxou Ramón pelo braço.

Os meninos os seguiram mais um pouco, ainda gritando, e depois desistiram. Era cerca de cinco horas, e o sol iluminava apenas o alto das casas. Theodore andava lentamente, curtindo a sensação, que sabia que logo terminaria, de que as pessoas estavam encenando uma farsa e que todo aquele cenário fora criado com o fim de produzir um único efeito. Tudo que ele via parecia dramático e intencional. Chegaram a outra praça, onde se erguia o grande e antigo Teatro Juárez, cuja fachada era uma confusão de pilares de pedra, verde-claros e luzidios, e ornamentos do século XIX. A sensação de familiaridade tornara até aquilo atraente.

– O Panteon fica num monte fora da cidade – disse Ramón.

– É, eu sei. – O Panteon era o cemitério onde ficavam as múmias. – Mas não é muito tarde para ir hoje? É melhor irmos amanhã.

– Tudo bem – disse Ramón, em tom cordato.

Theodore perguntou a Ramón se ele tinha preferência por algum hotel. Ramón disse que costumava ficar num hotel muito modesto, chamado La Palma.

– Acho que não vai achar muito confortável, Teo.

– Não faz mal. Vamos lá, se você quiser.

Voltaram para a praça onde o carro estava, e o La Palma também. Havia um cheiro de carvão no ar, um aroma de milho e *tortillas* assadas que dava água na boca. As luzes da rua se acenderam. A noite começava.

A entrada do Hotel La Palma era ampla, e, enquanto esperavam que alguém aparecesse atrás do sóbrio balcão, um carro entrou no saguão ladrilhado e passou por eles a caminho da garagem nos fundos do hotel. Havia apenas um quarto livre, com diária de dezoito pesos. Ficava no terceiro

andar, mas o elevador estava enguiçado, disse o atendente. Quando Ramón hesitou, o homem disse bruscamente:

– Todos os hotéis da cidade estão lotados. Se não acreditam, podem telefonar e confirmar. – Ele apontou para o telefone.

– Tudo bem, vamos ficar com ele – disse Theodore.

Eles mesmos levaram as malas para cima. O quarto era um quadrado inóspito, com uma cama de casal que afundava, uma cadeira simples, uma mesa frágil, dois cabides num suporte. Não havia sequer um quadro na parede, nem lixeira, nem cinzeiro. Theodore achou graça.

– Deve ser o pior quarto do hotel – disse Ramón, desculpando-se.

– Eu não me importo.

Theodore levou Leo para a praça e o deixou sair da gaiola. O gato estava acostumado a viajar, e já explorara dezenas de praças no México e na América do Sul. Invariavelmente, Leo chamava atenção; alguns perguntavam que tipo de gato ele era e espantavam-se quando ele vinha ao ser chamado, como se fosse um cachorro. Até mesmo policiais, que se aproximavam com a intenção de cumprir seu dever, acabavam acariciando Leo e se admirando com o tamanho e os olhos azuis do gato. O exército de meninos de rua de Guanajuato era muito falante. Theodore respondeu as perguntas deles com bom humor, mas no final teve de resgatar o gato de alguns moleques que queriam pegá-lo. Um ou dois deles tinham cara de delinquentes. Quem tentasse roubar Leo iria se arrepender, pensou Theodore.

A água do chuveiro – não havia banheira, nem sequer cortina de chuveiro – era fria, o que foi duplamente desagradável para Theodore porque ele já estava com frio. Ele se secou energicamente com a toalha pequena demais e não fez nenhum comentário sobre a água para Ramón. O único cobertor da cama também seria insuficiente, e Theodore disse a si mesmo que depois buscaria a manta que tinha no porta-malas do carro.

Eles jantaram num restaurante simples na frente do hotel, um salão estreito com reservados junto à parede, uma *jukebox* e guardanapos pequenos demais sobre a mesa. Depois eles caminharam pelas ruas tranquilas, iluminadas por lâmpadas redondas e amareladas. Theodore sentia um inexplicável bem-estar e felicidade, a abertura de espírito que lhe vinha quando ficava satisfeito com seu trabalho, mas que agora parecia ser causada pela própria cidade. Levava, embrulhado em três guardanapos, o frango de dois de seus três *enchilados suizos* para dar a Leo.

Theodore só lembrou da manta quando já ia se deitar. Como haviam se lavado com água fria, os dois batiam os dentes.

– Vou ter que pedir outro cobertor, Ramón.

Mas é claro que não havia telefone no quarto, e ele estava de pijama. Theodore quase desceu de robe até o carro, que estava na garagem do hotel, mas... Ele olhou para Ramón e riu.

Ramón não riu. Talvez estivesse com dor de cabeça, o que estimulava seus pensamentos obsessivos, ou talvez quisesse que Theodore saísse para poder ficar sozinho no quarto e fazer suas orações em paz.

Theodore vestiu o terno sobre o pijama. Não havia iluminação no amplo corredor, mas um pouco de luz vinha dos quartos com portas abertas. Ao olhar com curiosidade impessoal para as portas abertas e semi-abertas, ele viu gente deitada na cama, gente se despindo, bocejando, se coçando, um homem de pijama afinando um violão. Outro homem de chinelos e roupão andava lentamente, sozinho, no corredor do segundo andar. No térreo, o balcão estava de novo abandonado. Theodore perguntou a um dos meninos sentados num banco do saguão se podia lhe dar outro cobertor.

– Não, *señor*. Os cobertores estão trancados, e o *señor* que tem as chaves foi para casa.

– Entendo. Obrigado. – Ele caminhou até a porta fechada da garagem nos fundos do saguão. Um cadeado pendia de uma corrente. – Podem abrir o cadeado para mim? – perguntou aos meninos.

Eles tiveram de procurar a chave em cubículos atrás do balcão. Finalmente a encontraram, abriram a porta, acenderam a luz. Theodore, passando sobre o pára-choque de outro carro, chegou ao porta-malas do seu e pegou a manta. Seu carro estava tão apertado que poucos centímetros o separavam dos dois ao lado.

– Ninguém fora eu pode mexer naquele carro cinza, entenderam? – Theodore disse aos meninos. – Se precisarem tirá-lo, me chamem a qualquer hora.

– *Sí, señor*.

Ele levava as chaves, e os breques estavam acionados, mas ele já vira carros sendo erguidos ou empurrados para abrir caminho quando o dono não era localizado. Voltou a subir os três lances de escadas, cada um com seu estrato humano se preparando para dormir, e no terceiro andar virou à esquerda e andou para o seu quarto.

Ramón estava de pé, olhando pela janela, embora não tivesse vista para nada.

– A manta, Ramón – disse Theodore, estendendo-a sobre a cama. Pensou em sugerir que lessem os jornais ou os livros que ele trouxera, mas a luz fraca do único abajur impedia que duas pessoas lessem juntas. Theodore reuniu coragem e pousou a mão no ombro de Ramón. – Venha para a cama. Vai pegar um resfriado de pé aí. Estamos a dois mil metros de altura, sabia? – E, quando Ramón se voltou de boa vontade, acrescentou: – E tome este bendito comprimido! – Desta vez, Theodore já estava com o comprimido na mão.

– Não, obrigado, Teo, não estou com dor de cabeça.

– Estou vendo pela sua cara. Vai deitar e não vai conseguir pregar o olho. O que está tentando provar, Ramón?

Um silêncio se fez. Ramón escovou os dentes no banheiro. Saiu silenciosamente, com seus chinelos caseiros e cinzentos, e deitou na cama sobre as cobertas, as mãos sob a cabeça. Parecia estar chamando um resfriado, ou pelo menos aumentando deliberadamente seu desconforto físico.

– Vamos, diga o que está pensando, Teo – disse ele.

Theodore pensava muitas coisas, mas era difícil encontrar palavras suficientemente brandas para expressá-las.

– Estava pensando numa conversa que tivemos uma vez sobre a religião como... fingimento organizado. Você se lembra, Ramón?

– Não lembro – respondeu ele com indiferença.

Theodore fechou as mãos dentro dos bolsos do robe, tremendo de frio.

– Foi numa noite quando passeávamos pelo Zócalo e depois subimos até o alto do Hotel Majestic, para tomar um drinque e um café. – Mas Ramón não deu mostras de se lembrar. – Esse desprezo pelo seu bem-estar físico... A quem você tenta agradar? A você mesmo ou a Deus? Precisa decidir se quer viver ou morrer, em vez de ficar no meio.

– Acho que isso é da minha conta.

– Claro que é. Mas... eu lembrei de nossa conversa sobre religião e seus aspectos de farsa organizada. Você entendeu o que eu quis dizer naquela noite. Concordou comigo, embora eu não tentasse te convencer de nada.

– Ah, eu me lembro. Estávamos falando de rituais. Tem gente que acredita neles, Teo. Você não, mas eu sim.

– No valor deles, eu também acredito. Não acredito no valor intrínseco deles. E, naquela noite, você também não acreditava.

– Mas isso já faz anos. Pelo menos dois.

Theodore viu que seria derrotado, mas prosseguiu assim mesmo.

– Falamos sobre farsa praticada em grande escala. Pode chamar de ritual ou de qualquer outro nome. O ritual de jejuar depois do Carnaval pode ter um valor, admito, mas não um valor *per se*. É simbólico. Mas seu corpo não é simbólico. É tangível, pelo menos por um curto tempo. Pense, por exemplo...

– Então Deus é uma farsa também?

Theodore hesitou.

– Estou falando dos rituais em torno dele. Rituais se tornam crenças sem fundamento e podem levar ao desequilíbrio mental.

Ramón não fez comentários.

– Li recentemente sobre o povo de uma ilha dos Mares do Sul que considera a paranóia um estado normal e até mesmo desejável. A paranóia não é aceita em nossa sociedade, e qualquer um com esse distúrbio se dá mal, de um jeito ou de outro. Não é algo socialmente tolerado. Mas nessa colônia dos Mares do Sul, as pessoas que não exibem paranóia são consideradas anormais e até ostracizadas. Esposas não podem trocar tigelas de sopa entre si, porque devem suspeitar que estejam envenenadas. Ninguém questiona esse sistema, pois foram todos criados da mesma maneira. – Theodore fez uma pausa, tremendo de frio dos pés à cabeça.

– Onde está querendo chegar, Teo? – perguntou Ramón, apoiando-se no cotovelo.

– Estou dizendo que vivemos segundo rituais igualmente absurdos, que ninguém, ou muito poucos, ousam criticar com medo de ofender a maioria das pessoas.

– Mas você ousa.

– Claro que ousa. Quando quero. – Theodore acendeu um cigarro e passou os dedos sobre a chama do isqueiro para aquecê-los. No quarto ao lado, um homem e uma mulher discutiam asperamente sobre quem deixara uma garrafa térmica cheia de café quente no último hotel em que haviam estado. – Você pode estar surpreso com o que comecei a dizer, Ramón. Que uma certa dose de ritual pode fortalecer a personalidade e o caráter...

– Sempre procurando os benefícios...

– Desde que não vá contra a sociedade, tal como a crença no Deus cristão certamente não vai contra a nossa. Mas nem precisa ser uma farsa ou ritual religioso. Qualquer farsa pode dar esperança e coragem, mas precisamos

primeiro aceitar o fato de que é uma farsa, Ramón. Podemos continuar fingindo se quisermos.

– Você fala sempre como se as pessoas pudessem escolher!

– Mas elas podem.

– Não, não podem, se acreditam. Isso não passa de seu vocabulário existencialista. Escolha, decisão... E é mais difícil para você tomar uma simples decisão do que para qualquer pessoa que conheço!

Theodore sorriu, porque Ramón não sabia como havia sido difícil e absurdo seu esforço para decidir ser amigo dele, e decidir de modo irrevogável, com um sim categórico, quando ele ainda admitia que Ramón podia ter assassinado Lelia.

– Só estou dizendo, Ramón, que certos detalhes de todas as religiões são infundados, e as pessoas sabem disso conscientemente ou não, e mesmo assim agarram-se a elas porque sabem quantos benefícios lhes proporcionam, ou pensam que proporcionam.

– Benefícios outra vez...

– Está bem. Ou porque têm medo de não se agarrar a elas, o que acho um pouco pior. Ou por hábito, o que é *praticamente* tão ruim quanto.

Ramón lançou-lhe um olhar de censura.

– Você não tem respeito por nada, Teo.

Theodore sentiu uma estranha pontada de medo e empertigou-se um pouco mais.

– Não é uma coisa nem outra. Você sempre fica irritado quando uso a palavra “escolha”. Eu sei que não existe escolha possível depois que alguém se atira de cabeça numa religião. Talvez não exista nem no começo. As pessoas sucumbem à religião como sucumbem ao amor. Aí você pode guardar seu intelecto em naftalina, pelo menos nesse departamento. Mas é pecado reconhecer que a automortificação, os sacrifícios e os rituais são farsas organizadas e socialmente aceitas? – Ele gesticulou, e o comprimido soltou-se de seus dedos gelados e atingiu uma parede. Leo saltou de sua cama, que era a mala de Theodore, e foi investigar. Theodore suspirou. Toda essa conversa para convencer um sujeito a tomar um comprimido para seu próprio bem!

Ramón se levantara.

– O que me diverte, Teo, é como você sempre encontra o modo menos doloroso de se segurar a algo que alguém já criou para você e sofreu para

criar. Você pega o que quer e descarta o resto.

– Não estou me segurando a nada.

Ramón andou rigidamente até os pés da cama.

– E só aquilo no que você se digna a acreditar é a verdade.

– Ah... – Theodore de repente quis se sentar, mas o único lugar era a cama.

– A verdade pode ser qualquer coisa, para todos nós; como o Existencialismo, você diria. Ela não existe, por isso não paramos de procurar por ela. Se você reconhecesse a farsa organizada em sua religião, honestamente, estaria agora sofrendo com uma dor de cabeça que não interessa a Deus nem a ninguém, a não ser a você mesmo. Não estaria mais distante de Deus e nem de agradá-lo.

– Não, e não estaria sentindo nada, também – disse Ramón, sentando-se na cama. – O que você me oferece em troca, Teo? O nada? É isso que você me propõe?

– À minha maneira, eu acredito em Deus, Ramón. Mas, para ser franco, não sei se acredito ou finjo acreditar. Talvez eu nunca saiba, e que diferença faz? São as ações das pessoas que contam, não os rituais. Existem outros aspectos – a esperança, por exemplo. Acho que finjo nessa esfera também, mas é uma ficção útil. Espero uma coisa inatingível e a amo só porque é inatingível. Que momento sublime quando decidimos ter esperança! – disse Theodore, e tragou o cigarro. – Isso mesmo, decidimos – repetiu, porque Ramón sorria. – Acho que é isso que chamam de revelação, e não é mera ilustração. Ao contrário, nada se adere mais a nós do que aquilo em que decidimos acreditar. Às vezes, não há médico no mundo capaz de nos descolar dessa crença. A revelação é a percepção de que se pode ser feliz, afinal – basta decidir ser feliz. A verdade para os cristãos é “Cristo ressuscitou. Morreu pelos meus pecados, por isso terei a vida eterna, motivo e direito de ser feliz. Posso participar dessa verdade”. Essas afirmações desconexas são unidas sob o rótulo de “verdade”. Mas não passa de uma atitude consagrada pelo tempo, que pode levar tanto ao bem quanto ao mal.

Ramón deixou a cabeça cair sobre o travesseiro.

– Você provou apenas seu próprio ponto de vista, de que cada um tem sua verdade.

Theodore levou o cigarro, que queimava seus dedos, até o banheiro e o jogou na privada. A privada não tinha assento, e dentro do vaso, acima da água, estava escrito: GLORIA. Quando voltou ao quarto, Leo lambia a pata

placidamente, e ocorreu a Theodore que ele podia ter engolido o comprimido.

– Para ser totalmente honesto, Teo, eu também não sei qual é a verdade – disse Ramón.

Talvez fosse a frase mais auspiciosa que ele ouvira Ramón dizer desde a morte de Lelia. Tirou outro comprimido da caixa e encheu um copo com água da moringa que havia sobre a mesa de cabeceira.

– Vou apagar a luz se você não quiser ler, Ramón.

– Tudo bem, Teo.

Theodore sentia a insônia de Ramón na escuridão, mas ele permanecia totalmente imóvel. Theodore afinal adormeceu, e acordou com um suave movimento na cama quando Ramón cuidadosamente se levantou. Começou a andar de um lado para o outro, levando ocasionalmente a mão ao lado esquerdo da cabeça, mas sem segurá-la, sem nem mesmo murmurar maldições como às vezes fazia durante suas dores de cabeça. Ramón disse que a dor era como um gancho de ferro preso ao seu cérebro, um pedaço de matéria estranha – uma comparação que Theodore sempre associava à barra de metal com que a polícia lhe batera.

CAPÍTULO VINTE

– Quer um guia, senhor? É americano? Eu falo inglês!

– Quer fazer um *tour* pela cidade? Vinte e cinco pesos. Eu tenho carro. Está ali, *señor*.

– Não, preferimos andar, obrigado – disse Theodore em inglês. Estavam diante da Alhóndiga de Granaditas, grande e cravejada de balas, o alvo do ataque de Hidalgo na Revolução, o palco do sacrifício heróico de Pipila e o prédio mais famoso da cidade.

Seguiram em frente, ainda perseguidos por dois ou três dos autodenominados guias. Ramón parou e voltou a olhar para a porta, e depois para o canto decorado, talvez o lugar onde a cabeça de Hidalgo ficara exposta durante meses, apodrecendo ao sol, como alerta para aqueles que pensassem em se rebelar contra os espanhóis.

– Querem ver o Panteon, *señores*? – perguntou uma voz adolescente ao lado de Theodore. – Posso levar vocês. As múmias...

– Não, obrigado – disse Theodore, pegando as chaves do carro.

Finalmente iam ao Panteón.

Os meninos e rapazes se calaram e pararam em semicírculo, momentaneamente paralisados pela visão do carro.

– Tem muitas ruas lá em cima, *señor*!

– Ruas de mão única! Precisam de um guia!

– São ruins para os carros. Com meu carro, são só vinte pesos. Posso mostrar a cidade toda.

Seguindo as instruções de Ramón, Theodore pegou uma rua ascendente em direção a oeste, ziguezagueou pelas ruazinhas de mão única perto da bela rua dos Padres, com suas paredes em tons de rosa e marrom e sua ponte sem janelas – um cenário da Europa medieval – e chegou finalmente a uma rua mais reta, ainda em direção a oeste. A cidade ia ficando para trás, e um vento fresco e ensolarado entrava pelas janelas. Theodore não estava com a menor vontade de ver as múmias, mas sabia que nunca estaria, e como teria de vê-las durante aquela estada em Guanajuato, por que não naquela manhã? Mas o mundo estava cheio de luz e de coisas verdes e vivas. Ele via as copas das árvores ao longe e poderia passar o dia contemplando tudo aquilo.

– Lá está – disse Ramón, inclinando-se para ver, porque o Panteon ficava ainda mais alto, sobre um monte à direita.

Theodore avistou um muro muito longo, cuja altura não podia avaliar, que se erguia sobre um pequeno platô. A estrada, a cada volta ou curva, levava-os inexoravelmente em sua direção. Sobre o muro havia a mesma inscrição que vira na entrada do cemitério onde Lelia fora enterrada:

PROSTRAI-VOS! AQUI A ETERNIDADE COMEÇA
E TODA A GRANDEZA HUMANA TORNA-SE PÓ!

Ele seguiu para uma pequena área, indicada por um guarda na entrada, que era cercada por precipícios de dois lados. Um menino de uns dezesseis anos correu até a janela e perguntou se podia estacionar o carro. Theodore agradeceu e disse que não.

– Mês passado um carro caiu daqui de cima. Estou muito acostumado com carros americanos – o menino disse em inglês.

Não havia espaço para fazer a volta, mas o menino fez gestos circulares com um ar de autoridade, como se quisesse que Theodore fizesse exatamente o que ele dissera – tentasse dar a volta e caísse no precipício. Theodore estacionou ao lado de outro carro, de frente para o muro do cemitério. Quando voltassem, ele só teria que dar ré até um lugar na estrada onde pudesse fazer a volta.

Entraram pelos portões, e um campo de túmulos e tumbas se estendeu diante deles, cercado pelo muro, que tinha três vezes a altura de um homem e a espessura do comprimento de um caixão. Os muros continham criptas marcadas com placas quadradas, cada uma com um nome e uma data. O chão era amarelado e seco, igual ao do cemitério de Lelia, como se os pés de milhares de pranteadores tivessem eliminado todos os vestígios de grama. Mas os tons pastel das lápides, as manchas verde-claras de umidade nos muros e os matizes de flores verdadeiras e artificiais, frescas ou fenecidas, lembravam um quadro de Seurat e atenuavam parte da melancolia do lugar. Theodore aproximou-se de uma cripta vazia e olhou para dentro. Era revestida de tijolos comuns. Um caixão fora retirado, porque no chão, contra a parede, estava a placa de pedra que fechara a catacumba: Maria Josefina Barrera 1888-1937. Descanse em paz.

– Eles alugam a cripta – explicou Ramón. – E, se os parentes não pagam o

aluguel, eles tiram o corpo.

Theodore assentiu. Já lera algo a respeito. Alguns dos corpos haviam se tornado as famosas múmias, e outros eram simplesmente jogados fora, pensou, como lixo.

– As múmias estão ali – disse Ramón, apontando para o muro dos fundos.

Theodore o seguiu. Perto do muro, Theodore viu uma abertura quadrada numa laje de cimento, com uma tampa de madeira ao lado. Ramón parou ao lado da abertura e fez sinal para que Theodore descesse na frente. Ramón estava com olheiras roxas, de um tom mais sutil do que o das lápides.

A abertura dava para uma escadaria de ferro em espiral. Theodore lançou um último olhar ao redor. Duas mulheres de preto inclinavam-se sobre um túmulo à sua esquerda. Um rapaz entrava pelo portão. Theodore olhou para baixo e desceu. Achou que os degraus levariam a uma pequena câmara, como um calabouço, e quando chegou ao último e viu corredores fracamente iluminados dos dois lados, sentiu-se ludibriado, talvez devido a alguma descrição que ouvira de Ramón muito tempo antes. Quando seus olhos se acostumaram à obscuridade, ele viu, com um choque, que as múmias estavam bem a seu lado, alinhadas ao longo do corredor esquerdo até o fim, onde outras se encontravam. Algumas estavam vestidas ou parcialmente vestidas, mas a maioria não tinha roupa alguma.

Ramón virou-se para um homenzinho de terno cinza que descia a escada.

– Querem ver as múmias? – ele perguntou desnecessariamente.

– *Sí* – respondeu Ramón.

O homenzinho acendeu uma luz mais forte e se plantou de lado na entrada do corredor, barrando parcialmente o caminho deles.

Theodore entrou, e depois Ramón. Mais passos vinham pela espiral de ferro, ecoando fracamente pelo túnel de cimento. Theodore observou o rosto de Ramón, viu que ele parecia tenso, mas calmo, e depois voltou os olhos para as múmias, não porque quisesse, mas porque sabia que Ramón veria se ele prestava a devida atenção a elas. A pele dos corpos era de um amarelo claro, como couro curtido. Quase todas tinham cabelos pretos, duros e ressecados, na cabeça e na região genital. Os seios das mulheres pendiam como sacos vazios. Theodore não conseguia respirar direito. Havia algo de acre e asfíxiante no ar – ele não sabia o que era, mas percebia a ausência de ar respirável pelos vivos.

O pequeno zelador aguardava com olhos opacos e um leve sorriso,

absurdo com seu frouxo terno social e chapéu, talvez prestes a iniciar sua apresentação, a não ser que estivesse cansado naquele dia. Theodore torceu para que estivesse cansado.

Um rapazinho entrou no corredor com ar descontraído. Era um dos garotos que os haviam cercado na Alhóndiga de Granaditas, pensou Theodore, já esperando que ele iniciasse sua própria explanação sobre as múmias. Theodore andou lentamente até o fim do corredor, parando para observar as órbitas vazias de um homem cujo maxilar estava caído como se roncasse, revelando alguns dentes. Faltava o pênis, Theodore notou, mas depois o viu – era algo como um fio ressecado, reconhecível apenas por sua localização.

– O corpo de terno preto é de um médico francês – disse o guarda, apontando para uma das poucas múmias vestidas. – Reparem no excelente estado de preservação. – Ele apontou para uma cabeça horrenda, quase calva, que subitamente assumiu cor e estrutura européias aos olhos de Theodore, e tocou negligentemente na renda fina, agora incongruente, da camisa do morto, como se ele não fosse mais digno de respeito. – O clima extremamente seco de Guanajuato conserva os corpos – ele continuou com voz monótona.

Ramón olhava fixamente para o rosto do médico, para suas mãos rígidas que pendiam ao longo do corpo. Theodore se perguntou o que ele tentava ver ou sentir olhando para uma carcaça vazia.

Theodore se voltou e deu de cara com o rapaz, que sorriu de leve e deu um passo para o lado. Ele tinha pêlos escuros sobre o lábio superior, o que Theodore naquele momento achou repugnante.

O guarda chamou a atenção deles para o corpo inchado e decrepito de uma mulher que aparentemente morrera devido a uma cesariana malsucedida – ele apontou para o corte na lateral do corpo e para o minúsculo bebê mumificado preso a seu pulso por um arame em torno do pescoço. O bebê estava encolhido em posição fetal e parecia um macaco cabeçudo. Theodore desviou os olhos, nauseado, e encontrou o olhar acusador de Ramón. Theodore deu de ombros involuntariamente e abriu um sorriso amargo. Bastava de feiúra! Qual era o propósito daquilo? Se Ramón tivesse articulado qual era o *propósito* daquela visita... Theodore notou que o rapaz os observava.

– ...essa mulher era a esposa de um prefeito de Guanajuato –murmurava o guarda, embora ninguém parecesse ouvi-lo.

Theodore andou lentamente em direção à porta, ainda flanqueado pelas

múmias, que estavam tão próximas que ele poderia tocá-las se estendesse os dois braços. Não gostava da presença do rapaz, que tinha os olhos vivos de um batedor de carteiras ou coisa pior, e que parecia observá-los com a mesma atenção com que Ramón observava as múmias. Sem dúvida diria ao guarda que fora ele que os levara até lá, e exigiria parte da gorjeta.

– E vejam. Esta mulher foi enterrada viva – disse o guarda. – Era epilética.

Theodore olhou, e não conseguiu mais desviar sua atenção. Era uma múmia alta, de cabelos escuros. Estava à esquerda, perto da porta. Sua boca, aberta e contorcida, parecia gritar. Suas mãos em garra estavam erguidas na altura do ombro esquerdo, os dedos entrelaçados num típico gesto de desespero. Até as órbitas vazias de seus olhos estavam arregaladas.

– ...enterrada durante um ataque – concluiu o guarda com um suspiro.

Quando?, perguntou-se Theodore. Talvez há duzentos anos, quando os epiléticos eram considerados loucos? Ele não quis perguntar. Os longos cabelos pretos da mulher também pareciam retorcer-se em agonia. Theodore a imaginou aspirando o último resto de ar da tumba, empurrando a tampa com os joelhos com suas últimas forças, e finalmente entrelaçando os dedos quando a morte a paralisou numa pantomima de sua inútil luta.

– Impressionante, não é? – Ramón perguntou em voz baixa.

Theodore fez que sim. O rapaz os observava de um canto no começo do corredor, com expressão satisfeita.

Uma luz se acendeu no corredor oposto, que era bem mais curto. Theodore viu um monte de ossos humanos de cerca de cinco metros de altura, cuidadosamente empilhados como feixes de lenha, sobre duas ou três camadas de crânios, todos voltados para fora, sorridentes e ornamentais. Depois das múmias, aquilo parecia irreal – não mórbido, mas cômico. Theodore examinou a carteira e, como não tinha notas de um, deu ao homem uma nota de cinco pesos.

Ramón subiu as escadas. Theodore foi atrás, seguido pelo rapaz. A luz do sol era quente e deliciosa no rosto de Theodore. Ele olhou para o sol até seu brilho ofuscá-lo.

– *Buenos días* – disse o rapaz, sorrindo para Theodore. – Vocês conseguiram encontrar um hotel satisfatório?

– *Sí* – disse Theodore, secamente.

– Estão todos cheios – continuou o rapaz, com inglês mal-pronunciado.

– Encontramos um lugar.

– Qual?

– Um lugar – repetiu Theodore, adiantando-se com Ramón.

– Se estiverem interessados num hotel como o Orozco, acho que consigo quartos para vocês lá – disse o rapaz, acompanhando-os.

O Orozco era o hotel favorito de Theodore, mas estaria lotado por vários dias.

– *Gracias* – disse Theodore.

– Mas eu consigo um quarto.

– *Gracias*, não. – Theodore continuou andando com Ramón até o carro, e o rapaz parou nos portões do cemitério.

Theodore deu ré e usou os portões como área para fazer a volta. Ao descerem o monte, passaram pelo rapaz, que andava em direção à cidade.

Naquela manhã, eles haviam se instalado numa *pensión*, não tão confortável quanto o Hotel de La Palma, mas que pelo menos tinha mais charme. Todos os quartos ficavam no térreo, ao redor de um pátio com uma fonte e papagaios que balançavam em argolas de metal ou subiam em primavera em flor. Custava quarenta pesos por pessoa, incluindo refeições. A quatro quarteirões da *pensión*, Ramón pediu para descer do carro. Disse a Theodore que andaria o resto do caminho e o encontraria na *pensión* em menos de meia hora. Theodore parou o carro. Notou que havia uma igreja na mesma rua. Ramón saiu, e Theodore seguiu até a *pensión* e estacionou o carro numa ruazinha lateral sem saída que servia de garagem. Depois caminhou lentamente até a igreja pensando em conhecer seu interior, mas, quando chegou à modesta entrada, que tinha uma cortina de couro marrom, rachada e gasta, quase tocando a soleira, ele sentiu que invadiria a privacidade de Ramón se entrasse, mesmo se ele não o visse.

Theodore atravessou a rua e sentou em uma das duas mesas na calçada de um pequeno bar que servia refrigerantes e cerveja. Pediu uma cerveja. Para que Ramón estava rezando?, perguntou-se. O que confessava? Rezava por sua alma, é claro. Por que mais rezaria alguém que acreditava na imortalidade da alma depois de ver oitenta ou cem cadáveres horríveis? Pensaria que certamente aquilo não era tudo que acontecia depois da morte, que a morte não podia ser só aquilo. E para muita gente, pensou ele, as múmias deviam ser uma excelente propaganda da existência de uma vida após a morte – equivaliam praticamente a uma prova! Isso o fez lembrar de uma declaração de um cientista americano, que ele anotara em seu diário, simplesmente

porque a achara absurda. Era mais ou menos assim: “Será que isto é *tudo*? Nosso planeta estará condenado a se extinguir em dez ou doze bilhões de anos e o universo a ser nada mais do que um imenso cemitério, sem mais nenhum potencial de vida?”. Bom, e daí se estivesse destinado a ser nada além de um imenso cemitério? A arrogância da maioria dos homens – e no caso era um cientista – assombrava Theodore. “Vida”, diziam eles com reverência, e no entanto para eles a única vida que contava era a antropóide, ou no máximo a vida como a conheciam. Se a Terra se tornasse um pedaço de metal, ou se desintegrasse em partículas pequenas demais para os olhos ou mesmo para os microscópios dos cientistas, não haveria uma beleza naquilo, não seria no mínimo uma bela idéia? Não menos bela do que a de três bilhões de seres humanos suando e congelando, enquanto se arrastam pelo planeta.

Ele pegou sua caneta-tinteiro e começou a desenhar a fachada da igreja numa página em branco de um livro que trouxera consigo. As velhas colunas de pedra vermelha ao lado da porta subiam em espiral como lava retorcida. O arco pontudo da entrada parecia uma boca humana, escancarada num grito de trágica agonia. O desenho assumiu um aspecto pessoal, uma individualidade especial, como a de um rosto humano, e Theodore subitamente identificou a porta a Ramón, clamando a um Deus surdo e inexistente, dirigindo-lhe um grito tão silencioso quanto a própria porta.

Ele afastou a caneta do papel e sua mente aos poucos voltou ao mundo real, ao fato de que Ramón já estava na igreja há pelo menos quinze minutos, que havia uma conta de dois pesos sob sua garrafa de Carta Blanca quase vazia, que estava com muita fome e que sua imaginação não era capaz de transformá-lo num católico por meia hora e nem sequer por um minuto.

Ramón saiu da igreja e parou um momento com a mão na cortina de couro da entrada, como se não quisesse se separar dela ou não soubesse para onde ir. Theodore ergueu o braço e o chamou. Tirou uma nota da carteira, esperou pelo troco e deixou um peso de gorjeta. Ramón atravessou a rua. Saudou Theodore com um aceno de cabeça, e os dois começaram a andar para a *pensión* em silêncio. Depois de uma quadra, Ramón perguntou:

- Você não ficou impressionado com as múmias?
- Claro que fiquei.
- Talvez elas provoquem uma mudança em você.

Ramón andava com a cabeça erguida, um pouco mais animado, como sempre que saía de uma igreja.

Theodore ponderou o que ele dissera.

– Elas mudaram você?

– Mudaram, mas não hoje. Eu já tinha visto antes. Elas nos lembram... – Ramón prosseguiu, olhando diretamente para frente. – Elas nos lembram que o corpo não é importante.

– Depois que morremos.

– E que a morte é curta e a vida é eterna.

– A vida é eterna? – Theodore perguntou, surpreso, e depois percebeu que era exatamente aquilo que esperara ouvir.

– Eu disse isso? – Ramón perguntou, sorrindo. – Não, eu quis dizer o contrário. A não ser, é claro, que alguém decida chamar isto de morte e o que vem depois de vida, como fazem alguns.

– E você? É seu caso?

Ramón franziu a testa, ainda sorrindo.

– Talvez. Às vezes esta vida parece apenas ser uma espera por algo. Sabe o que quero dizer, Teo? – ele perguntou com voz alegre, olhando para Theodore.

– Sei – disse Theodore, em tom duvidoso. Esperar pela “vida” como uma eternidade no inferno... Que tipo de recompensa perversa era aquela? Ou será que ele esperava pelo purgatório ou algo melhor? Theodore decidiu não dizer mais nada sobre o assunto, com medo de perturbar, com uma pergunta ou afirmação inábil, o precário jogo de xadrez que Ramón jogava mentalmente consigo mesmo. Ramón começou a falar da beleza da cidade.

CAPÍTULO VINTE E UM

Naquela tarde, Theodore tentou mais uma vez, por telefone, conseguir um quarto no Orozco. O gerente culpou o fim do Carnaval pelo movimento na cidade. Preferiu falar com Theodore em inglês. O nome dele estava na lista de espera, e talvez em cinco dias, ou menos, ele teria um quarto. Em seguida, Theodore telefonou para a repartição de Sauzas no México, e deu o nome da pensão em que ele e Ramón estavam, “Los Papagayos”. Sauzas não se encontrava.

Pouco antes das cinco, Theodore voltou de um passeio até o Hotel Santa Cecilia, onde pintara uma aquarela panorâmica da cidade. Ele a prendeu sobre a cama, causando uma explosão de vermelhos e cinzas no quarto de cores mortas e apagadas. Seu quarto era idêntico ao de Ramón, ao lado. Ambos tinham uma cama de casal estreita com uma frágil mas decorada cabeceira, uma cadeira, um armário alto marrom que perdera a mesma porta direita; ambos tinham um urinol branco e rosa sob a cama e um pequeno crucifixo de metal acima de uma mesa sobre a qual havia um jarro de água numa bacia ao lado de uma moringa com um copo invertido sobre o gargalo. No pátio, os cinco ou seis papagaios tagarelavam e ocasionalmente soltavam um grito agudo, como num jogo de baralho em que um “canta” as cartas após o outro. Baldes eram enchidos na fonte com um som borbulhante, que aumentava de intensidade, cessava e recomeçava. Esfregões e panos de chão castigavam constantemente o piso de ladrilhos azuis e brancos, que estava sempre impecável, como se a família que dirigia a *pensión* – pai e mãe, dois filhos e duas filhas – tivesse verdadeira obsessão pela limpeza do pátio.

– Concha, você viu o esfregão?

– Se eu vi o quê?

– O *esfregão*!

– Não!

Splash. Água se esparramou sobre os ladrilhos até estancar em silêncio.

Um menino deu uma risada preguiçosa, longa e gostosa, provocando um sorriso em Theodore. A *pensión* tinha uma atmosfera alegre, e Theodore não tinha do que se queixar, nem mesmo das refeições simples, mas queria, pelo bem de Ramón, que os quartos fossem mais bonitos e que o banheiro não

fosse no pátio, por trás de uma porta de madeira, porque não queria que Ramón se lembrasse de seu apartamento no México.

A inevitável conversa prosseguiu:

– Juan, você não viu o *esfregão*?

– Não. Pergunte a Dolores.

E a fonte borbulhava, borbulhava...

Theodore deitou na cama, embalado pelas vozes, que as quatro paredes do pátio ampliavam e privavam de significado, tornando-as vazias como símbolos.

– Não, Maria – disse uma voz feminina. – Está falando do esfregão de cabo comprido?

– Ai – exclamou a moça com calmo desespero.

– Olhe na cozinha, Maria!

– *Awrrrk!* – gritou um papagaio, revoltado com algum lance do jogo.

E Theodore pensou no estranho momento naquela manhã quando sentira atração física – talvez por dois segundos apenas, mas muito forte – pela moça que lhes mostrara os quartos. Ela mal devia ter dezoito anos e era um pouco gordinha, modesta e dócil, sem artifícios. Não podia haver motivo para sua atração fora o fato de ela ser mulher, e ele não se lembrava de ter-se sentido atraído por um tipo de moça tão simples em sua vida. Fora a primeira vez desde a morte de Lelia que uma emoção semelhante o sacudia, e na verdade a mesma emoção, transitória e despropositada, poderia ter acontecido mesmo se Lelia ainda estivesse viva – mas ele sentira que, se tivesse tocado a moça, o desejo teria evaporado por causa de Lelia. Talvez, mas não seria sempre assim. E o que o deixou deprimido depois daquele momento de atração foi a consciência de que ele continuaria fisicamente vivo, que surgiria outra mulher um dia, ou mais de uma, mas que ele nem sequer as queria.

Escreveria algo a respeito em seu diário, resolveu, e enquanto pensava em como expressar esses pensamentos em inglês, ele adormeceu. Sonhou que Lelia estava sentada à mesa de seu apartamento, que fora transportado para o pátio azul e branco da *pensión*. Usava uma alegre echarpe roxa e amarela, que ele acabara de lhe dar, e estava satisfeita e de bom humor. Esperavam por alguém, atentos a alguma batida na porta, mas tudo que ouviam eram os gritos dos papagaios, que Lelia achava engraçados. Então ela disse que ele finalmente estava chegando em algum lugar, não estava? “Como assim?”, ele perguntou. “Você está perto de descobrir quem é o responsável por tudo

isso”, disse Lelia, os olhos escuros e sorridentes. “Mas não tem a menor importância, Teo, não para mim. Não passa de um joguinho bobo – um jogo para os vivos.” Ela olhou para a porta, ouviu algo que ele não ouviu, e então Ramón abriu a porta subitamente e entrou, bem-humorado, com os braços cheios de garrafas de rum sobre um leito de cravos vermelhos. Theodore lhe perguntou por que não trouxera cravos brancos, e Ramón ficou confuso e pediu que ele repetisse a pergunta...

Theodore ouviu uma batida na porta e sentou-se ainda com o sonho na cabeça.

– Ramón? – perguntou.

– Não, *señor* – disse uma voz aguda de menina. – Um *señor* lá fora está chamando.

Theodore se levantou.

– Um minuto – pediu, ajeitando o cabelo. Abriu a porta, e atrás da menina viu um rapaz de pé sob o sol que batia na calçada, diante do portão da *pensión*. Theodore teve a súbita sensação de que já o vira, de que o conhecia – e então percebeu que era o rapaz de bigode incipiente que os seguira até o corredor das múmias.

– *Buenas tardes* – disse o rapaz quando Theodore se aproximou. – *Señor Schiebelhut*?

– *Sí* – disse Theodore.

– Tem dois quartos disponíveis para o senhor no Hotel Orozco – disse ele, com uma breve e abrupta medida.

– Liguei para lá duas horas atrás. Não tinha...

– Acabei de saber – interrompeu o rapaz com sua metálica voz de adolescente. – Ainda não estão livres, mas amanhã cedo, com certeza.

– Entendo. Muito obrigado – disse Theodore educadamente, não sabendo se acreditava.

– Por nada – disse o rapaz, agitando a mão vagamente, projetando o úmido lábio inferior. – Sou amigo do gerente.

– Ah.

O rapaz se demorou, talvez esperando uma gorjeta, apoiando-se numa só perna e girando um chaveiro no dedo indicador.

Theodore subitamente decidiu não lhe dar nada.

– Preciso ligar para confirmar os quartos?

– Posso confirmar para o senhor.

– Não, obrigado, eu mesmo faço isso – disse Theodore, dando-lhe as costas.

– Tudo bem. *Buenas tardes* – disse o rapaz.

Theodore procurou imediatamente o único telefone da *pensión*, que ficava na sala da família, à direita da porta de entrada. Pediu permissão para a avó, que fazia crochê, e depois ligou para o Orozco. O homem que atendeu pediu que esperasse enquanto verificava, como se nunca tivesse ouvido falar de Theodore, e depois voltou com a informação de que Schiebelhut e Otero tinham quartos reservados para a manhã seguinte.

– Obrigado – disse Theodore, agradavelmente surpreso. – Chegaremos por volta... das onze?

– *Muy bien, señor.*

Theodore desligou e cruzou o pátio em direção ao quarto de Ramón para lhe dar a notícia. Parou para admirar um belo papagaio, verde, azul e amarelo, que se agarrava ao poleiro com uma expressão estúpida. Estava de ponta-cabeça e se balançava, parecendo esbanjar saúde, felicidade e auto-estima. O oposto do pequeno e solitário periquito de Ramón. Embora o periquito não fosse capaz de esboçar expressões faciais, Theodore sempre o imaginava perdido, de olhos arregalados, a boca aberta e alongada, como um quadro de Munch. Enquanto observava o olho atrevido e orlado de amarelo do papagaio feliz, Theodore reviu o rapaz apoiado sobre uma perna no portão. Havia algo familiar naquela postura, diante do portão. E de repente ele lembrou do rapaz que o procurara falando de um cachecol no dia do enterro de Lelia. O vendedor que lembrava os bonecos de palitinho que ele desenhava.

Por um momento, ele achou que era um engano. Mas lembrava-se muito bem da maneira como o rapaz se apoiara numa perna enquanto curvava o corpo franzino sobre a perna relaxada, e também de seu modo de falar, inclinando a cabeça para o lado e para trás. Agora estava mais bem-vestido e seguro de si. E Theodore não se lembrava do bigode. Mais uma vez tentou se convencer de que estava enganado, mas sua mente voltava insidiosamente à mesma certeza. Imaginava que a voz era a mesma, assim como o rosto de traços comuns e esquecíveis. Não achava que estivesse enganado. Mas o que aquilo significava? Theodore pensou nos telefonemas silenciosos. E no cartão-postal.

O rapaz podia até ser o assassino.

Theodore entrou em seu quarto e fechou a porta. O que pretendia aquele rapaz, seguindo-os até Guanajuato? Sabia como eles se chamavam, ou tratara de descobrir. No corredor das múmias, mostrara mais interesse por ele e Ramón do que pelas próprias múmias. Parecia um jovem marginal, escorregadio, arguto, capaz de mentir tão naturalmente como respirava. E capaz de roubar uma casa, de rastejar por uma ponte estreita e roubar uma casa sem deixar digitais. E de inventar uma história para entrar no apartamento de uma mulher sem alarmá-la. Contaria a Sauzas imediatamente, pensou Theodore.

Mas então voltou a achar que podia estar enganado e decidiu esperar até o dia seguinte para falar com Sauzas. Se o sujeito realmente os seguira até lá, não iria desaparecer de repente. Theodore abriu o armário onde guardara o paletó e automaticamente o apalpou, procurando sua carteira. Continuava lá, e mesmo através do tecido ele confirmou que ainda continha seu dinheiro.

Ele foi ao pátio e bateu na porta de Ramón.

Ramón estava deitado na cama com os braços atrás da cabeça e um livro aberto virado sobre o peito.

– Vamos para o Orozco amanhã – anunciou Theodore. – Os quartos lá são uma beleza. Alguém cancelou a reserva.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Era um hotel vasto e confortável, construído sem a menor preocupação de economizar espaço. Árvores gigantescas impediam a visão até que se estivesse quase em frente ao portão, e trepadeiras com ramos espessos como braços humanos estendiam-se sobre a entrada e entre as janelas do andar inferior. O saguão era pavimentado com ladrilhos gastos e sóbrios. Um mensageiro os recebeu e os levou ao primeiro andar e depois a uma suíte com duas portas e uma sala comum com vista para jardins cheios de mangueiras e buganvílias. Havia uma lareira na sala, e sobre uma mesa redonda e polida via-se um vaso no qual boiava uma grande e alaranjada flor de cacto, em cujas pétalas gotas translúcidas brilhavam como orvalho. Um aroma de flores enchia o ar, o sol brilhava sobre os móveis de madeira e lenha esperava para ser queimada na lareira.

– Não é bonito, Ramón? – perguntou Theodore.

Ramón assentiu, sorrindo.

– É lindo, Teo.

– Que quarto você prefere?

– Tanto faz – Ramón respondeu, como Theodore previra.

– Escolha um. Vou descer para comprar o jornal.

Theodore foi para o saguão. Os jornais da capital ainda não haviam chegado, mas deviam chegar ao meio-dia. Ele foi até a recepção e pediu uma ligação para o México. As linhas estavam muito congestionadas, disseram-lhe, e podia levar dez minutos ou mais. Quando Theodore deu ao recepcionista seu nome e o número de seu quarto, foi ouvido por um homem de meia-idade e terno cinza, de quem Theodore lembrava-se como sendo o gerente. Saudou-o com um gesto de cabeça e disse:

– Muito obrigado pelos quartos, mas achei que estivesse em sétimo lugar na sua lista de espera.

O gerente abriu um sorriso surpreso.

– *Señor* Schiebelhut. Sim, parece que o senhor estava mesmo – disse em inglês. – Está satisfeito com os quartos, senhor?

– Muito – respondeu Theodore, também em inglês. – Estou curioso para saber como os consegui. O rapazinho que os reservou para mim.... – Ele

hesitou. – O senhor o conhece?

O gerente lhe dirigiu um olhar inquiridor.

– Eu estava de folga ontem à tarde. Quando cheguei esta manhã, vi que seu nome havia sido colocado na frente. – Ele bateu com um lápis na caixa registradora, aberta a sua frente. Os nomes dos clientes estavam escritos em cartões introduzidos em fendas de mica. – Imagino, *señor* – prosseguiu ele, tranqüilamente –, que alguém recebeu uma pequena gratificação e colocou seu nome no topo.

– Não dei gratificação a ninguém – disse Theodore.

– Bom, quem sabe foi seu amigo. Não há nenhum mal nisso, mas não costumo adotar essa prática no hotel. – Ele sorriu de modo amistoso, como se dissesse que agora já estava feito, e que as outras pessoas da lista não precisavam saber de nada.

– Também não foi meu amigo. Tenho certeza.

– Nesse caso, *señor*, não sei como explicar, mas é um prazer recebê-los e esperamos que tenham uma estada agradável.

Theodore notou que um mensageiro, parado ao lado de uma coluna próxima, os observava.

– Obrigado, *señor*.

Sua ligação foi completada, e ele pediu para falar com Sauzas, como sempre. O capitão estava, e ele teve de esperar apenas um minuto para falar com ele.

Theodore cobriu o fone com a mão direita, embora todos atrás do balcão do hotel estivessem muito ocupados para prestar atenção.

– Tem alguma notícia, *señor capitán*?

– Não, *señor* – disse Sauzas. – Sinto dizer que não encontramos nenhum dos seus objetos roubados. Ainda estamos tentando localizar a máquina de escrever, é claro... – Ele foi deixando a voz morrer, com cansaço ou indiferença.

Theodore sentiu-se subitamente deprimido.

– Estou ligando para dizer que vamos ficar no Hotel Orozco em Guanajuato por alguns dias.

– E depois?

– Ainda não sei. Talvez na minha casa em Cuernavaca. Eu aviso, é claro.

– *Muy bien*. Estamos trabalhando no caso. É tudo que tenho a dizer.

Theodore perambulou pelo saguão durante alguns minutos. Depois,

obedecendo a um impulso, voltou ao balcão e ligou para Inocenza.

Ela estava em casa, e ficou tão feliz em ouvir a voz de Theodore que ele imediatamente se sentiu melhor. Ela perguntou de Ramón e depois do gato.

– O guarda ainda está em frente de casa? – perguntou Theodore.

– *Sí, señor.*

– E você não está com medo?

– Durante o dia, não. Mas não gostaria de passar as noites aqui. Acho muito melhor dormir com Constanca.

– Recebeu algum telefonema silencioso? Como aqueles que eu recebi?

– Não, *señor.*

– Ótimo. Voltarei a ligar dentro de alguns dias, Inocenza.

– O senhor vai alugar uma casinha em algum lugar? – ela perguntou, esperançosa.

– Ainda não decidi. Se formos para Cuernavaca, você pode ir conosco. – E, assim que disse aquelas palavras e ouviu a reação satisfeita de Inocenza, Theodore percebeu que era aquilo mesmo que faria.

Mas, logo que desligou, voltou a se sentir deprimido. Andou até uma loja no saguão e comprou um guia de Guanajuato e outro do lago Chapala, porque o guia parecia atraente e o lago ficava razoavelmente perto. Mas sabia que, se sugerisse ir até lá, Ramón concordaria só por concordar, e por isso mesmo ele não sugeriria.

Theodore andou lentamente para a escadaria e começou a subir os degraus pensando em sua conversa com Sauzas. Não falara do estranho rapaz, embora no dia anterior estivesse decidido a fazê-lo. Na fresca claridade daquela manhã, às dez horas, a suspeita não parecera importante ou fundamentada o bastante para comunicar a Sauzas. Mas detetives acham tudo importante, Theodore disse a si mesmo. Parou no alto das escadas e se voltou. De onde estava, podia ver todo o saguão. Tentava decidir se devia descer e telefonar para Sauzas enquanto sabia que conseguiria encontrá-lo.

O rapaz entrou no saguão pela porta principal, andando lentamente, com uma das mãos no bolso e a outra segurando o jornal. Foi diretamente para o balcão da recepção, e Theodore viu um atendente lhe entregar uma chave. Então o mensageiro que estivera encarando Theodore – e que recebera a gratificação do rapaz, supôs Theodore – esgueirou-se pelo balcão, aproximou-se do rapaz e sussurrou-lhe algo, indicando Theodore com a cabeça. O rapaz olhou para cima, viu Theodore e o saudou, sorridente, com

um gesto de cabeça. Depois tirou um maço de cigarros do bolso, acendeu um e jogou o fósforo na direção de um grande vaso cheio de areia ao lado de um pilar. Tinha um ar arrogante, como um moleque de rua subitamente cheio de dinheiro. Theodore logo pensou numa mulher, uma mulher rica que o estivesse sustentando. Mas que mulher ficaria com ele? Por outro lado, quem era capaz de entender o gosto alheio?

O rapaz se aproximou das escadas. Theodore inclinou-se casualmente sobre o corrimão e, embora não quisesse olhar para o rapaz enquanto este subia, não conseguiu tirar os olhos de seu corpo magro e franzino. Mas o rapaz só olhou para ele quando estava a cerca de um metro de distância, e então sorriu, um sorriso oblíquo e constrangido.

– *Buenos días, señor Schiebelhut*. Gostou dos quartos? – Ele falava inglês, com o sotaque em *staccato* e nasalado dos mexicanos que aprendiam inglês nas ruas.

– *Sí* – disse Theodore. – *Gracias*.

O rapaz assentiu e umedeceu os lábios finos. A visão daquela língua perto do bigode ralo foi especialmente repulsiva para Theodore.

– E seu...

– *Hablemos en español* – disse Theodore, em tom prosaico. – Creio que não sei seu nome.

– Salvador. Salvador Bejar, às suas ordens. – A fórmula de cortesia em espanhol saiu de seus lábios automaticamente. Ele franziu um pouco a testa, simulando um olhar desconfiado, que pareceu falso. – É o señor Schiebelhut, amigo de uma mulher assassinada recentemente, não é?

– *Sí*.

– E o seu amigo é o homem que confessou.

– Ele é inocente – Theodore disse calmamente.

– Mas... bem... – Ele encolheu os ombros e apertou o jornal. – Eu queria saber se a polícia já encontrou o assassino.

– Não.

– Só sei o que leio nos jornais – disse ele, com um sorriso vacilante. – Não é muito. Eles não têm novas pistas?

– Sim, têm várias novas pistas.

– Pistas importantes? Quais são? – perguntou, tentando aparentar um interesse educado.

– Acho que não podem ser divulgadas, já que não saíram no jornal.

O rapaz assentiu.

– Era uma mulher bonita, pelo que a gente vê nas fotos.

Theodore não disse nada. A camisa do rapaz era novinha, como ele pôde notar pelo modo com que o colarinho duro se projetava de cada lado do pescoço, e era de seda fina, cor de creme.

– Por que está interessado? – Theodore perguntou em tom educado. – Você a conhecia?

– Não... Bom, o senhor era amigo dela. Deve conhecer todas as pessoas que ela conhecia.

– Duvido. Ela tinha tantos amigos que eu não conseguia conhecer todos.

O rapaz abriu um sorriso malicioso, e olhou para Theodore com intensa e ávida curiosidade. Parecia não ousar dizer algo que explodia dentro dele para ser dito.

– O senhor... vai ficar aqui alguns dias?

– Vou. E você?

– Acho que sim – respondeu o rapaz, com um aceno breve, sorrindo. – Talvez a gente se encontre no restaurante. Avise se eu puder lhe servir de alguma maneira, porque será uma honra – disse ele, numa desajeitada combinação de suas próprias palavras com a tradicional fórmula de cortesia de sua língua. Equilibrava-se ora num pé, ora no outro. – Então eles não têm pistas. Que pena...

– Têm, sim. Por exemplo... minha casa foi assaltada há alguns dias. Algumas coisas foram roubadas, inclusive as chaves da casa.

Theodore notou que os olhos do rapaz ficaram turvos e indecisos, embora ele ainda tentasse fixá-los em seu rosto.

– Não saiu nos jornais. A polícia colheu uma impressão digital que poderá ser útil.

– Uma digital! – o rapaz exclamou com um riso tenso, mas também podia ser um riso divertido. – Quer dizer que essa é a única pista?

– Sim, mas é uma boa pista – disse Theodore, irritado com a curiosidade do rapaz, que para ele era sinal de culpa. Virou-se e continuou a subir as escadas, e o sujeito o seguiu.

– Espero que recupere o que roubaram. Vai almoçar no hotel?

– Não, acho que vamos para a cidade – disse Theodore, despedindo-se com um sinal de cabeça enquanto seguia em direção ao quarto.

– *Adiós* – murmurou o rapaz, e virou-se rigidamente, como se tivesse de se

forçar a tomar a direção oposta à de Theodore, e dirigiu-se às escadas.

Ramón desfazia a mala num dos quartos. Leo saudou Theodore de maneira habitual e continuou sua silenciosa inspeção dos quartos. Talvez as palavras de Lelia no sonho tivessem um significado, afinal. Talvez eles estivessem chegando a algum lugar. Queria desabafar tudo com Ramón, mas ele não acreditaria. Ramón precisava ter todos os fatos diante dos olhos antes de acreditar em qualquer coisa, mas ainda não havia fato algum.

Theodore acendeu um cigarro, andou de um lado para outro da sala da suíte e depois foi discretamente telefonar para Sauzas.

Ligou de uma cabine de onde podia ver os funcionários, os mensageiros e a mesa telefônica, o único lugar de onde podiam ouvir sua conversa, pensou. Conseguiu falar com o capitão. Disse-lhe o nome do rapaz, descreveu-o e contou que já o vira antes rondando sua casa no dia do enterro de Lelia. O dinheiro que conseguira empenhando os objetos roubados, sugeriu Theodore, devia ter sido bastante para comprar roupas novas e para viver bem durante um mês. E falou do interesse do rapaz pelo assassino de Lelia. Para a decepção de Theodore, Sauzas não pareceu animado em investigar o sujeito.

– Bom, pode ser que ele seja o ladrão – disse Sauzas. – Já que ele vai ficar no hotel alguns dias... posso ir até aí amanhã cedo. *Señor* Schiebelhut, não faça nada para levantar suspeitas, ou ele já estará longe quando eu chegar. E tenho meus motivos para preferir interrogá-lo pessoalmente, em vez da polícia local.

– Está bem, capitão – Theodore desligou bastante satisfeito.

Comprou os jornais, e mais uma vez não saiu nada sobre o caso Lelia Ballesteros. Mas na página editorial do *Excelsior*, um professor de Direito escrevera um longo e fervoroso artigo defendendo a volta da pena de morte à legislação mexicana, e entre os casos que citou estava o de Lelia, por sua “brutalidade gratuita, seu sadismo e sua fúria bárbara”. Outro caso mencionado foi o de um padre idoso, assassinado dentro da igreja por um homem que depois furtara alguns poucos objetos do santo local. O fato revoltou o público católico, e com razão, pois o assassino pegou apenas dez anos de prisão, apesar de não ter sido seu primeiro assassinato. Theodore retirou a página, mesmo sendo o verso da primeira, porque não queria que Ramón a visse. Supunha que Ramón concordaria com o professor, a não ser que achasse que viver com um assassinato na consciência era mais doloroso do que morrer de uma vez e ir logo ao encontro das chamas do inferno.

Theodore leu o resto do jornal e depois, pensando melhor, decidiu jogá-lo inteiro fora.

À uma e meia, Theodore e Ramón beberam uma *tequila limonada* no jardim, enquanto Leo perambulava entre as árvores. Depois Theodore levou o gato de volta para cima e se encontrou com Ramón no restaurante. Theodore procurou por Salvador Bejar, mas não o viu. Talvez ele achasse mais chique almoçar tarde.

Então, enquanto esperavam a sobremesa, ele percebeu o óbvio. Levantou-se de repente e pediu licença.

Theodore subiu correndo as escadas. Que idiota ele fora, sendo que vira que o mensageiro era amigo de Salvador Bejar! Tirou a chave do bolso e abriu a porta.

À primeira vista, não notou nada fora do comum. Depois viu uma pequena trilha de gotas de sangue, descontínua, mas que cruzava o carpete em direção à porta.

– Quem está aí? – Theodore gritou.

Leo estava imóvel e tenso, olhando para ele do outro lado da sala, as orelhas na horizontal.

Theodore percorreu todos os cômodos. Nenhuma gaveta fora puxada, nada fora retirado de sua mala, que ele pudesse notar à primeira vista, mas percebeu, ao voltar para a sala, que sua Rolleiflex sumira da mesa redonda. Olhou para o sangue, sem querer tocá-lo, mas notou pela cor brilhante que era fresco. Eram talvez doze gotas, uns vinte centímetros umas das outras. Olhou rapidamente dentro dos armários, até debaixo das camas, e depois pegou o telefone.

– O *señor* Bejar, por favor. Salvador Bejar. – Sem refletir, Theodore decidira falar com o rapaz, dizer-lhe que sabia que ele invadira seu quarto e se oferecer a não chamar a polícia se ele devolvesse o que roubara.

– O *señor* Bejar já saiu do hotel, *señor*.

– Saiu? Tem certeza?

– *Seguro, señor*. Faz apenas meia hora – disse a voz da mulher.

– *Gracias*.

Theodore desligou o telefone e andou pelo cômodo. Parou e olhou para as patas marrons de Leo, apertou-as de modo que as garras saíram como as de uma águia, mas não havia sangue nem fiapos nelas. O rapaz estava saindo da cidade, pensou ele, e se o detivesse na rodoviária ou na estação de trem, teria

de pedir ajuda policial. Teve outra idéia e desceu correndo as escadas.

O jovem e magro mensageiro estava cruzando o saguão em direção à porta com duas malas. Theodore o interceptou plantando-se diante dele.

– Um momento, por favor – disse ele.

– Estou ocupado, *señor* – disse o garoto.

– Também vou lhe dar uma gorjeta. Onde está seu amigo, Salvador Bejar?

– Não sei. Foi embora.

– Para onde?

– Não sei, *señor*.

– Acho que sabe – disse Theodore calmamente. – Dou-lhe cem pesos se me disser.

O rapazinho sacudiu a cabeça com impaciência e passou por Theodore com as malas.

Theodore o seguiu, e viu o garoto colocar as malas no porta-malas de um grande carro americano.

– Venha aqui – disse Theodore quando o rapaz se voltou.

Com ar irritado, o garoto se aproximou.

– É importante. Cem pesos se me disser para onde ele foi.

– Eu não sei! – disse ele, erguendo as mãos abertas.

– Ele foi de trem ou de ônibus?

– Foi embora de carro, um carro alugado. – Os olhos do garoto se dirigiram para as mãos de Theodore, como se esperasse que se mexessem imediatamente para lhe entregar a gorjeta.

Theodore de fato tirou a carteira do bolso e lhe deu os cem pesos.

– Agora diga, para onde ele foi? Ele não lhe disse? Pode ganhar mais cem pesos se me disser para onde ele foi ou até mesmo se tiver um bom palpite.

O rapazinho olhou para o dinheiro em sua mão.

– E prometo não me queixar de você à gerência. Vamos. Você nunca mais verá Salvador Bejar, não é?

Os americanos esperavam que o rapaz voltasse para ajudá-los, mas ele puxou Theodore pela manga e disse:

– Venha.

Eles foram até um canto do hotel.

– Ele disse que ia para o México, *señor*. É verdade. – Os olhos castanho-escuros do garoto se fixaram nos dele, com toda a verdade de que eram capazes, achou Theodore.

– Obrigado.

Ele deu ao menino a segunda nota de cem e tornou a guardar a carteira no bolso enquanto se afastava. Andava em direção a uma cabine telefônica quando Ramón saiu do restaurante e o viu.

– O que está fazendo, Teo? O que aconteceu?

– Nada, Ramón. Tenho de fazer uma chamada telefônica – disse Theodore, andando para a cabine.

– *Mas o que aconteceu?* – perguntou Ramón, alarmado e ansioso.

Theodore hesitou. Ramón parecia uma criança descontrolada. Imaginou o que ele estaria pensando – algo pior do que a verdade, provavelmente.

– Vamos subir. Posso telefonar do quarto.

Subiram as escadas. O sangue pelo menos provaria que alguém invadira a suíte, pensou Theodore. E depois que contasse a Ramón sobre Salvador Bejar, ele ligaria para Sauzas, que mandaria a *policía* parar todos os carros que entrassem na Cidade do México. Se não conseguisse falar com Sauzas pessoalmente, mandaria um telegrama, incluindo o detalhe de que o rapaz provavelmente tinha um arranhão feio nas mãos ou no rosto.

Ramón estacou ao ver o sangue e soltou uma exclamação abafada.

– Outro assalto – disse Theodore. – Dessa vez levaram minha máquina fotográfica e não sei o que mais. E foi Leo o responsável por esse sangue – acrescentou, acariciando o dorso do gato. – Sei quem fez isso, Ramón, e quem invadiu minha casa também. E talvez quem matou Lelia. Foi o rapaz que nos seguiu no cemitério, quando fomos ver as múmias. Você se lembra, Ramón? É o sujeito que foi até a *pensión* ontem para me dizer que tinha conseguido quartos para nós aqui. Ele nos seguiu até aqui desde o México.

Ramón franziu a testa.

– Que rapaz?

– Você se lembra do rapaz que estava com a gente no corredor das múmias, não é?... Bom, ele estava lá, pode acreditar em mim. Havia uma pessoa além de nós e do guarda. Você não se lembra, Ramón? – Theodore perguntou, em tom desesperado e suplicante, mas Ramón continuava a olhá-lo como se ele tivesse perdido o juízo, ou como se estivesse tentando convencê-lo de algo claramente falso. – Bom, Ramón, eu não roubei meu próprio quarto e espalhei sangue no chão, não é? – Ele pegou o telefone e pediu um interurbano para o México.

– Você sabe o que está fazendo, Teo? – Ramón perguntou. – Você viu o

rapaz entrar aqui? Estava comigo o tempo todo.

– Eu não o vi nem quando trouxe Leo do jardim, mas eu *sei*... – Ele parou para dar o telefone de Sauzas; em seguida, fez-se um silêncio. Ele e Ramón se entreolharam.

E então Ramón, com ar ofendido, virou-se e entrou em seu quarto.

Theodore falou a Sauzas sobre o assalto do quarto e descreveu as roupas que o rapaz usava quando o vira pela última vez. Sauzas perguntou se Ramón também fora roubado.

– Sentiu falta de alguma coisa? – Theodore perguntou.

Ramón estava parado na porta do quarto, ouvindo.

– Acho que minha agenda de endereços sumiu – disse ele com indiferença.
– Acho que estava sobre a cômoda.

– Ele acha que a agenda de endereços dele sumiu, *señor capitán*. O assalto não importa, mas eu gostaria que mandasse vigiar as estradas de acesso ao México para encontrarmos o rapaz. Agora é tarde demais para pegá-lo em Guanajuato. *Señor capitán*, acho que não lhe disse que no dia em que o vi no México ele bateu na minha porta e perguntou se eu tinha perdido um cachecol.

– Um cachecol? – perguntou Sauzas.

– Sim, estava num saco de papel debaixo do braço dele. Achei que falava de um modo malicioso, e eu... Qual é o problema, Ramón? – Theodore perguntou subitamente, pois os olhos de Ramón estavam cravados nele, com ódio ou incredulidade.

– Continue, *señor Schiebelhut* – disse Sauzas.

– É só isso. Eu disse que não tinha perdido cachecol nenhum. Ele disse que tinha encontrado na frente da minha casa e depois foi embora, apressado. Eu nunca tinha visto aquele cachecol e não sei o que ele estava tramando.

– Entendo. Bom, as estradas serão vigiadas, *señor Schiebelhut*, todas que chegam à cidade. Acho que também vou alertar a polícia de Guadalajara, caso ele tenha ido naquela direção.

– Ótimo. Obrigado, *señor capitán*... Sim, eu gostaria muito de vê-las... Amanhã à noite, então. Partiremos logo cedo... Combinado. Assim que chegarmos. *Adiós!* – Theodore desligou e olhou para Ramón.

– O cachecol de que falou... – disse Ramón. – Eu não contei isso para você, Teo?

– Ora, não. Se tivesse contado... – A suspeita brotou dentro dele

subitamente, como um pânico. – O que você sabe a respeito?

– Um sujeito me perguntou a mesma coisa. Eu devo ter contado, e você está repetindo a história – disse Ramón, franzindo a testa.

– Quando foi isso?

– Não sei exatamente. Acho que foi antes de o cartão-postal chegar.

– E como era o sujeito? Onde você viu ele?

– Em frente ao meu prédio, um dia. Quando eu saí, ele começou a andar ao meu lado. Achei que estivesse tentando me vender um cachecol.

– Você viu o cachecol?

– Não. Estava num saco de papel. Aconteceu exatamente como você contou a Sauzas. Eu disse que não tinha perdido nenhum cachecol e não estava interessado, e ele foi embora.

– Como ele era?

– Mais baixo do que eu...

– Magro? Uns vinte ou vinte e um anos?

– Talvez. Não lembro.

– É o mesmo rapaz. Só pode ser. Mas por que ele queria se livrar de um cachecol? – disse Theodore, andando pelo quarto. – Cachecol de quem?

– Parece um sonho – disse Ramón, com uma ponta de medo na voz. – Será que nós dois tivemos o mesmo sonho?

– Não, Ramón. Esse sujeito conhece a gente. Talvez conhecesse Lelia. Roubou meu diário e sabe um pouco de inglês... Temos um encontro com Sauzas amanhã à noite para ver algumas fotos. Fotografias de criminosos – disse Theodore. – Então, este é nosso último dia em Guanajuato. Precisamos sair cedo amanhã.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Theodore percorreu velozmente as curvas das montanhas e notou que Ramón se sobressaltou duas ou três vezes. Pelo menos era uma reação, pensou Theodore, e até mesmo de autopreservação. Em Morelia, Theodore propôs almoçar, mas Ramón disse que não estava com fome, e ele seguiu em frente, ansioso para chegar à capital.

– O rapaz pode ser um ladrão, Teo, mas isso não quer dizer que seja um assassino – disse Ramón.

– Veremos.

– Eu sei o que a polícia vai fazer se colocar as mãos nele. Vão isolar, interrogar, espancar o rapaz até que confesse qualquer coisa só para se livrar.

Theodore não respondeu nada, apenas acendeu um cigarro com o que estava fumando.

– E vão usar a confissão dele contra a minha, é lógico – prosseguiu Ramón. – Os tribunais falam tanto que um homem tem que ter palavra, e quando ele dá sua palavra, eles nem ligam. Querem algo visível e palpável... manchas de sangue... testemunhas.

– Espero que você veja esse rapaz, Ramón. Pode ter certeza que ele é bem visível e palpável!

– Pode ser. Mas isso faz dele culpado? Na sua cabeça, parece que sim. Um rapaz de vinte anos!

– Eu disse que acho que ele seria capaz de fazer aquilo. Terão de interrogá-lo, naturalmente. Enquanto isso, por que não considera meu julgamento suspenso?

Ramón deu risada.

– Porque não está. E já que decidiram que Ramón Otero é um louco ou algo parecido, nada que eu diga ou faça poderá ajudar o rapaz. – Ramón cruzou os braços. – Mas posso tentar!

Theodore reduziu a velocidade, pois achava que contribuía para a tensão de Ramón. Tal como ele previra, Ramón precisaria ter todos os fatos diante de si antes de acreditar que o rapaz era culpado. E Theodore começou a temer que nem todos os fatos seriam acessíveis, numa forma visível e palpável, e que a ilusão de Ramón continuaria apesar de tudo. Se o rapaz simplesmente

confessasse, Ramón não acreditaria nele.

A noite estava caindo. Theodore avistou ao longe as luzes vermelhas de uma torre de rádio da capital do México. Depois luzes surgiram dos dois lados da estrada. Estavam no lado oeste do Paseo de la Reforma.

– Lá está a *policía* – disse Theodore, diminuindo a velocidade.

Dois policiais paravam carros mais à frente – examinavam o interior deles com lanternas e depois faziam sinal para que prosseguissem. A luz da lanterna atingiu o rosto de Theodore e Ramón brevemente, então passou para o banco traseiro e o chão do carro. Em seguida, eles fizeram sinal para que passassem.

– Espero que o rapaz já tenha sido pego – disse Theodore. – Pode ter sido, e esses policiais não foram avisados.

– Mas ele não teria que chegar por esta estrada?

– Ele pode ter se desviado e pego outra estrada. Ou saído do carro e entrado andando.

Meia hora depois, já estavam na casa de Theodore, e Inocenza os saudava com a alegria de uma criança. Trouxe o periquito para Ramón. Disse que estava tentando ensiná-lo a falar e pediu para ele lhe dar um nome.

– Tanto faz. Escolha você um nome, Inocenza.

– Pepe – disse ela na mesma hora. – Pode ser, *señor*?

– Tudo bem – disse Ramón.

Theodore estava ao telefone, esperando enquanto procuravam Sauzas.

– Pode colocar gelo no balde, Inocenza? – pediu.

Então Sauzas atendeu e disse que ainda não haviam encontrado nada.

– Estamos vigiando Morelia, é claro, e amanhã cedo... Bom, vou levar as fotografias para ver se identificamos o sujeito... Está bem, *señor*. Daqui a cerca de quinze minutos.

– Ainda não o pegaram – disse Theodore, desligando.

– Pegaram quem? – perguntou Inocenza.

Theodore contou rapidamente a história do segundo assalto, do sumiço da máquina fotográfica e da agenda de endereços de Ramón, e as outras coisas das quais tinham dado falta depois – a caixa de abotoaduras e as cinco gravatas que estavam penduradas na porta do armário. Descreveu o rapaz e perguntou se por acaso ela já o vira na rua.

– Não sei, *señor*. Tem tantos rapazes...

– Algum já falou com você na rua?

– *Sí, señor*, mas eu não respondo. Nem olho para eles. – Ela franziu a testa. – Não, *señor*, não me lembro de um rapaz assim.

Mas Constancia, lembrou-se Theodore, era mais conversadeira que Inocenza. O rapaz podia ter descoberto através de Constancia que eles iam para Guanajuato, por exemplo. Theodore preparou um drinque. Ramón não quis acompanhá-lo e levou sua mala – que nunca deixava que Inocenza carregasse para ele – para o quarto. Theodore disse a Inocenza que Sauzas estava para chegar e que gostaria de convidá-lo para jantar caso houvesse algo para comer na casa.

– *Sí, señor*. Galinha fria, guacamole, salada de frutas...

– Ótimo. E não esqueça de ligar o aquecedor. Vamos querer um banho quente esta noite.

Inocenza os chamou para jantar antes que Sauzas chegasse, e eles mal haviam se servido quando a campainha tocou. Inocenza apressou-se a sair pela porta da cozinha e cruzar o pátio para abrir os portões de ferro.

Theodore cumprimentou Sauzas calorosamente e o convidou para sentar-se à mesa. Sauzas disse que já jantara.

– Mas espero enquanto acabam de jantar – disse ele.

– De modo algum. Ramón, pode continuar, se quiser.

Mas Ramón dobrou o guardanapo e se levantou.

Sauzas sentou-se no sofá.

– O que pode ter acontecido – disse ele, tirando algumas fotografias de um envelope de papel-manilha – é que nosso jovem amigo viu que a polícia estava parando os carros na entrada da cidade, dispensou o motorista e continuou a pé. Estamos vigiando as rodoviárias também. Seria este o rapaz?

– Ele entregou a Theodore uma fotografia do tamanho de um cartão-postal.

– Não – disse Theodore, sacudindo a cabeça.

– Este?

– *Tampoco no*.

– Veja estas. – Sauzas espalhou vinte ou trinta fotos sobre o sofá.

– É este! É ele! – disse Theodore, pegando uma foto. Mostrava o rapaz vestindo uma camisa com o colarinho aberto. Não estava de bigode. Seu sorriso era frouxo e tímido no rosto fino e pálido.

Sauzas acendeu rapidamente um cigarro, olhou para o verso da foto e disse:

– Salvador Infante. Vinte e um anos. Roubou cerca de dezessete mil pesos

de uma joalheria... em seis de março. Foi um dia depois que sua casa foi assaltada, *señor*. Tem certeza de que é ele?

– Absoluta. Olhe, Ramón. Quero que você veja a cara dele. – Theodore entregou a foto a Ramón.

Ramón olhou a foto por um momento, depois a devolveu.

– Era ele que estava com a gente no corredor das múmias, Ramón.

Ele não respondeu.

– Infante trabalhou como mensageiro na Joalheria Palácio Real, na avenida Juárez, de 15 de dezembro até 6 de março. – Sauzas olhou para eles .

– Na noite de seis de março, após o expediente, quando só uma funcionária estava na loja, fechando o caixa, Salvador entrou, agrediu a mulher, que acabou morrendo, e fugiu com o dinheiro. Pelo menos temos uma certeza razoável de que era Infante, porque ele nunca mais voltou ao trabalho. Seus pais não têm idéia de onde ele esteja. Mas... não encontramos nenhuma impressão digital na loja. Só em algumas coisas que encontramos na casa dos pais.

– Ele deve ter descoberto que íamos para Guanajuato – disse Theodore.

– Evidentemente. Seu patrão me contou que ele gosta de falar, de se vestir bem e de garotas. Interrogamos duas namoradas que conseguimos encontrar, e nenhuma sabe onde ele está. O patrão estava prestes a despedi-lo, porque não confiava nele. Não era à toa, não? – O sorriso de Sauzas se alargou e ele deu uma risada. – Esse é o tipo de sujeito que gasta tudo que rouba de uma vez, chamando a atenção. Não consegue se segurar. Deixa pistas para a polícia em todo lugar.

Mas ele ainda não foi preso, pensou Theodore.

– *Señor capitán...* disse que ele trabalhava no Palácio Real?

– *Sí, señor*. Por quê?

– Ramón! É a loja onde mandei consertar o colar de Lelia! Sabe o colar de obsidiana que estava com um elo quebrado? Você se lembra, não é? Um pouco antes de eu viajar para Oaxaca, Lelia disse que tinha quebrado. Uma noite, quando estávamos os três juntos.

– Sim, acho que me lembro – disse Ramón.

– Viu o rapaz quando foi à loja, *señor* Schiebelhut? – perguntou Sauzas.

Theodore sacudiu a cabeça.

– Combinei o conserto com um homem mais velho. Mas Lelia pode ter ido buscar o colar, e então ele a viu. Ou então ele entregou o colar na casa dela.

Você se lembra, Ramón, se o colar foi entregue?

– Não, não lembro.

– Ela não falou nada sobre um rapaz que levou o colar para ela? Tente lembrar, Ramón.

– Estou tentando. Acho que ela nem mencionou o colar.

– Ela o usou enquanto eu estava viajando? – perguntou Theodore. – Talvez ainda esteja na loja.

– Não, acho que ela o usou enquanto você estava viajando, mas não tenho certeza – disse Ramón, encolhendo os ombros.

– Como é o colar? – perguntou Sauzas.

– O pingente de obsidiana é chato, com este formato – disse Theodore, mostrando o tamanho de dez centímetros com o polegar e o indicador. – A corrente é feita com fragmentos de obsidiana, ligados por elos de ouro. Será que está com Josefina agora? – disse Theodore, olhando para Ramón.

– Não sei – replicou Ramón. – Você ficou com algumas jóias de Lelia, mas eu não.

– Com licença – disse Theodore, e foi até o telefone ligar para Josefina. Juana atendeu, e em seguida Josefina. Theodore a cumprimentou e se informou sobre sua saúde antes de perguntar do colar.

– Ah, claro que sei qual é o colar – disse Josefina. – Não, não estava entre as jóias dela, Teo. Não tinha pensado nisso antes, mas... achei que ela estivesse com ele naquela noite...

– Talvez ainda esteja na loja onde o mandei consertar – disse Theodore. – Não se preocupe, tia Josefina.

– Alguma novidade? Por que me fez essa pergunta?

– Porque de repente lembrei do colar... e eu gostava dele, mesmo não sendo muito valioso. Esperava que estivesse com você.

– Está dizendo a verdade, Teo? Não está me escondendo que foi roubado de Lelia naquela noite?

Theodore lhe disse que provavelmente ainda estava numa joalheria na avenida Juárez, e que ligaria para ela quando verificasse no dia seguinte, e isso a acalmou um pouco. Theodore voltou-se para Sauzas.

– Vou ligar para a loja amanhã e perguntar se ainda está lá. Ramón, você se lembra de ter visto esse sujeito na rua de Lelia?

– Se quer saber, nunca o vi em lugar nenhum – respondeu Ramón, andando nervosamente pela sala. – Ele parece com centenas de outros

rapazes.

– Para mim, não – disse Theodore. – *Señor capitán*, agora acha que esse rapaz pode ser o assassino?

Ramón atirou um fósforo na lareira.

– É possível – disse Sauzas, erguendo as sobrancelhas. – Mas acho que um crime como esse exige um motivo e tanto. Esse rapaz não é do tipo perigoso. O assassinato na joalheria foi um acidente, tenho certeza. E ele é um poço de vaidade. Gosta de dinheiro no bolso, de andar com coisas bonitas. E o apartamento de Lelia nem mesmo foi roubado, exceto pelas chaves.

– Hum. Bom, acabei de ter outra idéia em relação ao cachecol – disse Theodore. – Ramón me disse ontem que também foi abordado por um sujeito que lhe ofereceu um cachecol, *señor capitán*. O mesmo sujeito, sem dúvida.

– Quando? – Sauzas perguntou, endireitando-se na cadeira.

– Antes da chegada do cartão-postal da Flórida. Alguns dias depois do enterro, portanto. Conte a ele, Ramón.

Ramón repetiu a história rapidamente, e era igual ao relato que Theodore fizera a Sauzas sobre o encontro com o rapaz.

– Minha idéia é que o rapaz está atrás de dinheiro – disse Theodore. – Sabe que o cachecol pertence ao assassino. Talvez tenha encontrado nos degraus do prédio dela, ou até mesmo no apartamento. Talvez ele tenha entrado para entregar as flores... ou para entregar o colar... e encontrou o corpo... e o cachecol... – Theodore hesitou.

– Continue – disse Sauzas.

Theodore voltou-se para Ramón.

– E Ramón disse que não perdeu um cachecol. Tem certeza disso, não é, Ramón?

– Tenho só um cachecol, o cinza. Está na minha mala agora.

– É verdade – disse Theodore, sorrindo.

– E o senhor? – disse Sauzas a Theodore. – Não perdeu um cachecol?

– Não que eu tenha notado. Procurei minutos atrás. Não sei quantos cachecóis tenho exatamente, então é possível que esteja faltando algum.

Sauzas tamborilou os dedos sobre a mesa para coquetéis.

– Bem, continue com sua idéia.

– Depois de achar o cachecol, ele o pegou e foi embora, possivelmente levando as chaves também. A porta podia estar aberta quando ele chegou, se o assassino já havia fugido. E esse rapaz também roubou minhas chaves,

como o senhor se lembra, *capitán*.

– Sim – disse Sauzas. – É uma idéia interessante.

– Admito que está faltando um motivo para Infante querer ir à casa dela.

– Mas ela era uma mulher bonita! – disse Sauzas. – É um motivo possível. Talvez ele estivesse à espreita, vigiando a casa dela. Pode ter visto outros homens a visitando.

– Nem tantos – disse Ramón.

– O bastante – disse Theodore. – Como o *capitán*, eu também acho que Infante vigiava a casa dela. Ele vigiava minha casa e a sua também, Ramón.

– Que homens, Teo? – Ramón quis saber.

– Bom... Sanchez-Schmidt, Eduardo Parral de vez em quando, Ignacia e Rodolfo, Carlos Hidalgo...

– Hidalgo? – perguntou Sauzas.

– Sim. Lelia às vezes pintava cenários para ele, para suas peças na Universidad.

– E esse Eduardo? – perguntou Sauzas.

– É um jovem pintor – disse Theodore. – Costumava visitar Lelia mais ou menos uma vez por mês.

– Tem o endereço dele?

– Tenho. Fica em Tacubaya. Espere um minuto. – Ele se voltou quando já subia as escadas. – Mas é necessário incomodá-lo, *capitán*?

– É por causa do cachecol – disse Sauzas. – Precisamos descobrir a quem pertence. E pretendo encontrar esse cachecol em menos de 24 horas. Assim que pegarmos Infante.

Theodore subiu as escadas e tirou sua agenda de endereços do bolso interno da mala.

– Devia ter-me falado dele antes – disse Sauzas em tom de censura quando Theodore lhe mostrou o endereço de Eduardo.

Theodore ia dizer algo em sua própria defesa, mas achou que Sauzas iria lembrá-lo que os criminosos às vezes eram as pessoas mais pacatas do mundo.

– O perigo – disse Sauzas, enquanto copiava o endereço – é que Infante já esteja chantageando alguém com o cachecol. Pode ter encontrado o dono durante o mês em que o procurou, e pode ser alguém que não está nas nossas listas.

– Mas ele roubou a agenda de endereços de Ramón ontem mesmo – disse

Theodore. – Ainda pode estar procurando o dono do cachecol.

Sauzas começou a recolher as fotografias.

– *Capitán*, eu gostaria de falar com Infante assim que o encontrar – disse Ramón. – Seria possível?

– Eu gostaria que falasse com ele – Sauzas disse educadamente a Ramón e sorriu. – Agora preciso ir.

Theodore perguntou a Sauzas se poderia ficar com a foto de Infante, e Sauzas a cedeu com benevolência, dizendo que mandaria fazer mais centenas delas.

– Obrigado, Inocenza – disse Sauzas quando a empregada lhe entregou o casaco.

– E onde o senhor estará amanhã, *capitán*? – perguntou Theodore.

Sauzas disse que estaria na cidade, deu-lhe o horário em que estaria em sua sala e prometeu notificá-lo assim que surgisse algo de novo.

– Não importa a hora – disse Ramón. – Eu gostaria de falar com infante assim que for encontrado.

– Não se preocupe, Don Ramón – disse Sauzas.

Theodore o acompanhou até o portão, e ainda que tivessem se limitado a comentar a beleza da noite, Theodore sentiu que Sauzas também estava mais esperançoso.

– Pronto para dormir, Ramón? – Theodore perguntou ao voltar para a sala.

Ramón parou de olhar a foto do rapaz e a jogou sobre o sofá.

– Não, Teo, acho que vou dar uma volta.

– Vai demorar? São onze horas.

– Não muito – respondeu Ramón, tentando sorrir. – Não, não preciso do casaco. – Abriu ele mesmo a porta e saiu.

Inocenza permaneceu na sala enquanto Theodore bebia seu café.

– *Señor*, posso perguntar se o *señor* Ramón... É que o senhor me pediu para não falar sobre a *señorita* Lelia com ele – disse ela respeitosamente.

Theodore respirou fundo.

– Ele ainda quer acreditar que ninguém, a não ser ele, é o culpado, Inocenza. Mas tenho certeza de que ele vai mudar, e em breve. Assim que encontrarmos o rapaz e o cachecol.

– Ah, sim, o cachecol – disse Inocenza com um sorriso confiante.

– E seu dono – ele acrescentou, e sentiu um momento de desânimo. Por que ele achava que o rapaz encontrara o cachecol na cena do crime? O saco

de papel sob seu braço podia conter apenas postais eróticos. O rapaz podia nunca ter entrado no apartamento de Lelia na vida! Theodore subiu para trabalhar um pouco na ilustração da capa de *A mentira sincera*. Trabalharia até que Ramón voltasse, não importava a hora, porque não sabia se ele levava as chaves.

Theodore desenhava no ateliê não fazia uma hora quando decidiu tomar um banho e continuar a trabalhar de robe. Ao esvaziar os bolsos do terno, encontrou sua agenda de endereços. Abriu-a e foi até o telefone.

Eduardo Parral morava numa *pensión*. Uma empregada atendeu, e fez-se um longo silêncio enquanto ela ia ver se ele estava. Depois uma jovem voz masculina disse:

– *Bueno?*

– *Bueno*, Eduardo. Teodoro Schiebelhut. Como vai?

Eduardo pareceu contente em ouvir a voz de Theodore; perguntou como ele estava e se já tinha novidades, referindo-se claramente à investigação.

– Bom, algumas. Ainda não sabemos se terão alguma importância. Estou telefonando para você a essa hora para avisar que o investigador, o *capitán* Sauzas, provavelmente vai fazer perguntas a você amanhã. Espero que não seja um transtorno.

– Claro que não será, Don Teodoro! – disse Eduardo em tom cordial. – Vou sair de tarde, mas estarei aqui de manhã.

– Ótimo. Acho melhor deixar que o *capitán* Sauzas diga do que se trata.

– Sim, naturalmente – respondeu Eduardo com educação.

Theodore apertou o telefone com mais força.

– Você recebeu algum telefonema estranho ou coisa parecida, Eduardo?

– Não. – Ele deu uma risada tímida. – A não ser que o que recebi hoje conte. Um homem telefonou para saber se eu tinha perdido um cachecol. E num tom de voz ameaçador. Não quis me dizer seu nome. Disse-me para pensar bem se tinha perdido ou não, porque era minha última chance. Minha última e derradeira chance! – Ele riu de novo.

– A que horas ele telefonou? – Theodore perguntou.

– Faz duas horas. Pouco depois das oito, bem no meio do jantar.

– Parecia um interurbano?

– Não, parecia uma ligação local. Por quê?

– Ah... – Theodore enxugou a testa úmida. – O *capitán* lhe dirá, Eduardo. Não posso dizer mais nada.

– Mas que história é essa? Você sabe?

Theodore hesitou.

– Ele perguntou se você queria comprar o cachecol?

– Não, só me perguntou se eu tinha perdido um cachecol. Ele parecia certo de que eu tinha perdido, mas estou igualmente certo de que meus três cachecóis estão dentro da gaveta. Até olhei depois para ter certeza.

– Ótimo, excelente – disse Theodore, aliviado. – É melhor eu não dizer mais nada, Eduardo. Telefone para mim amanhã depois que conversar com o *capitán*, se quiser.

– Tudo bem, Teo. E como vai o trabalho? Você tem pintado?

– Sim, um pouco. E você?

– Eu também, ainda retratos. Depois de junho, paisagens.

Eduardo era um rapaz metódico. Nada a não ser retratos durante um ano inteiro. E depois do ano de paisagens provavelmente viria um ano de naturezas-mortas. Lelia costumava brincar com ele por causa de suas rotinas, mas também respeitava seu talento. Theodore voltou para o trabalho e, minutos depois, não pensava em mais nada a não ser no desenho do homem cínico e negligente, com um cigarro na boca, que era o vilão do livro e representava o fatalismo, a realidade e o pessimismo.

Quando ouviu um murmúrio de vozes no portão, ele percebeu que passava das duas da manhã. Uma chave virou na fechadura. Theodore se levantou. Outra chave virou na porta da casa, e passos rápidos cruzaram a sala. Devia ser Ramón, pensou Theodore. Então, por que estava com medo de chamá-lo? Eram os passos de Ramón, pensou, subindo as escadas. Theodore olhou pela porta semiaberta do ateliê e viu a cabeça de Ramón surgir enquanto ele subia os degraus.

– Olá, Ramón! Chegou tarde – disse Theodore.

– Ainda está acordado? Eu estava tentando não fazer barulho.

Theodore largou a caneta.

– Entre aqui um pouco. Tenho algo para contar a você. Liguei para Eduardo Parral hoje e, sem mais nem menos, ele me disse que um homem telefonou para ele esta noite às oito e perguntou se ele tinha perdido um cachecol.

– É mesmo? – disse Ramón, mas com interesse apenas moderado.

– O telefone de Eduardo está em sua agenda?

– Acho que sim. Está.

– Então é isso que ele está usando. Provavelmente vai ligar para outros amigos seus e acabará caindo numa armadilha, se montarmos uma a tempo.

Ramón olhou para ele durante um momento, depois se inclinou sobre o desenho.

– Este é o vilão?

– É. E vou desenhar o herói, bem menor, aqui, olhando para ele.

Ramón lera o livro em Guanajuato e aparentemente gostara.

– Gostei dos olhos. Ficaram perfeitos – disse Ramón. – O livro é ótimo, Teo, e seus desenhos vão lhe dar fama.

Não havia tantos nomes na agenda de endereços de Ramón, pensava Theodore. Se instruísem duas ou três pessoas a reclamar o cachecol e marcar um encontro com Infante... Mas talvez ele tomasse a cautela de não fazer as transações em pessoa, pois devia ter notado o cordão policial em torno da cidade.

– Você estava falando com alguém no portão agora há pouco, Ramón?

– Estava, com o policial. Ele se aproximou enquanto eu destrancava o portão e agarrou meu braço antes de me reconhecer. Podemos nos sentir muito bem protegidos – acrescentou Ramón com um sorriso.

Theodore não fez o menor esforço de explicar a Ramón as implicações do cachecol naquela noite. O caso simplesmente ainda não penetrava sua mente.

Theodore obteve alguma satisfação na manhã seguinte ao ver a foto de Infante em coluna dupla na capa dos principais jornais, com a legenda: “Você viu este rapaz?”. Aquele rosto malicioso seria visto, e talvez reconhecido, até por gente pobre demais para comprar um jornal.

Na manhã seguinte, Theodore ligou para a Joalheria Palácio Real. Não estavam mais com nenhum colar em nome de Lelia Ballesteros.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

– Alô, Teo. Aqui é Isabel Hidalgo... Estou bem, obrigada, e você? – Ela falava em inglês, como costumava fazer quando estava de bom humor, mas naquele dia sua voz estava ansiosa. – O que achou do que saiu nos jornais hoje? A polícia acha mesmo que Infante é o assassino?

– Eles não têm certeza – respondeu Theodore. – Mas ele tem algo a ver com o crime, disso eu tenho certeza.

Ela continuou fazendo perguntas, que Theodore respondeu com muito cuidado, não querendo rotular o sujeito de assassino quando ainda não havia provas suficientes. Os jornais diziam que as “autoridades policiais” tinham motivos para achar que o rapaz estava implicado no terrível assassinato de Lelia Ballesteros em fevereiro, e Theodore não revelou a Isabel nada além disso, mas admitiu ter visto o rapaz rondando sua casa.

– Mas soube que a polícia está vigiando sua casa.

– Isso aconteceu há muitas semanas, antes de mandarem o guarda – disse Theodore. – E como está Carlos, Isabel?

– Ah, como sempre, Teo, talvez um pouco pior. – E então ela mudou para o espanhol. – Ele tem o trabalho na Universidad, as aulas e mais as peças... E agora está pensando em aceitar a proposta de dirigir uma peça para o teatro redondo de Chapultepec. Tudo isso deixa ele nervoso, e acaba bebendo demais, até mesmo durante o dia.

Theodore murmurou palavras de simpatia, sugeriu férias, mas Isabel disse que Carlos não iria querer. Ela continuou tagarelando, e mesmo em espanhol, tentando dar um tom leve às palavras, Theodore notou que ela estava bastante preocupada e que não era mais possível minimizar a situação. Carlos até faltara alguns dias no trabalho e não fora à Universidad naquele dia.

– Ele está aí agora? – perguntou Theodore.

– Não, ele saiu.

Eram meio-dia e quinze. Theodore imaginou se Sauzas telefonara para Carlos e por isso ele saíra, já que não conseguia suportar visitas em manhãs de ressaca.

– Teo, querido, poderia me fazer um favor?

– Claro. Qual?

– Venha para cá agora. Queria que estivesse aqui quando Carlos voltar. Você é uma boa influência para ele. Não estou dizendo para ter uma conversa séria com ele. Apenas seja você mesmo. Posso preparar um almoço para você. Você vem, Teo?

Era a última coisa que ele queria fazer, mas não resistiu à voz suplicante de Isabel.

– Vou, sim. Que horas?

– Assim que puder. Se estiver com Ramón, ele também é bem-vindo.

Ele sabia que ela preferiria que Ramón não fosse, mas prometeu convidar Ramón.

Ramón não estava no momento. Havia saído às dez, mas dissera que voltaria à uma para o almoço. Theodore tinha certeza de que fora andando até a Catedral, aproveitando para, *en route*, procurar Infante pelas ruas.

Theodore tomou um táxi. Não visitava os Hídalgos desde a noite fatal, e a visão de si mesmo, livre e despreocupado, com seu pesado *portfolio*, veio-lhe dolorosamente enquanto tocava a campainha. Isabel o levou para a sala de estar, onde o móvel multicolorido estava suspenso, maior e mais brilhante à luz do dia, sugerindo uma falsa alegria. Isabel tentava parecer normal, mas suas mãos estavam nervosas, e ela derramou algumas gotas de Dubonnet ao servir.

– Até parece que quem bebe sou eu – disse ela, rindo.

Achava que Carlos devia estar chegando, já que sempre preferia almoçar em casa, mas, às quinze para as duas, ele ainda não aparecera. Isabel tirou um prato do forno – a empregada vinha apenas de manhã, e fora ela quem o preparara –, e eles se sentaram. Ela perguntou de Ramón. Alguns amigos em comum tinham lhe contado que ele acreditava ser culpado. Theodore respondeu que ele “fazia progressos” e que nunca, ou pelo menos só durante poucos dias, acreditara que Ramón fosse o assassino.

– Então, quem acha que foi? – perguntou Isabel, inclinando-se para ele. – Você deve suspeitar de alguém, Teo. Se me disser, prometo que não contarei a ninguém.

– Acho que posso confiar em você, Isabel – disse Theodore com um sorriso. – Mas, honestamente, não suspeito de ninguém. Nunca suspeitei. Não conheço ninguém capaz de um assassinato como aquele. Quer dizer, ninguém que eu conheça pessoalmente, que eu possa apontar.

Isabel assentiu com a cabeça.

– Eu sei, eu sei.

– Coma enquanto está quente. Está muito bom.

Isabel deu um salto quando a campainha tocou.

– Com licença, Teo. – Ela apertou o botão para abrir a porta. – Ele deve ter saído sem as chaves.

Theodore empurrou a cadeira e se levantou, preparando-se para os efusivos abraços de Carlos.

– Quem está aí? – Isabel perguntou em direção ao vestíbulo.

– Sauzas, capitão da polícia, a seu serviço – disse a voz de Sauzas antes que ele aparecesse à porta. – *Señora Hidalgo? Buenas tardes.* Marquei um encontro com seu marido às duas. Ora, *señor Schiebelhut!* Como vai? – disse Sauzas, entrando e sorrindo para Theodore como se fossem velhos amigos.

– Bem, *señor capitán.* Não sabia que tinha um encontro com Carlos agora.

– Tenho, sim. Liguei esta manhã. Lamento atrapalhar o almoço de vocês. A polícia está sempre atrapalhando alguma coisa, não é? Seu marido está, *señora?*

– Não, ele saiu – disse Isabel, apertando nervosamente o guardanapo. – Mas deve chegar a qualquer momento. Algum problema?

– Não, não. Só quero fazer algumas perguntas. Telefonei para ele às dez horas da manhã. Ele não disse?

– Não... Eu não estava em casa às dez. Bom, se ele marcou um encontro com o senhor, deve estar chegando. Sente-se, por favor.

Sauzas sentou-se num dos sofás do estúdio, num canto afastado, recusou o café que Isabel lhe ofereceu e pediu que por favor continuassem a comer.

Isabel sentou-se, mas nem fingiu comer. Theodore acendera um cigarro.

– Acho melhor eu ir, Isabel – disse Theodore. – Se o *señor capitán...*

– Mas você não comeu nada! Vai tomar um café, pelo menos. – E ela foi para a cozinha.

Sauzas tranqüilamente olhava alguns jornais.

Theodore não queria lhe pedir notícias perto de Isabel.

– A que horas o *señor Hidalgo* saiu? – Sauzas perguntou quando ela voltou com o bule de café.

– Por voltas das onze – ela respondeu.

Sauzas olhou para o relógio.

– Quase duas e meia. Ele disse aonde ia?

– Não. Tem certeza de que não quer café, *señor?*

Sauzas aceitou o café dessa vez. Conversaram durante algum tempo sobre o trabalho de Carlos na Universidad. Sauzas parecia calmo como sempre. Então ele disse:

– Bom, acho que vou lhe fazer uma das minhas perguntas, *señora* Hidalgo. A mulher às vezes sabe tanto quanto o marido. O *señor* Hidalgo perdeu um cachecol ultimamente?

– Acho que não. Por quê?

– É muito complicado explicar – disse Sauzas com um sorriso educado. – Só posso dizer que tenho um bom motivo para perguntar. Olhando no armário, saberia dizer se ele perdeu algum?

– Não sei. Posso olhar, se quiser – disse Isabel, levantando-se.

Sauzas também se levantou, e foi com ela até o quarto, que ficava no final do curto corredor em frente à cozinha. Isabel abriu a última gaveta da cômoda. A gaveta continha principalmente meias de lã, limpas mas desorganizadas, e no lado direito vários cachecóis dobrados, com listras e xadrezes coloridos e alegres, bem no estilo de Carlos.

– Tem seis aqui – disse Isabel, examinando-os, mas sem tirá-los da gaveta.

– Quantos... Ele gosta de cachecóis? – perguntou Sauzas.

– Gosta. E os alunos lhe dão de presente – disse Isabel. – Ele próprio deu um ou dois de presente.

– Recentemente?

– Acho que ele deu um em Tres Reyes. E um no Ano-Novo também.

– Sabe se falta algum do atual estoque? – Sauzas perguntou.

Ainda inclinada, Isabel virou-se e olhou para ele.

– Mas do que se trata?

Sauzas respirou.

– De um assunto muito sério, *señora*. Não quero aborrecê-la. Por favor, pense com calma. Lembra-se de um cachecol que seu marido não tenha usado, digamos, nos últimos dois meses? A senhora tem boa memória?

Ela hesitou.

– Isso tem relação com o caso Lelia Ballesteros? – ela perguntou, os olhos assustados.

– Sim, *señora*. Estamos fazendo as mesmas perguntas para todo mundo. Para todos que a conheciam. Não há motivo para se alarmar.

De repente, Isabel explodiu em lágrimas, e Theodore a ajudou a se endireitar. Sauzas lhe dirigiu um olhar surpreso.

– O marido dela tem bebido muito ultimamente – disse Theodore baixinho, achando que era melhor dizer isso do que não oferecer nenhuma explicação para o estado dela. – Talvez seja por isso que ele faltou ao encontro com o senhor.

Sauzas acendeu um cigarro.

– *Señora* Hidalgo, queira me perdoar – disse ele com uma pequena mesura, que ela não viu. – Seu marido recebeu algum telefonema esta manhã? Ou ontem à noite?

Isabel enxugou os olhos com o lenço de Theodore.

– Não sei, *señor*.

– Ele estava nervoso ontem à noite?

– Ele tem estado muito nervoso há semanas... meses.

– Por qual motivo? Dinheiro? Trabalho?

– Ele trabalha demais e não pára de aceitar mais tarefas – respondeu Isabel.

Sauzas olhou para o relógio e depois disse em tom consternado para Theodore:

– Preciso encontrar com Sanchez-Schmidt às três e meia.

– Já encontrou com Eduardo Parral? – Theodore perguntou.

Sauzas fez que sim, e sorriu para Theodore.

– *Señora* Hidalgo, seu marido não disse nada a respeito de um cachecol nos últimos dias? Ou semanas?

– Não – disse Isabel, balançando a cabeça.

Ela parecia dizer a verdade, mas Sauzas a interrogou com firmeza e pediu que tentasse lembrar se tinha recebido algum telefonema estranho, ou se achava que o marido recebera e não lhe contara, e Isabel respondeu que achava que não. Sauzas perguntou por que Carlos não estava na Universidad naquele dia, uma quinta.

– Porque... ele não estava se sentindo bem hoje – disse Isabel, olhando desconsoladamente para o chão.

– Ele disse ontem à noite que não iria trabalhar hoje?

– Disse – Isabel respondeu prontamente.

– Ele bebeu ontem à noite?

– Bebeu e ouviu discos no gramofone – disse Isabel.

– Entendo. Bem, *señora* Hidalgo – disse ele –, são quase três horas e eu preciso ir. Pode ligar para este número quando seu marido chegar? Peça esse

ramal e deixe o recado com qualquer um. – Ele lhe entregou um cartão.

Theodore achava que Isabel queria que ele ficasse, mas estava muito ansioso para falar com Sauzas.

– Eu telefono a você esta noite, se me permite, Isabel – disse ele, pousando a mão no ombro dela. – Lamento que tudo isso tenha aborrecido tanto você. Acho que não vim numa boa hora.

– De modo algum – ela protestou, levantando-se e esforçando-se para sorrir enquanto os acompanhava até a porta. – Eu queria ver você mais do que qualquer pessoa, Teo.

– O que achou? – perguntou Sauzas quando chegaram à calçada.

– Não sei. Acho que ela realmente não sabe nada sobre o cachecol. E o senhor?

– Hum... Por que Carlos bebe? Ele é jovem, bem-sucedido... tem uma mulher razoavelmente bonita....

– Carlos sempre bebeu demais. Desde que o conheço, há dois anos.

Andavam em direção à esquina da Avenida de los Insurgentes, o local onde Theodore pegara um táxi para a casa de Lelia na noite de sua morte.

De repente, Sauzas bateu no ombro de Theodore.

– Você pode me ligar no fim da tarde ou de noite, depois que Hidalgo voltar para casa? Tenho a sensação de que a mulher dele *não* vai me ligar. Ela é do tipo protetor.

Theodore sentiu uma pontada de inquietação.

– Claro. Vai estar na sua sala?

– Acho que sim, depois que falar com Sanchez-Schmidt. Mas deixe o recado com qualquer um. Está vindo um *libre*. Quer uma carona? Vou até o fim da Melchor Ocampo.

– Não, não, obrigado, *señor capitán*.

– Anime-se! Infante deve ser encontrado a qualquer momento. Vou ligar para minha repartição da casa de Sanchez-Schmidt.

Theodore apenas assentiu com a cabeça e acenou um adeus.

Quando Theodore ligou para Isabel Hidalgo às sete, Carlos ainda não havia voltado. Ele ligou de novo às nove e meia. Isabel telefonara para vários amigos e estava bastante preocupada.

– Acha que devo ligar para os hospitais, Teo?

Theodore demorou um pouco para entender a pergunta, e quando entendeu, não lhe pareceu fazer sentido. Era mais provável que Carlos

estivesse num barzinho com piano em algum lugar.

– Você falou com o *capitán* Sauzas? – perguntou Theodore. – Contou a ele?

– Ele telefonou há uma hora. Eu lhe disse que Carlos ainda não tinha voltado.

– E o que ele disse?

– Não sei. Quer que eu avise quando Carlos chegar – disse ela, com um tremor na voz. – Que história é essa de cachecol? *Que* cachecol? Eles encontraram um cachecol?

– Eu mesmo não sei muito bem. A polícia acha que é uma pista. Também me perguntaram se eu tinha perdido um cachecol.

– Mas... isso está ligado a algo perigoso?

– Eu nem sei, Isabel. Mais cedo ou mais tarde você precisa ir dormir, sabe? Não fique acordada esperando. Quer que eu ligue de novo antes da meia-noite para saber se ele chegou?

– Quero, Teo, por favor.

Ramón estava parado no corredor.

– O que houve? – perguntou com expressão desconfiada quando Theodore desligou.

– Carlos Hidalgo. Está bebendo e passou o dia fora de casa.

Ramón não estava quando Theodore voltou da casa de Isabel, e ele ainda não lhe falara do sumiço de Carlos e da visita de Sauzas à sua casa. Ramón ouviu com indiferença e comentou que Carlos era um idiota e que sempre bebera como um americano.

– Eu sinto pela Isabel – acrescentou Ramón. Ele sempre gostara mais dela do que de Carlos. – Ainda nenhuma notícia de Infante?

– Eu já ia ligar para Sauzas. – Theodore voltou a pegar o telefone.

Ramón aguardou com uma expressão calma e decidida. Acendeu um Carmencita e observou a conversa de Theodore.

– Não... não... – disse Theodore em resposta às perguntas de Sauzas sobre Carlos Hidalgo. – Acabei de falar com a mulher dele.

– Hum – Sauzas resmungou. – Bom, recebemos uma informação não-confirmada e não confirmável de que Infante foi visto esta noite em Acapulco.

– Acapulco! Visto por quem?

– Por um rapaz da cidade, que procurou a polícia esperando receber uma

recompensa. Disseram que o rapaz parecia razoavelmente honesto, mas não sabem se ele não está enganado. É um mau lugar para Infante estar... do nosso ponto de vista. Ele ainda deve ter algum dinheiro. Um ladrão esconde outro em troca de dinheiro, e ladrão é o que não falta em Acapulco.

– Acha que ele pode estar lá?

– Acho bem possível. Acapulco é um lugar da moda, e Infante gosta disso. Talvez já tenha conseguido vender o cachecol, ãh? – disse Sauzas, rindo. – Nós enviamos um lote de fotografias para Acapulco. Ele certamente não conseguirá sair da cidade de barco ou de avião. *Señor Schiebelhut*, seu amigo Hidalgo costuma cair na farra e passar dias fora de casa?

– Acho que não... Mas não sei, *señor capitán*. Fiquei de ligar para a mulher dele antes da meia-noite, e posso ligar para o senhor, se quiser.

– Estou indo para casa, mas deixe recado. *Adiós, señor*.

Theodore desligou e contou a Ramón que alguém dissera ter visto Infante em Acapulco naquela noite.

Ramón assentiu com um gesto de cabeça.

– Mas não têm certeza?

– Não. E acho que Sauzas não vai até lá.

Ramón perguntou quem vira o rapaz, e Theodore lhe contou o pouco que sabia. Agitado, Ramón andou até o corredor, mas voltou.

– Acho que eu vou até lá, Teo, já que existe uma chance.

– Mas é só um boato!

– Estou com uma intuição. E o que posso fazer nesta cidade enorme? Se ele estiver em Acapulco, posso encontrar Infante numa questão de horas.

– Mais rápido do que a polícia?

– Se encontrarem ele antes, pelo menos estarei lá. Você entende, não, Teo? – ele perguntou, olhando para Theodore.

Theodore entendia. Ramón queria se interpor entre Infante e a polícia, tentar convencer a polícia de que o rapaz não matara Lelia – embora nem fosse certo que o acusariam disso – e reafirmar sua própria culpa.

Ramón andou até uma janela escura e olhou para fora.

– O próximo avião só sai amanhã cedo. – Ele se voltou para Theodore. – Tenho cerca de cem pesos, Teo, e lembro que a passagem custa cento e dezessete, só ida.

– Tem bastante dinheiro em casa, Ramón.

– Depois eu pago, Teo, prometo. – E saiu do quarto, como se para fugir do

incômodo assunto de dinheiro.

Theodore fechou a caneta-tinteiro e o diário. Talvez eles ficassem sabendo antes do amanhecer que Infante fora preso na Cidade do México ou em Acapulco, e que estava sendo levado para a capital. E nesse caso Ramón não iria a lugar nenhum. Mas, enquanto fechava a porta, ouviu Ramón no telefone da sala, fazendo uma reserva para o vôo das oito horas.

Quando Theodore voltou a ligar para Isabel à meia-noite e quinze, Carlos ainda não voltara.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

O toque suave do despertador acordou Theodore às seis. A casa estava mergulhada num silêncio soturno. Por um minuto, ele não se mexeu, atento a ruídos no quarto de Ramón. Depois empurrou as roupas de cama e, de pijama e descalço, foi até o corredor e abriu silenciosamente a porta de Ramón. Viu a cama intocada e o brilho de uma lâmpada. Ramón estava sentado à escrivaninha, com uma caneta na mão.

– Desculpe, Ramón.

– Tudo bem. – Ele continuou a escrever.

Estava com a mesma camisa azul da noite anterior. Theodore se perguntou se ele chegara a dormir um pouco.

– Você ligou para a polícia hoje? – Theodore perguntou.

– Não.

– Vou ligar. Podem ter encontrado Infante.

Mas não haviam encontrado Infante. Theodore estava ao telefone do seu quarto, agora de robe e chinelos, fumando um Delicado e ouvindo as palavras monótonas do policial.

– Nenhuma notícia de Acapulco?

– Nenhuma, *señor*.

Theodore desceu para fazer café. Inocenza só levantava às sete, e ele não viu motivo para acordá-la. Começou a preparar o café, serviu a Leo seu café-da-manhã, uma ração americana em flocos com leite, e espremeu suco de laranja para Ramón e ele. Sem esperar pelo café, levou o suco de laranja para o quarto de Ramón.

– Vou ligar de novo para a polícia às sete – disse Theodore. – Se você for, vou com você.

– Por quê?

– Porque eu quero. Prometo que não vou atrapalhar.

Ramón ergueu as sobrancelhas como se não fizesse a menor diferença e fechou a carta. Tirou alguns selos de seu porta-notas velho e deformado.

– Então, precisamos sair daqui às sete.

Às seis e meia, Inocenza já se vestira e descera, e preparava para eles um apressado desjejum com ovos mexidos enquanto fazia perguntas.

– Não sei dizer quando voltaremos – disse Theodore. – Mas eu telefono, Inocenza. – Ele estava ao telefone fazendo uma reserva no voo para Acapulco.

– Esta noite, *señor*?

Mas ele não podia lhe prometer isso. Não, ele não levaria nada, nem escova de dentes. Não queria viajar sobrecarregado. Não conseguira nenhuma notícia quando ligara para a polícia pouco antes das sete, e estava pensando em ligar para Isabel Hidalgo quando Ramón apareceu na porta do quarto e disse:

– Bom, Teo, se você vai...

Ramón despediu-se afetuosamente de Inocenza e lhe agradeceu por cuidar de seu periquito. Theodore notou lágrimas nos olhos de Inocenza. Ela sabia o motivo da partida de Ramón, porque Theodore lhe dissera que Infante fora visto em Acapulco. Olhou para Theodore enquanto Ramón falava, como se implorasse para que não o deixasse ir.

– Se eu tivesse tido a idéia antes, eu teria levado meu periquito para o parque Chapultepec e o libertado – Ramón disse a Inocenza.

– Como? Ele morreria, *señor*! Não saberia encontrar comida!

– Com todas aquelas árvores ao redor dele? – replicou Ramón.

– Pepe nem ia gostar do parque! – protestou Inocenza.

– Solte ele hoje, seja como for – Ramón disse calmamente, mas em tom de comando. – Solte no pátio.

– Mas... o gato, *señor*...

– Ele pode morrer, mas não quero mais que viva preso. *Adiós*, Inocenza. – E saiu.

Theodore também se virou para sair, mas Inocenza tirou de cima do sofá os jornais que comprara naquela manhã e os deu para ele. Theodore ia lhe dizer para não obedecer à ordem de Ramón em relação ao pássaro, mas então despediu-se com um aceno e saiu. A decisão de ir para Acapulco fazia parte do destino de Ramón, não importava o que acontecesse, e se o estúpido sacrifício do pássaro melhorasse seu estado mental, teria cumprido um papel.

Ramón já achara um táxi. Durante o percurso até o aeroporto, eles não disseram nada e folhearam os jornais. Infante ter sido visto em Acapulco era a manchete da matéria, que continha todos os incidentes relativos ao cachecol – que Infante havia abordado Ramón Otero, Eduardo Parral e Theodore, em pessoa ou por telefone, e perguntado se eles haviam perdido um cachecol.

Mas não se examinavam as implicações do fato. Ramón passou os olhos pelos jornais e voltou a dobrá-los. Pediu para o táxi parar perto de uma caixa de correio e saiu para postar a carta. Theodore notou que estava endereçada para Arturo Baldin, e lhe passou pela cabeça que Ramón escrevera uma espécie de carta de despedida para o amigo, pois previa uma luta mortal com a polícia. Também ocorreu a Theodore que, se ele ficasse com Ramón, talvez também se tornasse um alvo para as pistolas da polícia, embora ainda não soubesse o que podia fazer a esse respeito.

Acapulco exibia sua magnífica e radiante baía em plena manhã – um círculo de montes verde-dourados, uma orla de hotéis que pareciam se erguer em pleno mar azul. Velas como flocos brancos pareciam totalmente imóveis na superfície da baía. Eles saíram do avião e mergulharam numa atmosfera quente e densa, que logo os fez tirar os paletós e gravatas. Uma limusine os levou para a cidade e os depositou perto da praça principal na Costera, a grande avenida principal que acompanhava as curvas da baía.

Ramón queria ir até a delegacia imediatamente para saber se o rapaz fora encontrado, mas Theodore sugeriu um telefonema, argumentando que seria mais rápido. Sabia que Ramón entraria em algum tipo de discussão com a polícia se fossem até lá, e que ambos podiam ser detidos por algum tempo. Ramón ligou de um telefone no balcão de um bar da praça, o rosto tenso, lançando os olhos sobre as pessoas nas mesas e os transeuntes na calçada.

– Que diferença faz quem eu sou? Sou um cidadão fazendo uma pergunta! – disse Ramón. Theodore fez um gesto para que se acalmasse, mas Ramón não olhava para ele. – *Está bien! Gracias!* – Ele desligou e deixou uma moeda de vinte centavos sobre o balcão para pagar a ligação. – Eles ainda não encontraram Infante – disse a Theodore, jogou o paletó sobre o ombro e os dois saíram para a calçada.

A *plaza* estava movimentada, com turistas e moradores sentados em mesas na calçada, saboreando *apéritifs* matinais. Eles haviam dado a volta em meia *plaza* quando Ramón disse:

– Teo, vou andar bastante, e acho que você não vai gostar. Quer sentar e tomar um drinque em algum lugar?

– Conheço a cara dele melhor do que você – disse Theodore. – E estou igualmente ansioso para encontrá-lo.

Voltaram para a esquina por onde haviam entrado na praça. Diante deles, a fileira de coqueiros que descia pelo centro da avenida Costera balançava e

sussurrava à brisa suave do mar. Um carro passava lentamente, seu amplificador emitindo um ensurdecido chachachá, enquanto a voz gravada de um homem gritava palavras ininteligíveis sobre um filme local.

– Quantos hotéis... – disse Ramón com irritação.

– Infante não iria para um hotel! Com certeza os hotéis foram alertados. Precisamos ir às regiões mais pobres da cidade, seja lá onde forem – acrescentou Theodore, porque não conhecia as regiões pobres de Acapulco. – O que acha do Malecón? Os garotos que ficam no cais sempre sabem tudo que está acontecendo.

– Vamos tentar primeiro atrás da Catedral – disse Ramón, e eles viraram em direção à Catedral azul e branca, em estilo árabe, cujas cúpulas podiam ser vistas no final da praça, acima das árvores. As três altas portas da Catedral, uma na frente e as outras dos lados, estavam abertas para a brisa tropical e para o olhar dos turistas.

Ramón hesitou em uma das portas laterais e disse:

– Não demoro, Teo – e entrou.

Theodore acendeu um cigarro e olhou para a calçada, que apresentava uma vista desinteressante.

Ramón voltou dois ou três minutos depois, e eles continuaram a subir a rua levemente inclinada. Andaram durante meia hora entre as ruas com pequenas casas de família, que lembravam casas de cidadezinhas americanas, com bancos de balanço e varandas. A certa hora, Ramón atravessou uma rua para falar com dois meninos sentados no muro de uma varanda. Theodore os viu balançar a cabeça, e, quando Ramón se afastou, um deles pôs a mão sobre a boca para esconder um sorriso. Subiram La Quebrada, uma rua que levava às rochas íngremes de onde rapazes da região mergulhavam todas as noites em troca de prêmios em dinheiro. Ramón andou até a pequena praça com vista para as rochas e olhou para os poucos garotos sentados nos bancos de pedra. Nenhum se parecia com Infante.

– Vamos para o Malecón – propôs Theodore, e Ramón concordou.

Era uma caminhada considerável, e eles fizeram um caminho diferente para voltar à Costera. Theodore olhava para os grupos de garotos e rapazes que passavam por eles, despreocupados e falantes, mas achava que Infante – se é que ele ainda estava lá depois do alerta nos jornais – devia estar escondido na casa de alguém a quem pagara para protegê-lo. Por outro lado, Infante não era do tipo cauteloso. Provavelmente iria para outra cidade

grande, e não havia nenhuma perto de Acapulco.

O Malecón era um dique de cimento onde barquinhos e veleiros eram amarrados e de onde as pessoas partiam para uma tarde de pescaria, voltando ao pôr-do-sol e se fazendo fotografar ao lado dos peixes capturados. Lá sempre havia meninos e homens pescando com linhas, rapazes esperando as namoradas e vagabundos de todos os tipos que iam comprar maconha e outras drogas de alguns capitães dos veleiros e das lanchas. Ramón pediu para Theodore não andar a seu lado, para que pudesse conversar melhor com os rapazes, e Theodore sentou-se num banco vazio, onde foi imediatamente abordado por uma criança descalça de seis anos ou menos, que se ofereceu para engraxar seus sapatos por um peso.

– *Dos pesos* – disse Theodore.

Um olhar vazio, e depois um sorriso.

– Certo! Dois pesos! – exclamou o menino em inglês, e se pôs a trabalhar.

A vinte metros, Ramón falava com um rapazinho magro de camisa e calças brancas. O rapaz balançou a cabeça várias vezes e depois seguiu em frente, sem olhar para Ramón.

– Calma, *niño*! – disse Theodore. – Se engraxar minhas meias, pago apenas um peso!

Mas ele lhe deu dois pesos e uma gorjeta de cinquenta centavos e continuou sentado no banco, vendo o vulto de Ramón, vestido em trajes escuros, diminuir à medida que este se afastava pelo Malecón. Alguém acabaria reconhecendo-o como Ramón Otero, pensou Theodore. A notícia se espalharia, e eles não teriam mais paz. Theodore previu pistas falsas e gorjetas dadas a troco de nada. Olhou para o belo e neutro Pacífico, cuja superfície subia e descia na calma baía como uma forte e serena respiração. Suas roupas começavam a grudar com o suor. Pensou que naquela noite gostaria de ir com Ramón à sossegada praia depois de Hornos e mergulhar nu no mar. Ou Ramón se lembraria das noites em que Lelia estivera lá com eles, nadando com eles na escuridão? Ramón não lhe diria se suas lembranças o incomodassem – simplesmente se recusaria a ir. Theodore fechou os olhos contra o sol ofuscante e se lembrou de uma noite com Lelia e Ramón na pequena praia, do bater das ondinhas frescas e agitadas e do som de uma manga madura ou de um coco caindo na areia.

De tarde eles exploraram a praia de Caleta, e também Hornos, a praia aonde se ia à tarde, Ramón indiferente aos olhares dos banhistas quase nus

enquanto perambulava com roupas urbanas entre eles. Theodore permaneceu no calçadão, de onde podia ver a praia bem como as pessoas na rua. Quando Ramón tirou a areia dos sapatos pela última vez, já eram cinco horas. Theodore o convenceu a entrar no Hungry Herman para comer um hambúrguer, mas Ramón não quis pedir nada além de café. De lá, Theodore telefonou para Sauzas, que não estava, mas soube que Infante ainda não fora encontrado e que não havia nenhuma informação nova de Acapulco. Theodore contou isso a Ramón e sugeriu que procurassem um hotel, descansassem um pouco e saíssem de novo à noite, quando todos estariam nas ruas ou nas casas noturnas. Ramón concordou com o hotel, mas disse que não precisava descansar. Seus olhos, no entanto, já mostravam fadiga, e Theodore teve certeza de que ele não dormira nada na noite anterior.

– Tenho a sensação de que ele está na cidade, Teo – disse Ramón. – Ou em algum lugar próximo, como Pie de la Cueta, sabe, ou Puerto Marques. Tem um hotel grande lá também.

– Ramón, ele não ousaria colocar o pé num hotel!

– Por que tem tanta certeza?

– Tudo bem, pergunte no Hotel Club de Pesca e veja o que eles dizem! – Theodore disse com certa impaciência. O Club de Pesca era um hotel grande e espalhafatoso, erguido em uma curva da baía – o tipo que Infante escolheria, se tivesse coragem.

Andaram em direção ao Club de Pesca, e Theodore perguntou se havia vagas em quatro ou cinco hotéis no caminho, mas todos estavam cheios. No Club de Pesca, Ramón foi até o balcão e perguntou se um *señor* Salvador Infante estava hospedado lá.

– Infante? – disse o recepcionista. – Aquele que está sendo procurado? Bem que eu queria que ele entrasse aqui, *señor*!

Zangado, Ramón voltou para onde estava Theodore e os dois saíram do saguão com ar-condicionado, de volta para o sol.

– É preciso perguntar para saber! – exclamou Ramón, ressentido como se tivesse recebido uma ofensa pessoal. Na cabeça dele, o jovem delinquente era um menino perseguido, na pior das hipóteses um infrator menor que já pagara por seus crimes sendo perseguido por todos os Estados Unidos do México.

– Vamos procurar um hotel no outro lado da Costera – disse Theodore. – Caso contrário, vamos voltar andando pelo mesmo caminho que viemos. E eu vou usar algum meio de transporte.

Havia um ponto de ônibus bem perto do Club de Pesca, e um ônibus acabava de se aproximar do meio-fio. Theodore subiu, mas Ramón continuou onde estava.

– A gente se encontra no Malecón! – Ramón gritou para ele.

Ele que se mate com essa bobagem, pensou Theodore. Mas, enquanto andava pelo corredor do ônibus, pegou-se olhando ao redor tão ansiosamente quanto Ramón, vendo se algum daqueles rostos não era o rosto pálido e furtivo de Infante. Theodore passou pelo Malecón até os hotéis se tornarem mais esparsos, desceu do ônibus e, no segundo hotel que procurou, conseguiu um quarto com duas camas para aquela noite. O caráter prático e prosaico daquela operação espantou seus pensamentos anteriores e fez com que se sentisse vagamente envergonhado. Decidiu não importunar Ramón para que dormisse numa cama naquela noite se ele preferisse andar pelas ruas ou explorar os cabarés noturnos. Ramón tinha um propósito, e ele não. Era essa a diferença entre os dois.

Theodore voltou para o Malecón e parou perto dos armazéns, observando uma dupla de estivadores que empurravam rolos de fio de cobre do tamanho de barris das docas para um armazém. Continuou andando, procurando a silhueta de Ramón no luminoso crepúsculo.

– *Joven!* – ele gritou para um rapaz que se aproximava chupando um sorvete.

O rapaz se aproximou de Theodore, sem dúvida pensando que ele queria pedir informações.

– Ouça... Por acaso você ouviu falar onde Salvador Infante está escondido aqui na cidade? – perguntou Theodore.

Os brilhantes olhos castanhos do rapaz se arregalaram levemente, com inocência.

– Duzentos pesos se você tiver alguma idéia – disse Theodore. – Sou amigo dele, não da polícia.

Os olhos do rapaz se demoraram um pouco sobre o caro relógio de Theodore e depois se dirigiram para os olhos dele.

– Não me pergunte, *señor* – disse ele, encolhendo os ombros. – Ouvi dizer que estava aqui...

– Não conhece alguém que sabe? Duzentos pesos se me indicar alguém. Tenho o dinheiro comigo. Não farei perguntas.

Ele virou a cabeça redonda e morena e olhou para trás.

– Não sei, *señor*. Sinto muito.

E ele parecia realmente sentir muito, porque ninguém estava ao redor deles nem os observava.

Theodore assentiu com um gesto de cabeça.

– *Gracias*.

Foram cada um para um lado. Theodore finalmente avistou Ramón não no Malecón, mas do outro lado da avenida Costera, andando muito devagar, o paletó sobre o ombro. Quando Theodore se aproximou, ele disse que fazia meia hora que esperava.

– Fiquei esperando por aqui só porque eu sabia que se você não me encontrasse, chamaria a polícia ou faria alguma loucura assim! – Os olhos de Ramón estavam frenéticos e injetados.

– Demorei um pouco para encontrar um quarto de hotel, Ramón. Aqui está a chave. O nome está escrito nela... Hotel Tres Reyes, lá na frente.

– Não preciso de hotel.

– Fique com a chave assim mesmo. Posso entrar quando eu voltar, mas você não vai conseguir sem a chave.

Ramón empurrou a chave de volta para ele.

– Obrigado, Teo – disse, com gentileza na voz, mas não no rosto, e continuou andando.

Theodore o alcançou.

– Para onde vamos agora, Ramón?

O problema foi resolvido pelo súbito desmaio de Ramón. Pessoas o cercaram, cochichando sobre o calor do sol, a tequila, a baixa altitude, mas Theodore sabia que não era nenhum desses motivos. Dois rapazes, do tipo que Ramón passara a tarde abordando, ajudaram Theodore a transportar o corpo inerte até um táxi, e um deles pegou o paletó de Ramón e o cobriu com a mão esguia e gentil como de uma moça.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Ramón conseguiu entrar andando no Hotel Tres Reyes quando chegaram, embora não parecesse saber onde estava. Theodore o ajudou a se deitar e pediu suco de laranja e chá quente. Obediente, Ramón bebeu lentamente tanto o chá quanto o suco, enquanto Theodore sentava-se preocupado na outra cama, ouvindo o inquieto sussurro das ondas na praia defronte o terraço. Estavam no segundo andar do hotel, ao lado de um apartamento com cozinha ocupado por um casal que tinha um bebê que às vezes chorava à noite, e por isso a diária teria um desconto de dez pesos, o gerente dissera a Theodore. O bebê já estava começando a chorar, e a brisa que soprava pela porta aberta do terraço trazia também o som de uma geladeira sendo aberta e fechada, o barulho de uma panela e os sussurros amorosos da mãe tentando acalmar o bebê. Theodore suspirou, deprimido com a situação transitória e vaga em que Ramón e ele se encontravam. E se Salvador já tivesse se matado e estivesse boiando no Pacífico àquela hora, para nunca mais ser encontrado, a não ser por tubarões?

Theodore tomou um banho com a porta do banheiro aberta, para ouvir se Ramón se mexesse ou saísse. Ramón estava sentado quando ele voltou para o quarto. Theodore sugeriu-lhe um banho, mas Ramón sacudiu a cabeça.

– Vai dar mais disposição a você... para a noite – disse Theodore. – Vai querer sair de novo, não é?

Isso motivou Ramón a se mexer. Theodore ajustou o chuveiro a uma temperatura tépida e o aconselhou a não girar as torneiras, porque funcionavam ao contrário e a água quente era escaldante. Ramón saiu do chuveiro momentos depois, o cabelo preto molhado e penteado para trás, abotoando a camisa azul.

– O que acha de tirar um cochilo? – perguntou Theodore. – Todos jantam até as dez e pouco e...

– Só nos hotéis – interrompeu Ramón. – E você disse que o rapaz não deve estar num hotel, e sim nas ruas.

Não havia como negar. Ramón vestiu o paletó.

– Não precisa ir comigo.

Mas Theodore também se levantou, vestiu o paletó e saiu com Ramón.

Eram dez para as sete. A futilidade daquela tentativa provocava cansaço em Theodore, e o andar enérgico de Ramón pela calçada aumentava sua sensação de desânimo.

Foram para a praça, que já estava toda iluminada, embora o sol ainda não houvesse se posto. Lá havia centenas de rostos para examinar, e eles pararam entre os bares e restaurantes abertos para a calçada. Ramón entrou em alguns deles sozinho. As pessoas o olharam, e Theodore notou que algumas sussurravam e apontavam para ele. Ramón parecia despreocupado como se andasse numa floresta. Continuaram subindo a avenida Costera até o pequeno restaurante de telhado de palha onde ele, Ramón e Lelia costumavam comer quando se cansavam da comida do hotel. As cerca de doze mesas eram visíveis da calçada e estavam todas ocupadas, mas Infante não estava lá.

Havia as ruas mais afastadas, inúmeras, iluminadas tanto pelas ocasionais barracas de comida com uma mesa e cadeira diante delas como pelos infreqüentes postes de luz. O som de um violão vinha de algum lugar. Theodore olhou sobre o ombro, certo de que estavam sendo seguidos.

– Ramón – disse ele, pegando o braço do amigo para detê-lo. Theodore se virou totalmente e encarou o rapaz alto, que hesitou com medo, como se fosse se virar e sair correndo. – *Buenas tardes* – disse Theodore, andando em direção a ele. – Você tem algo a dizer?

O rapaz avançou timidamente. Era feio, tinha aparência estúpida e cerca de dezenove anos.

– O senhor... estava perguntando por Infante hoje no Malecón? – perguntou ele em voz baixa, embora a calçada estivesse deserta.

– *Sí* – disse Theodore. – Você sabe onde ele está?

Um olhar vazio e assustado.

– Eu, não, *señor*. Mas outra pessoa pode saber.

– Quem? – perguntou Ramón.

– Quer alguns pesos antes? Você sabe mesmo de alguma coisa? – Theodore perguntou.

– Eu sei *uma coisa* – disse o rapaz na defensiva. – Acho que vale... cem pesos.

Theodore hesitou, achando que, se realmente soubesse de alguma coisa, ele teria pedido mais.

– O que você sabe? Estamos dispostos a pagar. – E colocou a mão esquerda dentro do paletó, como se fosse tirar a carteira.

– Outro homem estava perguntando por Infante no Malecón hoje – o rapaz disse baixinho. – Ele entrou num barco. Eu vi para onde o barco foi.

Theodore tirou a carteira, virando-se um pouco de lado, com medo que o rapaz a arrancasse de suas mãos.

– O que mais você sabe? – perguntou Theodore com a nota de cem pesos na mão. Voltou a guardar a carteira.

– O barco foi em direção a Pie de la Cuesta – disse o moleque.

Era um vilarejo num promontório, a cerca de vinte quilômetros ao norte.

– Tem certeza de que o barco foi para lá?

– *Sí*. Não sei se parou lá, mas foi naquela direção.

– E quem era o homem?

Ele encolheu os ombros.

– Era um homem desta altura. – Ele indicou uma altura inferior à própria.

– Um *policía*? – perguntou Ramón.

– Não sei. – O rapaz olhou para a nota de cem pesos.

– Que horas foi isso?

– Por volta das cinco... talvez seis – disse o rapaz com o rosto sério. Theodore deu-lhe o dinheiro.

– Você viu Infante?

– Eu? Não, *señor*.

– De quem é o barco que levou o homem? – perguntou Ramón.

– De um homem chamado Esteban. O barco dele... esqueci o nome, mas é vermelho. Não tem vela. É uma lancha.

– Esteban já voltou? Será que está atracado nas docas agora? – Theodore perguntou.

– Não sei, *señor* – disse o rapaz dando de ombros, tendo esgotado suas informações.

– *Gracias* – disse Theodore automaticamente, e, antes que o liberassem, o rapaz correu até a esquina mais próxima e desapareceu.

A busca pela lancha vermelha acabou sendo inútil. Os dois ou três capitães que eles abordaram no Malecón sequer admitiram conhecer um homem chamado Esteban que tinha uma lancha vermelha. Theodore percebeu pelo jeito de um deles que o homem mentia e que conhecia Esteban, mas o que podia fazer?

– Quero ir a Pie de la Cuesta – disse Ramón.

Theodore tentou dissuadi-lo. Era um lugar primitivo, apenas uma faixa de

areia com algumas choupanas de nativos e duas ou três *pensiones* muito simples, e estaria muito escuro para ver qualquer coisa, mas Ramón não desistiu. Eles conseguiram que um táxi os levasse e trouxesse por sessenta pesos.

A longa península era linda à luz das estrelas, com suas brancas ondas estrondosas e os coqueiros arqueados que se recortavam em preto contra o mar. Ramón entrou em todas as *pensiones* e falou com os proprietários e faxineiros, mas Theodore viu que todos balançaram a cabeça negativamente e ficaram olhando para Ramón enquanto ele voltava para o táxi. Ramón também perguntou em algumas choupanas. À luz das velas e da brasa das fogueiras, Theodore viu aquelas pessoas descalças e maltrapilhas também sacudirem a cabeça. Ele começou a ter a sensação de que o rapaz a quem dera os cem pesos inventara aquela história.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Theodore acordou antes de Ramón e ficou deitado na cama, relembrando os esforços inúteis da noite anterior. As boates de chachachá, tão escuras que teria sido difícil reconhecer um velho amigo dentro delas, as *tequilas limonadas* doces demais, pedidas e deixadas pela metade em pelo menos seis bares de hotel, o terraço de El Mirador, onde ele quase se perdera de Ramón na multidão. Ramón ficara andando de um lado para outro quando voltaram ao hotel. A última coisa de que Theodore se lembrava era de Ramón sentado na poltrona ao lado da porta, segurando a cabeça. Agora Theodore temia se mexer e tirar Ramón do sono de que tanto precisava. Eram nove e vinte. O bebê dos vizinhos balbuciava no terraço, e a mãe cantava suavemente na cozinha. Um fraco ruído de louça vinha da cozinha no térreo, onde o café-da-manhã era preparado.

O súbito e triplo impacto de uma frigideira no chão despertou Theodore de um cochilo. Ramón resmungou e levantou a cabeça.

– Bom dia, Ramón – disse Theodore. Sabia que ele não voltaria a dormir, e portanto pegou o telefone e pediu para a telefonista ligar para o *juzgado*, a cadeia.

O *jefe*, chamado Julio, só chegaria às dez, disseram a Theodore, que então pediu notícias de Infante.

– *Nada, señor.*

– Nenhum boato de que ele estaria em Pie de la Cuesta?

– Não, *señor* – respondeu a voz jovem e sóbria, que parecia tão desinteressada quanto a de outros escrivães com quem Theodore falara na repartição de Sauzas.

Theodore agradeceu e desligou. Pensou em ligar para Sauzas outra vez, mas aquilo também parecia inútil. Enquanto Ramón estava no banheiro, Theodore ligou para sua casa na capital do México. Inocenza relatou apenas um telefonema, da sra. Hidalgo.

– Ela não deixou recado – disse Inocenza alegremente.

Theodore perguntou do periquito de Ramón.

– Eu soltei ele, como o *señor* Ramón mandou. Depois de uma hora, ele voltou por uma janela aberta! Não é um milagre? Eu tinha aberto todas as

janelas da casa, e ele entrou voando por uma! Diga ao *señor* que ele voltou para a gaiola sozinho.

Theodore contou o caso a Ramón quando este saiu do banheiro.

– Voltou para a gaiola sozinho! – ele repetiu, incrédulo. Deu uma risada amarga. – Acho que Pepe e eu queremos ser prisioneiros. – Mas, mesmo assim, ele parecia contente.

Às onze, eles já tinham se barbeado e tomado café-da-manhã na praça. Theodore comprou o *Excelsior* e *El Universal*, que dizia brevemente que a “busca nacional” por Infante continuava, concentrando-se em Guadalajara e Acapulco. Theodore achou graça da pompa da notícia: não vira um só sinal de uma busca intensiva em Acapulco.

Ele entrou num restaurante da praça para ligar para Sauzas. Ramón ficou esperando do outro lado da avenida Costera.

Como sempre, achavam que Sauzas estava no prédio, mas tiveram de procurar por ele. Theodore acendeu um cigarro, e o fumara quase inteiro e tivera de pedir à telefonista várias vezes para não cortar a ligação quando Sauzas atendeu.

– Não, não tenho novidades, lamento dizer – disse Sauzas em tom desanimado –, mas não recebi o relatório de Acapulco esta manhã. Isso significa que eles não têm nada a comunicar.

– *Señor capitán*, acha que existe alguma possibilidade de Infante estar em Acapulco depois de tanta divulgação?

– Hum. O que posso dizer? Se formos lógicos e dissermos que não, podemos nos enganar.

– Tentarei convencer Ramón a voltar. Andamos por toda a cidade e não conseguimos nada. Exceto um boato ontem à noite de que um homem chamado Infante pegou um barco vermelho de alguém chamado Esteban e que foram na direção de Pie de la Cuesta.

– Quem lhe disse? – perguntou Sauzas calmamente, e Theodore lhe contou. – Você viu esse barco vermelho? Ou Esteban? Tem a descrição do homem que pegou o barco?

– Infelizmente, não, exceto sua altura, que bate com a de Ramón – respondeu Theodore, sentindo-se bastante amador como detetive.

– Hum. Bom, posso informar que Arturo Baldin também recebeu um telefonema a respeito do cachecol há quase três semanas. Não achou importante a ponto de contar para alguém. E seu amigo Carlos Hidalgo ainda

não voltou. Procuramos em todas as cadeias daqui, achando que ele podia ter sido preso por embriaguez. A mulher dele está muito abalada.

– Já faz dois dias?

– Faz.

Theodore não sabia o que dizer a respeito.

– *Señor Schiebelhut*, pretende voltar ao México esta noite?

– Pretendo. Espero que sim.

Theodore comprou um maço de Delicado no caixa do restaurante e saiu em busca de Ramón. Encontrou-o sentado num banco, olhando para o mar. Quando já o alcançava, Ramón se levantou e fez sinal para que ficasse longe.

– Já volto – Ramón murmurou para Theodore enquanto passava por ele. – Não me siga.

Então ele cruzou a primeira pista da avenida Costera, esperou na ilha que o farol mudasse, pois o trânsito estava rápido e intenso, e depois subiu por um dos lados da praça. Estava claro que seguia alguém que via na multidão.

Theodore também cruzou a Costera. Quando chegou ao outro lado, viu Ramón dobrar à direita na esquina seguinte. Theodore aproximou-se lentamente da esquina, onde havia uma loja de materiais fotográficos, e diagonalmente através das duas vitrines viu Ramón de pé, olhando ou fingindo olhar a vitrine da loja ao lado. Seus lábios se moviam. Então, ele tirou o porta-notas do bolso da calça, e Theodore viu a mão magra e nervosa que se estendia, o punho despido, os dedos impacientes. Ramón tirou todas as notas que tinha e os dedos se apoderaram delas. Theodore andou lentamente até a esquina.

Ramón veio em sua direção, fazendo sinal para que recuasse. A pessoa com quem ele falara já desaparecera na multidão.

– Tenho informações – disse Ramón. – Infante está num barco chamado *Pepita*, cujo capitão chama-se Miguel Gutierrez. E um homem chamado Alejandro que fica no Malecón pode nos levar até ele.

– Com quem você estava falando?

– Com um garoto que me abordou na Costera... pouco antes de você chegar. Vamos, Teo, ande mais rápido! Ele disse que não queria que os amigos o vissem conversando comigo, por isso me chamou até aquela esquina.

– Quanto você lhe deu?

– Tudo que eu tinha, setenta pesos. Ele queria cem. Por aqui, Teo.

Ramón estava otimista, mas não sabia como Alejandro era nem o nome de seu barco, porque o moleque sumira com o dinheiro antes que ele perguntasse. A testa de Theodore latejava com o sol quente. Ramón parou no dique perto de um velho que enrolava uma linha de pesca na proa de seu barco.

– *Buenos días*. Conhece um barqueiro aqui chamado Alejandro? – perguntou Ramón.

– *Alejandro*? – o velho resmungou em tom de surpresa. Ele se ergueu e apontou. – Ele amarra o barco mais lá na frente.

Theodore arrastou o passo, perguntando-se se era o caso de levar um policial com eles. Ou seria mais uma pista falsa, vaga e irrelevante como a de Pie de la Cuesta?

– Você não vai? – perguntou Ramón. – Vou sozinho, então.

– Claro que vou. Se o rapaz estiver aqui, quero que você o veja e quero ver a sua cara quando olhar para a cara dele!

Seis ou oito barcos balançavam na água, as proas voltadas para o dique, mas só dois homens estavam à vista.

– *Alejandro*? – Ramón gritou para eles.

Ambos os homens, em barcos diferentes, olharam para ele. Um deles apontou para um barco sujo e aparentemente vazio.

– Está dormindo – disse o homem. Então pigarreou longamente como se dissesse uma frase ininteligível e cuspiu no mar.

Ramón inclinou-se para o barco que ele indicara e puxou-o pela corda para perto do dique.

– *Alejandro? Alejandro?*

Os outros dois homens o observavam, a vários metros de distância.

Theodore ouviu um grunhido na cabine do barco, cuja porta estava aberta, e então um par de pés sujos desceu de uma cama na parede. A proa estava quase encostada no dique, e Ramón saltou para o pequeno tombadilho. Um homem com a barba por fazer o encarou, apertando os olhos.

– Quem é você?

– Meu nome é Otero – disse Ramón calmamente. – *Señor*, preciso ir ao barco de Miguel Gutierrez. Pode me levar? Sou amigo dele.

– Do Miguel? Eu não te conheço – ele resmungou, desconfiado, ainda meio dormindo. Reparou em Theodore no cais, e seu rosto assumiu uma expressão astuta e alerta. – Não sei onde Miguel está, *hombre*. Não vejo ele

há três dias. Não quero a polícia no meu barco. Não fiz nada de errado. – Ele fez um gesto para afastar Ramón.

– Não sou da *policía*. Sou amigo... de Salvador Infante. Nós dois somos amigos dele.

O homem olhou para o cais atrás deles.

– Você não é da *policía*?

– Eu pareço um maldito policial?

Ainda arqueado sob a porta da cabine, Alejandro fez sinal para que Ramón se aproximasse.

– Talvez eu saiba onde Miguel está. Quanto me paga se eu te levar até lá?

– Duzentos pesos.

– Bah! – Mas considerou a oferta, murmurando algo, coçando a virilha pensativamente. – *Do' cien pesos...* Acha que a minha vida vale só isso? Além do mais, quem disse que eu sei onde ele está?

– Não sou da *policía*, *hombre*! Olhe, não estou armado.

O homem olhou para os bolsos das calças de Ramón e depois apalpou os bolsos do paletó que ele trazia sobre o braço. Fez sinal para Theodore se aproximar. Theodore entrou no tombadilho e submeteu-se à mesma revista.

– Seiscentos – Alejandro disse calmamente, olhando para Theodore. – Adiantados.

– Tudo bem. Mas queremos ver Infante primeiro – disse Theodore, e Alejandro balançou a cabeça, desviou os olhos e cuspiu. – Se acha que não vou pagar a você no final da viagem, podemos cancelar, e você vai perder seiscentos pesos! – disse Theodore. – Pense bem. Não seja estúpido. Quando verá seiscentos pesos outra vez?

O homem abriu a boca para responder, mas desistiu, contrariado. No entanto, começou a se mexer, levantando a coberta do pequeno motor que ficava na cabine.

– Ah, aquele moleque bêbado... – murmurou.

Ramón soltou a corda da argola no cais. Quando o barco começou a andar, Alejandro lançou um longo olhar pelo cais, e chegou até a acenar para alguém.

Rumaram para o estreito da baía. Alejandro resmungou que, se alguém perguntasse, eles iam para Puerto Marques, ver o lindo hotel a partir do mar, e ele riu com cansaço e melancolia, esfregando as mãos nos *shorts* engordurados. Eles contornaram uma das saliências de terra que protegiam a

baía e seguiram para o sul. À direita estendia-se a imensidão do Pacífico, despovoada com a exceção de um navio-tanque, quase na linha do horizonte. Theodore não tirava os olhos do litoral. Dois ou três barquinhos navegavam perto da costa.

– É longe? – perguntou Ramón.

Alejandro abanou a mão, ergueu o boné imundo e coçou o cabelo preto que começava a embranquecer.

– Muito. Bem depois de Marques.

– O barco está no mar ou atracado?

– Você vai ver.

– Que cor é o barco?

– Ai! Quantas perguntas! – disse Alejandro, como se estivesse falando com uma criança.

Alejandro fez um gesto em direção à costa e anunciou Puerto Marques. A cidade parecia bem distante, profundamente recuada num entalhe da costa. O motor pipocava. Ramón se agachou na proa, mirando o horizonte quente e indistinto. Não havia mais barquinhos à vista. Theodore olhou para Alejandro. O sol curtira seu rosto rude e quadrado, dando-lhe o tom avermelhado de um tijolo, e a mesma expressividade. Ele parecia desonesto, e pronto. Theodore desconfiava que ele continuaria durante mais meia hora, pararia e diria que o *Pepita* fora embora e exigiria os seiscentos pesos. Talvez os levasse de volta ao Malecón, mas era mais provável que não.

Alejandro virou o barco ligeiramente para a costa, e até diminuiu a velocidade do motor. Três pequenos veleiros estavam ancorados perto da praia. Passaram lentamente por eles, e a uma distância grande demais para que Theodore lesse seus nomes. Depois se aproximaram tanto da costa que Theodore conseguiu avistar pencas de cocos verdes no alto de algumas árvores. A terra parecia vasta e intransitável. Deixaram os três veleiros bem para trás. Então, atrás de uma rocha saliente, Theodore viu a extremidade azul ou cinza de um barquinho.

– É aquele? – perguntou.

Alejandro assentiu calmamente. Ele mantinha uma boa distância das rochas. O barquinho azul-claro estava parado no mar, o mastro nu e imóvel. Alejandro levantou e levou as mãos em concha até a boca.

– *Oiga! Miguel!* – ele gritou com um sorriso.

Um longo e silencioso minuto se passou. Então uma porta do *Pepita* se

abriu.

– *Dos amigos!* – gritou Alejandro. “...*amigos...*”, a costa ecoou.

Uma resposta ininteligível veio do *Pepita*, e um homem de camisa azul-clara, quase da mesma cor do barco, apoiou as mãos na amurada baixa e se inclinou em direção a eles.

– Alejandro? Quem está com você?

– Amigos do garoto. Cale a boca – disse Alejandro. Ele colocou o motor em marcha lenta e olhou com indiferença para a costa deserta.

Miguel se inclinou para dentro da cabine. Parecia cambalear. Então se afastou da porta, e Theodore viu a cabeça e os ombros frágeis de Infante, a surpresa estampada no rosto. O garoto disse algo ao homem e fez um movimento nervoso, como se estivesse prestes a mergulhar na cabine de novo.

Ramón estava de pé na proa.

– Diga-lhe que sou seu amigo! – ele gritou para o capitão do *Pepita*. – Ramón Otero!

– *Otero?* – O rapaz o ouvira. – Não! Levem ele embora! Como tiveram a coragem de trazer ele aqui, seus filhos-da-puta! – Uma chuva de palavrões se seguiu.

– Sou seu amigo! Não vou fazer mal a você! – Ramón gritou.

– Os dois estão bêbados – Theodore disse a Ramón.

– Alejandro! – gritou Miguel. – Você já ganhou mil pesos! Quer mais ainda? Não tem mais! Acabou!

Poucos metros separavam os barcos agora.

– Cale a boca, Miguel! Estes dois não são da *policía*! Querem falar com Infante! Me dá o dinheiro – disse em voz baixa a Theodore, e estendeu a mão grossa e engordurada.

Theodore tirou cinco notas de cem e duas de cinquenta da carteira. A mão súa fechou-se sobre as notas e as meteu num bolso dos *shorts*.

Ramón agarrou a amurada do *Pepita* e saltou para dentro do barco, molhando um pé. Theodore o seguiu, olhando com cautela para Miguel, que recuara para a proa e esperava segurando uma barra de metal com a forma de um bico de marlim.

– Salvador, sou seu amigo! Só quero conversar com você! – Ramón gritou em direção à porta da cabine. Puxou a porta pelas alças, mas Infante a segurava por dentro, fechando-a com força a cada vez que Ramón puxava.

Theodore introduziu a mão na fresta da porta e a abriu com um puxão violento. O rapaz tombou sobre o convés, como um inseto expulso de um buraco.

– Aí está ele, Ramón – disse Theodore cerrando os dentes.

O rapaz olhou com raiva para eles, lançando-lhes palavrões e ameaças.

– Não vou fazer mal a você! – garantiu Ramón. – Sei que você não é o assassino! Eles o levaram à loucura, Teo!

– Ele está é bêbado de rum – Alejandro disse do barco com indiferença.

Salvador Infante olhava de Ramón para Theodore, os olhos assustados, sem foco.

– O que vocês querem?

– Conversar com você. Agora levante! – disse Ramón, puxando-o pelo braço fino.

Infante estava descalço, com calças grandes demais e uma camisa branca que Theodore reconheceu como sendo a camisa de seda que ele usara em Guanajuato. Cambaleava enquanto Ramón o segurava, mas sua expressão era feroz.

– O que vocês querem, já perguntei. O que vocês *querem*?

– Várias coisas. Eu quero ver o cachecol – disse Theodore.

– O cachecol? Só se *pagar*! De qualquer jeito, ele já foi vendido.

– Salvador, você precisa sair daqui! Fique longe destes homens e de Acapulco! – Ramón enxugou o suor da testa dele.

– Para quem você vendeu o cachecol, Salvador? – Theodore perguntou.

– Vocês estão loucos para saber... – Salvador Infante tentou cuspir, em vão. Estava muito pálido, como se fosse vomitar.

– Cadê o rum, Miguel? Ei, Miguel, o rum! – Ele voltou à cabine e começou a tatear sobre uma cama.

– O rum! *Seguro*! – disse Miguel, avançando com o bico de marlim e um sorriso idiota no rosto. – Os *señores* gostam de rum?

Alejandro riu, levantando-se em seu barco e acendendo um cigarro.

O garoto emergiu com uma garrafa de rum, agitou-a para eles e a ergueu, derramando o líquido no nariz antes de a boca encontrar o gargalo. Ramón arrancou-a dele e a atirou no mar, e imediatamente uma enxurrada de protestos partiu de Salvador e Miguel. Miguel entrou na cabine, resmungando que acharia outra garrafa.

– Viu o arranhão na mão dele, Ramón? – Theodore apontou para a mão

que o rapaz apoiara no teto da cabine. Um vergão rosa com uma linha mais escura no meio ia do pulso até o dedo médio. – Meu gato fez isso com você em Guanajuato, *no es verdad*, Salvador?

Salvador lançou um olhar abobado para a mão e deixou pender a cabeça.

Theodore o agarrou pela camisa.

– Fale! Para quem você vendeu o cachecol?

– O cachecol? Está aqui – disse Miguel, indicando a cabine de onde acabara de sair.

– Onde? – perguntou Theodore. – Me mostre.

Ramón avançou para a garrafa na mão de Miguel, mas este a tirou do seu alcance com um gesto indignado.

– Pare de beber e tire o garoto daqui! A *policía* está atrás dele, você não sabe disso?

– Se eu não sei disso... – zombou Miguel, os lábios grossos e vermelhos molhados de saliva. – Aquele ali... – ele indicou Alejandro – não conta para a *policía* porque está lucrando muito com a gente, *verdad*, ‘Jandro? Mas o dinheiro acabou! Acabou!

Alejandro riu como se estivesse vendo um espetáculo à distância.

– Mostre o cachecol, Miguel – disse Theodore.

– *Minha grana!* – Infante exclamou com voz subitamente alta. Pegou uma cabeça de peixe que estava no convés e a arremessou em Alejandro, errando. – Fiquem longe de mim, seus sanguessugas imundos! – Ele repetiu a palavra: *Chupasangres! Chupasangres! Todos, todos chupasangres!* Você sugou meu sangue! *Seu porco!* – ele gritou para Miguel, que avançou para ele com a garrafa na mão.

Ramón segurou o braço de Miguel.

– Deixe ele em paz!

– Seu maldito idiota! Está protegendo esse verme? – disse Alejandro, cusindo na água. Pegou a corda e tentou alcançar a amurada do *Pepita*.

– Você pode levá-lo ele para longe daqui, Alejandro? – perguntou Ramón, mas Alejandro não prestou atenção. Virou-se para Infante. – Não entende que a polícia vai acusar você do assassinato de Lelia Ballesteros? Vim te ajudar, Salvador! – Ele sacudiu os ombros finos do rapaz. – Entendeu, Salvador? Mas você não tem tempo a perder!

A cabeça de Infante pendia molemente para o lado.

– *Oiga, hombre* – disse Alejandro, puxando Ramón pelo braço. – Você é

um dos amigos da moça? Otero, claro! Você não é o sujeito que confessou?

– Confessei, mas ninguém acreditou em mim. A *policía* não acreditou em mim! – disse Ramón.

– Você é *loco*? – Alejandro perguntou, com assombro. – É, eles disseram mesmo que você era louco. Me dá um pouco de rum, Miguel. – Ele estendeu a mão para a garrafa.

– Somos todos loucos – Infante murmurou, a cabeça baixa. – *Todos locos, todos locos...*

– Foi você que pagou dez mil pesos pelo cachecol? – perguntou Alejandro, olhando maliciosamente para Ramón e passando a mão suja no gargalo da garrafa.

– Não – disse Ramón, franzindo a testa. – Que cachecol? – perguntou a Infante. – De quem é o cachecol, afinal?

Salvador Infante olhou para ele de lado e sorriu.

– Eu sei.

– Onde você o achou? – perguntou Theodore.

– No apartamento.

– No apartamento de Lelia? – perguntou Theodore.

– *Sí!* – disse Infante, em tom de desafio. – *Sississí!*

– No apartamento de Lelia? Você está colocando as palavras na boca dele, Teo! – disse Ramón, fechando a cara.

– Acha que ele não esteve no apartamento dela, *hombre*? Ele estava se gabando disso! Venha aqui, quero te mostrar uma coisa.

Alejandro puxou Ramón pelo braço, mas Ramón o empurrou e se aproximou do rapaz, que estava andando para a proa, apoiando-se no teto da cabine para não cair.

Theodore foi atrás de Infante.

– Salvador! Você também enviou o cartão-postal da Flórida?

– Da Flórida? – Infante sorriu com ar sonhador. – Claro. O postal da Lelia. Ha! Pedi para um amigo mandar. Disse que era para um outro amigo, porque eu estava com a namorada dele. – Ele bateu no peito com o polegar. – Lelia está *comigo*, eu disse, mas ele precisa pensar que ela está na Florida!

– E os telefonemas, Salvador? – perguntou Theodore. – Os telefonemas mudos?

Salvador Infante parecia sonolento e entorpecido.

– Disso eu não sei... não sei.

– Quero falar a sós com ele, Teo – disse Ramón.

– Venha comigo, *señor*. Venha! Quero mostrar uma coisa. – Alejandro puxou Theodore pelo braço.

– Ela deixou você entrar no apartamento, Salvador? Como você entrou? – perguntou Theodore.

Mas Infante desviou o rosto, sem dizer nada.

Alejandro disse no ouvido de Theodore.

– A porta estava aberta! Ele fingiu que tinha flores para entregar, e quando entrou... ela estava morta. Morta! – O rosto moreno de Alejandro estava um pouco exaltado. – Então ele roubou algumas coisas e foi embora – concluiu, erguendo as mãos. – Ainda não acredita em mim, *señor*? Entre, vou mostrar. Quer ver?

– Ramón! – chamou Theodore, e foi atrás dele.

Ramón conversava com Infante, que, em sua embriaguez, mandava-o calar a boca.

– Venha comigo, Ramón – disse Theodore, pegando-o pelo braço. – Alejandro quer mostrar uma coisa para a gente. *Venha!*

– Você forçou ele a inventar tudo isso, Teo – acusou Ramón.

– Entre na cabine. Só um minuto.

Relutando, Ramón se afastou do rapaz. Theodore deixou que ele entrasse antes na cabine. À luz fraca, Theodore viu Alejandro agachado no espaço estreito entre as duas camas, puxando uma mala pequena.

– Estas coisas... Esperem. – Alejandro tirou algumas camisas amassadas. – Vocês conhecem isto? – Ele suspendeu um objeto entre os dedos.

Theodore olhou e sentiu uma dor intensa esmagar seu peito.

– É de Lelia! – exclamou Ramón. Pegou o objeto, como se quisesse confirmar que era real.

Era o colar de obsidiana que Theodore levava para o concerto, o colar que ela usara tantas vezes que olhar para ele era como olhar para a própria Lelia – o pingente oval e lúcido, os finos segmentos pretos com os delicados elos de ouro. Alejandro tirava mais coisas de um bolso da mala, e Theodore chegou mais perto, tropeçando em Ramón, para tocar o pedaço de fita vermelha, a borracha para desenho, os dois lápis feitos de cedro que ficavam no vaso de argila pintada na estante de Lelia.

– E as chaves dela, Ramón... as chaves – disse Theodore, agarrando-as. – Continua achando que ele não entrou no apartamento?

– E isto aqui? – Alejandro mostrou a agenda de endereços de Ramón, derrubando alguns cartões que estavam dentro.

Mas Ramón olhava para o colar, que segurava com a mão trêmula.

– E aqui está o cachecol. – Alejandro o ergueu. Era um cachecol azul-claro com listras vermelhas, que se cruzavam formando quadrados grandes – um cachecol extravagante.

Theodore não se lembrava de tê-lo visto antes. Olhou para as duas extremidades em busca de uma etiqueta ou selo de lavanderia; cheirou-o, mas cheirava apenas a lã.

– De quem é?

Alejandro limitou-se a encolher os ombros e sorrir.

– O garoto encontrou no apartamento. E *alguém* pagou por ele.

Que tipo de homem usaria um cachecol como aquele, Theodore se perguntou.

Theodore ouviu um grito que parecia de mulher.

Saiu correndo da cabine. Ramón estava na proa, curvado sobre Infante, socando-o com os dois punhos. Miguel tentava afastá-lo. O garoto se debatia violentamente tentando escapar, mas Ramón o ergueu e o lançou ao canto onde a proa se estreitava, e ouviu-se um estalo como o de um crânio rachando. Miguel agarrava o braço de Ramón com as duas mãos, e lentamente, pareceu a Theodore, Ramón moveu o braço para trás, tomando impulso, e depois o arremessou para frente. Miguel caiu na água com estrépito, espalhando gotas sobre o barco. Theodore olhava a cena com as mãos estupidamente cerradas, as chaves em uma, o cachecol na outra.

Ramón olhou para ele enfurecido, ofegante.

– Ele está morto? – perguntou Theodore.

Ao ouvir isso, Ramón girou como um louco, agarrou o rapaz pela camisa, rasgando-a, e arremessou o corpo inerte para cima, socando-o mais uma vez antes que caísse.

– E isto, *señor*? – Alejandro gritou da popa. Theodore virou-se e viu que ele segurava a fotografia grande de Lelia que ele colara em seu diário, e que agora se agitava na brisa. – *Linda mujer* – Alejandro comentou.

Theodore sentiu-se paralisado e sem ar. Na água, a cabeça de Miguel emergiu, e ele viu que seu rosto tinha uma expressão triste e apaziguada enquanto dava a primeira braçada em direção ao barco.

– Ramón, ele está morto? – Theodore perguntou, porque Ramón, inclinado

sobre Infante, parecia tentar ouvir seu coração. Mas, quando chegou perto, viu que Ramón olhava para uma delgada cruz de prata sobre o peito liso do rapaz. Brilhava ao sol como algo incandescente.

Ramón chorava baixinho com as mãos no rosto.

Theodore pousou a mão sobre o coração de Infante, odiando ter de tocá-lo. Pensou sentir uma pulsação, mas podia ter sido a sua própria. Os lábios ensangüentados do rapaz haviam se retraído, exibindo os dentes, como se a morte tivesse chegado com uma convulsão. Uma mancha de sangue escurecia os pêlos do lábio superior.

O rapaz gemeu.

– Salvador, de quem é o cachecol? – perguntou Theodore. – Salvador...

– Teo, você tinha razão – disse Ramón, ofegando. – E agora eu o matei!

– Ele está vivo. Salvador... o cachecol... quem pagou a você pelo cachecol? – Ele aproximou o ouvido da boca molhada do rapaz.

Os lábios diziam algo sobre *Dios*, repetidas vezes. Os olhos vazios estavam voltados para o céu. Os lábios pararam de se mexer.

Alejandro inclinou-se com as mãos nos joelhos, olhando para Infante.

– Argh! *Un católico. Un espléndido católico!* – Ele riu e estendeu a mão, que parecia incapaz de sentir qualquer coisa, e a pressionou contra o peito, abaixo da cruz. – Ainda está vivo. *Madre de Dios*, essa raça não morre!

Miguel subiu pingando no convés, assoando o nariz na mão.

– Ele morreu? – perguntou, vacilando, tentando se equilibrar.

– Não, está vivo – disse Alejandro.

Miguel deu um passo em direção ao rapaz com o rosto cheio de fúria embriagada.

– Vivo ou morto, não quero ele no meu barco! Estou cheio dele!

Pegou Infante pelo pescoço e bateu sua cabeça no convés, uma única e certa vez, com o gesto experiente de um pescador que já matara mil peixes daquela maneira.

Tudo aconteceu no tempo que Theodore levou para se levantar e Ramón para tirar as mãos do rosto. Então, quando Theodore viu que Miguel erguia o corpo no ar, deu um salto e o segurou pelo braço.

– Pare, homem! O que está tentando fazer?

Miguel desvencilhhou-se de Theodore, ainda segurando o rapaz pelas calças. O corpo pendia como um trapo.

– Este barco é *meu* e *eu* decido quem são os passageiros!

Quando já ia lançar o corpo ao mar, Theodore o socou no queixo. Miguel cambaleou para trás, e teria caído no mar se Alejandro não o tivesse segurado, rindo.

Theodore virou o corpo imóvel para cima. Mais sangue jorrou da cabeça, dando um horrível brilho vermelho ao cabelo preto. Tomou-lhe o pulso, tentou sentir o coração bater.

– Agora ele está morto – disse Theodore. Quando ergueu os olhos, viu o rosto aterrorizado de Ramón voltado para ele.

– Ótimo – resmungou Alejandro.

– *Tire ele do meu barco!* – rugiu Miguel, avançando para o rapaz.

Theodore passou o braço pelos ombros de Ramón, porque parecia que ele ia se deixar cair sobre a amurada ou que ia se atirar no mar. Ramón levou a mão até o rosto, os dedos rígidos como garras. Seus soluços pareciam sufocá-lo.

– Não deu para evitar, Ramón... – disse Theodore bestamente, e virou o rosto a tempo de ver Miguel, com um simples e desenvolto gesto, arremessar o corpo ao mar.

O impacto produziu um alvoroço ruidoso na água.

– Já vai tarde! – disse Alejandro, e meteu um cigarro na boca. – Ele era sangue ruim! – E frisou suas palavras com um gesto de cabeça.

Claro que já vai tarde, pensou Theodore. Agora Miguel podia ficar com tudo que restara do dinheiro de Infante.

– Agora as tralhas dele... – murmurou Miguel, indo para a popa.

– O rum – Theodore disse para Alejandro. – Se tiver sobrado um pouco...

Alejandro ergueu o dedo sujo, sorriu e foi buscar o rum.

– *Lá vai!* – Miguel gritou na popa, atirando um par de calças ao mar. – E mais isto!... – Uma garrafa vazia foi em seguida. Miguel bateu a cabeça com força na verga da porta e xingou.

– Isso, não! – Theodore gritou, correndo em direção a ele. Agarrou-o pelo pulso. – Me dá isso!

Miguel soltou os lápis, a fita vermelha, e com a outra mão atirou algumas roupas no mar.

Ramón não queria rum, queria água. Miguel não tinha, ou pelo menos se recusou a dar a Theodore.

– Fora do meu barco todos vocês! – Miguel gritou.

– Tem água no seu barco, Alejandro? – Theodore perguntou.

Alejandro fez um sinal afirmativo com a cabeça, pegou o rum e bebeu.

Theodore olhou para o mar além da proa, a estibordo, mas a superfície estava lisa e vazia. O mar ondulava suavemente, como se nada tivesse ocorrido.

– Ele desapareceu! – disse Alejandro, rindo. – Afundou!

– Você pode levar a gente de volta a Acapulco? – Theodore lhe perguntou. Alejandro apertou os olhos com ar matreiro.

– Ao litoral, talvez. A Acapulco, não... Miguel, você está jogando dinheiro fora?

Ele foi até a popa e entrou na cabine, onde Theodore o ouviu abrindo armários, arrastando coisas, revistando cada canto em busca de um possível esconderijo de pesos.

Ramón ainda cobria o rosto com a mão, o corpo rígido e ereto, mas Theodore continuava apertando seu braço como se ele fosse cair se não o fizesse. Tiveram uma conversa desencontrada, Theodore pedindo-lhe que fosse até o barco de Alejandro, onde havia água, Ramón falando de Lelia. Theodore não tentou entender o que ele dizia, porque Ramón falava consigo mesmo, ou com ela. Então Ramón descobriu o rosto e saltou para o outro barco. Theodore encontrou água na cabine, numa grande garrafa de vidro verde. Ramón a ofereceu primeiro a Theodore, que recusou. Depois ajoelhou-se, lavou as mãos no mar e bebeu a água vertendo-a na palma da mão. Theodore ouviu Alejandro exigindo dinheiro de Miguel, exigindo dois mil pesos dos seis mil que Infante lhe dera para esconder, ou ele contaria tudo à polícia. Finalmente, Miguel consentiu entre resmungos, que se tornaram menos audíveis enquanto ele entrava na cabine para buscar o dinheiro.

Um minuto depois, Alejandro entrou em seu barco e o desamarrou do *Pepita*, que estava ancorado.

– Miguel! – ele gritou para o outro, que se encostara molemente contra a cabine. – *Adiós!* Durma bastante, e vamos esquecer o que aconteceu hoje! Certo, Miguel?

Miguel assentiu com ar sonolento.

E o mais estranho, pensou Theodore, era que eles provavelmente esqueceriam mesmo o que acontecera naquele dia.

O motor sacolejou e pegou. Alejandro voltou a proa para a costa, depois virou um pouco à esquerda, murmurando algo sobre uma praia onde poderia deixá-los. Alejandro se movia agora com alegria e agilidade, sem encontrar o

olhar de Theodore sequer uma vez. Ou o assassinato lhe enchera de disposição, ou sua mente primitiva passava por um processo particular de esquecimento, concentrando-se na simples tarefa de dirigir um barco.

– Pode dizer que não o matei, Teo – disse Ramón –, mas só não dei o golpe final. Ele teria morrido por causa do que eu fiz. – Estava agachado sobre um só joelho ao lado da amurada, olhando para o chão. – A vingança não é doce, Teo. É tão terrível quanto o resto.

Theodore estava de pé ao lado dele, examinando a costa em busca de um local onde pudessem descer.

– Não pense nisso agora – disse ele, e apertou o cachecol enrolado que tinha na mão.

– Preciso pensar... porque foi assim que eu achei que tivesse matado Lelia... quando estava fora de mim, sem saber o que fazia! Tinha medo de ter batido nela daquele jeito quando estava furioso, sabe, Teo... e só caído em mim quando ela já estava morta. E foi o que eu fiz com Infante... bati até matar.

– Ele não teria morrido se não fosse Miguel! – disse Theodore com energia, mas nem pensava no que dizia. Perguntava-se quando Ramón entenderia o significado do cachecol.

De repente, a lembrança do rosto mutilado de Lelia lhe voltou à mente. Tentou, mas não conseguiu imaginar como alguém fora capaz de fazer aquilo. Mas, como Ramón dizia, num momento de raiva tudo era possível.

– Alejandro! – Theodore gritou sobre o barulho do motor. Deu dois passos e chegou junto dele. – Este cachecol... Sabe de quem ele é? Infante lhe disse?

Alejandro olhou para o cachecol, e depois para Theodore, sorrindo.

– Não sei – disse ele em tom jocoso.

– Eu lhe dou dinheiro se me disser. O que tem a perder?

Então, vendo Alejandro hesitar, Theodore compreendeu que ele não devia saber – se soubesse, teria lhe vendido a informação com prazer, ou teria tentado se apropriar do cachecol com a intenção de praticar chantagem. Theodore deu um suspiro de cansaço e frustração.

Alejandro encolheu os ombros morenos.

– Aquele moleque... Infante vivia dizendo que o cachecol era seu bem mais valioso. É só o que sei.

– E é só o que Miguel sabe?

– *Quién sabe?* – disse Alejandro com indiferença.

A polícia teria de interrogar Miguel, pensou Theodore. Sauzas. Apenas Sauzas poderia interrogar Miguel, ou haveria uma terrível confusão devido à morte de Infante. Miguel não conseguiria se esconder agora, supondo que ele sequer tentasse, com um barco. Ou será que abandonaria o barco naquela noite ou no dia seguinte, e desapareceria entre os milhões de mexicanos parecidos com ele? E com quanto entusiasmo a *policía* mexicana procuraria por ele, de qualquer forma?

Como Theodore previra, Alejandro tentou arrancar-lhe mais dinheiro quando se aproximaram da costa.

– Já recebeu bastante – Theodore disse secamente, sem sequer olhar para ele, e Alejandro conformou-se em encolher os ombros e resmungar alguma coisa sobre ricos avarentos.

Mesmo assim ele conduziu o barco até a areia e os ajudou a descer, como se fossem pessoas importantes.

– Vão encontrar uma estrada no alto daquele penhasco – disse, indicando um monte rochoso e íngreme diante deles. – E, olhe, *señor*, não quero nenhuma *policía* me procurando para fazer perguntas, ãh?

– Entendi – disse Theodore.

– Ou então direi que foi seu amigo aqui o culpado – acrescentou, indicando Ramón com a cabeça. – Entendeu?

CAPÍTULO VINTE E OITO

O sol roçava o horizonte de leve, como um balão alaranjado. Depois foi sendo rapidamente engolido pelo mar. Theodore o contemplou pela janela do ônibus, sentiu no rosto seu último surto de calor e tentou pensar no que fazer a seguir. Ligar para Sauzas, é claro, e pedir-lhe que informasse a morte de Infante à polícia de Acapulco – caso contrário, a polícia os deteria indefinidamente para interrogá-los. Alejandro e Miguel também teriam de ser encontrados, e essa perspectiva horrorizava Theodore. Sentia-se exausto, esgotado como Ramón, que se inclinara para frente com as mãos nos joelhos e abaixara a cabeça. Havia uma mancha de sangue vermelho-escuro na manga da camisa de Ramón, e Theodore descobrira que suas calças, na altura do joelho direito, tinham um círculo escuro e rígido, bem visível no tecido cinza. Theodore não sabia se deviam tentar conseguir um voo naquela noite ou encontrar um hotel onde dormir.

O ônibus chegou ao fim da sinuosa estrada Revolcadero, que acompanhava a borda do penhasco, e começou a descida íngreme até Acapulco. Algumas luzes já estavam acesas, e Theodore ouviu o pulsar agitado e insistente do chachachá quando o ônibus passou por uma porta aberta. Desceria na praça, pensou, e ligaria para Sauzas. Então, por força do hábito, olhou para as pessoas que andavam sob as árvores do Malecón.

De repente, ele agarrou o braço de Ramón.

– Venha! Vamos descer!

Ramón se levantou.

O ônibus parou no ponto. Eles desceram.

– Por aqui – disse Theodore. – Acho que vi Sauzas.

– Sauzas? Tem certeza?

Theodore não tinha a menor certeza. Podia ter sido uma alucinação. Mas achava que o vira falando com dois homens ao lado de uma palmeira.

– Lá está ele! Está vendo?

Ramón não respondeu, mas andou mais lentamente, sem tirar os olhos de Sauzas; e Theodore sabia que ele devia estar pensando, “Nada disso importa”, ou algo assim, mesmo se pegasse quinze anos de prisão pelo assassinato de um assassino.

Sauzas também os viu à distância e os saudou com um sorriso. Os dois homens em mangas de camisa que estavam com ele olharam para Theodore e Ramón e para as manchas de sangue em suas roupas.

– *Señores!* Que sorte! – disse Sauzas. – Achei que já tivessem ido para o México. – Virou-se para os dois homens e disse. – *Muchas gracias, señores.* Preciso falar com esses dois cavalheiros agora. O que *aconteceu*?

Theodore lhe contou o encontro com Infante no barco e o que se passou lá. Tirou o cachecol enrolado do bolso do paletó.

– Aqui está.

Sauzas ergueu as sobrancelhas.

– Um cachecol vistoso. Ah, agora tudo se encaixa – disse ele calmamente.

– Como assim? – perguntou Theodore.

– Sabe de quem é isto? – perguntou Sauzas.

– Não, não tenho idéia – disse Theodore. – E o senhor tem?

– Hum-hum... *Señor Schiebelhut*, Carlos Hidalgo ainda não voltou para casa, e por isso estou aqui. Descobri que ele sacou dez mil pesos do banco, praticamente todo o dinheiro que tinha. Somei dois mais dois. A *policía* agora procura Carlos Hidalgo.

– Entendo – disse Theodore com nervosismo. Acabara de contar a Sauzas que Infante recebera dez mil pesos pelo cachecol, mas que não o entregara. – As chaves de Lelia... estavam no barco – prosseguiu Theodore. – Contaram que, quando Infante chegou, a porta estava aberta e Lelia já estava morta. O dono do cachecol, seja quem for, devia ter acabado de sair. Infante levou o cachecol, as chaves e algumas outras coisas e trancou a porta ao sair. Também soube que ele levou as flores como um meio de entrar.

– Ah-hã. E no começo Infante achou que o cachecol devia pertencer a um de vocês dois.

– Sim – disse Theodore, olhando para Ramón, que franzira o rosto.

– *Señor Schiebelhut*, está pálido – disse Sauzas. – Vamos atravessar a rua e beber alguma coisa. – Pegou Theodore pelo braço.

Foram a um bar com mesas na calçada, pediram doses duplas de rum, e Theodore acrescentou ao pedido um bule de chá e duas xícaras.

– *Señor capitán*, como saber ao certo quem é o dono do cachecol? – perguntou Theodore. – Só sabemos algumas poucas circunstâncias...

Sauzas pousou o maço azul de Gitanes sobre a mesa, tirou um e o acendeu.

– *Señores...* na tarde de ontem eu falei com a *señora* Hidalgo. Falei-lhe sobre o saque de dez mil pesos, que ela ignorava. Sugeri que o dinheiro podia ser para a compra do cachecol e lhe disse onde o cachecol teria sido encontrado. Ao ouvir isso, *señores*, ela desmoronou. Admitiu que ela própria já desconfiava de Carlos, por causa de seu comportamento depois do crime. Eu diria que ela acredita mesmo que ele é o culpado. – Sauzas olhou com malícia para um e para outro, como se tivesse acabado de pôr na mesa a carta que decidia o jogo. – Quando saí do México ao meio-dia de hoje, Carlos não estava em casa, e nem sua mulher. Ninguém atendeu o telefone desde que visitei a mulher dele ontem às duas. Fomos até o apartamento. Não tem ninguém lá. – Sauzas abriu as mãos e encolheu os ombros, com um brilho no olhar.

Theodore ainda não achava que fosse assim tão simples.

– Isabel pode ter ido para a casa da irmã. Ela tem uma irmã chamada Nina, em Coyoacán...

– Ah! – Sauzas mexeu-se inquieto na cadeira enquanto as doses de rum e os copos de água gelada eram colocados na mesa.

Ramón olhava para Sauzas com uma expressão de raiva e ressentimento. Depois voltou-se para Theodore.

– Ele acha que foi Carlos?

– Ele ainda não sabe ao certo. Ninguém sabe – murmurou Theodore, sentindo-se estranhamente constrangido. Estava ciente, enquanto servia chá para si e para Ramón, que Sauzas sorria, divertindo-se com ele.

– Carlos pode estar aqui, procurando por Infante – disse Sauzas, depois do primeiro gole de rum puro. – Não ficarei surpreso se ele se matar. Não faltam penhascos de onde pular em Acapulco. – Sauzas voltou-se para um menino que se aproximara da mesa, tentando lhe vender o fino jornal diário de Acapulco, sacudiu a cabeça e colocou uma moeda na mão da criança. – *Andale!*

Theodore pensava na atitude evasiva de Carlos nos últimos meses, em sua recusa em encontrá-lo nas vezes que lhe telefonara. E lembrou que fora Isabel quem telefonara querendo ir ao enterro de Lelia. Mas era possível que Carlos tivesse mutilado o *rosto* de Lelia?

– Bom... preciso telefonar para o México e informar a morte de Infante – disse Sauzas. – Ou melhor, vou ligar para a *policía* daqui e deixar que eles se encarreguem dos interurbanos. – Piscou para eles e se ergueu. – Com sua

permissão, *señores*.

Theodore viu-o se dirigir ao telefone fixo à parede ao lado do bar. Seu andar estava mais descontraído e confiante do que nunca. Era tudo tão corriqueiro para ele, pensou Theodore, tudo parte de sua rotina de trabalho.

– Ele acha que foi *Carlos*, Theo? – Ramón perguntou.

Um choque amortecido percorreu Theodore.

– Não sei. Mas não foi Salvador. Salvador só era um chantagista. – Ele olhou para os olhos de Ramón, onde uma sinistra compreensão se formava. Seu rosto mudara. Embora as marcas e os sinais de fadiga continuassem presentes, a expressão de confusão desaparecera. E Theodore percebeu que Salvador Infante ao menos arrancara Ramón da certeza de que era o assassino. Com isso, o frágil Salvador como que removera uma montanha dos ombros de Ramón.

– Entendo – disse Ramón finalmente. – E eu matei uma pessoa sem nenhum motivo. Típico, não é, Teo?

Theodore agarrou o pulso de Ramón.

– Você não matou ninguém. Quer tirar essa idéia da cabeça, Ramón?

– Sim – disse Ramón, assentindo com obediência. – Eu não matei. Mas quase.

– Esqueça o “quase”. Miguel matou o rapaz. E ele era um criminoso, de qualquer jeito. Talvez esse fato não importe para a *policía*, mas importa para você. Ele já tinha matado uma pessoa.

– Ele era um criminoso – repetiu Ramón. – Isso é verdade. – Pegou o rum e o bebeu de uma vez.

Theodore soltou o pulso de Ramón e fez um sinal pedindo mais uma rodada.

Sauzas voltou para a mesa e disse, sorrindo:

– Quem diria? A polícia de Acapulco já sabia que Infante tinha morrido! Eles ficam sentados recebendo notícias dos informantes e não precisam mexer uma palha!... Vocês gostariam de passar a noite no hotel onde estou hospedado? Estão sem hotel, não é? ...Bom, eu sei que posso conseguir quartos nesse hotel, porque o gerente é um pilantra de primeira e está sendo investigado pela *policía* e por seguradoras. Fará qualquer coisa que eu pedir, até mesmo colocar o presidente na rua para me acomodar! – Sauzas riu e bateu no ombro de Theodore.

– Está bem, nós aceitamos. Obrigado – disse Theodore.

– É um hotel muito confortável, dá para a baía. A vista é maravilhosa de dia e de noite. E, depois que tomarmos um banho, convido os dois para jantar! Se me derem licença de novo, vou telefonar... – Ele se interrompeu, olhando para a calçada.

Isabel Hidalgo vinha apressada em direção a eles.

Theodore e Ramón se ergueram.

– Procurei vocês por toda parte! – disse ela, com um olhar frenético que abarcava os três. – Inocenza me contou que você estava aqui – disse a Theodore.

– Sente-se, Isabel – disse Theodore, oferecendo-lhe sua cadeira.

Ela sentou e olhou para Sauzas.

– Ele está aqui. Vim com ele ontem à tarde... porque, afinal, sou sua mulher – ela disse, com um olhar rápido e orgulhoso para Theodore e Ramón. – Ele está no hotel agora, e quer se entregar. – Ela curvou os ombros, como se dizer aquilo tivesse esgotado suas últimas forças.

– Entregar-se? Então é verdade, Isabel? – Theodore perguntou, pego de surpresa por aquelas palavras como se até então nenhuma suspeita tivesse passado pela sua cabeça.

Isabel fez que sim com a cabeça, arrasada.

Theodore puxou uma cadeira e sentou.

– Obrigado por nos procurar, *señora*. – Sauzas tocou o braço dela num gesto de compaixão, mas quando olhou para Theodore, havia triunfo em seus olhos. – E em que hotel ele está?

– Ele me disse para lhes contar tudo. Que a mutilou com a faca para que parecesse o crime de um louco. Primeiro ele bateu nela, mas depois ficou com medo porque achou que a tivesse matado. Foi o que ele me contou – disse Isabel com voz baixa e apressada. Olhava fixamente para a borda da mesa. – Ele disse que pegou a faca na cozinha... e que a jogou fora quando saiu. Percebeu que estava sem o cachecol logo depois, mas ficou com medo de voltar.

– É este o cachecol, *señora*? – disse Sauzas, estendendo a mão para Theodore.

Theodore tirou o cachecol do bolso do paletó e o entregou a Sauzas.

Isabel olhou para a peça e assentiu com a cabeça.

– Sim, é o cachecol que lhe dei no Ano-Novo. Eu lembrei... eu lembrei quando você me perguntou, mas não tinha certeza... Ah, Teo! – Ela

escorregou a mão em direção à dele sobre a mesa, mas parou.

Theodore deu tapinhas em sua mão, sentindo uma pena atroz. Notou as finas veias azuis sob a pele, antes que ela libertasse a mão para ajeitar os cabelos desarrumados.

– Não resta mais nada a dizer. Agora pode ir buscá-lo – Isabel disse a Sauzas. – Ele quer que o senhor vá.

– Eu irei, eu irei. – disse Sauzas. – Agora, onde fica o hotel e como se chama?

– Hotel Quinta Antonia... é um hotel pequeno, virando à esquerda, a três ruas daqui... talvez cinco. Mas não é longe – disse Isabel, a voz trêmula devido às lágrimas. – Ah, o que ele foi fazer, Teo? O que ele fez com você, com Ramón, com todos nós? Disse que estava apaixonado por ela, e assim mesmo fez... *aquilo*.

Theodore lembrou de como Carlos costumava ajudar Lelia a vestir o casaco, e de como Ramón e ele haviam brincado com ela dizendo que gostava de Carlos, e ela respondera, “Nem daqui a um milhão de anos”, ou algo assim. Lelia dissera a Ramón, na presença de Theodore, que não havia motivo para se preocupar com Carlos, e não houvera mesmo nada com que se preocupar – exceto que Carlos finalmente a matara.

– Venha para nosso hotel hoje à noite, Isabel – disse Theodore. – Lá você conseguirá descansar.

Ramón, silencioso e pálido, ergueu-se junto com Sauzas.

– Quer ir também? – perguntou Sauzas.

Ramón hesitou.

– Não. Eu acredito. E, se eu for, posso acabar matando Carlos.

Sauzas sorriu para Theodore.

– Por que não espera por mim aqui, *señor*? Não devo demorar mais de dez minutos, se ele cooperar.

Theodore andou com Sauzas até a frente do bar, não querendo que ele fosse sem que algo mais fosse dito, embora não soubesse bem o que devia ser dito, por ele ou por Sauzas.

Na calçada, Sauzas acenou para um *libre* que passava, mas que continuou em frente, sem notá-lo.

– Sabe, *señor* Schiebelhut, o *señor* mostrou ter grande fé em seu amigo, o *señor* Otero. Alguns acharam a polícia imbecil por não segurar um homem que confessou ter matado uma mulher a facadas. Mas sabíamos algo que

vocês não sabiam. A autópsia revelou que a *señorita* Ballesteros morreu de uma pancada violenta atrás da cabeça. Achamos que bateu a cabeça, com muita força, na cabeceira da cama... Ah, ali está um *libre*. As facadas vieram depois, e achávamos que sabíamos o motivo. Bom, e *sabíamos mesmo!* – Radiante, ele abriu a porta do *libre*. – Até daqui a alguns minutos, *señor! Adiós!*

Enquanto voltava para o restaurante, uma imagem chocante veio à mente de Theodore – Lelia sendo atirada na cama por Carlos Hidalgo, que não suportava ouvir um não como resposta. Parou um garçom e lhe pediu mais chá quente e outra xícara. Ramón e Isabel conversavam, ele inclinado em direção a ela, que tinha a cabeça mais ereta agora, aparentemente mais senhora de si. Theodore se sentou silenciosamente. Ramón olhou para ele e disse:

– Se Carlos entrasse aqui agora, eu torceria seu pescoço e nada seria capaz de me impedir, nem balas de revólver.

Mas Theodore não achava que ele faria isso. O espírito vingativo de Ramón se esgotara, primeiro contra si mesmo e depois contra Salvador Infante. Naquele momento, Theodore achava que ele próprio suportava uma carga maior de ódio e vingança contra Carlos do que Ramón, mas a convicção de que esse sentimento, como a maioria das paixões, acabaria passando, manteve-o sentado na cadeira enquanto Sauzas ia prender Carlos.

– Não imagine. Não imagine coisas que não fez. Você vive fazendo isso, Ramón. – Ele olhou para Isabel.

Um sorriso estranho e suave brincava nos lábios pálidos de Isabel, como se seus sentidos tivessem se esvaído, e, pelo menos naqueles poucos instantes, sua mente atormentada estivesse desfrutando de uma breve paz.

– É como um jogo em que ninguém ganha, não é, Teo? – disse Ramón. – Nem você, nem eu, nem Carlos, nem Salvador Infante... só Sauzas. Só a *policía*.

Theodore não respondeu.

Um silêncio se fez. Nenhum deles se mexia – Isabel como uma estátua sorridente, sem respirar sequer.

Título do original: A Game for the Living

Tradução: Thelma Médici Nóbrega

Revisão: Jó Saldanha e Renato Deitos

Capa: Ivan Pinheiro Machado sobre foto da Latinstock Brasil

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

H541j

Highsmith, Patricia, 1921-1995

Um jogo para os vivos / Patricia Highsmith ; tradução de Thelma Médici Nóbrega. – Porto Alegre, RS : L&PM, 2012.

Tradução de: A Game for the Living

ISBN 978.85.254.2792-2

1. Romance americano. I. Nóbrega, Thelma Médici. II. Título.

07-0097. CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

First published in 1958

Copyright ©1993 by Diogenes Verlag AG Zürich

Todos os direitos desta edição reservados à L&PM Editores

PORTO ALEGRE: Rua Comendador Coruja 314, loja 9 - 90220-180

Floresta - RS / Fone: 51.3225.5777

PEDIDOS & DEPTO. COMERCIAL: vendas@lpm.com.br

FALE CONOSCO: info@lpm.com.br

www.lpm.com.br

Table of Contents

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Capítulo Onze](#)

[Capítulo Doze](#)

[Capítulo Treze](#)

[Capítulo Quatorze](#)

[Capítulo Quinze](#)

[Capítulo Dezesseis](#)

[Capítulo Dezesete](#)

[Capítulo Dezoito](#)

[Capítulo Dezenove](#)

[Capítulo Vinte](#)

[Capítulo Vinte e Um](#)

[Capítulo Vinte e Dois](#)

[Capítulo Vinte e Três](#)

[Capítulo Vinte e Quatro](#)

[Capítulo Vinte e Cinco](#)

Capítulo Vinte e Seis

Capítulo Vinte e Sete

Capítulo Vinte e Oito